UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

FRANCISCA DE PAULA SANTOS DA SILVA

EDUCAÇÃO SUPERIOR SUSTENTÁVEL:
UMA ANÁLISE DE CURSOS DE TURISMO

Salvador
2005

FRANCISCA DE PAULA SANTOS DA SILVA

EDUCAÇÃO SUPERIOR SUSTENTÁVEL:
UMA ANÁLISE DE CURSOS DE TURISMO

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Edivaldo Machado Boaventura

Salvador
2005

Biblioteca Anísio Teixeira/ Faculdade de Educação - UFBA

S586 Silva, Francisca de Paula Santos da.
Educação superior sustentável : uma análise de cursos de turismo / Francisca de Paula da Silva. – 2005.
333f.

Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, 2005.
Orientador: Prof. Dr. Edivaldo Boaventura.

1. Instituições de Ensino Superior – Gestão. 2. Ensino superior – Turismo. 3. Sustentabilidade. I. Boaventura, Edivaldo. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. III. Título.

CDD 378.1

TERMO DE APROVAÇÃO

FRANCISCA DE PAULA SANTOS DA SILVA

EDUCAÇÃO SUPERIOR SUSTENTÁVEL:
UMA ANÁLISE DE CURSOS DE TURISMO

Tese aprovada com distinção, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Educação, Universidade Federal da Bahia, pela seguinte Banca Examinadora:

Edivaldo Machado Boaventura (orientador)
Doutor em Educação, The Pennsylvania State University, Estados Unidos
Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação

Kátia Siqueira de Freitas
Doutora em Educação, The Pennsylvania State University, Estados Unidos
Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação

Antonietta d'Aguiar Nunes
Doutora em Educação, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil
Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação

Nádia Hage Fialho
Doutora em Educação, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Universidade do Estado da Bahia

Sylvio Carlos Bandeira de Mello e Silva
Doutor em Geografia, Universidade de Toulouse, França
Universidade Católica do Salvador

Regina Celeste de Almeida Souza
Doutora em Geografia, Universidade de Rouen, França
Universidade Salvador

Genauto Carvalho França Filho
Doutor em Sociologia, Universidade de Paris VII, França
Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Administração

Salvador, 22 de agosto de 2005.

A Deus.
Aos meus pais Marinaldo Marques da Silva, Doralice Santos da Silva e Júlia Maria de Jesus, pelos ensinamentos basilares da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Devo agradecimento aos filhos da Grande Mãe, ao meu estimado orientador, Professor Edivaldo Machado Boaventura, pelos amplos e profundos ensinamentos sobre a vida, ou seja, sobre a educação, e pelos suportes afetivos e materiais.

Aos professores, Robert Verhine, Felippe Serpa (*in memoriam*), Sérgio Farias, Theresinha Miranda, pelos ensinamentos e sugestões durante o processo de elaboração do projeto de pesquisa.

Aos componentes da banca do exame de qualificação Suzana Moura, Maria de Lourdes Simões e Silvestre Teixeira, pelas recomendações.

Aos colegas do doutorado e à equipe da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, como Kátia, Nadja, Graça, Valquíria, Sônia e Auxiliadora, pelo companheirismo, dedicação e carinho.

Aos meus amigos Dionísio Carmo-Neto, Ana Luiza Codes, Marcos Lima, Rivanda Teixeira, Lícia Regina, Carmélia Amaral, pelas valiosas contribuições.

Ao meu revisor, Lúcio Farias, pela dedicação e esmero na leitura do trabalho.

À Faculdade de Turismo da Bahia, pelo apoio material. À professora Olga Pereira Mettig (*in memoriam*), pelo carinho e estímulo para que eu continuasse os estudos *stricto sensu*.

A todos aqueles das instituições que dedicaram tempo para me ouvir, que atenderam às minhas necessidades e que me ajudaram a aprender a ser um ser humano mais aprimorado.

Aos meus alunos e ex-alunos de todas as instituições que leciono, por serem a razão das minhas inquietações e questionamentos que, de alguma forma, geraram este trabalho.

A Augusto Malafaia, Carla Brito, Julie, Kelly, Ana Verena, Bianca e Francisco, pelo apoio e dedicação.

Ao meu amado, amigo e companheiro Alfredo Eurico Rodrigues Matta, que acompanhou passo a passo as minhas angústias, os meus conflitos, as minhas dúvidas, mantendo-me atenta, dedicada e tornando-me mais amorosa.

À minha grande família, pela paciência, compreensão e apoio. Especialmente às minhas irmãs Iramá Santos da Silva e Catarina de Senna Silva Fioravantti, amigas eternas, pelo apoio, carinho e amor, e aos meus queridos sobrinhos Tarcísio Silva de Araújo, Iano da Silva Andrade e Paula Souza Silva, pela colaboração nos momentos da revisão e defesa da tese.

Oração pelo Rio São Francisco

São Francisco,

os animais, pássaros, peixes, natureza
os pequeninos da terra lhe suplicam a
defesa do Rio São Francisco.
Onde existem os agrotóxicos, ajude-nos a restabelecer o equilíbrio ecológico.
Onde existe areia, ajude-nos a restabelecer a fertilidade do húmus.
Onde existe a morte das águas, ajude-nos a levar a vida cristalina.
Onde há concentração de terras, ajude-nos a levar a partilha dos ribeirinhos.
Onde existem as barragens, ajude-nos a restabelecer a piracema.
Onde existe a irrigação que saliniza, ajude-nos a defender a terra-mãe da vida.
Salve os animais: jacaré, cotia, capivara, cobra-preta, cascável, cobra d'água, paca, mocó, tatu, queixada, peba, caititu e todos que vivem na terra.
Salve os pássaros: asa-branca, jandaia, jacu, sofrê, sanhaço, nhambu, cão-cão de fogo, zabelê, juriti, codorna, cardeal, bem-te-vi, gaivota, carcará, gavião, fogo-pagô, marreco, rolinha, verdadeira, bigodinho, pardal, socó, arribação, beija-flor, galinha d'água, azulão e todos que vivem no céu.
Salve os peixes: surubim, dourado, matrixã, piranha-preta, mandim, pocomã, pescada, curimatá, pirambeba, piau-de-cheiro, piau-cavalo, piranha-amarela, pira, piaba, molão, sardinha, curvina, maria-oião e todos que vivem nas águas.
São Francisco, salve o rio de seu nome santo. Nesses tempos ecológicos, lance um olhar sobre o ribeirinho desprotegido.
Dê forças para quebrar a sina e, onde periga a morte, ajude-nos a insuflar a vida.
Amém

RESUMO

O escopo principal deste trabalho está na criação e aplicação de indicadores de sustentabilidade para a gestão de Instituições de Ensino Superior (IES). Isso por acreditar-se que a educação superior poderá ser a mola propulsora da formação de profissionais, já que estes estarão à frente de empreendimentos, projetos, planos e programas. Poderão ocupar cargos de decisão nas esferas públicas e privadas, nos âmbitos municipal, estadual e federal. Aplicaram-se indicadores à IES, subdivididos em 3 enfoques institucionais: a) administrativo; b) pedagógico; e c) socioformativo. A partir de cada um desses enfoques criaram-se categorias com seus respectivos indicadores. Eles foram auxílios úteis à análise das IES escolhidas como amostra, dentre aquelas que oferecem cursos de graduação em turismo no Estado da Bahia. Analisaram-se as IES em sua oferta de educação adequada, semi-adequada, ou não-adequada aos princípios da sustentabilidade. A partir desses indicadores, construiu-se uma proposta de Modelo de Educação Superior Sustentável, na qual a IES exerce um papel de maior relevância na promoção de valores, competências e habilidades para um atuar sustentável. Os indicadores criados podem se aplicar não somente em IES, mas em outras instituições de ensino, em empresas, em órgãos governamentais, em residências e em outros espaços. Enfim, pensa-se que esses indicadores poderão assumir papel de relevância na forma de viver de cada cidadão, através das suas atitudes, pensamentos e sentimentos. Acredita-se que, a partir da sua adoção na formação de pessoas, haverá indivíduos mais responsáveis consigo, com o outro, com o meio ambiente e mais conseqüentes em relação ao futuro.

Palavras-chave: Educação Superior; Sustentabilidade; Turismo; Gestão de Instituições de Ensino Superior.

ABSTRACT

The main goal of this work is the creation and application of sustainability's indicators for the management of Higher Education Institutions (HEI). It's due to the belief that the higher education could be the propeller spring of the professionals' formation, inasmuch as they will be at the head of enterprises, projects, plans and programs. They will be able to hold positions of decisions in the public and private spheres, in the municipal, state and federal extent. Some indicators subdivided into three institutional focuses were applied to the HEI: a) administrative; b) pedagogical; and c) social formative. From each one of those focuses, some categories with their respective indicators were created. They were useful aids to the analysis of the HEI that were chosen as samples among those that have been offering tourism graduation courses in the State of Bahia. The HEI were analysed in their offering of education adjusted, half-adjusted or not adjusted to the principles of sustainability. With those indicators, a proposal of Model of Sustainable Higher Education was constructed, in which the HEI performs an outstanding role in the promotion of values, competences and abilities for a sustainable activity. The indicators created can not only be applied in the HEI, but also in other institutions of education, in companies, governmental organisms, residences and in other places. At last, it is assumed that those indicators can play a relevant role in the way of living of each citizen, through his/her attitudes, thoughts and feelings. The belief is that with their adoption in the formation of people, the persons will be more responsible for themselves, for the others, for the environment and more reasonable with regard to their future.

***Keywords**: Higher Education; Sustainability; Tourism; Management of Higher Education Institutions.*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Modelo de Educação Superior Sustentável 69

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Evolução da Teoria de Desenvolvimento 38

Quadro 2 - Turismo como Agente de Desenvolvimento 47

Quadro 3 - Princípios do Desenvolvimento Sustentável do Turismo 59

Quadro 4 - Vantagens Potenciais Derivadas de uma Estratégia de Turismo Alternativo 63

Quadro 5 - Contribuições das Disciplinas para o Estudo do Turismo 90

Quadro 6 - Pesquisa sobre Habilidades Feita por Cooper para a OMT, em 1996 90

Quadro 7 - Matérias dos Cursos de Graduação em Turismo na Austrália 91

Quadro 8 - Cursos de Pós-Graduação *Stricto Sensu* com Linhas de Pesquisa na Área de Turismo e Hotelaria no Brasil, em 2005 97

Quadro 9 - Proposta do Currículo do Curso de Bacharelado em Turismo no Brasil, em 1996 99

Quadro 10 - Perfil, Competências e Habilidades do Bacharel em Turismo 100

Quadro 11 - Cursos de Turismo que Tratam sobre Meio Ambiente, no Canadá e no Japão 106

Quadro 12 - Regiões e Zonas Turísticas da Bahia, em 2005 116

Quadro 13 - Conceitos Fundamentais para a Abordagem Pedagógica 134

Quadro 14 - Pensamentos Sobre a Prática Pedagógica 148

Quadro 15 - Síntese dos Indicadores da Categoria Estilo da Gestão Educacional das IES 164

Quadro 16 - Síntese dos Indicadores da Categoria Ambiente Físico 165

Quadro 17 - Síntese dos Indicadores da Categoria Projeto Pedagógico 166

Quadro 18 - Síntese dos Indicadores da Categoria Orientação do Ensino-Aprendizagem 167

Quadro 19 - Síntese dos Indicadores da Categoria Abordagem Pedagógica 168

Quadro 20 - Síntese dos Indicadores da Categoria Percepção dos Conhecimentos Adquiridos pelos Egressos 169

Quadro 21 - Síntese dos Indicadores da Categoria Participação Profissional do Egresso no Mercado de Trabalho 170

Quadro 22 - Sistema da Coleta de Dados e Informações em Documentos 171

Quadro 23 - Observação da Infra-Estrutura Física 173

Quadro 24 - Índices Qualitativos dos Questionários e das Entrevistas 177

Quadro 25 - Resumo da Avaliação da IES W 197

Quadro 26 - Resumo da Avaliação da IES X 206

Quadro 27 - Resumo da Avaliação da IES Y 219

Quadro 28 - Resumo da Avaliação da IES Z 230

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Os Valores dos Elementos dos Cursos de Estudos Turísticos na Visão dos Executivos e Educadores dos EUA 92

Tabela 2 - Oferta de Cursos de Bacharelado em Turismo e Hotelaria no Brasil, em 1994, 1996, 2000 e 2002 96

Tabela 3 - Cursos de Graduação na Área de Turismo na Bahia, em 2005 110

Tabela 4 - Oferta de Cursos de Bacharelado na Área de Turismo e Hotelaria por Município e por Curso na Bahia, em 2005 112

Tabela 5 - Síntese da Tabulação dos Dados do Questionário da Instituição W 182

Tabela 6 - Síntese da Tabulação das Entrevistas, da Observação do Espaço Físico e da Documentação da Instituição W 183

Tabela 7 - Síntese da Tabulação dos Dados do Questionário da Instituição X 198

Tabela 8 - Síntese da Tabulação das Entrevistas, da Observação do Espaço Físico e da Documentação da Instituição X 200

Tabela 9 - Síntese da Tabulação dos Dados do Questionário da Instituição Y 208

Tabela 10 - Síntese da Tabulação das Entrevistas, da Observação do Espaço Físico e da Documentação da Instituição Y 209

Tabela 11 - Síntese da Tabulação dos Dados do Questionário da Instituição Z 220

Tabela 12 - Síntese da Tabulação das Entrevistas, da Observação do Espaço Físico e da Documentação da Instituição Z 221

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A&B	Alimentos e Bebidas
ABBTUR	Associação Brasileira de Bacharéis em Turismo
ABDETH	Associação Brasileira de Dirigentes de Escolas de Turismo e Hotelaria
ABOMTUR	Associação Brasileira dos Órgãos Municipais de Turismo
AISHE	Instrumento de Auditoria para Sustentabilidade na Educação Superior
ALFA	América Latina Formación Académica
AMPTUR	Associação dos Municípios com Potencial Turístico
APA	Área de Proteção Ambiental
ATLAS	European Association for Tourism and Leisure Educators
ATTT	Association of Tourism Teachers and Trainers
BAHIATURSA	Órgão Oficial de Turismo do Estado da Bahia
BANCEB	Banco Central do Brasil
BNB	Banco do Nordeste do Brasil
BUP	Baltic University Program
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CDHO	Comitê Holandês de Sustentabilidade na Educação Superior
CEBDS	Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável
CEEAD	Comissão de Especialistas de Ensino em Administração
CEETur	Comissão de Especialistas de Ensino de Turismo
CEFET/BA	Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia

CETTM	Coalizão Ecumênica para o Turismo no Terceiro Mundo
CFC	Clorofluorcarbono
CFE	Conselho Federal de Educação
CIES	Committees for Interdisciplinary Environmental Studies
CIIDMA	Comitê de Instituições Internacionais de Desenvolvimento sobre o Meio Ambiente
CNE/CES	Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior
CMMAD	Comissão Mundial para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento
CNTL	Centro Nacional de Tecnologias Limpas
CONAMA	Conselho Nacional do Meio Ambiente
CONDER	Companhia de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Salvador
CPE	Comissão de Planejamento Econômico
CRA	Centro de Recursos Ambientais
CTI	Comissão de Turismo Integrado
DDT	DiclorodDifenilTricloroetano
ECA/USP	Escola de Comunicação e Arte/Universidade de São Paulo
EIA	Estudo de Impacto Ambiental
EMBRATUR	Instituto Brasileiro de Turismo
EMTUR	Empreendimentos Turísticos da Bahia S/A
EMTURSA	Empresa de Turismo de Salvador
ENBETUR	Encontro de Bacharéis em Turismo
ENSI	Environment and School-Initiative
ESI	Environmental Systems Indicators
ETB	English Tourist Board

EUA	Estados Unidos da América
FABAC	Faculdade Baiana de Ciências Contábeis
FACCEBA	Faculdade Católica de Ciências Econômicas da Bahia
FACET	Faculdade de Artes, Ciências e Tecnologia
FACSAL	Faculdade do Salvador
FACTUR/BA	Faculdade de Turismo da Bahia
FAPESP	Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo
FASET	Faculdade Sete de Setembro
FAZAG	Faculdade Zacharias Góis
FDJ	Faculdade Dois de Julho
FGTS	Fundo de Garantia por Tempo de Serviço
FIB	Faculdades Integradas da Bahia
FINEP	Financiadora de Estudos e Projetos
FIPE	Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas
FIPSE	Fund for the Improvement of Post Secondary Education
FTC	Faculdade de Tecnologia e Ciência
FUMIN	Fundo Multilateral de Investimentos
FVC	Fundação Visconde de Cairu
HENSE	Higher Education Network for Sustainability and the Environment
IBES	Instituto Baiano de Educação Superior
IES	Instituição de Ensino Superior
IESB	Instituto de Estudos Socioambientais do Sul da Bahia
IESUS	Instituto de Educação Superior Unyahna

IH	Instituto de Hospitalidade
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
INTUR	Instituto Nacional del Turismo
ISO	International Standard Organization
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
LSF	Learning for a Sustainable Future
MEC	Ministério da Educação
MICT	Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo
N	Nunca
NAEP	Núcleo de Assessoria a Entidades Públicas e Privadas
NDS	Núcleo de Desenvolvimento Sustentável
NEATS	Núcleo de Estudos Avançados em Turismo e Sociedade
NICULT	Núcleo de Integração Cultura e Turismo
NUDEPP	Núcleo de Desenvolvimento Pessoal e Profissional
OEA	Organização dos Estados Americanos
OECD	Organization for Economic Cooperation and Development
OIG	Organizações Internacionais Governamentais
OMT	Organização Mundial de Turismo
ONG	Organização Não-Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PDITS	Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável
PDT	Plano Diretor de Turismo

PFOA	Potencialidades, Fragilidades, Oportunidades e Ameaças
PIB	Produto Interno Bruto
PIC	Programa de Iniciação Científica
PLANDEB	Programa de Desenvolvimento do Estado da Bahia
PNMA	Programa Nacional do Meio Ambiente
PNMT	Programa Nacional de Municipalização do Turismo
PNUMA	Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente
POT	Planejamento e Organização do Turismo
PPA	Problemas de Poluição do Ar
PRODETUR/BA	Programa de Desenvolvimento do Turismo da Bahia
PRODETUR/NE	Programa de Desenvolvimento do Turismo do Nordeste
PROINPA	Programa de Incentivo à Produção Acadêmica
PROINTUR	Programa de Infra-estrutura Turística
PROPEP	Projeto Estudos do Meio e Projeto Sociedades e Naturezas
QUALITUR	Programa Qualidade do Turismo
RA	Raramente
RE	Regularmente
RMS	Região Metropolitana de Salvador
S	Sempre
SCT	Secretaria de Cultura e Turismo
SEARA	Sistema Estadual de Administração dos Recursos Naturais
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas
SEMA	Secretaria Especial do Meio Ambiente
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SESu/MEC	Secretaria do Ensino Superior/Ministério da Educação
SETS	Secretaria de Turismo e Serviços
SHE	Sustainability in Higher Education
SR	Sem Resposta
SUDAM	Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia
SUDENE	Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste
SUTURSA	Superintendência de Turismo da Cidade do Salvador
TA	Turismo Alternativo
TAI	Trabalho de Análise Interdisciplinar
TEAC	Teacher Education Accreditation Council
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TGT	Teoria Geral do Turismo
UCS	Universidade de Caxias do Sul
UCSAL	Universidade Católica do Salvador
UESC	Universidade Estadual de Santa Cruz
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UICN	União Internacional para a Conservação da Natureza
ULSF	University Leaders for a Sustainable Future
UNB	Universidade de Brasília
UNCTAD	United Nations Conference on Trade and Development
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNIBAHIA	Unidade Baiana de Ensino, Pesquisa e Extensão

UNICAP	Universidade Católica de Pernambuco
UNIFACS	Universidade Salvador
UNIME	União Metropolitana de Educação e Cultura
UNIP	Universidade Paulista
UNIRB	Unidade de Ensino Superior da Bahia
UNIVALI	Universidade do Vale de Itajaí
UOA	University of Auckland
UQAM	Université du Québec à Montréal
USF	Universidade São Francisco
USIBA	Usina Siderúrgica da Bahia S/A
USP/FIPE	Universidade de São Paulo/Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas
WCED	World Commission on Environment and Development
WWF	World Life Found to Nature
ZOPP	Ziel Orientiert Programm Projekt
ZPA	Zona Proximal de Aprendizagem

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	22
1.1	PRESSUPOSTOS	26
1.2	PROBLEMÁTICA	26
1.3	PROBLEMA DA PESQUISA	27
1.4	QUESTÕES NORTEADORAS DA PESQUISA	27
1.5	OBJETIVOS	28
1.6	JUSTIFICATIVA	29
1.7	CONCEPÇÕES METODOLÓGICAS	29
1.8	PLANO DA TESE	30
2	**DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE**	35
2.1	SUSTENTABILIDADE	40
2.2	MODELO DO TURISMO EM VIGOR	46
2.2.1	Turismo alternativo	62
3	**MODELO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR SUSTENTÁVEL**	67
3.1	EDUCAÇÃO SUPERIOR E SUSTENTABILIDADE	72
3.1.1	Alguns exemplos de sustentabilidade na educação superior	76
3.2	EDUCAÇÃO SUPERIOR EM TURISMO	86
3.3	A ESTRUTURA DO CURRÍCULO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM TURISMO NO BRASIL	98
3.4	A INSERÇÃO DE ESTUDOS SOBRE O MEIO AMBIENTE NOS CURRÍCULOS DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM TURISMO	104
3.5	SITUAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR EM TURISMO NA BAHIA	109
4	**GESTÃO DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR**	119
4.1	ENFOQUE ADMINISTRATIVO	120
4.1.1	Estilo de gestão educacional	121
4.1.2	Ambiente físico	128
4.2	ENFOQUE PEDAGÓGICO	131
4.2.1	Projeto pedagógico	132
4.2.2	Orientação do ensino-aprendizagem	140

4.2.3 Abordagem pedagógica 149

4.3 ENFOQUE SOCIOFORMATIVO 156
4.3.1 Percepção dos conhecimentos adquiridos pelos egressos 156
4.3.2 Participação profissional do egresso no mercado de trabalho 157

5. CONCEPÇÃO METODOLÓGICA DO TRABALHO 158

5.1 TIPO DE PESQUISA 158
5.2 AMOSTRA 158
5.3 INDICADORES E CATEGORIAS 162
5.4 GERAÇÃO DOS INSTRUMENTOS DE PESQUISA 170
5.5 PESQUISA DOCUMENTAL 171
5.6 OBSERVAÇÃO DA INFRA-ESTRUTURA FÍSICA 173

6. LEVANTAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR EM TURISMO NO ESTADO DA BAHIA 175

6.1 VALIDAÇÃO E AJUSTES DOS QUESTIONÁRIOS 178
6.2 DIGITAÇÃO E TABULAÇÃO 179

6.3 ANÁLISE DOS INDICADORES DA GESTÃO DAS IES 180
6.3.1 Instituição W 180
6.3.2 Instituição X 198
6.3.3 Instituição Y 207
6.3.4 Instituição Z 219

6.4 ANÁLISE DOS INDICADORES PROPOSTOS PARA A SUSTENTABILIDADE, EDUCAÇÃO E TURISMO 231

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES 239

REFERÊNCIAS 250

APÊNDICES 262

AUTORIZAÇÃO PARA COMUTAÇÃO 333

1 Introdução

O modelo de desenvolvimento do turismo adotado no Brasil desde a década de 1960 e entre as de 1970 e 1980, continuou sendo tradicional, reducionista e desintegrado. Tradicional porque só abarcava o aspecto comercial e econômico, e só criava a infra-estrutura necessária, investindo em equipamentos para serem explorados pela iniciativa privada, como meios de hospedagem e outros. Reducionista porque só se pautava na geração de receita, de emprego e renda, deixando excluídas questões sociais e ambientais, por exemplo. Desintegrado porque deixava de fora todos os elementos do sistema inerentes ao planejamento sustentável no longo prazo, como a participação da comunidade no processo de exploração da atividade.

Além desses percalços, primava, sobretudo, por um tipo de racionalidade que focava essencialmente o âmbito econômico, desconsiderando outras forças, fatores, processos e efeitos. No entanto, ao longo do tempo, esse modo de exploração do turismo revelou-se não-sustentável do ponto de vista ambiental, dada a desigualdade que produzia, as injustiças que gerava e as iniqüidades que fazia emergir em seu funcionamento.

Dentro dessa perspectiva capitalista de exploração da natureza com fins unicamente de lucro a qualquer preço, o modelo de turismo brasileiro se transformou logo numa atividade predominantemente comercial de exploração de serviços, em que foi paulatinamente transformando a natureza numa única fonte de uso, de geração de valor, de criatividade, de atrativo e de capacidade para produzir renda e emprego apenas a partir do turismo *per se*, sem uma sustentação integradora.

Essa prática continuada naturalmente promoveu uma série de externalidades negativas, produziu conseqüências indesejadas ao meio ambiente

natural e às comunidades receptoras. Ao longo do tempo, houve agravamentos ao meio em diversas localidades, esgotando a capacidade produtiva regional, dada a ausência de um planejamento integrado, consentido, compartilhado e participativo, que envolvesse membros, usuários de vários segmentos e os diversos atores e agentes.

Com efeito, o modelo de desenvolvimento do turismo que vem perpassando por vários governos brasileiros, entre 1966 e 2005, expresso nas políticas públicas, tem fomentado um turismo de megaempreendimentos, complexos hoteleiros, *resorts*, centros de convenções, aeroportos, entre outros. A participação maciça de capital estrangeiro na propriedade de cadeias de hotéis desde há muito é amplamente explorada no mercado mundial.

Tais políticas públicas brasileiras também propiciam a oferta de vôos *charters* freqüentes oriundos de vários mercados emissores. Contudo, o público dessa oferta não é estimulado a visitar, conhecer e conviver com outras facetas do turismo como a cultura mais abrangente da região. Isso tem significado um turismo de massa, em que a exploração dos serviços tem se restringido ao tempo e ao espaço em que esses turistas estão hospedados.

Com isso, os ambientes naturais ofertados, visitados e estimulados, reduzem-se aos ecossistemas dependentes direta e exclusivamente de tais megaempreendimentos. O fato de tais empreendimentos não estarem integrados à comunidade local, alija as comunidades, o emprego e a renda das pessoas, permitindo apenas que outros micros e pequenos empresários, com um reduzido montante de capital, consigam ultrapassar o esquema e instalar-se próximo, ou dentro de tais complexos. Com isso, toda a possibilidade de diversificação do turismo pelo país e, naturalmente, o uso amplo da criatividade e de pequenos capitais fomentados pelo Estado permanecem sem opção para integrar-se nessa exploração de serviços e sem angariar fundos privados, nem gerar renda e tributos, nem mesmo emprego.

A exploração turística regional, localizada e de forma predatória, como tem sido o caso brasileiro, propicia algumas mazelas extremamente indesejadas social e ambientalmente: a) o aumento desordenado de resíduos sólidos em volta dos complexos hoteleiros e onde quer que essa afluência tenha efeito; b) aumento de consumo de água potável, de uso de água tratada para banho, lavagem de roupas e piscina; c) aumento exponencial do consumo de energia elétrica através da utilização de aparelhos de ar-condicionado, máquinas de lavar, elevadores, eletrificação e iluminação; d) poluição do ar oriundo das aeronaves, ônibus, táxi e da fumaça de outras origens, poluição das vias, rios, praias, lagos, bosques e parques, entre outros; e) impactos negativos nos ecossistemas, como manguezais, corais, arrecifes, algas, fauna e flora; f) uso inadequado dos recursos naturais, como rios, cachoeiras, corredeiras, lagoas, através de transporte e da prática de esportes em equipamentos aquáticos, embarcações e outros; h) pasteurização e descaracterização dos recursos culturais, como de gastronomia, artesanato, música, dança, teatro, artes em geral; e i) exploração sexual, de mão-de-obra e também do próprio turista.

Entre 1960 e 1980, os atuais países avançados já haviam passado por essa fase de exploração do turismo. Mas, cedo, eles entenderam que a exploração inadequada dos serviços, ou do meio-ambiente era insustentável. Na realidade, tal modelo de turismo atendia apenas ao incremento do nível de emprego e gerava renda e tributos a curto prazo, mas não tinha como ser suportado em períodos mais longos, simplesmente porque a exploração do espaço, dos recursos, ou da natureza regional é limitada.

Tais países compreenderam que havia aí potencialmente um limite, um esgotamento do modelo de fixar-se apenas nos 3 pilares de curto prazo: serviços, meio-ambiente e exploração indiscriminada. Mesmo nesses países houve uma ampla desarticulação da promoção turística, um alijamento de classes, pessoas, profissionais, comunidades locais. Além disso, gerou-se uma desenfreada

produção de pobreza, de injustiça social e econômica em várias comunidades, que eram diretamente afetadas pelas promoções turísticas inescrupulosas, ou inconseqüentes, ou que tinham seus membros deslocados para tais locais por alguma razão.

Desse modo, tal modelo de desenvolvimento do turismo no Brasil revelou uma gestão imprópria a um desenvolvimento integrado, participativo, compartilhado com os seus usuários, membros e atores da comunidade, da sociedade e da atividade econômica. A ação antrópica no meio ambiente mudou para sempre locais incomuns.

É justamente nesse ponto que inserimos a educação superior como possível responsável pelas mudanças dessa situação apresentada. Se, no Brasil, formamos gestores e planejadores para o turismo desde 1974, por que ainda no século XXI vivenciamos problemas semelhantes, há quase 5 décadas? Será que, através da educação, já não teríamos dado passos à frente com destinos mais sustentáveis? Será que já não seria o momento de revermos a formação desses profissionais, considerando que os bacharéis em turismo serão os gestores desse destinos?

Assim sendo, o objeto de estudo aqui é a educação superior em turismo como possibilidade de reverter o quadro atual e assumir o papel de desenvolvimento planejado e sustentável do turismo, tendo em vista que o país ainda dispõe de muitos recursos naturais a serem aproveitados, não apenas com finalidade turística.

1.1 Pressupostos

Uma vez definido o objeto deste estudo, torna-se imperioso apresentar-mos um conjunto de pressupostos que serviram de base para a compreensão e sustentação da argumentação que fazemos neste trabalho.

1. Em qualquer programa de turismo, é necessário criar maneiras de produzir um elo consistente com a imagem do Brasil no exterior, a real vivida pelos brasileiros e a que é obtida pelo viajante diante do que ele vê, percebe, na maneira como é tratado e que imagem constrói;
2. Para a perenidade dos programas, manutenção de fluxos, consolidação da marca, aglutinação do *trade* turístico, é preciso visão coerente com o resto do mundo, e quen esta deve perpassar pelas matrizes curriculares, estágios e missões de cada programa;
3. Em todo pensar integral, é mister manter-se em mente a construção de um sujeito global, ético, que preza o respeito às peculiaridades, à cultura e ao ambiente alheio;
4. Todo o esforço de aprendizado e crescimento pessoal permeia o estímulo para ser um empreendedor, um indivíduo colaborativo e solidário, capaz de trabalhar em equipe e fomentador da criatividade;
5. Em tal sujeito deve estar presente o sentido integrativo, a visão de futuro, a sensibilidade para as questões ambientais, culturais, sociais, éticas, econômicas e políticas, para que ele seja um cidadão do mundo; e
6. Nas disciplinas sociais, políticas e humanas deve-se ter uma preocupação essencial com o papel do cidadão e, para isso, é imprescindível uma visão crítica e histórica das injustiças sociais e econômicas, das desigualdades.

1.2 Problemática

O Brasil não tem um modelo integrado, expresso e formalizado de desenvolvimento do turismo em seu território. Em vista disso, gerou-se uma

atividade turística desigual e perversa numa série de aspectos: a) o turismo no país não é explorado de modo sustentável; b) produz-se uma série de externalidades negativas, agravando os desequilíbrios regionais e as iniqüidades entre classes e regiões; c) a forma como o turismo está estruturado não revela organização capaz de assegurar aos trabalhadores da atividade turística uma progressiva redução dos desequilíbrios; d) há uma discrepância acentuada entre os salários dos colaboradores e os dos atores do *trade* turístico; e e) por ser um setor, ou sistema aberto, o turismo permite uma ampla faixa de pessoas trabalhando de modo informal e não-formalizado na atividade turística, sem contribuir para o setor com renda, impostos, sem ser contabilizado nas estatísticas.

1.3 Problema da Pesquisa

A partir do contexto apresentado, o interesse desta pesquisa é verificar, como as instituições de educação superior que oferecem cursos de graduação em turismo, estão formando seus alunos. Se elas oferecem propostas educacionais que contribuam para a minimização das mazelas sociais. Se os egressos estão sendo inseridos no mercado de trabalho e se a atuação deles é alicerçada em princípios da sustentabilidade.

1.4 Questões Norteadoras da Pesquisa

Tendo em vista esse problema, elaboramos uma questão referente ao modelo de gestão de Instituições de Ensino Superior (IES), que será respondida por 3 subquestões pertinentes aos enfoques administrativo, pedagógico e socioformativo, apresentadas a seguir:

1. Modelo de gestão de IES

Os modelos de gestão das IES em turismo na Bahia estão pautados nos princípios da sustentabilidade?

1.1 Enfoque administrativo

O estilo de gestão das IES é participativo, sistêmico, baseado no desempenho sustentável[1]?

1.2 Enfoque pedagógico

Os programas acadêmicos de nível superior em turismo proporcionam visão integral, transformadora e cidadã, ao tempo em que desenvolvem nos sujeitos habilidades e competências para a vida pessoal e profissional, provida de base mínima para a construção de planos, programas e projetos turísticos que tenham a sustentabilidade como principal preocupação?

1.3. Enfoque socioformativo

A atuação profissional dos egressos reflete os valores e conhecimentos de sustentabilidade adquiridos durante o processo de formação superior em turismo?

1.5 Objetivos

Em virtude do exposto, é fundamental pensamos em alternativas em que a educação se faça presente e seja o eixo norteador das mudanças, do preparo e das concepções necessárias a um modelo de educação sustentável e de desenvolvimento do turismo neste país. Isto é, expressamente pretendemos:

1. produzir reflexão sobre como a educação superior pode contribuir para a concepção de modelo de turismo sustentável para a Bahia e, conseqüentemente, para o Brasil;
2. sugerir abordagem sustentável para a educação superior em turismo, em termos de conteúdo, grade e currículo pleno, visando à formação de

[1] "Desempenho sustentável é a evolução das empresas para sistemas de produção de riqueza que sejam completamente compatíveis com os ecossistemas naturais que geram e preservam a vida." (KINLAW, 1997, p. XXIV).

profissionais capazes de desenvolver e gerir o turismo na perspectiva da sustentabilidade;

3. idealizar princípios orientadores para a gestão de IES que oferecem cursos de turismo com o propósito de que sirvam de marcos teóricos, mas também de balizadores da prática dos diretores, coordenadores, professores e alunos de tais instituições;
4. propor modelo de análise da formação acadêmica e que sinalize uma preparação adequada e não-adequada à sustentabilidade, em termos de habilidades e competências do sujeito para o exercício da profissão de bacharel em turismo; e
5. auscultar as instituições de educação superior em turismo na Bahia, segundo as categorias e os indicadores elaborados.

1.6 Justificativa

Esta pesquisa vem preencher uma lacuna nos estudos do turismo até então realizados. As preocupações dos pesquisadores dessa área e de outras correlatas são referentes aos estudos de impactos sociais, culturais e ambientais positivos e negativos do turismo, da correlação entre educação e treinamento, da formação para atender ao restrito mercado de trabalho de empreendimentos turísticos, da emergência, da importância e dos requisitos do turismo sustentável, da formação de educadores para o turismo, entre outros. A relevância deste ensaio será percebida nos 7 capítulos apresentados no plano da tese.

1.7 Concepções Metodológicas

Para atingir os objetivos definidos e responder à questão geral e às sub-questões apresentadas, fez-se necessário seguir um criterioso esquema de trabalho subdividido em 6 partes: tipo de pesquisa; amostra; indicadores e

categorias; geração dos instrumentos de pesquisa; pesquisa documental; e observação da infra-estrutura física, apresentada no capítulo de metodologia.

1.8 Plano da Tese

No primeiro capítulo – Introdução - apresentamos nossa proposta de trabalho. Inicialmente fizemos uma breve retrospectiva do modelo de desenvolvimento do turismo. Em seguida, estabelecemos 6 pressupostos, nos quais vinculamos a educação integral e a formação de mão-de-obra à imagem do país interna e externamente e à manutenção de sua marca. Em termos da problemática, relacionamos a política do turismo adotada pelo Brasil e o quanto ela não é sustentável. Assim definimos o problema do trabalho: como as IES que oferecem cursos de turismo na Bahia estão formando os seus alunos e como os egressos atuam conforme os princípios da sustentabilidade. As 4 questões norteadoras da pesquisa estão relacionadas ao modelo de gestão das IES, subdivididos em 3 enfoques – administrativo, pedagógico e socioformativo. Nesta pesquisa, buscamos atingir os 5 objetivos relacionados à educação superior na Bahia, como ela poderá ser sustentável através de indicadores que criamos aplicados ao Modelo de Educação Superior Sustentável. Justificamos a importância deste trabalho a partir da carência de uma educação integral e sustentável. E, por fim, apresentamos a concepção metodológica que norteia a pesquisa.

No segundo capítulo – Desenvolvimento e Meio Ambiente - apresentamos a revisão de literatura sobre a teoria de desenvolvimento, o modelo de turismo atual adotado no mundo, no Brasil e na Bahia, suas características, conceitos, princípios, leis e políticas públicas, considerando que o turismo se apresenta como uma das alternativas do crescimento e até desenvolvimento econômico e social de muitas regiões e países. Nesse capítulo, fazemos a revisão teórica da sustentabilidade aplicada na atualidade e da sua relevância, tendo em vista que, no mundo moderno, ela é reivindicação e temática nos debates da globalização e

da preservação do planeta. Abordamos as vantagens da adoção do turismo alternativo. Para a construção desse capítulo foram fundamentais as contribuições de Antônio Lago (1984) e José Augusto Pádua (1984), Carlos Minc (1997), Helena Ribeiro Sobral (1995), Maurício Andrés Ribeiro (2000), David J. Telfer (2002), Walter Leal Filho (2002), John Huckle (1996b) e de outros estudiosos, que tanto promoveram alicerces para esta pesquisa no que se refere à dualidade entre economia e meio ambiente, sustentabilidade e outros assuntos pertinentes ao capítulo. Foi igualmente importante a visão sociológica de Jost Kripendorff (1989) que há muito nos persegue e instiga-nos a ver o turismo sob essa ótica. Muitos deles contribuíram com ricos exemplos sobre o impacto do turismo no meio ambiente e vice-versa, como Dora Abreu (2001). Com isso, esse capítulo serve de base para o entendimento do turismo em vigor, da sustentabilidade e de como a sua prática pode ser compatibilizada com os interesses capitalistas.

No terceiro capítulo – Modelo de Educação Superior Sustentável - questionamos a educação superior em turismo praticada pelas IES, fazendo uma crítica ao seu *modus facendi*, analisando as suas preocupações em relação à preservação, conservação e valorização do meio ambiente. Isso é fundamental porque o mundo atual requer pessoas e, sobretudo, profissionais portadores, autores e transmissores de mais educação, mais ética, respeito ao outro e ao meio-ambiente. Mostramos exemplos de como algumas IES estão adotando a sustentabilidade nas suas gestões. Descrevemos o esquema de *feedback* do Modelo de Educação Superior Sustentável. Sobre educação, enfatizamos o que ela proporciona e como pode contribuir para a sustentabilidade, através do uso de novas tecnologias, formação profissional, conscientização e qualificação, habilidades e competências, novos saberes, organização que aprende, inteligência emocional, empreendedorismo e teoria do capital humano. Apresentamos a situação atual da educação superior em turismo na Bahia no que se refere à oferta de cursos e sua distribuição espacial. Descrevemos o contexto da amostra, levando-se em conta as características socioculturais, ambientais e econômicas da Bahia. Nesse capítulo, contamos com a colaboração de Anthony

Noel Dowsett (2001), da OMT (1993), Miriam Rejowski (1996) e de outros pesquisadores já citados, como Walter Leal Filho (2002). Aliás, esse autor proveu a pedra angular deste trabalho, fazendo-nos acreditar que, através da educação superior, conseguir-se-á êxito na forma de pensar e agir dos gestores das diversas áreas.

No quarto capítulo – Gestão de Instituições de Ensino Superior - analisamos modelo de gestão de IES a partir de 3 enfoques: o enfoque administrativo, que inclui as categorias estilo de gestão educacional e ambiente físico; o enfoque pedagógico, compreendendo as categorias projeto pedagógico, orientação do ensino-aprendizagem e abordagem pedagógica; e o enfoque socioformativo, focalizando a percepção dos conhecimentos adquiridos pelos egressos e a participação profissional do egresso no mercado de trabalho. Nesse capítulo, apontamos os indicadores que servirão de base teórica para a sustentabilidade na educação superior. Esse conteúdo sustenta a estrutura desta pesquisa. Trabalhamos nesse capítulo 4 com os clássicos da gestão educacional. Paulo Freire (1980, 1981, 1996), Anísio Spínola Teixeira (1969), William H. Kilpatrick (1970), John Dewey (1979) e outros educadores são fundamentais para a construção do pensamento sobre gestão humanística e democrática. Seus ensinamentos se aplicam em todas as esferas da gestão educacional e perpassam pelo projeto pedagógico, pela didática e orientação do ensino-aprendizagem.

No quinto capítulo – Concepção Metodológica do Trabalho - descrevemos a metodologia do desenvolvimento da pesquisa. O tipo de pesquisa é qualitativa e analítica. A amostra tomada para análise são as IES e seus atores como diretor, coordenador, professores e egressos. Apresentamos também as características dos indicadores, sua abrangência e periodicidade para as IES, focando e compreendendo a essência da sustentabilidade e demonstrando como ela pode ser aplicada ao turismo por meio da educação superior. Ainda nesse capítulo, expomos como foram gerados os instrumentos de pesquisa e indicamos a forma

de avaliar o conjunto de dados, bem como perceber a tendência e os desvios do que se convencionou de adequado, semi-adequado e não-adequado para a sustentabilidade. Mostramos como os egressos poderão ser avaliados, do ponto de vista da sustentabilidade, através de um questionário, tendo em vista que eles poderão ser gestores e transformadores, capazes de lidar com o turismo sustentável. Para entendimento da concepção metodológica deste trabalho, consultamos autores como Yves Poisson (1991), Júlio César Rodrigues Pereira (2001), James H. McMillan (1997) e Sally Schumacher (1997), Christian Laville (1999) e Jean Dionne (1999), entre outros. Eles promoveram esclarecimentos sobre a pesquisa qualitativa, até então tida como muito mais difícil que uma pesquisa quantitativa. Assim sendo, a metodologia adotada não trata de um estudo de caso, estando mais próxima de um levantamento, ou *survey*, permeado de análises e procedimentos da metodologia qualitativa. O trabalho foi sendo construído com uma metodologia particular e singular, porque não encontramos nas referências algo que mais se aproximasse dela para que pudéssemos denominá-la. Assim sendo, consideramos a nossa pesquisa qualitativa e analítica.

No sexto capítulo – Levantamento e Análise dos Dados das Instituições de Ensino Superior em Turismo no Estado da Bahia - relatamos como se deu o levantamento dos dados e a produção das informações, através da aplicação dos questionários e entrevistas, da digitação e tabulação. Também como preparamos o material em quadros para análise dos dados, dos indicadores propostos às IES e a seus egressos; para avaliação da gestão, do conhecimento, da metodologia, de estágios, visitas, projetos das IES e para a descrição dos indicadores da sustentabilidade. Na construção desse capítulo contamos com a colaboração direta de 68 atores das 4 IES que serviram de amostra e com a indireta de todos aqueles com quem mantivemos conversas informais nos corredores, cantinas e noutros espaços.

No sétimo capítulo – Considerações Finais e Recomendações - respondemos às questões e ao problema da pesquisa. Fazemos uma reflexão

sobre o método da pesquisa adotado, no que se refere à sua validade. Analisamos o papel do governo na construção da sustentabilidade. Refletimos sobre os resultados do estudo feito nas IES que serviram de amostra e sobre as recomendações sugeridas às mesmas. Imaginamos como a pesquisa poderá ser aproveitada pelas IES analisadas e por outras, pelo estado da Bahia e por outros, por outras áreas do conhecimento. Fizemos uma reflexão final sobre o trabalho em geral.

Além desta breve apresentação, seria importante relatar a riqueza desta pesquisa em muitos sentidos, mas especialmente no que se refere à oportunidade de crescimento e trabalho humano, em termos de contato com diferentes pessoas, de viagens que realizamos, com toda a riqueza das relações com comunidades, cidades, instituições e populações, considerando os desafios enfrentados, os encontros inesperados e a riqueza da aprendizagem durante o processo da pesquisa.

2 Desenvolvimento e Meio Ambiente

O sistema social vigente no século XXI ainda está centrado em uma práxis dominante favorável ao crescimento insustentável, em que o diálogo que se estabelece com a natureza tem por fim a sua manipulação. O ecológico está subordinado ao econômico, levando assim a um conflito entre desenvolvimento econômico e conservação.

De um lado, a economia, definida como a ciência que lida com a escassez para satisfazer às necessidades humanas, refere-se apenas à ação material e à demanda de uma espécie, o homem. O sistema econômico, baseado no mito do crescimento ilimitado, fundado na crença de uma oferta infinita de recursos, não tem a coerência do sistema ecológico. A lógica da utilização intensiva dos recursos naturais foi desastrosa para o ambiente. Os economistas preocupam-se com os produtores e os consumidores, com o preço e o valor de troca das mercadorias, com a produção e o lucro. Na verdade, o capitalista se abstrai do valor de uso, podendo mudar de setor de atividade ao sabor das circunstâncias do mercado. Ou seja, para ele o valor de uso é simplesmente um veículo para o valor de troca.

De outro lado, a ecologia, definida como ciência e método que estuda as condições de existência dos seres vivos e examina a ação de todas as espécies, seus relacionamentos e sua interdependência, utiliza os métodos, os conceitos e os resultados das outras ciências biológicas e de elementos da química, física, geologia, bioquímica, estatística, agronomia, urbanismo, sociologia, economia, entre outros. Os ecologistas, no pensamento de Antônio Lago e José Augusto Pádua (1984, p. 88 e 90), e de Carlos Minc (1997, p. 95), não são partidários do crescimento zero, ou da economia do estado estacionário, ao contrário do que alegam os partidários do crescimento sem limites e sem controle. Eles falam do uso racional dos recursos naturais. Estão conscientes dos problemas da fome, do desemprego e da ruptura nos equilíbrios ambientais. Os ecologistas preocupam-

se com os decompositores, necessários à reciclagem dos resíduos e à reintegração das matérias-primas, destaca Lúcio Grinover (1994, p. 250). Eles relacionam a devastação ambiental com o desperdício da sociedade de consumo, a que exerce novos tipos de colonialismo e de dominação sobre países e continentes onde se situavam as fontes de energia e de matérias-primas. (MINC, 1997, p. 16).

Essa desconexão entre economia e ecologia feita pela população é revelada na fotografia que se tira do mundo moderno, no qual se vêem, predominantemente, mazelas como guerras, terrorismo, poluição sonora, explosão da população humana, aniquilamento de espécies vegetais e animais, provocação de chuvas artificiais, com o polvilhamento das nuvens com cristais de iodeto de prata, destruição da cobertura vegetal através de derrubadas de florestas, arrasamento e perfuração de montanhas, represamento de rios em barragens e açudes, edificação de metrópoles, poluição e envenenamento do ar, do solo, de rios, de oceanos, contaminação atômica, lixo e outras listadas no APÊNDICE A. Assistimos às conseqüências desses desequilíbrios, como o abaixamento do nível das águas no subsolo e a diminuição das fontes de água, efeito estufa, enchentes, chuvas ácidas, rarefação da camada de ozônio, poluição atmosférica, demanda crescente de água, superexploração da pesca, perda de produtividade dos solos, entre outros problemas ambientais que ameaçam a existência do ser humano.

Diante da falta de controle dos problemas gerados pelas transformações socioeconômicas e culturais que afetam o equilíbrio socioambiental, e da ruptura de padrões e de modelos éticos fundamentadores dos valores humanos, conclamamos a humanidade a limitar suas atividades destrutivas, a conservar os recursos, a estabilizar seu crescimento demográfico, a eliminar a pobreza e a conceder a plena igualdade às mulheres, aos índios, aos negros, aos aidéticos, aos portadores de necessidades especiais e, claro, a assegurar o direito ao ar puro, ao sol, ao verde e a águas limpas.

A humanidade, portanto, está, sendo convidada a fazer valer os direitos de cidadania que, apesar da resistência dos grupos dominantes, foram sucessivamente conquistados e incorporados como a cidadania civil (liberdade de expressão, de pensamento), a cidadania política (direito de voto, de participação no exercício do poder político), a cidadania social (direito à educação, à saúde) e a cidadania econômica (direito ao salário digno, à terra). Para Minc (1997, p. 27), está faltando a incorporação da cidadania ecológica como direito real ao ambiente saudável, à saúde ocupacional e à qualidade de vida, ainda que pareça impossível, conforme assevera Herbert Marcuse *apud* Helena Ribeiro Sobral (1995, p. 29), resolver a questão ambiental, no regime capitalista. Isso significa a necessidade de fazer valer a evolução do conceito de desenvolvimento, que, muito após a Segunda Guerra Mundial, passou de um enfoque meramente econômico para os focos social e cultural, ampliando, posteriormente, ainda mais para os aspectos moral, ético e ambiental, como podemos observar no QUADRO 1, a seguir.

QUADRO 1 - Evolução da Teoria de Desenvolvimento.

LINHA DO TEMPO	PARADIGMAS DE DESENVOLVIMENTO	MODELOS TEÓRICOS	CONCEITOS-CHAVE/ESTRATÉGIAS
início de 1950 e 1960	Modernização	Estágios	sociedades passam por estágios de desenvolvimento similar aos de países do Oeste.
		Difusão	espalhados os impulsos de crescimento em áreas de desenvolvimento, pólos de crescimento, envolvimento do Estado, desenvolvimento econômico regional.
meados de 1950 e 1960	Dependência	Neo-colonialismo	subdesenvolvimento causado pelos países desenvolvidos, influência da cultura ocidental.
		Dualismo	pobreza é funcional para o crescimento da economia global, rico e pobre – entre países e dentro dos países, diferenças regionais.
		Estruturalismo	mercados domésticos, substituição de importação, reformas sociais, protecionismo, envolvimento do governo.
início de 1970 e 1980	Neoliberalismo econômico	Livre mercado	visão macroeconômica, livre mercado, privatização.
		Ajustes estruturais	focado na força de mercado e na exportação competitiva.
		Globalização	novo sistema financeiro mundial, desregulamentação da internacionalização da produção.
final de 1970 e 1980	Desenvolvimento alternativo	Necessidades básicas	prioridades em comida, habitação, saúde, água e educação.
		Regionalismo	desenvolvimento centrado no indivíduo, controle local das decisões, fortalecimento do poder, Organizações Não-Governamentais (ONGs).
		Gênero	mulheres no desenvolvimento, relações de gênero, fortalecimento do poder.
		Desenvolvimento sustentável	gerenciamento ambiental, o atendimento das necessidades presentes sem comprometer as gerações futuras.

Fonte: After Telfer (1996a), Todaro (1994), Brohman (1996) *apud* David J. Telfer, (2002, p. 39 e 44).

O desenvolvimento, conforme François Perroux *apud* Edivaldo M. Boaventura (1968, 1968a),

> é a combinação das mudanças mentais e sociais de uma população que a tornam apta a fazer crescer, cumulativamente e duradouramente, seu produto real (...) refletidas no aumento das quantidades globais, renda, produto e poupança, que sucede no longo período. Como processo de mudança há de se considerar a sociologia das mudanças estruturais.

A concepção de desenvolvimento para Todaro (1994) *apud* Telfer (2002, p. 36 e 37) engloba 3 valores e 3 objetivos. Os valores são liberdade, auto-estima e autonomia. E os objetivos são atendimento às necessidades básicas humanas, melhoramento do padrão de vida, que envolve maiores receitas, melhor educação, mais trabalho, mais atenção nos valores culturais e humanísticos, e expansão das oportunidades econômicas e sociais para que os indivíduos e nações não sejam dependentes de pessoas e de países.

Essa concepção se aproxima do paradigma do desenvolvimento alternativo, que se baseia na tese de que o desenvolvimento econômico de *per si* não atende aos anseios da sociedade. Ele defende o desenvolvimento baseado no envolvimento das comunidades locais no processo de desenvolvimento, na ligação íntima do indivíduo com o meio ambiente e a sustentabilidade cultural e ambiental.

Contudo, a não-satisfação das necessidades básicas dos indivíduos e do desenvolvimento comunitário pelos modelos em vigor motivou esforços, ao longo da história da humanidade, de agências internacionais, de movimentos ambientalistas, de organizações da sociedade civil para conscientizar as pessoas, minimizar os efeitos da exploração econômica na natureza e para solucionar problemas como desnutrição, subnutrição, mortalidade infantil, doença, analfabetismo, entre outras mazelas. (TELFER, 2002, p. 47).

A preocupação ambiental emergiu, então, da compreensão de que tanto a pobreza quanto o crescimento acelerado da população, a destruição dos recursos e a degradação do meio ambiente estão sempre conectados. Nasceu da cosmovisão baseada em sistemas de valores, centrada num mundo mais civilizado, na necessidade de ampliar a visão holístico-ética, no anseio de constituição de uma nova sensibilidade e consciência. E também da necessidade de reencantamento, reespiritualização e autenticidade do ser humano. É como se o ser humano tomasse consciência de que a terra é a casa de todos e que é preciso ter ética na relação com o meio ambiente, alteridade, harmonia e interação

integradora do indivíduo no todo, valores quebrados pela racionalidade instrumental que dicotomizou ciência e poesia, razão e mistério, pólis e cosmos.

Assim sendo, as questões ambientais, globais e planetárias passaram a ser tema e foco central de discussões em encontros nacionais e internacionais. Foram criadas comissões e organizações dedicadas ao assunto. Para maior entendimento a respeito dessas ações, os eventos ocorridos estão listados no APÊNDICE B. Vale tecermos considerações em torno do florescimento, em meados do século XX, da ecologia social, ou ecologia política, que, juntamente com o chamado desenvolvimento sustentável, vieram para questionar valores e objetivos da sociedade industrial e buscar a partilha dos benefícios e custos dos recursos materiais entre pobres e ricos, e entre gerações. Esses questionamentos já vinham sendo discutidos desde 1971, na Reunião de Founeux, com o nome de ecodesenvolvimento. E, do mesmo modo na Estratégia Mundial para a Conservação, em 1980, quando surgiram as primeiras contribuições sobre o conceito de desenvolvimento durável, ou desenvolvimento sustentável. (RIBEIRO (2000, p. 42).

2.1 Sustentabilidade

A teoria do ecodesenvolvimento foi formulada, principalmente, por Ignacy Sachs, que tem o mérito em deslocar o problema do aspecto puramente quantitativo - crescer ou não - para o exame da qualidade do crescimento. Ele inspirou a teoria e a prática de pesquisadores, professores, administradores públicos, políticos, pessoas, instituições, entre outros em todo o mundo, afirma Maurício Andrés Ribeiro (2000, p. 42).

Para Lago e Pádua (1984, p. 90 e 91), a teoria do ecodesenvolvimento assume uma visão realista e positiva da ação humana, considerando que esta nem sempre é ecologicamente negativa. A questão estaria no como crescer, implicando, portanto, uma mudança qualitativa das estruturas produtivas, sociais e

culturais da sociedade. Os principais objetivos do ecodesenvolvimento resumidos por Sachs, que podemos ver, a seguir, parecem ser os mais abrangentes e consistentes no rumo da construção da sustentabilidade, como constatam João Antônio de Paula e Roberto L.M.Monte-Mór (2000, p. 77) e Ribeiro (2000, p. 43):

1. o aproveitamento dos recursos de cada região;
2. a satisfação das necessidades básicas da população, através do uso social dos recursos;
3. identificação, valorização e emprego de recursos naturais em solidariedade diacrônica com as gerações futuras;
4. a importância da participação popular;
5. a preservação dos recursos materiais e do meio ambiente;
6. a criação de sistemas de garantia de emprego, segurança social e respeito à cultura; e
7. o programa de educação que contemple a questão ambiental.

Observamos que o conceito de desenvolvimento sustentável, a partir desses objetivos, é, de fato, mais amplo que o publicado pela Comissão Mundial para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CMMAD), em 1987, no conhecido Relatório Brundtland, ou Nosso Futuro Comum (1991, p. 46) como "*aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem a suas próprias necessidades"*, por apresentar as dimensões ambiental, tecnológica, econômica, cultural e política.

O termo sustentabilidade apresenta, assim, um caráter dinâmico, que se afasta muito da idéia de equilíbrio estático dos economistas clássicos. Refere-se a um processo evolutivo sustentável de mudança contínua da base cultural, em que estão inseridos os fatores como padrão de consumo e estilo de vida como garantia da sustentabilidade ambiental. A sustentabilidade, segundo Walter Leal Filho (2002, p. 15 e 16), é:

a. a chave do desenvolvimento tanto dos sujeitos quanto das nações a partir do estilo de vida dos indivíduos e das políticas governamentais (...);

b. processo que envolve o meio ambiente, os aspectos políticos e sociais (...);

c. um caminho para se pensar em aspectos de igualdade, ética e gênero (...); e

d. ferramenta para proteção ambiental e incremento da qualidade de vida.

A Organização Mundial de Turismo (OMT,1998, p.11) considera 3 pontos vitais do desenvolvimento sustentável:

a. a sustentabilidade do ambiente assegura a compatibilidade do desenvolvimento com a manutenção dos processos ecológicos essenciais, bem como com a diversidade e recursos biológicos;

b. a sustentabilidade social e cultural assegura que o desenvolvimento aumenta o controle das pessoas sobre as suas vidas, é compatível com a cultura e os valores morais do povo por ele afetado, mantém e fortalece a identidade da comunidade; e

c. a sustentabilidade econômica assegura que o desenvolvimento é economicamente eficaz e que os recursos são geridos de modo que possam favorecer as gerações futuras.

Em relação a essa dinâmica, Henrique Rattner (1994, p. 43 e 44) define desenvolvimento sustentável como

> um processo contínuo de melhoria das condições de vida, enquanto minimize o uso de recursos naturais, causando um mínimo de distúrbios, ou desequilíbrios ao ecossistema. As diferenças entre os ecossistemas, bem como entre as tradições culturais, exigirão a adoção de estratégias de desenvolvimento endógeno, cujos objetivos e prioridades podem, ou não coincidir com os interesses econômicos e investimentos preferenciais das corporações transnacionais, criando, assim, um clima potencial para a crise e o conflito.

Para Ribeiro (2000, p. 26 e 27), a característica central do desenvolvimento sustentável é sua capacidade de perdurar ao longo do tempo, mantendo padrões de vida adequados. Para que uma forma de vida social seja sustentável, é preciso que a taxa de utilização dos recursos seja no mínimo igual à de reposição, ou de geração de substitutos para esses recursos. Ainda para esse autor, as dimensões do desenvolvimento sustentável são físicas, econômicas, sociais, políticas, culturais, psicológicas, ambientais e humanas.

Philippe Le Prestre (2000, p. 69) alerta para a necessidade de compreender que o meio ambiente não tem forçosamente o mesmo conteúdo para todo o

mundo. Depende de fatores geográficos, históricos, científicos, econômicos, políticos, ou culturais, que incluem valores, símbolos, etc. A propósito, observemos este exemplo: 2 baleias prisioneiras no gelo atraem a atenção da mídia do mundo inteiro, ao passo que mal se fala dos milhares de homens, mulheres e crianças, que se afogam nas águas do Brahmaputra, na Ásia. "*Os pobres pagam caro pela limpeza ambiental e pelo bem-estar egoísta dos ricos"*, considera Prestre (2000, p. 77). Ou, infelizmente, "*há pessoas que choram ao ver na tevê a extinção do mico-leão-dourado, mas não se sensibilizam com os sem-terra, os meninos de rua, ou os desempregados"*, destaca Minc (1997, p. 39).

Essas diferentes percepções geram contradições no conceito sobre sustentabilidade. Os cientistas naturais, por exemplo, discordam sobre o que deveria ser sustentável, em que níveis e em que escala espacial e temporal, enquanto os cientistas sociais usam o conceito tanto como metodologia para manter o crescimento econômico quanto para um senso normativo, ligando-o com as necessidades humanas, considera John Huckle. (1996b, p. 9).

Na seqüência, ele enfatiza que a principal contradição está entre o desenvolvimento sustentável em seu modo fraco e forte. O desenvolvimento sustentável fraco, apoiado pelos liberais e democratas sociais, representa um modo emergente de regulação, envolvendo formas de tecnogerenciamento, quando o capital serve para garantir a continuidade de suprimento e as condições de produção em seu próprio termo, enquanto mantém o apoio da maioria dos votantes.

A ideologia da política liberal apóia a sustentabilidade fraca porque ela é compatível com o livre mercado, com o direito à propriedade individual e a mínima regulação do governo. Isso mostra os valores egocêntricos e a adoção da teoria baseada no consumidor, na qual o valor da natureza é relativo àquele que se atribui ao seu uso. Enquanto a minoria dos liberais acha que o mercado por si só vai corrigir a escassez dos recursos e responde às demandas por meio ambiente limpo, através de inovações como consumerismo verde, negócios e educação, a

maioria deles considera os problemas ambientais como evidências de que os valores dos consumidores não estão sendo expressos no mercado adequadamente. (HUCKLE, 1996b, p. 10).

O desenvolvimento sustentável forte, apoiado pelos socialistas “verdes” e pelos radicais utópicos, representa uma forma revisada de desenvolvimento comunitário autoconfiável, que mantém a vida das pessoas através de tecnologias apropriadas, observa Huckle (1996b, p. 10). Isso posto, lembramos que

> para haver sustentabilidade, é preciso uma visão das necessidades e do bem-estar humano que incorpora variáveis não-econômicas como educação e saúde, água e ar puros, e a proteção de belezas naturais. Também é preciso eliminar as limitações de grupos menos favorecidos, muitos dos quais vivem em áreas ecologicamente vulneráveis, como é o caso de muitos grupos tribais que habitam florestas, dos nômades do deserto, de grupos que vivem em montanhas isoladas, e das populações indígenas das Américas e da Australásia. (NOSSO FUTURO COMUM, 1991, p. 57).

Por tudo isso, Maria de Assunção Ribeiro Franco (2000, p. 26 e 27) destaca que

> o conceito de desenvolvimento sustentável é, portanto, muito complexo e controvertido, uma vez que para ser implantado exige mudanças fundamentais na maneira de pensar, viver, produzir, consumir, entre outras. (...) Ele exige a participação democrática de todos na tomada de decisão para as mudanças que se farão necessárias para a implantação do mesmo.

Como avanço do debate e de iniciativas sobre o tema, em 1992, na II Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, ou Eco-92, ou Cúpula da Terra, ou Cume da Terra, ou Rio-92, foram discutidas alternativas para a aplicação do modelo de desenvolvimento sustentável, dando origem à Agenda 21. Seguidas pela Rio+10 e pela Conferência da Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável, da qual resultou a Declaração de Joanesburgo, na África do Sul, visando reafirmar compromissos com os acordos e tratados internacionais, especialmente os da Agenda 21.

Em 1996, a International Standard Organization (ISO), a mesma responsável pela ISO-9000, lançou as 5 primeiras normas da série ISO-14000, consolidando a qualidade ambiental como um diferencial competitivo no mundo

dos negócios. Podemos observar nesses eventos, discussões, publicações, princípios e normas, que a questão ambiental domina os debates, mas pouco se tem feito em nível político e econômico para a sua efetivação nos programas de governo em geral, revelando um aprisionamento do racionalismo, mecanicismo e das dicotomias cartesianas que sustentam a transformação do planeta.

É que, na verdade, como assevera Franco (2000, p. 27 e 33),

> o desenvolvimento sustentável, quando aplicado isoladamente e em pequenas escalas, opõe-se à ordem do mercado atual conhecida como globalização. No entanto, aplicado em larga escala, ele poderia ser o princípio regulador dos chamados efeitos da globalização perversa. Naturalmente, o desenvolvimento sustentável para tornar-se meta do mercado mundial deverá estar assentado em uma ética ecológica que possa estar presente nas regras e padrões internacionais presentes nas ISOs.

Só assim, concordando com Franco (2000, p. 33), o desenvolvimento sustentável será levado a termo, pois, do contrário, ele vai constar apenas em discursos vazios, mesmo porque a ecologia é inseparável da economia. A sustentabilidade só será possível através de mudanças pessoais, do desenvolvimento da comunidade e do despertar da ecologia e do ecossistema para dar lições como se deveria viver. Conforme Huckle (1996b, p.11), a ideologia verde reflete os valores ecocêntricos que afirmam que a natureza tem valores inerentes, independentes dos valores humanos. Isso leva os ativistas verdes a focar-se em pessoas sem consciência ecológica e na necessidade de mudança cultural. As pessoas deveriam desenvolver uma ecofilosofia pessoal e um estilo de vida paralelo.

Por conseguinte, consideramos, neste trabalho, o desenvolvimento sustentável como nova forma de desenvolvimento econômico, que incorpora os aspectos sociais, culturais, ambientais e éticos, com o objetivo de explorar os recursos, direcionar os investimentos, orientar o desenvolvimento tecnológico e realizar mudanças institucionais, garantindo, assim, as necessidades e as aspirações humanas do presente, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazer suas próprias necessidades. Em nenhum caso, ele prejudica

a soberania nacional. (NOSSO FUTURO COMUM, 1991, p. 68; PRESTRE, 2000, p. 131; WORLD COMMISSION ON ENVIRONMENT AND DEVELOPMENT (OECD,1997, p. 46 *apud* HUNTER, 1995, p. 55 e 56).

A partir dessas concepções, veremos o modo como o turismo vem sendo explorado enquanto atividade econômica, social, cultural e ambiental, e como ele poderá ser alicerçado nos princípios do desenvolvimento sustentável, tendo em vista que a natureza e as pessoas são as principais matérias-primas dessa atividade.

2.2 Modelo do Turismo em Vigor

O turismo nasce, oficialmente e enquanto atividade regulamentada, da necessidade de revigoramento econômico de países prejudicados pela Segunda Grande Guerra. Foi considerado como fenômeno marcante no século XX, no que se refere aos aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais. Neste novo século, ele se mantém entre as principais atividades geradoras de receita no mundo. E, assim como os demais setores da economia moderna, depende da apropriação e exploração da natureza e das sociedades locais.

Temos consciência da complexidade do sistema em vigor, que, conforme já abordamos na introdução deste trabalho, conduz a uma exploração do turismo no mundo numa perspectiva dos paradigmas de desenvolvimento da modernização, da dependência e do neoliberalismo, verificados no QUADRO 2, a seguir.

QUADRO 2 - Turismo como Agente de Desenvolvimento.

COMPONENTES DO DESENVOLVIMENTO	MODERNIZAÇÃO	DEPENDÊNCIA ESTRUTURALISMO	NEOLIBERALISMO ECONÔMICO	DESENVOLVIMENTO ALTERNATIVO
A. ESCALA E CONTROLE DO DESENVOLVIMENTO				
Foco	econômico	econômico	econômico	sustentabilidade
Escala de desenvolvimento	larga	larga/pequena	larga	pequena
Razão do desenvolvimento	rápido	rápido	rápido	incrementado
Distribuição econômica	para poucos	gestores locais	empréstimo de ajustamento estrutural, intervenção do governo	gestores locais
Planejamento	de cima para baixo	de cima para baixo	de cima para baixo	de baixo para cima
Envolvimento local	limitado	alto	limitado	alto
Propriedade	estrangeiro	local	estrangeiro	local
Controle da indústria	externo	interno	externo	interno
Papel do governo	alto-baixo	alto	baixo	alto-baixo
Origem do gerenciamento	estrangeiro	doméstico	estrangeiro	doméstico
Tipo de acomodação	*resorts*	misto	*resorts*	misto
Distribuição espacial	concentrada	variada	concentrada	disperso
Tipos de turismo	massa	misto	massa	interesse especial
Foco mercadológico	pacotes turísticos	misto	pacotes turísticos	independente
Tipo de emprego	formal	formal-informal	formal	formal-informal
Níveis de infra-estrutura	alto	alto-baixo	alto	baixo
Capital investido	alto	alto-baixo	alto	baixo
Tecnologia transferida	alta	mista	alta	mista
B. LIGAÇÃO AMBIENTAL E COMUNIDADE				
Recurso usado	alto	alto-baixo	alto	baixo
Proteção ambiental	baixa	mista	baixa	alta
Integração regional	baixa	alta	baixa	alta
Ligação intersetorial	baixa	alta	baixa	alta
Consciência cultural	explorada	protegida	explorada	protegida
Desenvolvimento institucional	baixo	Alto	baixo	alto
Compatibilidade local	baixa	Alta	baixa	alta
Capacidade de adaptação	baixa	Baixa	baixa	baixa

Fonte: Telfer (2002, p. 63).

Em geral, ainda se prima pelo turismo como uma das soluções para os problemas econômicos, que transforma a natureza e a sociedade em mercadoria,

em produto para ser comercializado e consumido, promovendo conseqüências desastrosas ao ambiente natural e às comunidades receptoras, verificadas no APÊNDICE C. Conforme Rita Mendonça (1996, p. 19 e 20), impera uma grande superficialidade na relação com a natureza e com as populações locais. Ou seja, estamos longe do desenvolvimento alternativo.

O turismo é, portanto, uma das atividades predominantes do sistema capitalista e, como tal, tem sido tratada com demasiada ênfase no âmbito econômico. O capitalismo requer crescimento econômico com acumulação de capital e tem a tendência de desprezar os custos ambientais presente e futuros. A ênfase neste novo século XXI ainda é dada à viabilidade econômica do negócio, em detrimento das preocupações com impactos ambientais, ou da preservação dos meios socioculturais. A base está na exploração econômica sem incluir a melhoria das condições básicas humanas, elemento essencial para que cada paraíso ecológico e ambiental permaneça como tal e garanta um retorno não só ao turista e à população local, mas, principalmente, ao empreendedor, que não verá seu produto deteriorar-se a curto prazo.

Esse fato é comprovado, como afirma Doris Von de Meene Ruschmann (1993, p. 71), pelo número excessivo de pessoas em excursões ecológicas, pela desarmonia estética entre infra-estrutura e paisagem natural, pela utilização de combustíveis não-renováveis nos meios de transporte, pela oferta de suvenires industrializados, entre outros fatos. A exploração do turismo tornou-se, na maioria dos casos, um instrumento de *marketing* utilizado por empreendedores da área, que, através da mídia, divulgam paraísos ecológicos com praias vazias, limpas, águas cristalinas, peixes coloridos, sol brilhante, atrativos culturais, entre outros apelos. Comumente, são colocados em pacote, sol, praia, paisagem e manifestações populares, e distribuído para as “prateleiras” das agências de viagens. Esse procedimento de transformação do turismo em mercadoria para ser consumida, confere o direito de uso apenas àqueles que tiverem como comprá-la.

Ou seja, o turismo é elitista e excludente. Usufrui dele somente quem tem condições financeiras para “comprá-lo”, “possuí-lo”, “tê-lo”.

Brian Archer e Chris Cooper (1994, p. 83) são contundentes ao afirmar que em casos extremos a população local pode ser impedida de desfrutar dos recursos naturais, ou dos espaços de lazer da sua cidade, ou da região, ou do seu próprio país. E citam o caso do contorno da costa do Mediterrâneo, onde foram instalados hotéis para uso exclusivo de seus hóspedes, dificultando e proibindo o acesso da população local. Para dar outro exemplo, Jean Dorst (1973, p. 370), comentando a realidade turística na África, assevera,

> o turismo africano é ainda um turismo de luxo, reservado a um certo número de privilegiados. (...) o turismo local está se desenvolvendo cada vez mais à medida que a África evolui para a civilização moderna de tipo ocidental. O aluno da escola de uma grande cidade do continente negro não tem mais probabilidades de ver um elefante, ou uma girafa do que o seu coleguinha europeu.

Esses objetivos puramente econômicos têm desencadeado um violento processo de especulação imobiliária, uma supervalorização do solo litorâneo com construção de hotéis, estradas e infra-estrutura de apoio que desrespeitam as normas e as leis ambientais. Archer e Cooper (1994, p. 81) comentam que

> nas áreas primitivas e isoladas a chegada de um número exagerado de turistas pode até mesmo levar as pessoas do lugar a deixar sua casa e a mudar-se para outras áreas onde elas podem continuar a viver em paz. (...) Em áreas mais desenvolvidas houve casos em que os turistas desintegraram totalmente o modo de vida da população local. (...) A instituição do sistema de parques nacionais em algumas partes da África, embora justificável com base na conservação da vida animal e do turismo, em alguns casos afetou gravemente a caça e a existência nômade da população local. No Canadá, por exemplo, a criação de parques para recreação ao ar livre e turismo interno em Fornillon e Gros Morne precisou desalojar as pessoas que moravam na área e com isso despertou considerável oposição local.

Com isso, os lugares vão se transformando em não-lugares, em lugares sem identidade. Os não-lugares, conforme Marc Augé (1994, p. 36 e 37),

> são tanto as instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens (vias expressas, trevos rodoviários, aeroportos), quanto os próprios meios

> de transporte, ou grandes centros comerciais, ou ainda os campos de trânsito prolongado onde são estacionados os refugiados.

Nesse sentido podemos considerar também como não-lugares, os espaços denominados por Jost Krippendorf (1989, p.73) como guetos. Para ele, os guetos dos homens em férias são as reservas artificiais criadas, especialmente, para os turistas e construídas sob medida. Essa categoria compreende todos esses novos complexos hoteleiros, essas cidades, parques e loteamentos de férias. São espaços criados e equipados para manter o turista em sistema de internato. Ele encontra aí tudo de que necessita e, que, de algum modo, está em conformidade com o pacote comprado. Não existe espaço, nem tempo, para a convivência com os habitantes locais. A exemplo de complexos turísticos autônomos, citados por John Swarbrooke (2000, p. 55), desde o Caribe até o Sudeste Asiático, desde a África até o Reino Unido, com marcas como Sandals, Club Med, Center Parks e Sun City.

Esse tipo de empreendimento existe como um meio de concentrar as pessoas em altíssimas densidades, fazendo a população local trocar os seus modos de vida e a sobrevivência de suas tradições, transformando-se em símbolo de dominação. Seu pacifismo torna-a subserviente a certos interesses alienígenas. Fato que poderá gerar indignação, sentimento de frustração na comunidade local, resultando em atitudes de hostilidade, quando não de agressividade para com os turistas. Desse modo, à medida que se ampliam os investimentos, aumentam os preços dos terrenos pela especulação imobiliária. Juntos, o turismo mal planejado e o mercado imobiliário provocam a destruição de manguezais e de outros ecossistemas para a construção de residências, marinas, entre outras instalações, com prejuízos a pescadores, aquicultores, por exemplo.

Luzia Neide M.T. Coriolano (1996, p. 100) chama a atenção para o fato de que o turismo acelerado pelo processo de modernidade desencadeia um rápido processo de urbanização, que termina expulsando os nativos das comunidades litorâneas. Ele cria outra finalidade para o território. A praia deixa de ser lugar de

trabalho, passando a ser lugar de lazer e de consumo. Assim, o nativo, que, de modo geral, é pescador artesanal e possuía algum bem, já não tem mais do que se valer, senão ficar à *mercê* das leis impostas pelos novos proprietários do espaço. Mas, era isso que a população local desejava? Seguramente não. Ela não é consultada, não opina, só se submete, permitindo ser explorada pelos “novos donos” do destino turístico. E do destino de vidas humanas, também? E era isso que os turistas queriam? Será que agora eles não vão ter que procurar outro paraíso? Esse aí, já explorado, se perdeu com toda a produção? Então, como fica o produto e seus rendimentos, que os empresários tanto queriam?

Os investimentos em empreendimentos turísticos geram demandas de mão-de-obra qualificada, formada e treinada para atender a uma demanda de produtos e serviços cada vez mais crescente e exigente. Como, na maioria dos casos, o lugar não disponibiliza esses recursos humanos e materiais, é preciso importar de outros mercados, senão absorver a mão-de-obra desqualificada disponível. Em se tratando da não-absorção da mão-de-obra local, M. Hitchcock, V.T.King e M.J.G.Parnwell (1993), *apud* Donald Macleod (2001, p. 172), revelam o sucesso, do ponto de vista macroeconômico, do Parque Nacional na Ilha de Komodo, na Indonésia, e denunciam o fato de a população indígena ter sido desconsiderada pelas autoridades e estar incapacitada de participar dos novos desenvolvimentos devido à falta de educação e habilidades.

Isso posto, refletimos: o que mais é aproveitado, além do que já existia e dos atrativos naturais? Que preocupações existem e que cuidados são tomados para não transformar um espaço turístico em lugar semelhante às grandes cidades? Que medidas são tomadas para não deixar os turistas invadirem os espaços, as vidas, os hábitos, a cultura dos habitantes locais? Quais os impactos sociais, econômicos e culturais gerados pela exploração do turismo no destino? Os habitantes de núcleos receptores querem o turismo, ou se sentem obrigados a aceitá-lo, por falta de oportunidade de trabalho? Ou seja, que medidas e decisões são tomadas, ou que políticas são adotadas, para que não se tenha mais um ex-

paraíso ecológico nas mãos? Será que o empreendedor ficará também satisfeito? Por quanto tempo?

Essas perguntas precisam ser internalizadas, refletidas, discutidas e transformadas em ação prática. Senão, continuar-se-á incorrendo em erros cometidos em muitos destinos turísticos, onde, por falta de planejamento e mau gerenciamento, assistimos ao crescimento acelerado da prostituição, juntamente com a propagação das doenças venéreas e da sida, à carência de mão-de-obra qualificada, à elevação dos preços de serviços e produtos, à migração desenfreada de pessoas em busca de oportunidade de emprego, à insuficiência da oferta de produtos, à massificação de pessoas, à saturação da infra-estrutura básica, de apoio e dos serviços turísticos, ao aumento de lixo, à poluição do meio ambiente, à perda de identidade cultural, à depredação do patrimônio histórico-cultural e a outras mazelas.

Assim, Archer e Cooper (1994, p. 73) observam:

> (...) o turismo, por sua própria natureza, é seduzido por ambientes e sociedades singulares e frágeis, e evidenciou-se que em alguns casos seus benefícios econômicos foram neutralizados por conseqüências ambientais e sociais adversas e não mensuradas previamente.

Tudo isso vai de encontro ao que definimos como sustentabilidade, de que o turismo precisa e por que anseia. O turismo mal executado e pior planejado afeta o ambiente físico e destrói ambientes naturais insubstituíveis. Em termos de impactos negativos, Archer e Cooper (1994) contribuem com alguns exemplos, como a construção de marinas para turistas em pântanos e mangues, que tem provocado prejuízo à indústria local de pesca. O desvio dos recursos hídricos para os hotéis e campos de golfe tem deixado agricultores e casas residenciais na escassez.

Ainda exemplificando, Tyler (1989) *apud* Hunter e Howard Green (1995, p. 15) cita localidades nos Alpes Europeus, onde se derrubaram quilômetros de florestas para construção de pistas de *ski*, estacionamentos para carros,

teleféricos, estações de energia, construção de estradas, causando destruição do ecossistema em larga escala, erosão do solo, inundação, avalanches, entre outros prejuízos. Todos esses danos, sobretudo aqueles que geram perigo a vidas humanas, provocam afastamento de turistas. Os cruzamentos de veículos com turistas têm ameaçado a flora e a flora de lugares como o Parque Nacional do Quênia e as reservas de vida selvagem, na África, o Parque Nacional Bavária, na Alemanha, dentre outros. Esses e outros impactos são gerados por diversas práticas de exploração do turismo. O Parque Nacional Lake District, na Inglaterra, teve suas pequenas trilhas alargadas pela grande quantidade de turistas, convertendo-as em grandes estradas e provocando erosão do solo, que levou a deslizamentos sobre as ravinas, tornando-as intransitáveis.

O balneário Cancún, no México, de acordo com Carlos Meira Trigueiro (1999, p. 17) recebe mais de 3 milhões de turistas por ano. Vale considerar que esse destino foi vila de pescadores e, que, segundo Mendonça (1996, p. 21), no processo de implantação da infra-estrutura turística, eliminaram-se vários ecossistemas originais para a construção de hotéis, habitantes locais foram transferidos para outras localidades, as ruínas da Civilização Maia ficaram no fundo dos hotéis e as praias foram privatizadas. No entanto, na atualidade, há cerca de 4 décadas, quando se divulga esse produto, apela-se para suas origens, suas riquezas naturais, seu povo, para o testemunho de antigas e evoluídas civilizações, passando uma imagem positiva de centro turístico cultural e de lazer náutico da região do Caribe, mesmo não estando consonante com os princípios da sustentabilidade.

De acordo com Archer e Cooper (1994, p. 74), o impacto gerado pelo turismo depende tanto das características do destino turístico, como recursos naturais, nível de desenvolvimento, estrutura política e social, quanto do volume de turistas e de algumas das características do perfil desses visitantes, como a duração da estada, a atividade profissional deles, transporte utilizado, plano da viagem, formação, entre outras. Do mesmo modo que o turismo agride o meio

ambiente, o meio ambiente também poderá prejudicar, consideravelmente, o desempenho da atividade turística. Os efeitos da poluição ambiental, através da acidez do meio ambiente proveniente do escapamento de gases, da precipitação ácida, deterioram a qualidade do ar, da água, da terra, levando à perda de valor de estações de férias, de bosques e zonas naturais, tornando-os menos atrativos. A exemplo da deterioração florestal na Polônia, na República Checa, do patrimônio artístico (monumentos e edifícios históricos) de Roma, Florença, Nápoles, na Itália, citados por H. Boers e M. Bosch (1995).

No ano de 1987, Dora Abreu (2001, p. 39) faz a observação de que os corais de Porto Rico, no Caribe, estavam ficando brancos em decorrência do aquecimento da Terra. O Comitê Oceanográfico Internacional da Organização das Nações Unidas (ONU) atribuiu o fato ao aumento da temperatura da água, causado pelo efeito estufa, que promove o desaparecimento de algas microscópicas responsáveis pelas cores dos corais. Sem essas algas, os corais também se tornam frágeis e acabam não dispondo de energia suficiente para a reprodução. Hotéis instalados em praias paradisíacas, providas de piscinas naturais de corais, podem deixar de ser atrativos, caso esses corais venham a desaparecer. Em 1997, o World Life Found to Nature (WWF) divulgou um informe, dando conta de que os recifes de corais no Chile poderiam extinguir-se.

Os autores Boers e Bosch (1995) afirmam que os resíduos líquidos e sólidos, dejetos domésticos e agrícolas, jogados em mares, lagos e rios, levam ao não-aconselhamento de banhos, nados em águas por razões sanitárias. A falta de tratamento de águas residuais e o excesso de fertilizantes provocaram a invasão de algas na Costa Norte do Mar Adriático, na Itália, tornando as praias pouco atrativas para os turistas. A concentração de nitrogênio e fósforo no meio ambiente provocado, principalmente, pelo excesso de fertilizantes no solo e despejo de esgotos em cursos de água, causa um crescimento exagerado de algas, promove a queda do nível de oxigênio dissolvido, essencial para a vida de

espécies aquáticas. Esse fenômeno, denominado eutrofização, impede atividades de recreação, como pedalinhos em lagos, mares, comenta Abreu (2001, p. 43).

Luiz Roberto Tommasi (1994, p. 212) afirma que a deposição inadequada de esgotos, lixo urbano e hospitalar, no mar, nos estuários, nas lagunas costeiras e nos manguezais, leva à contaminação de suas águas, do sedimento de fundo, de ostras, mariscos, peixes e outros, por microorganismos patogênicos, provocando infecções e doenças. Os prejuízos causados à camada de ozônio aumentam a quantidade de radiação ultravioleta na superfície da terra, sendo perniciosa para a pele humana, gerando lesões que podem se transformar em câncer de pele. O Estado de Queensland, na Austrália, por exemplo, considerado o paraíso dos surfistas, geralmente tem 364 dias de sol por ano e índices elevados de lesões cutâneas em olhos e ouvidos, transformando a Austrália no país com o mais alto nível de câncer de pele *per capita* do mundo. Grandes concentrações de ozônio no solo, poluição na atmosfera nas zonas urbanas vêm tornando cidades menos atrativas, a exemplo de Milão, na Itália, e Atenas, na Grécia.

Esses exemplos demonstram que a economia e a ecologia devem estar integradas para que todos possam se beneficiar. Conforme é destacado em Nosso Futuro Comum (1991, p. 68), as preocupações econômicas e as ecológicas não se opõem necessariamente, desde que haja mudança de atitudes e objetivos, e novas disposições institucionais em todos os níveis. Os interesses e objetivos se compatibilizam, quando se busca o ganho de todos, não só individual, ou de um determinado grupo. Juntos, serão mais fortes na procura de soluções para as conseqüências socioeconômicas da crise ambiental como problemas sanitários, fome, agravamento das desigualdades sociais, desemprego e outras.

O que foi apresentado, caracteriza-se como modelo de desenvolvimento do turismo aplicado, majoritariamente, até os dias atuais em todo o mundo, inclusive no Brasil. Na Bahia, por exemplo, apesar de ser um destino ainda pouco explorado, baseiam-se na reprodução do sistema capitalista, com fins imediatistas, comprovados pela destruição da natureza, concentração de renda, manutenção

da miséria, pobreza e desigualdades. Para Brohman (1996b, p. 48) *apud* Telfer (2002, p. 62) a indústria do turismo do Terceiro Mundo cresceu rapidamente, mas tem encontrado problemas comuns a outras estratégias de desenvolvimento existente, incluindo excessiva dependência do estrangeiro, reforço das diferenças socioeconômicas e espaciais, destruição ambiental e crescente alienação cultural.

Urge, portanto, analisar a versão do turismo enquanto solução para os problemas econômicos, e apresentar a importância do desenvolvimento sustentável como o termo que exprime o atual e ainda nascente paradigma que pretende amalgamar uma íntima simbiose entre gestão ambiental, desenvolvimento econômico e aspectos socioculturais. Mesmo sabendo que qualquer tipo de atividade humana contribui para a modificação das condições naturais do ambiente, acreditamos no turismo como uma alternativa de minimização dos problemas vigentes no mundo moderno, desde que a sua implementação resulte de modelos que primem pelo crescimento econômico com a participação da comunidade, respeitando as culturas, conservando e preservando o meio ambiente, obedecendo assim aos princípios da sustentabilidade. Faz-se necessário, conforme sugere Sueli Ângelo Furlan (1996, p. 127), atentar para o seguinte:

> qualquer intervenção humana sobre a natureza tem de responder a 2 questões preliminares que a meu ver são básicas e que definem caminhos distintos na conservação ambiental: para a conservação da natureza interessa *como* se fará a intervenção? Para a sociedade interessa quem e para quem se fará a intervenção?

O turismo poderá ser, então, uma das opções econômicas para soluções de muitas questões ambientais, e significar a preservação da natureza, a harmonia entre ecologia e economia através de uma administração inteligente dos recursos naturais. Poderá também representar uma estratégia de desenvolvimento, privilegiando crescimento econômico, a médio e a longo prazos, às custas dos recursos naturais, mas crescimento moldado num paradigma da sustentabilidade, cuja característica, conforme vimos, consiste na conciliação entre o

desenvolvimento, a preservação ecológica e a melhoria da qualidade de vida do homem.

Do ponto de vista econômico, essa atividade poderá gerar fluxo de moeda estrangeira para o núcleo receptor, afetando positivamente a balança de pagamentos, o faturamento das empresas, o aumento da oferta de emprego e o incremento das receitas locais. Poderá ainda possibilitar a melhoria da distribuição de renda, o aumento da renda familiar, a manutenção e a melhoria dos serviços, a diversificação de atividades, o apoio às pequenas empresas locais e a integração de nova fonte de renda.

No âmbito social, que sofre o impacto dos fatores econômicos e políticos, o turismo poderá viabilizar a melhoria da qualidade de vida, sobretudo da população do núcleo receptor, e dos níveis de educação, podendo ser considerado um agente de paz, compreensão e amizade entre os povos. No caso do turismo rural, por exemplo, o homem do campo poderá tornar sua propriedade auto-suficiente, não necessitando, portanto, de vendê-la. Nesse sentido, haverá diminuição do êxodo rural e as propriedades serão dos habitantes locais, reduzindo assim o esvaziamento do campo, diminuindo os fluxos migratórios para centros urbanos. Se o trabalhador rural tiver opção de sobreviver, ele permanecerá na região. Isso promove sua aproximação das condições naturais de produção e inibe o inchaço das grandes aglomerações urbanas.

No que se refere aos benefícios culturais, percebemos que poderá se estabelecer um intercâmbio de experiência entre povos de diferentes origens, a utilização de mão-de-obra local, fortalecimento das bases culturais, resgate das raízes culturais, manutenção de costumes e tradições locais, interesse da comunidade por atividades culturais, valorização da arquitetura popular e outros. Poderá significar uma retomada da memória das tradições milenares, das experiências acumuladas das culturas. Seria essa uma atitude ética em benefício das gerações futuras.

No campo ambiental, observamos que o turismo poderá promover melhorias nas zonas naturais, através da sensibilização com o meio ambiente e com os produtos turísticos e da manutenção de atividades agropecuárias. O turismo poderá contribuir para uma (re) educação, ou adoção de modo de vida que envolve respeito à natureza, tornando-se uma opção benigna do ponto de vista ecológico. Poderá também desenvolver uma função de preservação, valorização e conservação ambiental, transformando-se numa atividade séria, de caráter essencialmente social, cultural, econômico e político.

Estão apontados aí alguns dos benefícios que poderão ser promovidos pela exploração da atividade turística, desde que, mediante a aplicação do desenvolvimento alternativo, ela prime por planejamento criterioso, articulado e competente, ponha a comunidade no processo e contenha programas e projetos de educação para todos, incluindo os turistas e outros atores da rede turística[2]. Assim sendo, teoricamente, o turismo deveria produzir ganhos inversamente proporcionais aos seus custos, destaca William F. Theobald (1994, p. 69). Nesse sentido, todo turismo deveria ser pautado em conhecimento prévio do ambiente a ser colocado à disposição do uso turístico, do funcionamento da natureza e dos seus limites ecológicos ao projetar infra-estrutura e equipamentos turísticos. Qualquer tipo de turismo tem de se adequar às fragilidades do meio e ser capaz de gerir e controlar impactos ambientais, conforme podemos ver no QUADRO 3, a seguir.

[2] Entendida por esta autora (2000, p. 51) como uma “teia” de múltiplas ligações interdependentes. Os atores estão interligados com a finalidade de oferecer serviços ao turista e este se apresenta como a mola propulsora do sistema.

QUADRO 3 - Princípios do Desenvolvimento Sustentável do Turismo.

PRINCÍPIOS	OBJETIVOS	CARACTERÍSTICAS
Conservação e uso do meio ambiente e dos recursos naturais em benefício das gerações do presente e do futuro.	usar os recursos de forma sustentável.	a conservação e o uso sustentável dos recursos - naturais, sociais e culturais - é crucial, e garante os negócios a longo prazo. Há freqüentes conflitos de interesse sobre o uso de recursos, o que significa que, na prática, abrir mão de vantagens e estabelecer compromissos pode ser necessário. O balanço de custos e benefícios nas decisões sobre diferentes cursos de ação deve abranger até a verificação de quanto os diferentes indivíduos e grupos ganharão, ou perderão.
Todos os seres humanos têm direito ao meio ambiente adequado para sua saúde e bem-estar.	reduzir o consumo exagerado e o desperdício.	a redução do consumo exagerado e do desperdício evita o custo da recuperação do meio ambiente, danificado ao longo do tempo, e contribui para a boa qualidade do turismo. A abordagem, geralmente, não é contra o crescimento, mas enfatiza que há limites para ele, e que o turismo deve ser administrado dentro desses limites.
Manutenção dos ecossistemas e dos processos ecológicos essenciais para o funcionamento da biosfera, e preservação da diversidade biológica.	manter a diversidade.	manter e promover a diversidade natural, social e cultural é essencial para o turismo sustentável de longo prazo, e cria uma base resistente para a indústria do turismo. A preocupação da gestão do turismo sustentável não é apenas ambiental, mas também econômica, social, cultural, política e administrativa.
Conservação como parte integral do planejamento e implementação do desenvolvimento de atividades.	integrar o turismo ao planejamento.	o empreendimento turístico integrado num contexto de planejamento estratégico, nacional e local, e submetido aos Estudos de Impacto Ambiental (EIAs), aumenta a viabilidade do turismo a longo prazo. É necessário um pensamento a longo prazo e não a curto prazo. Embora o desenvolvimento sustentável devesse ser um objetivo para todas as políticas e ações, pôr em prática as idéias de turismo sustentável significa reconhecer que, na realidade, há quase sempre limites para o que será alcançado a curto e a médio prazos.
Cooperação na implementação de procedimentos certos e obrigatórios.	apoiar as economias locais.	o turismo que apóia uma ampla série de atividades econômicas locais e que leva em conta os custos e valores ambientais, protege essas economias e evita danos ao meio ambiente. A abordagem vê a política, o planejamento e a administração como apropriados e, realmente, como respostas essenciais aos problemas de mau uso de recursos naturais e humanos no turismo.
Informação para as pessoas a respeito da maneira certa de uso dos procedimentos jurídicos e processos administrativos.	envolver as comunidades locais.	o envolvimento total das comunidades locais no setor do turismo não só traz benefícios a elas e ao meio ambiente em geral, mas também melhora a qualidade da experiência do turismo. Todos os participantes precisam ser consultados e imbuídos de poder para tomarem decisões na área de turismo, e também estarem informados sobre questões de desenvolvimento sustentável.
Estabelecimento dos padrões de uso adequados do meio ambiente.	consultar os investidores e o público.	as consultas a investidores, comunidades locais, organizações e instituições são essenciais, se todos quiserem trabalhar juntos e conciliar interesses potencialmente conflitantes.
Conscientização para a percepção do significado do meio ambiente.	treinar equipes.	o treinamento de equipes que integram o turismo sustentável, além do recrutamento de pessoal local em todos os níveis, melhora a qualidade do produto do turismo.
Levantamento das necessidades do visitante, do lugar e da comunidade.	fazer o *marketing*.	o *marketing* que fornece informações completas e responsáveis, aumenta o respeito dos turistas pelo meio ambiente natural, social e cultural das áreas de destino, e a satisfação dos clientes.

		A abordagem enfatiza a importância de satisfazer necessidades e aspirações humanas, o que implica uma preocupação notória com igualdade e justiça.
Cooperação no desenvolvimento de soluções e proposições significativas para a qualidade ambiental.	realizar pesquisas.	a pesquisa contínua e o monitoramento pela indústria do turismo, coletando e analisando dados, é essencial para a resolução de problemas, além de trazer benefícios às localidades de destino, à própria indústria do turismo e a seus consumidores. É necessária a compreensão de como funcionam as economias de mercado e conhecer as culturas, os procedimentos de gestão de negócios do setor privado, as organizações do setor voluntário, os valores e atitudes do público, a fim de transformar boas intenções em medidas práticas.

Fonte: Elaborado pela autora, baseada em Tourism Concern (1992) *apud* David A. Fennell, (2002, p.33); Bramwell et al. (1996) *apud* John Swarbrooke (2000, p. 21); WCED, 1987 *apud* Colin Hunter (1995, p. 56); Colin Hunter e Howard Green (1995, p. 70 e 71); English Tourist Board (ETB et al.,1992) *apud* Colin Hunter e Howard Green (1995, p. 78).

Os princípios ilustrados no QUADRO 3, que apóiam a gestão do turismo sustentável, estão sendo aplicados em alguns segmentos da atividade, como meios de hospedagem, operadoras, transportadoras e outros. Porém, esses esforços em busca de níveis satisfatórios para a sustentabilidade são, majoritariamente, uma dimensão ambiental, de forma isolada, visando interesses particulares, que culminam quase sempre em aumento do lucro e *marketing* institucional. Segundo Sérgio Molina (1998, p. 171 e 172), essa qualidade ambiental de empresas e de destinos turísticos deve ser determinada por aspectos, como:

- sistema de economia de água e energia, e para a redução do volume de desperdício;
- filosofia empresarial e estilos gerenciais, reconhecendo aqueles relacionados com o impulso de estratégias sustentáveis;
- contemplação de planos de desenvolvimento geral e urbano, sistemas de avaliação de impactos ambientais, participação da comunidade;
- programas de financiamento a empresas e atividades, orientados a uma gestão responsável do meio ambiente;
- desenhos arquitetônicos articulados com a paisagem;
- características dos produtos e das atividades que se promovem entre os visitantes;
- qualidade do ar, do solo, níveis de ruído;
- programas de educação e informação ao visitante;

- mecanismos de prevenção de impactos ambientais e culturais;
- medição de impactos acumulados, que se devem considerar de maneira diferente como se valoram os impactos isolados;
- contribuição aos esforços pela conservação, que se efetua por empresas privadas, ou por todas aquelas organizações que obtenham um benefício pelo usufruto do meio ambiente natural; e
- existência de tecnologia para a reciclagem de resíduos.

As pressões exercidas pela prática do turismo poderão ser em relação à capacidade de carga, que pode ser aliviada com a avaliação científica da capacidade do solo, com o uso controlado de água, com substitutos de combustíveis, uso de recursos energéticos renováveis, conservação e uso eficiente de energia. Nesse sentido, conforme Archer e Cooper (1994, p. 76),

> há necessidade de planejamento realista e da fiscalização efetiva do cumprimento das regulamentações do planejamento para reduzir os possíveis conflitos de interesse e, quando for o caso, conservar características notáveis e incomuns para o desfrute de gerações futuras de visitantes assim como de residentes.

Para o alcance desses princípios e objetivos, dentre as modalidades de turismo, a que mais se aproxima do turismo sustentável é o turismo alternativo (TA). Entendendo-se, é claro, o desenvolvimento sustentado do turismo como a proteção e a conservação da ecologia de uma área a fim de manter sua vida útil por um longo período de tempo, segundo Theobald (1994, p. 69).

2.2.1 Turismo Alternativo

Turismo alternativo é um termo genérico que engloba toda uma série de estratégias de turismo. Conhecido como turismo ameno, turismo ético, turismo de pessoas para pessoas, turismo brando, turismo controlado, turismo em pequena escala, turismo de baixo impacto, turismo campestre, turismo de natureza, turismo gentil, turismo progressivo, turismo responsável, turismo apropriado e turismo verde, na visão de Fennell (2002, p. 21). O conceito de turismo alternativo como processo que promove uma forma justa de viagem entre membros de diferentes comunidades e que busca alcançar a compreensão mútua, a solidariedade e a igualdade entre os participantes, foi endossado pelos participantes da Coalizão Ecumênica para o Turismo no Terceiro Mundo (CETTM), em 1984, em Chiangmai, na Tailândia.

Para E. Cohen (1987, p.13 a 18) *apud* Macleod (2001, p.166 e 167), o conceito do turismo alternativo é composto por 2 concepções principais. Uma delas vê essa modalidade de turismo como uma reação ao consumismo moderno, e ao turismo de massa. É praticado por pessoas que procuram espontaneidade. A outra concepção o vê como uma possibilidade de compreensão mútua, impedindo a degradação ambiental e cultural, como reação à exploração do Terceiro Mundo. A sua filosofia, segundo Fennell (2002, p. 21), é a de garantir que as políticas de turismo não se concentrem apenas nas necessidades econômicas e técnicas, mas enfatizem a demanda por um ambiente não-degradado e a consideração das necessidades da população local. O turismo alternativo coloca os recursos naturais e culturais como prioridade no plano de desenvolvimento e do planejamento, entre outras vantagens apresentadas no QUADRO 4, a seguir.

QUADRO 4 - Vantagens Potenciais Derivadas de uma Estratégia de Turismo Alternativo.

ASPECTOS	VANTAGENS POTENCIAIS
HOSPEDAGENS	*não sobrecarrega a comunidade. *os benefícios, como empregos, consumo, estão distribuídos de maneira mais equilibrada. *há menos competição com as casas e os negócios locais, quanto ao uso da infra-estrutura. *uma porcentagem maior dos rendimentos reverte-se para as áreas locais. *há mais oportunidade de participação no setor de turismo para os empresários locais. *compreende acomodação suplementar, microinstalações como *camping*, pequenos hotéis familiares locais, centros de férias, pousadas em aldeias, residências particulares alugadas, hospedagem paga.
ATRAÇÕES	*a autenticidade e o caráter peculiar da comunidade são promovidos e estimulados. *as atrações são educativas e promovem o desenvolvimento pessoal. *a população local pode se beneficiar com a existência de atrações, mesmo quando os turistas não estão presentes.
MERCADO	*os turistas não invadem os locais em grande número, e evita-se assim o estresse. *são evitados os ciclos de "maré alta e baixa" de turistas, promovendo-se assim o equilíbrio. *em geral esse turista é um tipo de visitante mais conveniente. *há menos vulnerabilidade para a quebra em mercado único. *turismo ativo como caminhadas, *trekkings*, exploração, turismo "forçado" como serviço voluntário no estrangeiro, escavações arqueológicas, entre outros que envolvem dedicação. *estabelece mais contato com a população local. *é defensor do ambiente e do desenvolvimento sustentado.
IMPACTO ECONÔMICO	*a diversidade econômica é promovida para se evitar a dependência de um único setor. *os setores interagem e reforçam-se mutuamente. *os rendimentos brutos são proporcionalmente maiores e o dinheiro circula dentro da comunidade. *são gerados mais empregos e mais atividades econômicas. *complementa a renda de moradores da periferia.
REGULAMENTAÇÃO	*a comunidade toma as decisões críticas de desenvolvimento e estratégia. *há um melhor planejamento para a adequação às capacidades ecológicas, sociais e econômicas. *o enfoque holístico enfatiza a integração e o bem-estar dos interesses da comunidade. *o enfoque de longo prazo leva em conta o bem-estar das futuras gerações. *a integridade dos bens fundamentais está assegurada. *a possibilidade de irreversibilidade é reduzida.
ORGANIZAÇÃO DA VIAGEM	*estímulo à proliferação de micros e pequenas empresas que trabalham com segmentos e nichos de mercado. *florescimento de ONGs, sociedades beneficentes, entre outras do gênero.
RELAÇÃO TURISTA - RESIDENTE	*desenvolvimento de receptivo alternativo. *criação de centros de discussão sobre integração econômica, social, ecológica, urbana e outras. *controle local e autodesenvolvimento. *proeminência do sistema local na supervisão do turismo.

Fonte: Elaborado pela autora, baseada em Weaver (1993) *apud* David A. Fennell (2002, p. 23), G.H.Cazes (1989, p. 117 a 126) *apud* Donald Macleod (2001, p. 167 e 168), Jost Krippendorf (1987) *apud* Donald Macleod (2001, p. 169).

Para M.Hitchcock, V.T.King e M.J.G.Parnwell *apud* Macleod (2001, p.168), o turismo alternativo é sustentado pelos seguintes princípios:

a. deve ser erigido sob a base do diálogo com a população local, que deve estar ciente de seus efeitos e ter peso político com relação à questão;

b. deve ser estabelecido sobre princípios ambientais sólidos, sensibilidade à cultura local e à tradição religiosa;

c. deve ser um meio de dar aos pobres uma participação razoável e mais eqüitativa nos lucros;

d. a escala do turismo deve ser planejada de forma a acompanhar a capacidade de sustentação da área local, medida em termos estéticos e ecológicos; e

e. pode ser usado para fortalecer liames entre o setor do turismo e outras formas de atividade econômica local.

Na óptica de Bob McKercher (2002, p. 18), o Turismo Alternativo desempenha um papel fundamental na concepção de sustentabilidade por motivos como ajudar a ampliar a base de produtos de uma região, fornecendo serviços de apoio, ou experiências para complementar a tendência atual de acomodações e atrações; proporcionar experiências turísticas de interesse especial para nichos de mercado; oferecer oportunidades de negócio de baixo custo a pessoas que residem em centros regionais; poder reduzir impactos sociais e ambientais adversos, disponibilizando meios de controlar as atividades turísticas; fornecer uma fonte de gerenciamento de fundos para áreas protegidas por meio de taxas de licenciamento; e conseguir propagar melhor a mensagem da proteção ambiental.

Swarbrooke (2000, p. 45) sugere que sejam cobradas taxas aos turistas para auxiliar o desenvolvimento do turismo sustentável; algumas suficientemente altas para desencorajar alguns deles a visitar certos lugares, reduzindo, assim, a demanda e os problemas que resultam do excesso de procura, e usando os fundos obtidos das taxas para ajudar na manutenção e no desenvolvimento da infra-estrutura de turismo local. Por outro lado, Butler (1981), *apud* Hunter e Green (1995, p. 47), apresenta 4 maneiras de aliviar a pressão do turismo no meio ambiente: a) mudança do tipo de turista, do turismo de massa para o turismo

alternativo; b) mudança do recurso de base, tornando-o mais resistente; c) educação; e, d) redução do número de turistas, observando o nível de capacidade de carga.

Para esse e outros autores, a melhor e, talvez, a única possibilidade de reduzir o impacto do turismo nos centros receptores seja a educação. Esses impactos precisam ser melhor compreendidos pelos responsáveis do turismo, como empresários, governos e outras agências do setor público, população local e turistas. Emerge, então, a necessidade de investimentos alicerçados em ética, na qualidade de vida e na gestão ambiental, viabilizados pela educação. De fato, as iniciativas econômicas não poderão tornar-se lucrativas perenemente, se não estiverem responsavelmente comprometidas com a sustentabilidade. Faz-se necessária, portanto, a maior participação da academia, dos empresários, dos operadores de turismo através de estudos e pesquisas sobre o impacto do turismo no meio ambiente, de desenvolvimento de tecnologias que possam promover a qualidade das atividades e de sofisticados sistemas de planejamento, gerenciamento, educação, pesquisa e monitoramento do meio ambiente.

Revelamos, assim, que faz parte das condições para se obter a sustentabilidade (NOSSO FUTURO COMUM, 1991, p. 65, 68, 69 e 70; SOBRAL, 1995, p. 31):

a. alteração das relações entre o saber, as competências e a profissão;

b. fomento, por parte das políticas públicas, para as organizações comerciais de modo que elas considerem os fatores ambientais nas tecnologias desenvolvidas;

c. orientação para as instituições de pesquisa a respeito dos objetivos do desenvolvimento sustentável e da proteção ambiental;

d. mudança nas estruturas legais e institucionais, que reforce o interesse comum, tornando possível o vínculo entre os setores produtivos, como a agricultura moderna, indústria petroquímica, energia, agronomia, comércio exterior;

e. criação, em cada município, de Conselho do Meio Ambiente integrado por representantes da sociedade civil, dos movimentos comunitários e das entidades ambientalistas para, juntamente com os empresários e o poder público, escolher as soluções mais adequadas nas decisões que afetam o meio ambiente;

f. reformulação das relações internacionais em busca de novos modelos de desenvolvimento socialmente mais justos e ecologicamente mais sadios;

g. autonomia da comunidade na administração e uso dos recursos, manifestando o interesse comum; e

h. fortalecimento da democracia local através de estímulos às iniciativas dos cidadãos, dando mais poderes às organizações populares.

E, para complementar, Antônio Teixeira Guerra (1969, p. 40) alerta, "(…) *só com leis não há conservacionismo"*. É preciso que seu povo seja educado, para obedecer a essas leis, já que o poder coercitivo dos poderes públicos é bastante difícil de ser exercido num país de tão grande área geográfica como o Brasil, por exemplo. Os planos nacionais de ação sobre o meio ambiente demandam educação, buscando formar cidadãos virtuosos, cuja conduta reflita os valores fundamentais da sociedade. As mudanças mais duradouras passam por uma transformação dos valores da sociedade.

Por tudo exposto até o momento, atribuímos à educação a via direta da ampliação da consciência das pessoas nas suas relações com os outros, com a vida comunitária e com a natureza. A partir dessa necessidade, apresentamos um Modelo de Educação Superior Sustentável, alicerçado num ciclo produtivo composto por IES, mercado de trabalho, investidores e sociedade em geral, inseridos em micros e macros contextos que envolvem variáveis sociais, econômicas, políticas, culturais, ecológicas e outras.

3 Modelo de Educação Superior Sustentável

Para Anthony Noel Dowsett (2001, p. 39) e Ribeiro (2000, p. 273), a educação é instrumento fundamental e um dos caminhos para o desenvolvimento de atitudes e valores na sociedade, para se alcançar melhor qualidade de vida, consciência de cidadania, mudança de mentalidade e, conseqüentemente, comportamentos de respeito e proteção ao meio ambiente natural e construído, através de ações ecologicamente prudentes.

Educação é vida, é aprendizagem constante em todos os momentos, é processo cultural, tendo em vista que cultura é a vida como é vivida. Ou, como afirma Mounier (1962, p. 522) *apud* Moaci Alves Carneiro (1987, p. 52 e 53), para um ser que se faz e se faz pelo desenvolvimento, tudo é cultura, a construção de uma usina, ou a formação de um corpo, a realização de uma conversa, ou o manejo do solo. A educação é o próprio *modus vivendi* da coletividade.

Compreendemos, aqui, a educação como condição primordial para a transformação de valores e da práxis humana, e para o pleno exercício de humanização. A razão de ser da educação é a busca da compreensão e da consciência de si, dos outros, da vida, do contexto em que se vive. Portanto, ela não é uma conquista do indivíduo, mas uma função da sociedade. Faz parte do capital cultural de uma sociedade. Assim, condutas, atitudes, valores, hábitos, crenças, produtos culturais e opções de lazer são reflexos do conhecimento acumulado a respeito de artes e cultura, do nível social, da faixa etária, da ocupação, entre outras variáveis.

A partir desse entendimento, e de que o ensino superior é um dos motores do desenvolvimento econômico, todo o sistema educacional deve formar um conjunto homogêneo e articulado, que proponha, fundamentalmente, orientações à transformação permanente de todos em busca do benefício da sociedade na

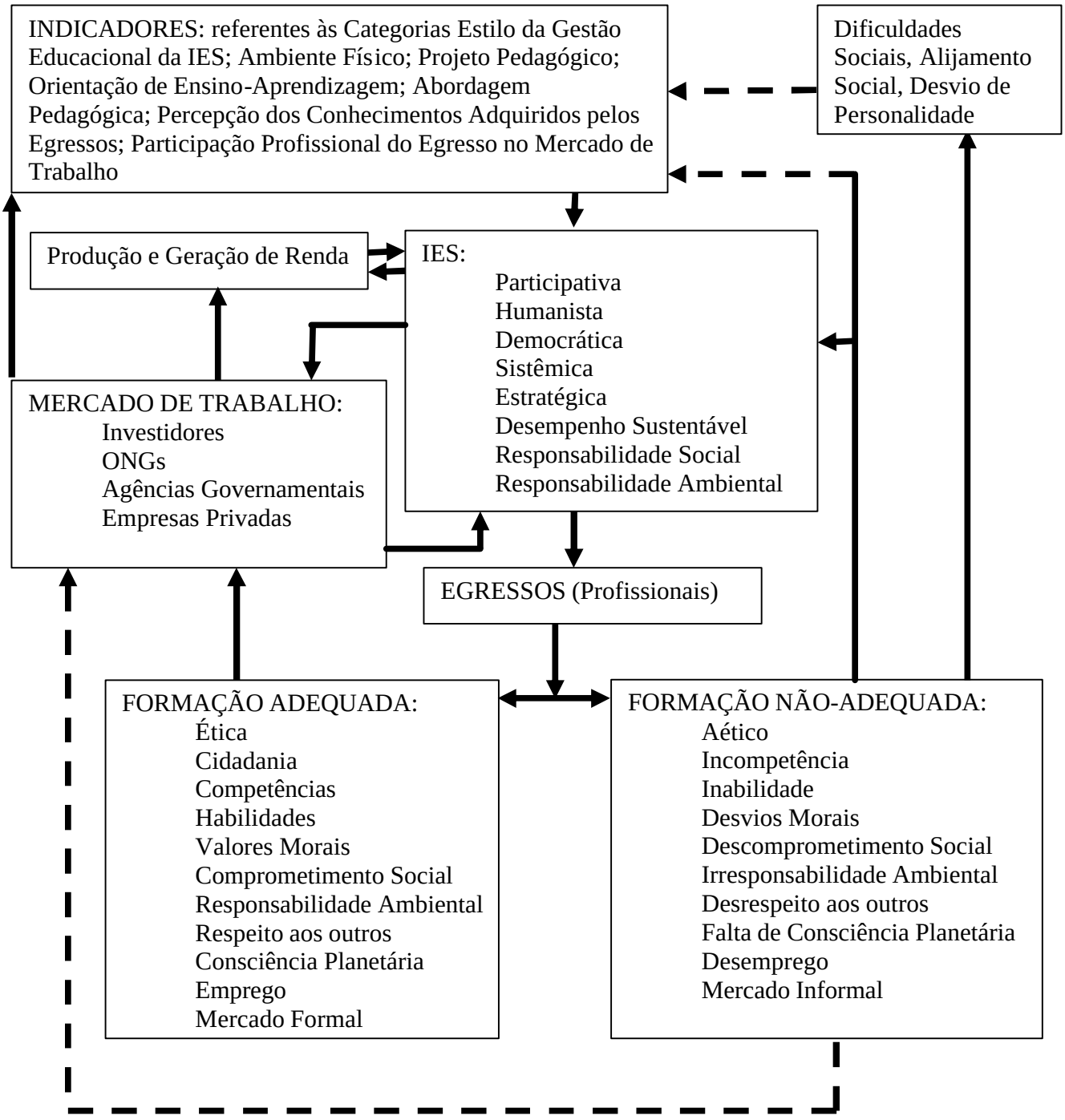
qual está imerso, visando atender às necessidades da realidade e às constantes e profundas mudanças que ocorrem no mundo. Portanto, é necessário que ele crie condições de desenvolver novos estilos de escolas e professores para atender às novas mudanças, reestruturando-se para oferecer educação de sustentabilidade para crianças, jovens e adultos, afirma Hargreaves (1994) *apud* Huckle (1996b, p.105).

Com base nessas assertivas, escolhemos entre os níveis e categorias de educação, a educação superior para efeito de análise dentro do modelo de educação superior sustentável. Isso porque acreditamos que as IES estão numa posição de destaque como formadoras de opinião, de massa crítica, possuidoras dos recursos necessários para a preparação de cidadãos e profissionais, e para contribuição ao desenvolvimento, crescimento e progresso social e econômico.

No modelo proposto, verificado na FIGURA 1, a seguir, as IES aparecem numa posição central. Neste estudo, elas são vistas como espaços onde serão processados e analisados os insumos extraídos do contexto social, transformando-os em soluções para a sociedade, através da criação de tecnologias, serviços e produtos compatíveis com as necessidades e desejos de todos em relação à melhoria da qualidade de vida e do meio ambiente. Nessa perspectiva, imaginamos que elas precisam reunir recursos materiais, financeiros, humanos e informacionais, assim como valores alicerçados na ética, na responsabilidade social e ambiental e nos princípios da sustentabilidade, em todo o processo de gerenciamento da educação superior.

Observemos, então, a FIGURA 1, a seguir:

FIGURA 1 - Modelo de Educação Superior Sustentável



Fonte: Elaborado pela autora.

Uma vez preenchidos esses critérios, as IES terão maior probabilidade de oferecer uma educação adequada à sustentabilidade, deduzindo-se que as pessoas formadas serão capazes de atuar como cidadãos, de forma responsável, comprometida e colaborativa. E, até, poderão ter sucesso ocupacional. De acordo com a teoria do Capital Humano, a educação é vista como um caminho para o crescimento de camadas mais baixas da sociedade, o que pressupõe que os gastos diretos com educação e treinamento são convertidos em melhores empregos, resultando em melhores rendimentos. A qualidade do esforço humano pode ser ampliada e melhorada e a sua produtividade incrementada, ou seja, o investimento dessa espécie será responsável pela maior parte do crescimento de rendimentos reais por trabalhador.

Os investimentos em educação geram conhecimentos e capacidades técnicas úteis. Quando aplicados no sistema econômico, geram impactos na produção nacional e podem ser revertidos em capital. Mas, a educação não é promessa de emprego, de sorte, de aumento de renda e de outros benefícios. Tratamos aqui da educação como meio de formação integral do indivíduo, destacando-se que a formação acadêmica por si só não garantirá êxito a ninguém, nem na vida pessoal, nem na profissional. É claro que existem muitos outros fatores que determinam os erros e acertos de cada pessoa.

Consideraremos a participação ativa do egresso no mercado como empregado, ou empregador, ou prestador de serviço, e verificaremos como a produção desse egresso está surtindo efeito positivo e direto no mercado e, inclusive, na IES onde se graduou. O resultado desse impacto poderá ser percebido em investimentos públicos ou privados em pesquisa, estudos tecnológicos, educação continuada e noutros serviços prestados pela IES. Isso significa dizer que a atuação do egresso gera uma imagem positiva da IES perante o mercado e a sociedade, induzindo-o a solicitar apoio dela, tornando-a provocadora do processo de desenvolvimento com sustentabilidade.

No modelo, a educação não-adequada à sustentabilidade está associada a uma atuação do egresso no mercado formal, ou informal de maneira prejudicial à sociedade, sem ética, sem cidadania, predatória ao meio ambiente. Nesse caso, a inatividade, aliada aos malefícios praticados pelo egresso, repercutirá negativamente no modelo de sustentabilidade, alimentando com isso a desigualdade social, os desvios de personalidade, as desmotivações, a violência, o alijamento, as segregações e outros problemas. Uma vez detectada essa condição, será dado retorno para que a IES verifique e reveja a sua proposta pedagógica, tendo em vista que ela não está correspondendo aos ditames da sustentabilidade.

A constatação de uma formação adequada ou não-adequada nutrirá o bojo de indicadores, tornando o modelo dinâmico, atual, eficiente, eficaz e cada vez mais próximo da sustentabilidade. Os indicadores de desempenho sustentável adotados precisam ser constantemente avaliados para se conhecer a situação da IES e do modelo como um todo.

Um jeito de saber se a sustentabilidade está sendo alcançada é através dos indicadores, que podem mostrar de forma efetiva as suas direções por meio de suas mensurações. Essas medidas de sustentabilidade não serão feitas neste trabalho. Deixamos a informação para o aprofundamento em estudos posteriores.

O modelo proposto poderá ser nutrido também pelos atores da rede turística, como governo, o *trade*, as ONGs, a comunidade em geral, os turistas, os investidores e outros. Conforme a OMT (1998, p. 265 e 266), cada um deles poderá desenvolver ações favoráveis ao desenvolvimento do turismo sustentável. No caso do governo, por exemplo, ele poderá desenvolver políticas conjuntas com os empresários; criar políticas de incentivo ao crescimento equilibrado; elaborar programas de avaliação de impactos sobre destinos turísticos; controlar a capacidade de carga; criar auditorias da qualidade ambiental; e incluir o turismo nos planos governamentais.

Temos conhecimento de que muitas instituições de educação superior reconhecem a importância da aplicação de políticas sustentáveis e o seu efeito publicitário. Elas desenvolvem uma série de objetivos, ou listas de iniciativas para implementação da sustentabilidade. Apenas para exemplificar, a Carta da Terra (Foundation, 1995) *apud* Dowsett (2001, p. 44), apresenta 3 direções a serem seguidas:

> 1. revisão anual, ou bianual dos impactos ambientais do campus, incluindo resíduos sólidos, substâncias arriscadas, lixos radioativos, estrago de medicamentos, desperdício de água, controle de pragas, qualidade do ar, ambiente de trabalho, água e energia, alimento, política de compras, transporte, desenho do campus e política de expansão, atividades de pesquisa, política de investimentos, ligações comerciais, educação ambiental, mercado de trabalho e carreira ambiental, etc;
>
> 2. emissão de informativo com recomendações, visando melhorar a *performance* em cada área, ordenando prioridades de ações, e estabelecendo metas para serem alcançadas na próxima auditoria; e
>
> 3. distribuição para todos os membros da comunidade do campus, incluindo administradores, funcionários do alto escalão, *staff*, faculdades, estudantes, alunos, fundação e corporação doadoras, administradores públicos, líderes ambientais, líderes comunitários e o público em geral.

Com base nessa possibilidade, verificaremos conceitos de educação superior, sustentabilidade e como as IES poderão ser sustentáveis.

3.1 Educação Superior e Sustentabilidade

Consideramos, neste trabalho, a educação superior como todo tipo de estudo, treinamento, ou formação para pesquisa em nível pós-secundário, oferecidos por universidades, ou outros estabelecimentos educacionais aprovados como instituições de educação superior pelas autoridades competentes do Estado.

A universidade se insere e opera num contexto cultural, do qual emergem novos veículos para a educação. Ela tem um papel relevante no processo de transformação e de resolução dos problemas mais complexos que afligem a sociedade, tendo em vista a sua forte participação na economia global e por estar mais bem equipada. Nela, poderão florescer contribuições substanciais para a

sustentabilidade e o desenvolvimento profissional de outras partes do sistema educacional e de outros grupos de aprendizagem, incluindo a comunidade.

Reconhecidamente, sustenta Leal Filho (2002, p. 9), muitas universidades mundo afora, como Bologna, Talloires, Melbourne University e outras, vêm realizando ações nessa direção através da produção de declarações de comprometimento para a sustentabilidade. Apenas para exemplificar algumas, a Declaração de Talloires (1990), a Declaração de Swansea, a Declaração de Kyoto (2001), a Carta de Copernicus (1994), a Declaração dos Estudantes para a Futura Sustentabilidade, a Carta da Terra, a Declaração de Lüneburg, Halifax (1991), a Declaração Internacional de Produção Limpa (1998), entre outras. (LEAL FILHO, 2002, p. 9; LUIS E. VELAZQUEZ, 2002, p. 347).

Debra Rowe (2002, p. 81) é contundente ao afirmar que a implementação de um paradigma da sustentabilidade é necessidade crucial para a sociedade e que ele deverá ser desenvolvido em cursos de graduação. Na educação superior, para Ribeiro (2000, p. 293 e 294), está a possibilidade de germinar um novo paradigma, holístico e ecológico, que questione de modo crescente o reducionismo e a fragmentação na ciência.

Parece unânime, para Leal Filho (2002), Dowsett (2001) e outros autores, que, dentre os níveis de formação, a educação superior é o caminho alternativo para um novo despertar, que poderá criar habilidades para solucionar os problemas da sociedade. Cabe, portanto, às IES a formação e a preparação de profissionais que ocupam posições de decisão hoje e que poderão influenciar e atuar no futuro nos processos de mudança para toda a sociedade. Dowsett (2001, p. 56) acrescenta que a educação necessita preparar os universitários para o desenvolvimento sustentável.

Como as IES possuem tamanho maior e mais atividades, currículo e programas mais diferenciados que as escolas primárias e secundárias, elas

oferecem a possibilidade de maior economia de recursos. Tal fato demanda das IES investimento em equipamentos e condições para cumprir obrigações ambientais através de debates nacionais, entre outras ações. Janet E. Dyment e outros (2002, p. 206) admitem que há crescente consenso de que a sustentabilidade requer entendimento a respeito dos lugares, ou das biorregiões, conhecimento dos princípios ecológicos e competência na sua aplicação, capacidade de pensar holisticamente, senso de respeito e admiração pelo mistério da vida, economia local auto-sustentável, capacidade de gerenciamento dos membros da sociedade, compromisso com a diversidade, justiça social e ambiental.

Ainda no que se refere à educação para a sustentabilidade nas universidades, Ribeiro (2000, p. 295) recomenda trabalhar previamente com currículos que dêem ênfase à ecologia da pessoa, da mente e do interior, promovendo uma formação integradora que transcenda a visão reducionista dos especialistas que perdem a visão de conjunto interconectado de aspectos sociais, ambientais, econômicos e outros. É necessário também prover o equilíbrio entre o ensino teórico e prático, bem como a ocorrência de atividades, trabalhos práticos, nos quais não só a visão racional e intelectual será estimulada, mas também a sensibilidade, por meio da intuição, emoções e sentimentos, desenvolvendo um espírito de compaixão, colaboração e solidariedade. Essa adesão ancora-se, de um lado, no amor à natureza e às pessoas; de outro, no temor às ameaças que o desequilíbrio ecológico e social podem trazer à segurança e à sobrevivência individual e coletiva.

Leal Filho (2002, p. 20 e 21), tomando como base pesquisas e estudos de muitos autores, apresenta 6 lições fundamentais para o entendimento da sustentabilidade na educação:

1. sustentabilidade não pode ser necessariamente uma disciplina;
2. sustentabilidade não é um assunto de domínio de uma área apenas. Nenhum educador, nem ambientalistas poderão se considerar donos da sustentabilidade;

3. existem flexíveis abordagens para ensinar sustentabilidade. As vias normais são as leituras, o trabalho de campo, ou as páginas *web*;

4. sustentabilidade precisa ser prática. Embora sejam úteis as discussões teóricas sobre o que deve, ou não ser sustentabilidade, ela tem tido lugar nos últimos 14 anos. Já está na hora de se fazer alguma coisa de cunho prático;

5. o currículo precisa mudar. Seria difícil para as instituições de educação superior fazerem um progresso sistemático sobre o ensino de sustentabilidade sem que haja mudança no currículo; e

6. qualquer um pode fazer isso. É muito freqüente universitários pensarem que não são capazes de vencer o desafio de ensinar de forma sustentável. Alguns por muitos anos têm feito isso com sucesso sem se dar conta de que o que fazem é sustentabilidade.

Para ele, Leal Filho (2002, p. 15), o maior desafio à implementação e sucesso da sustentabilidade nas instituições está nos seus requisitos fundamentais, como o pensamento interdisciplinar e holístico, a cooperação intersetorial entre agências governamentais, indústria, ONGs, academia e outros.

Os objetivos da educação para a sustentabilidade apresentados por McKeown (2001) *apud* Diane Pruneau e outros (2002, p. 45 e 46) são:

a. desenvolver nos estudantes conhecimento e compreensão dos princípios básicos do desenvolvimento sustentável na forma como são aplicados nas ciências naturais, ciências sociais, economia, arquitetura, artes, entre outras;

b. instruir sobre vários problemas ambientais (ecológicos, econômicos e sociais) para que a humanidade possa encontrar as soluções que garantam sua sobrevivência;

c. desenvolver nos estudantes o hábito de pensar nas seguintes perspectivas:

   c.1. histórica e processual;
   c.2. elo entre o local e o global;
   c.3. trato comum para com todos os seres humanos;
   c.4. hábito de considerar os vários pontos de vistas antes de tomar decisões, ou formar opiniões;
   c.5. idéia de que tecnologia e ciência não podem resolver todos os problemas; e
   c.6. fato de que as atitudes e interações dos indivíduos devem estar de acordo com os seus valores religiosos, econômicos e sociais, assim como com os seus interesses pessoais.

d. encorajar a adoção de valores relacionados ao desenvolvimento sustentável, tais como valores espirituais, valores agregados a estilos de vida menos consumistas, a importância da ecologia da terra no seu estado natural, identidade comunitária e ajuda mútua, entre outros; e

e. desenvolver as habilidades necessárias para interpretar a capacidade de carga dos recursos regionais, como:

e.1. comunicação eficiente;
e.2. pensamento sistêmico;
e.3. inclusão da dimensão temporal para pensar (previsão, planejamento);
e.4. análise crítica de valores;
e.5. distinção entre noções de quantidade, qualidade e valores;
e.6. tomada de decisão;
e.7. colaboração;
e.8. uso de processos mentais, como conhecer, agir, julgar, imaginar, valorizar, escolher, criar elos e auto-interrogação; e
e.9. produção de respostas em sintonia estética com o meio ambiente.

Esses objetivos serão relevantes e promissores no desenvolvimento de estratégias pedagógicas, já propostas na literatura sobre meio ambiente e aplicadas como resolução de problemas ambientais, no desenvolvimento da sensibilidade através da natureza e na educação do futuro. Essas práticas poderão ser observadas nos exemplos apresentados a seguir.

3.1.1 Alguns Exemplos de Sustentabilidade na Educação Superior

Dowsett (2001, p. 44) apresenta um exemplo do tipo de política ambiental implementada pelas universidades, que se esforçam para:

- aumentar a consciência de estudantes e do *staff* em relação aos benefícios da economia de energia, das nossas responsabilidades ambientais através da educação e treinamento apropriados, como pesquisas, desenvolvimento de projetos e consultorias;

- integrar o uso de energia, políticas de gerenciamento ambiental e práticas dentro de todas as atividades;

- agir imediatamente para superar os problemas ambientais potencialmente sérios. Mesmo que a magnitude do risco seja incerta, deve-se implementar;

- reduzir o consumo de combustível fóssil nas operações através da maior eficiência no uso de energia e da substituição por energias de recursos renováveis, onde isso for viável.

- introduzir apenas tecnologia apropriada, fácil de operar, ainda que possa complicar o projeto, tolerando erros;

- estimular o aparecimento do comportamento sustentável:
    1. usando sistemas com melhores projetos;
    2. conservando recursos e adotando princípios de conservação e perdas;
    3. minimizando gastos;
    4. empregando materiais naturais; e

5. reduzindo o lixo e entulho.

- satisfazer o ambiente, usando formas de suprimento que não afetem a política de sustentabilidade;
- evitar o uso desnecessário de materiais, ou processos perigosos, tomando todos os passos de prevenção e cuidados com seres humanos e as demandas ecológicas, caso o sistema tenha de ser usado;
- estabelecer uma política racional de transporte;
- prover segurança, saúde e condições de trabalho a todo o *staff*, estudantes e visitantes no recinto da universidade;
- promover proteção ecológica, conservação dos *habitats* dos locais selvagens, para ampliar a biodiversidade do campo e das áreas vizinhas;
- produzir efeitos benéficos resultantes das atividades da universidade em termos locais, regionais e em ambientes globais continuamente monitorados; e
- seguir leis nacionais e regulamentos.

O World Business Council for Sustainable Development (1992) *apud* Dowsett (2001, p. 46) entende que a ecoeficiência é alcançada pelos bons preços competitivamente livres e por serviços que satisfaçam às necessidades humanas e tragam qualidade de vida. Também enquanto progressivamente reduz os impactos ecológicos e a intensidade no uso de recursos, através do ciclo de vida, para um nível mínimo na linha de capacidade de carga da terra.

Na visão de Dowsett (2001, p. 44), para que as IES tenham a oportunidade de ser líderes pelo projeto, precisam promover a sustentabilidade e ter uma situação axiomática a fim de proporcionar estímulo educacional e rigor para dirigir mudanças nas frentes social, tecnológica e política. Peck (2000) *apud* Dowsett (2001, p. 45) apresenta princípios usados para demonstrar se uma instituição educacional é ecoeficiente, ou possui um sistema de gerenciamento ambiental forte e largas iniciativas de sustentabilidade.

A seguir, apresentamos as políticas que podem ser adotadas para obter a ecoeficiência, segundo Peck *apud* Anthony Noel Dowsett (2001, p. 48):

> a. usar menos material, energia e desperdício poderá diminuir custos;
>
> b. prever a elevação de energia, material, ou custo de poluição e fazer melhoramentos eficazes para evitá-los, poderá ganhar vantagem competitiva em relação aos concorrentes menos inovadores, que reagem somente quando a crise chega ao ápice;
>
> c. reduzir os riscos ambientais e responsabilidade potencial poderá reduzir seus empréstimos e custos de seguro;
>
> d. demonstrar melhor desempenho ambiental em resposta às preocupações ambientais de seus clientes, poderá ganhar uma larga fatia de mercado;
>
> e. implementar uma política de compra que respeite o meio ambiente, possibilita a abertura do mercado para novas iniciativas e novas tecnologias (...);
>
> f. transformar inovações em trabalho e oportunidades a partir dos princípios ambientais da produção (...); e
>
> g. encorajar a produção e o consumo local sempre que for economica e ambientalmente viável (...).

A Declaração de Talloires (1990) *apud* Dowsett (2001, p. 56), por exemplo, aponta a necessidade de supervisor especial, ou de um grupo especializado para promover programas ambientais com a universidade e sugere: a) reserva de fundos e criação de posições para especialistas interdepartamentais e entre escolas, que irão pesquisar e ensinar sobre população, meio ambiente e desenvolvimento sustentável; b) estabelecimento de política ambiental na universidade que englobe especialistas, a administração e estudantes em atividades como reciclagem e conservação de energia e água; c) encorajamento do pensamento multidisciplinar com o uso de seminários integrados, trabalhos estudantis e estudos de casos; e, por fim, d) estabelecimento de programas para produzir expertos em gerenciamento ambiental, em desenvolvimento sustentável da economia, em população e áreas relacionadas para assegurar que as universidades formem estudantes ambientalmente letrados e com responsabilidade social.

Como parte do programa *Environment and School-Initiative* (ENSI), apoiado pela Organization for Economic Cooperation and Development (OECD), escolas de diferentes países, denominadas Ecoescolas, juntaram-se em redes que apóiam iniciativas que contenham princípios ecológicos e seus procedimentos

operacionais e estruturas de currículo. Embora estejamos um pouco fora do foco de nosso trabalho que está voltado para o estudo das IES, vale destacar o caso da Áustria. Nesse país, 22 escolas primárias e secundárias estão utilizando esse apoio da rede para desenvolver, segundo a OECD (1999, p. 21):

1. uma cultura escolar baseada no reconhecimento e respeito mútuo;
2. medidas ecológicas para economizar recursos, reduzir o lixo e desenhar espaços internos e externos de maneira aestética e ecológica viável; e
3. experiências de aprendizado que envolvam os estudantes em maneiras ecológicas de pensar e agir na escola, em sua família e na comunidade.

Na educação superior, 3 possibilidades podem ser especificadas. Uma delas, a primeira, consiste na relação entre a IES e as ecoescolas, integrando sustentabilidade com práticas operacionais e programas de aprendizado. Só para citar, foi introduzida a matéria *Ecological Design*, na Oberlin College, nos EUA, onde os alunos, junto com os professores, desenham e constroem 100 metros quadrados de um centro ambiental. O projeto é desenvolvido em sala de aula onde os estudantes conversam com experto na área de *design,* enfocando aspectos, como uso eficiente de materiais reciclados, energia renovável, tratamento ecológico da água gasta, área de escape ecológica. No final do projeto, os estudantes têm a oportunidade de aplicar os princípios sociais, econômicos e ambientais que aprenderam em sala e fazer um projeto real na prática. (OECD, 1999, p. 26).

A segunda possibilidade consiste na criação de guias, formação de facilitadores e conscientização das pessoas sobre ecoconsumidores. Na Austrália, um centro universitário para educação ambiental em contato com o departamento provincial de defesa do consumidor escreveu 6 módulos do programa denominado *Eco-Consumers*, destinado à formação de professores multiplicadores de ecoconsumidores, que, por sua vez, conscientizam os alunos a respeito do comportamento no ato da compra de produtos e de itens de recreação, recomendando aqueles ambientalmente amigos da natureza e da saúde, através

de conceitos, como análise do ciclo da vida e os 5 RR – reciclar, reutilizar, recusar, reduzir, reeducar.

Com isso, os alunos aprendem a ler rótulos, a fazer perguntas e a estar mais informados antes de tomar decisões na hora da compra. Esse programa utiliza uma variedade de estratégias inovadoras, incluindo visitas a *shopping center*, simulação, jogos em sala de aula, análise dos anúncios da tevê, projeto de pesquisa para melhorar a atuação do consumo sustentável da própria escola, apostilas e guias *masters* como suporte no aprendizado para ser utilizado pelas escolas e professores sobre ecoconsumerismo. (OECD, 1999, p. 27).

Na terceira possibilidade, a universidade pode desenvolver educação ambiental na pesquisa. Existem muitas pesquisas nas áreas de educação e aprendizado, de meio ambiente e de sustentabilidade, mas, geralmente, sem ligação entre si. Isso por si só já define uma agenda de pesquisa ambiciosa. São esses os 3 pontos principais com que a educação superior pode contribuir de modo mais particular.

Foi criado um Consórcio de Universidade da América Latina e da Europa, a partir do programa América Latina Formación Académica (ALFA) da União Européia, visando o desenvolvimento de mecanismos para implantação prática da sustentabilidade, incluindo a Technical University of Hamburg, na Alemanha, o Royal Institute of Technology, na Suécia, a Universidade de Girona, na Espanha, a Universidade de São Francisco, no Brasil, a Universidade de Cuyo, na Argentina, e a Universidade Autônoma do México, no México. Essas instituições estão desenvolvendo um projeto denominado *Programme of Curriculum Greening* on University Studies. Conforme Leal Filho (2002, p. 10), existem, inclusive, organizações-chave que coordenam essas iniciativas, como a University Leaders for a Sustainable Future (ULSF), a Higher Education Network for Sustainability and the Environment, a Environment Association for Universities and Colleges, a

Australian Universities Environmental Managers Network, entre outras ao redor do mundo.

Na Inglaterra, a WWF desenvolveu o programa de educação *Reaching Out: Education for Sustainability,* publicado em 1995. É designado para apoiar um grande número de cursos, que compreendem teoria e prática, desde sessões de uma hora a módulos de 30 horas, com direito a certificado, ou diploma. Os módulos são subdivididos em 3 partes. As partes 1 e 3 introduzem a educação para a sustentabilidade e sua implementação em escolas e comunidades, enquanto que o módulo 2 focaliza mais escolas primárias e especialistas de outras áreas da escola secundária, como inglês, geografia e ciências. O estudo de educação ambiental da Nottingham Trent University envolve 3 temas - meio ambiente, educação e pesquisa para a comunidade e os negócios. (HUCKLE, 1996b, p. 111 e 112).

Na South Bank University, em Londres, a educação ambiental é feita a distância, por guias de estudo e usa materiais de organizações não-governamentais. Ela foi pioneira na oferta de mestrado, que combina meio ambiente, desenvolvimento e educação, diz Huckle (1996b, p. 112).

The University of British Columbia vem reduzindo gastos com eletricidade, gás e água no campus. A Cambridge University criou um *Committee for Interdisciplinary Environmental Studies* (CIES) que promove pesquisa e ensinamentos sobre meio ambiente e seu gerenciamento dentro da universidade e desenvolve pesquisa colaborativa em parceria com negócios em geral e a comunidade. Ela produziu um *database* de pesquisa ambiental, e teve as suas políticas aprovadas pelo conselho geral da universidade e publicadas na Repórter de 26 de junho de 1996. Em 1997, a universidade teve auditoria ambiental. Editou os boletins *Green Lines* para manter os departamentos informados sobre o desenvolvimento ambiental dentro da universidade, como informa Dowsett (2001, p. 18 e 51).

Na Nova Zelândia, em 1996, segundo Treeby (2000) *apud* Dowsett (2001, p. 53), o governo neozelandês publicou um documento denominado *Learning to Care for Our Environment*, apontando para o fato de que a educação é a chave da promoção do conhecimento, de atitudes e valores que podem ajudar as pessoas a fazerem a sua parte na sustentabilidade do meio ambiente através de suas vidas. Em abril de 2000, ele organizou uma comissão para fiscalizar as instituições de ensino superior, com o objetivo de identificar como está sendo desenvolvida a cooperação e colaboração com o governo da Nova Zelândia para tornar a sociedade líder mundial em conhecimento. Dentre os princípios adotados por essa comissão denominada TEAC (2000) *apud* Dowsett (2001, p. 53) destacam-se 2 deles:

> a. os recursos têm que ser usados de maneira eficiente, efetiva e ética, tanto pelo lado individual, quanto pelo sistema como um todo; e
>
> b. as IES têm que abrir a sua contabilidade para os investidores, incluindo o uso eficiente, efetivo e ético dos recursos com os quais eles foram envolvidos de maneira consistente com o seu propósito e com o princípio da autonomia.

Desde 1998, a University of Auckland (UOA), na Nova Zelândia, adota uma política ambiental, conduzindo seus ensinamentos, pesquisas e operações de uma maneira sustentável.

Nos Estados Unidos da América (USA), a George Washington University, desde 1994, começou as suas políticas ambientais, denominadas *GreenU*, ou *Green University Initiative*, em parceria com a U. S. Environmental Protection Agency. O seu plano estratégico era tornar a universidade mais eficiente e competitiva, baseada em sete princípios que incluem ecossistema, proteção, poluição, prevenção, pesquisa, contabilidade e justiça ambiental. As vantagens competitivas obtidas foram, segundo Dowsett (2001, p. 52):

> a. obtenção de senso comum, do custo-benefício para conservação de recursos preciosos e prevenção da poluição através da redução de lixo, do consumo de energia e despesas operacionais;

b. reutilização e reciclagem de materiais, utilização de produtos e serviços dos "amigos da natureza", gerando um impacto positivo no meio ambiente e na economia;

c. fortalecimento da credibilidade para recrutar estudantes, faculdade de topo, fundo de pesquisa, suporte dos ex-alunos, pacientes e outros usuários de seus serviços;

d. geração de financiamento e outros recursos para expandir o capital disponível e a capacidade de operação;

e. criação de novas oportunidades profissionais e geração de emprego;

f. melhoramento e sustentação do meio ambiente, promovendo melhor qualidade de vida dos cidadãos; e

g. desenvolvimento de inovações ambientais e outras tecnologias para se tornar mais produtivos e eficientes.

As estratégias utilizadas para atingir os objetivos foram:

1. conduzir pesquisas e reunir informações para práticas ambientais atuais;
2. desenvolver medidas específicas a serem usadas como resultado desses processos identificados por cada categoria ambiental;
3. conseguir um espaço para inventário, onde se determinariam as condições ambientais;
4. aplicar um questionário de pesquisa com a comunidade universitária para identificar o estado do meio ambiente pelas perspectivas dos usuários; e
5. divulgar para a comunidade universitária os esforços do *GreenU* na mudança de infra-estrutura, aquisições, operações e conservação da universidade.

Segundo Peck (2000) *apud* Dowsett (2001, p. 48) a University of Tennessee, nos EUA, está desenvolvendo um programa de computador para calcular o impacto ambiental, desempenho e viabilidade econômica de vários projetos e materiais manufaturados na produção de veículos. Ela tem em vista que os veículos contribuem na mudança climática, poluição do ar e da água, causando riscos à saúde das pessoas.

Temos outros bons exemplos na Alemanha. A Technical University of Hamburg investiu U$ 1 milhão de dólares no programa de educação sobre sistemas de informações ambientais para o desenvolvimento sustentável. Esse programa foi iniciado em 2001, treinando 20 participantes por ano durante 3 anos.

O curso tem base nas ciências sociais e naturais, mediante uso de computador, *software* sobre meio ambiente e métodos de gerenciamento ambiental, com uma visão holística a respeito do desenvolvimento sustentável. Além disso, essa universidade lidera um projeto, fundado com a União Européia, que consiste na troca de idéias, informações e experiências sobre currículo verde nas universidades na Alemanha, Holanda, Espanha, Suécia, Brasil, Costa Rica, Nicarágua, Venezuela, entre outros, visando reduzir as barreiras de acesso e auxílio dos países que dispõem de conhecimento tecnológico e metodológico. (LEAL FILHO, 2002, p. 18).

No nível regional, a Universidade de Hamburg criou o Baltic University Program (BUP), com o objetivo de ajudar na solução de problemas ambientais no currículo de universidades da Europa Central e Ocidental. Iniciado em 1991, esse programa é adotado por 170 universidades em 12 países e já treinou, através de material didático produzido por especialistas, organização de eventos e produção de vídeos, em torno de 10 mil estudantes. Muitos deles ocupam posições de destaque em seus países, comenta Leal Filho (2002, p. 18 e 19).

Na Holanda, Niko Roorda (2002, p. 460) tratando do desenvolvimento e aplicação de uma ferramenta de avaliação de condições de incorporação da sustentabilidade na educação superior, cita o exemplo do Comitê Holandês de Sustentabilidade na Educação Superior (CDHO). O CDHO, fundado em 1998, é líder na aplicação de *Sustainability in Higher Education* (SHE), na Holanda. Ao mesmo tempo em que agrega várias instituições participantes, o instituto desenvolve uma série de atividades próprias. Uma das suas importantes ações foi a criação de um grupo de trabalho para definir critérios de aplicação da SHE, que mais tarde viria a se chamar Instrumento de Auditoria para Sustentabilidade na Educação Superior (AISHE).

Os papéis da universidade no desenvolvimento sustentável, de acordo com Roorda (2002, p. 461 e 462), são os de instituto de pesquisa, centro de excelência para empresas, organização em si própria, instituição de educação superior e

parte da sociedade como um todo. Outras escolhas fundamentais foram quanto às dimensões relevantes para decisões acerca da natureza dos critérios da SHE: se a sustentabilidade estava orientada para conteúdo, ou processo; se era quantitativa, ou qualitativa, se era prescritiva, ou descritiva. Optou-se por processo, qualitativa e descritiva. O instrumento de avaliação SHE pode interessar e beneficiar a dois públicos: às universidades, para avaliar a situação atual de toda a instituição, ou parte dela; projetar elementos de uma situação futura desejada; envolver funcionários e gerentes no desenvolvimento da SHE, e garantir a comparação com avaliações anteriores; e às instituições externas.

A questão da sustentabilidade na educação formal no currículo foi abordada um grande número de vezes, como exemplo da Holanda pelo National Council for Youth and Development. Esse conselho trabalha com as escolas e com os professores para desafiar os estudantes a criar produtos e processos que contribuam para a sustentabilidade da sociedade. É oferecido aos estudantes um dossiê contendo possíveis temas dos projetos, como construção sustentável, um plano para tráfego local, um projeto de turismo sustentável, pesquisa de comparação do estilo de vida dos estudantes com um país do Sul, entre outros. E um guia de preparação, execução e avaliação dos projetos.

As 12 melhores propostas são selecionadas por um júri de pessoas jovens e *designers* conceituados e cada um é recompensado com dinheiro para ser gasto na construção de um modelo a ser adotado pelas autoridades da comunidade local. Esse trabalho é realizado no horário de aula com o apoio dos professores. Os estudantes ficam entusiasmados, mas a iniciativa tem pouco impacto nos ensinamentos restantes da escola. Para resolver esse problema, o Codename Future está desenvolvendo material de suporte, serviço de consultas para as escolas, integrando os conceitos, *design* e a sustentabilidade na prática de educação regular. Um aspecto interessante nesses projetos é que muitos deles não utilizam só as matérias normalmente associadas à educação ambiental como geografia e ciências, mas programas interdisciplinares em estudo de *design*,

economia local, ou economia e negócios. (PIETERS, M., 1998, *apud* OECD, 1999, p. 18 e 19).

Conforme foi visto, a sustentabilidade está sendo incluída nos procedimentos operacionais das instituições educacionais em várias partes do mundo. Eles mostram como a iniciativa pode fazer a diferença na conservação e no consumo dos recursos através da adoção do sistema de gerenciamento ambiental. Mais significantemente, eles mostram como as estratégias operacionais das instituições podem ser integradas com os programas de aprendizado formal dos estudantes e criar uma sinergia eficiente entre o aprendizado e o suporte à comunidade. Essas iniciativas das universidades, se somadas ao envolvimento de institutos e organismos de fomento à pesquisa no conhecimento dos ecossistemas urbanos, os problemas ambientais tornam-se muito importantes para preencher as lacunas de informação sobre o tema.

Esses programas devem oferecer instrumentos científicos e técnicos de trabalho que permitam a investigação, o planejamento e a criação de propostas alternativas de solução dos problemas relacionados à sustentabilidade, e que sejam suporte para a formação de pessoas com capacidade ética e acadêmica para desempenhar funções. No caso desta pesquisa, dedicamos a atenção ao estudo da educação superior em turismo pelos motivos já explicados na introdução do trabalho.

3.2 Educação Superior em Turismo

A formação universitária na área de turismo, segundo Miriam Rejovski (1996, p. 26 e 28), teve início a partir de 1920. O turismo aparecia como disciplina nos cursos de hotelaria e de ciências sociais. Na maioria deles o enfoque inicial era em hotelaria, adicionando turismo posteriormente em seus currículos, sobretudo nos Estados Unidos e em alguns países da Europa. Em 1937, segundo McIntosh e Goeldner (1986, p. 428) *apud* Rejovski (1996, p. 26), foram inseridas

cadeiras especializadas em turismo na Universidade de Viena, na Áustria. Em 1961, no Centro de Estudos Superiores de Turismo da Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Paris, na França. Em 1963, na Universidade Estadual de Michigan, nos Estados Unidos. Em 1964, no Instituto Holandês para Estudos de Turismo, Lazer e Transportes, em Breda, na Holanda. Segundo Sessa (1990, p. 9) *apud* Rejovski (1996, p. 27),

> os institutos universitários europeus, (...) orientam-se para a pesquisa teórica voltada a aspectos sociais e econômicos do turismo, enquanto que os americanos, (...) para a formação da indústria hoteleira e turística.

Sunisa Lertudomchok (1997, p. 16) comenta que o desenvolvimento da educação para o turismo foi formalmente estudado desde 1960 na Europa e na América do Norte. Originalmente, impulsionado pela oferta acadêmica, não pela demanda empresarial. Em princípios da década de 1980, houve uma expansão do campo turístico, quando autores como Jafar Jafari, Ritchie e outros alteraram o foco de educação pragmática para a acadêmica, estimulando a pesquisa. Para Frank M. Go (1994), essa ênfase em pesquisa foi apropriada porque se tratava de um período de grande avanço tecnológico e reestruturação da indústria. A emergência da pesquisa em turismo na década de 1980 trouxe mudanças educacionais para a área em princípios da década de 1990, graças à aparição de várias publicações, como livros-texto específicos, periódicos acadêmicos, entre outras.

Enquanto o turismo é um tópico relativamente recente nas universidades, estudos têm mostrado que a educação no turismo cresceu rapidamente em todo o mundo no final dos anos de 1980 e de 1990. Apenas para ilustrar, segundo Wells (1995), Middleton (1997) *apud* David J. Telfer e Atsuko Hashimoto (2001, p. 18 e 19), na Áustrália, o número de programas de turismo cresceu de 10 em 1989, para 18 em 1995; no Reino Unido, o número de instituições oferecendo cursos de turismo cresceu de 15 em 1991 e 1992, para 43 em 1995 e 1996; no Japão, a educação para o turismo é relativamente nova com a criação da primeira

instituição, em 1967, orientada para o gerenciamento. De acordo com a lista dos anos de 1988 e 1999, existem apenas 10 universidades oferecendo o curso de turismo de 4 anos. No Canadá, existiam 28 universidades de educação para o turismo de maneira variada, em 1999, com departamentos oferecendo desde uma disciplina de turismo até um programa inteiro de graduação em turismo.

Ao longo da história da educação para o turismo, muitos modelos educacionais, propostas curriculares e pedagógicas desenvolvidos foram tomando diferentes formas em função de diferentes estímulos, como as demandas do mercado, por exemplo. Conforme Ritchie (1995) *apud* Telfer e Hashimoto (2001, p. 18 e 19) os principais modelos de educação em turismo e hospitalidade utilizados em vários países do mundo são:

> 1. baseados em hotéis-escolas, que oferecem conhecimentos sobre a operacionalização e gerenciamento de hotéis, através de disciplinas como *marketing* e vendas, alimentos e bebidas, recepção, entre outras;
>
> 2. voltados para o gerenciamento geral com foco no turismo, relacionados à indústria do turismo e hospitalidade, envolvendo trabalhos práticos, através da oferta de disciplinas como recreação e entretenimento, geografia, línguas e matemática (...); e
>
> 3. ofertas de tipos de programas que incluem as seguintes categorias: a) disciplinas básicas dos componentes turísticos como geografia, economia, ou sociologia; b) programas de recreação, ou estudos de lazer nos quais podem ser incluídos os componentes turísticos. Esses programas têm uma tendência a ser mais acadêmicos em oposição à orientação industrial; e c) a multidisciplinaridade no âmbito superior dos estudos turísticos, que é similar aos programas anteriores que têm foco maior na indústria.

Philip L. Pearce (1998, p. 364) apresenta duas formas de descrever o curso de turismo: uma é focada nos títulos das matérias que fazem parte do diploma, e a outra nas habilidades que o curso desenvolve. Essas formas são necessárias, mas ambas têm limitações. Quando se focaliza só no título da matéria, poderá haver diferentes interpretações pelo educador quanto ao modo como ensinar a matéria e pelo empregador. Só para exemplificar: uma matéria denominada Turismo e Governo, tanto pode ser entendida como a história do envolvimento do governo com o turismo e a documentação das políticas governamentais, quanto

também como um jogo de simulação envolvendo os estudantes como atores da indústria de negociação e a formulação das políticas governamentais.

Claramente, as habilidades derivadas de cada uma serão diferentes, os empregadores poderiam interpretá-las de maneira diferente, cobrando habilidades que os estudantes não obtiveram na sua formação. Se for só baseada na habilidade que o curso oferece, deve-se observar se a formação é adequada para atender às necessidades do mercado. Um curso na Malásia de 2 anos, que oferece o diploma de Negócios em Turismo, pode declarar que ensina habilidades fundamentais em negócios na área de Gerenciamento Financeiro. E uma universidade de negócios na Coréia do Sul pode ensinar economia, finanças e contabilidade aos estudantes e também declarar que formou profissionais com habilidades fundamentais em negócios. Além disso, deve-se observar se o foco é local, ou internacional. Mas, os empregadores não teriam a certeza dessas habilidades.

Por conta dessas ambigüidades, há muito tempo que se vem tentando definir um currículo consensual. No início dos anos de 1980, foi apresentada pela Tourism Society, fórum de educadores britânicos, uma lista das matérias de cursos de turismo amplamente adotadas refletindo aquela época, apresentada no QUADRO 5, a seguir. De um modo geral, essa lista estava ultrapassada e limitada porque não incluía a área ambiental, legal e a análise cultural, nem revelava uma tentativa de adequação às necessidades de atualização.

QUADRO 5 - Contribuições das Disciplinas para o Estudo do Turismo.

DISCIPLINAS	ÁREA DE CONTRIBUIÇÃO
Economia	Implicação econômica
Psicologia	Motivação do turista
Antropologia	Relação entre o hóspede e o hospedeiro
Ciência Política	Mundo sem fronteiras
Geografia	Geografia do turismo
Ecologia	*Design* com natureza
Agricultura	Turismo rural
Parques e Recreação	Gerenciamento da recreação
Planejamento Urbano e Regional	Planejamento e desenvolvimento do turismo
Marketing	*Marketing* turístico
Legislação	Leis no turismo
Negócios	Gerenciamento das organizações de turismo
Transporte	Fundamentos do transporte
Administração de Hotéis e Restaurantes	Papel da hospitalidade no turismo
Educação	Educação turística
Sociologia	Sociologia do turismo

Fonte: Jafari e Richie (1981) *apud* Philip L. Pearce (1998, p. 365).

O currículo definido pelas habilidades é uma maneira alternativa do currículo definido por matérias. Cooper (1996) *apud* Pearce (1998), trabalhando com a OMT, pesquisou em indústrias, governos e representantes educacionais do mundo todo, para que pudesse descrever as habilidades críticas para todas as partes. O resultado do estudo está apresentado no QUADRO 6, a seguir.

QUADRO 6 - Pesquisa sobre Habilidades feita por Cooper para a OMT, em 1996.

HABILIDADES			
GERAIS	PRÁTICAS	INTERDISCIPLINARES	NEGÓCIOS
comunicação interpessoal, analítica, conhecimento de computação, língua estrangeira, cálculo, estatística.	experiência em lidar com a realidade da indústria do turismo.	enfatizar a importância da responsabilidade ética, ambiental e social das perspectivas locais às globais.	economia, gerenciamento financeiro e de recursos humanos, *marketing*, legislação.
CONTEÚDO DE CONHECIMENTO			
obtidos nos cursos de turismo e hospitalidade: geografia, planejamento, políticas.			

Fonte: Elaborado pela autora, baseada em Cooper (1996) *apud* Pearce (1998, p. 366).

Segundo Pearce (1998, p. 366), esse estudo de Cooper (1996) e de outros autores objetiva desenvolver um sistema internacional para medir essas habilidades. É denominado *Graduate Tourism Aptitude Test*. Em estudo realizado nas universidades da Austrália, em 1995, Pearce obteve como resultado um

elenco de disciplinas adotadas e as menos comuns no currículo, que foram adicionadas aos cursos nos últimos 5 anos, como está apresentado no QUADRO 7, a seguir. (PEARCE, 1998, p. 366).

QUADRO 7 - Matérias dos Cursos de Graduação em Turismo na Austrália.

MATÉRIAS	
PRINCIPAIS E COMUMENTE ENCONTRADAS	SECUNDÁRIAS E RARAS
Introdução do Turismo, ou a Natureza do Turismo Desenvolvimento Histórico do Turismo Determinantes e Motivações do Turismo (comportamento turístico e análise da demanda turística) Mensuração e Dimensões Estatísticas (pesquisa turística) Impactos do Turismo A Indústria do Turismo, ou Setores Componentes *Marketing* do Turismo Planejamento e Desenvolvimento Turístico Governo, Políticas Organizacionais Projetos, ou Práticas do Turismo Gerenciamento Turístico (gerenciamento dos recursos humanos e dos *resorts*)	Finanças Leis Turísticas Computação Transporte Turístico Turismo de Interesse Especial Convenções, Eventos, Encontros Ecoturismo Turismo Internacional Opções de Hospitalidade Economia Turística

Fonte: Wells (1996) *apud* Pearce (1998, p. 366).

Em relação ao ponto de vista dos empregadores, foi feita pesquisa, comparando o que eles esperavam e como as instituições estavam formando seus alunos. Os executivos, geralmente, têm preocupação com a formação e sua aplicação a curto prazo, enquanto os educadores planejam seus cursos visando resultados a longo prazo, enfatizando tópicos de vanguarda. (PEARCE, 1998, p. 367).

Nos EUA, incluem-se as matérias habilidade em língua estrangeira e geografia turística. Ambas estão ranqueadas no grupo que tem menos importância, enquanto que, na região do Pacífico Asiático, há uma expectativa quanto à inclusão desses 2 itens pela quantidade de países e culturas diferenciadas, conforme dados da TABELA 1, a seguir. Os estudantes dessa região precisam desenvolver habilidades com linguagem, entendimento cultural e conhecimento das principais características dos destinos estrangeiros, em contraste com as prioridades insulares observadas nos EUA, pondera Pearce (1998, p. 367).

TABELA 1 - Os Valores dos Elementos dos Cursos de Estudos Turísticos na Visão dos Executivos e Educadores dos EUA.

ELEMENTOS	EXECUTIVOS DE TURISMO		EDUCADORES DE TURISMO	
	Posição	Pontos	Posição	Pontos
Teorias do gerenciamento de recursos humanos	1	4,74	2	4,59
Habilidades de comunicação escrita	2	4,66	3	4,54
Gerenciamento da qualidade de serviços	3	4,48	8	4,30
Habilidades de relação interpessoal	4	4,47	6	4,44
Prática após 3 anos	5	4,43	18	3,87
Teorias de *marketing*	6	4,33	1	4,64
Educação para hotel e restaurante	7	4,28	22	3,55
Contabilidade gerencial	8	4,27	20	3,65
Indústria de viagem e turismo	9	4,26	7	4,38
Conhecimentos em computação	10	4,25	13	4,12
Responsabilidade ética e social	11	4,20	3	4,54
Inovações empresariais	12	4,15	24	3,37
Prática após 2 anos	13	4,10	16	4,03
Princípios do desenvolvimento do turismo	14	4,07	11	4,22
Prática após 1 ano	15	4,03	12	4,21
Legislação e indústria do turismo	16	3,96	10	4,27
Planejamento de eventos especiais	17	3,81	21	3,56
Uso e problemáticas dos recursos naturais	18	3,70	3	4,54
Sociedades e culturas do mundo	19	3,65	14	4,08
Pesquisa mercadológica	20	3,57	14	4,08
Gerenciamento de sistema de informação	21	3,56	19	3,82
Governo e cidadania	22	3,50	9	4,29
Teoria da microeconomia	23	3,49	17	3,98
Princípios de finanças dos negócios	24	3,48	23	3,51
Habilidades na fala de idiomas estrangeiros	25	3,42	25	3,28
Geografia turística	26	3,31	26	3,16

Fonte: Koh (1995) *apud* Pearce (1998, p. 367).

Dentre as tensões e dificuldades existentes na organização do currículo, a falta de respeito às novas áreas de estudo tem afetado estudantes e funcionários. Quando os indivíduos são solicitados a explicar sua área de atuação profissional, o tópico turismo, freqüentemente, tem sido visto como atividade não-séria. Crescentemente, porém, a escala do turismo como indústria mundial e seu impacto econômico, cultural e ambiental tem sido mais reconhecidos, tanto por instituições educacionais como pela comunidade. (PEARCE, 1998, p. 368).

E mais, devido ao aumento da familiaridade com a importância do turismo, é necessário também o crescimento do gerenciamento profissional. De certo modo, esse preconceito com estudantes e funcionários de turismo tende a

desaparecer. Os cursos de turismo encontram dificuldade em mostrar credibilidade para o mercado turístico, ou para profissionais que já atuam há anos. No Reino Unido, há excedente de graduados em turismo, enquanto o Pacífico Asiático está em falta de mão-de-obra, só para exemplificar.

Uma importante reflexão agora é esta: como os países desenvolvidos gerenciarão a formatação da educação para o emprego? Em alguns lugares, o mercado está identificando e recrutando os graduandos líderes de uma instituição específica, oferecendo bolsas de estudo, ou estágios, visando prepará-los para atender às necessidades das organizações. Alternativamente, os estudantes podem ser deixados livres para competir com os profissionais que já têm experiência. Sendo assim, os estudantes podem ter dificuldade para demonstrar que têm mais experiência para serem selecionados, do que os funcionários menos qualificados. Esses estudantes precisam desenvolver um número significante de experiência de trabalho para acompanhar sua formação e seu diploma, facilitando assim sua entrada no mercado de trabalho. (PEARCE,1998, p. 368 e 369).

Na visão de Pearce (1998, p. 369 e 372), uma das dificuldades encontradas pelos estudantes e pelos empregadores é a falta de padronização nos cursos de turismo. Essa é uma questão difícil, já que a uniformização, ou um programa regulamentado restringem a individualidade, o processo próprio de aprendizado. Alguns estudantes podem desenvolver uma ênfase especial nos seus próprios programas de estudo, como *marketing*, ou gerenciamento de ecoturismo. Um currículo restrito, ou regido pelo Estado-Nação, ou mundialmente, pode limitar esse desejo de variação e escolha da educação no turismo. Igualmente, algumas instituições que não forem capazes de atrair professores de qualidade podem oferecer matérias inferiores e seus cursos poderão falhar em oferecer o rigor intelectual necessário para o mercado do turismo.

Apenas para exemplificar, Pearce (1998, p. 370 e 371) realizou diversas pesquisas junto aos executivos do turismo que, continuamente, enfatizam a

necessidade de ajustes no currículo de cursos de turismo, baseados na hospitalidade, lazer, entre outras ênfases e/ou habilitações. A partir dos resultados do referido autor apresentou as 10 maiores tendências para educação futura em turismo:

1. fortalecimento do currículo de negócios e melhoramento dos contratos de negócios;
2. ênfase em meio ambiente e sustentabilidade;
3. mudança nos modos de prática educacional;
4. aparecimento de “instituições elites”;
5. aumento dos materiais para o aprendizado;
6. educação de gerenciamento de informação;
7. maior articulação de aprendizagem;
8. formação em múltiplas universidades;
9. aumento das qualificações no turismo; e
10. maneira de aceitação indireta dos cursos de turismo e hospitalidade.

Juntando essas tendências com as transformações referentes ao crescimento tecnológico, facilidade de acesso às informações da *Internet*, avanço das comunicações e outras já destacadas por Luiz Gonzaga Godoi Trigo (1998), OMT (1998) e John Naisbitt (1994), verifica-se a necessidade de inserção de novas formas de ensinar turismo, de integração de múltiplas áreas do saber e de constante atualização do conhecimento pelos estudantes. Nessa perspectiva, Trigo (1998, p. 89) enfatiza

> a educação e a formação profissional são um processo permanente. Dependem de pesquisas sistemáticas, levantamento de dados completos, divulgação periódica dos estudos e veiculação das publicações editadas em todo o mundo para que os profissionais se mantenham atualizados (...).

Essas considerações feitas até aqui são semelhantes aos problemas enfrentados no Brasil, com a desvantagem de não se ter cultura sedimentada em pesquisa sistematizada sobre processo evolutivo do comportamento do mercado e

da participação das universidades em busca de solução para atender às demandas da sociedade.

Os antecedentes históricos da educação superior em turismo no Brasil revelam grandes desafios para os dirigentes das IES no ensino, pesquisa e extensão em turismo, no que se refere à carência de docentes, à falta deles com titulação exigida por lei, metodologia, conteúdos pedagógicos, arcabouço teórico–metodológico, visão epistemológica, falta de bibliografia específica e de recursos para pesquisa.

A título de ilustração, em relação ao corpo docente, foi necessária a vinda de professores da Espanha, na década de 1970, que, juntos, com professores da Universidade de São Paulo (USP), conseguiram conviver e criar uma tipologia própria de conteúdo pedagógico, mesclando o fenômeno do turismo com a realidade brasileira. Para cumprir com as exigências curriculares da época, necessitava-se de professores com formação e titulação em psicologia, sociologia, história da cultura, geografia, economia, administração, estatística e em outras para atender aos conhecimentos básicos. E, também havia carência de docentes com formação, titulação e experiência em operação de agências de viagem, hotéis, transportadoras, restaurantes, elaboração de roteiros turísticos, planejamento e organização do turismo em núcleos receptores, organização de eventos e outras, destaca Ruschmann (1991, p. 94 e 95).

Vale considerar que foi nesse contexto que, no final dos anos de 1970, após tentativas de organização de categorias profissionais em alguns estados do Brasil que possuíam cursos de turismo, foi criada a Associação Brasileira de Bacharéis em Turismo (ABBTUR) e organizado o I Encontro de Bacharéis em Turismo (ENBETUR), visando discutir os problemas enfrentados no mercado de trabalho e na formação do profissional em turismo. E nos anos de 1980, deu-se início ao processo de regulamentação da profissão de bacharel em turismo, mais conhecido como turismólogo. (MATIAS, 2002, p. xxxv, 4, 9 e 10).

Em 1996, com a política de ampliação da oferta de vagas dos cursos de nível superior do Ministério da Educação através da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 9.394/96, muitos cursos de turismo e hotelaria foram abertos. Como exemplo, em 2000 o Brasil contava com oferta total de 298 cursos, sendo 204 de turismo (63,3%), 21 de hotelaria (7,0%), 9 de hotelaria e turismo (3,0%) e 64 de administração com habilitação nas áreas de turismo e hotelaria (21,7%). Para que se possa ter idéia da evolução dessa oferta por região no Brasil, observe-se a TABELA 2, a seguir.

TABELA 2 - Oferta de Cursos de Bacharelado em Turismo e Hotelaria no Brasil, em 1994, 1996, 2000 e 2002.

REGIÕES DO BRASIL	**1994**	**%**	**1996**	**%**	**2000**	**%**	**2002**	**%**
Sul	8	19,5	8	15,7	47	16,0	64	18,9
Sudeste	21	51,2	25	49,0	173	58,0	177	52,2
Centro-Oeste	1	2,5	2	4,0	30	10,0	31	9,1
Nordeste	9	22,0	12	23,5	42	14,0	57	16,8
Norte	2	4,8	4	7,8	6	2,0	10	3,0
Total	41	100	51	100	298	100	339	100

Fonte: Elaborado pela autora, baseada em Marília Gomes dos Reis Ansarah (2002); Rejowski (1996), Rejowski (2000) *apud* Ansarah (2002, p. 73 e 83).

Além desses, segundo Ansarah (2002, p. 70, 89 e 96), existem 48 cursos de bacharelado em administração com habilitação em turismo e hotelaria, 18 cursos seqüenciais em turismo e hotelaria, que, somados aos 339 em turismo e hotelaria, totalizam 405 cursos até o ano 2002, no Brasil.

Trigo (1998, p. 89) considera que, apesar do aumento da oferta de cursos de extensão, graduação e especialização, visando preencher as necessidades básicas do setor turístico, alunos e mercado reclamam da qualidade do ensino em todos os níveis. É bem verdade que, apesar dos 34 anos de experiência em formação superior de profissionais em turismo no Brasil, os problemas de origem parecem se reproduzir na atualidade.

Ainda existe carência de professores com titulação exigida por lei. Ansarah (2002, p. 30 e 31), diz que há no Brasil, apenas, 12 bacharéis em turismo com

doutorado, tendo em vista, talvez, a pouca quantidade de cursos de pós-graduação *stricto sensu* com linhas de pesquisa na área de turismo e hotelaria, que se restringem a 6 mestrados e 2 doutorados, conforme o QUADRO 8, a seguir. Há também falta de inter-relação entre as disciplinas científicas tradicionais como geografia, história, legislação e o turismo; falta de bibliografia específica; deterioração dos salários dos professores; ausência da modernização dos equipamentos de aula e de laboratórios; poucos docentes com dedicação integral e exclusiva; parcos recursos para pesquisa; e outros problemas.

QUADRO 8 - Cursos de Pós-Graduação *Stricto Sensu* com Linhas de Pesquisa na Área de Turismo e Hotelaria no Brasil, em 2005.

INSTITUIÇÃO	ÁREA	ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	NÍVEL	ESTADO
USP	Turismo e Lazer	-	Mestrado Doutorado	São Paulo
UCS	Turismo	-	Mestrado	Rio Grande do Sul
UNIVALI	Turismo e Hotelaria	-	Mestrado Doutorado	Santa Catarina
ANHEMBI MORUMBI	Turismo	-	Mestrado	São Paulo
UESC	Multidisciplinar	Cultura e Turismo	Mestrado	Bahia
UMA	Meio Ambiente e Turismo	-	Mestrado	Minas Gerais

Fonte: Elaborado pela autora, baseada em Matias (2002, p. 12); Ansarah (2002, p. 104, 115 e 116).

Mais sério ainda parece ser, para alguns autores, o modelo de ensino tecnicista e instrumental reproduzido nos dias atuais pelas universidades, ao formarem alunos dentro de padrões de qualidade estabelecidos pelo mercado e endossados pelo Ministério da Educação (MEC). Nesses cursos, o importante é sua funcionalidade, esmero e atendimento, segundo os interesses do turista, tornando fragmentado e desarticulado o conhecimento sobre o fenômeno turístico. Essa prática educacional ortodoxa dentro dos padrões do tecnólogo, adestra, secundariza, oculta, inibe, desestimula a consciência crítica e empobrece a visão de cidadania, ensejando a formação de um profissional despolitizado. Para maior compreensão, faz-se necessário verificar a estrutura dos cursos de graduação em turismo, tendo por base os parâmetros curriculares em vigor.

3.3 A Estrutura do Currículo dos Cursos de Graduação em Turismo no Brasil

O primeiro currículo mínimo estabelecido pelo MEC para abertura de cursos de turismo no país, pelo Conselho Federal de Educação (CFE), foi publicado na Resolução s/n, de 28 de janeiro de 1971, fixando a duração e conteúdo mínimo do curso superior em turismo. Esse currículo mínimo perdeu a sua validade com a aprovação das Diretrizes Curriculares aprovadas em 1997, e sua publicação e implantação obrigatória a partir de 1998.

Esse currículo, visualizado no QUADRO 9, a seguir, foi resultado de participação e propostas de mudanças sugeridas por empresários; IES, como a Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo (ECA/USP); órgãos oficiais de turismo, como a Empresa Brasileira de Turismo, atualmente Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR); órgãos do governo, como o MEC, através da Secretaria do Ensino Superior (SESu); CFE, que passou, posteriormente, a ser considerado como Conselho Nacional de Educação (CNE); Comissão de Especialistas de Ensino de Administração (CEEAD); entidades de classe do setor, como a ABBTUR, Associação Brasileira de Dirigentes de Escolas em Turismo e Hotelaria (ABDETH); e debatidas em eventos pela Comissão de Currículos e Programas, formada no III ENBETUR, em 1981, no XV ENBETUR, em 1995. (ANSARAH, 2002, p. 48, 50, 51 e 52; MATIAS, 2002, p. 12, 13 e 19).

QUADRO 9 - Proposta do Currículo do Curso de Bacharelado em Turismo no Brasil, em 1996.

CURSO DE BACHARELADO EM TURISMO		
carga horária mínima	3.000 horas/aula	
tempo de duração mínima e máxima	4 a 7 anos	
matérias de formação	básica: Sociologia, Geografia, História, Administração, Economia, Direito, Estatística, Metodologia Científica, Psicologia	750 horas/aula, equivale a 25%
	profissional: Planejamento e Organização do Turismo (POT), Teoria Geral do Turismo (TGT), *Marketing*, Eventos, Lazer, Hospedagem, Alimentos e Bebidas (A&B), Agenciamento, Transportes, Informática, Contabilidade, Língua Estrangeira	1.350 horas/aula, equivale a 45%
	complementar: Antropologia, Língua Portuguesa, Matemática	600 horas/aula, equivale a 20%
estágio obrigatório	300 horas/aula, equivale a 10%	

Fonte: Elaborado pela autora, baseada em Ansarah (2002, p. 50 e 51); Matias (2002, p. 18 e19).

Para melhoria das condições da oferta de cursos superiores em turismo e hotelaria, a ABBTUR/Nacional e a ABDETH, elaboraram, em 1997, a Biblioteca Básica para Cursos de Graduação em Turismo e Hotelaria, bibliografias nacionais e internacionais para cada matéria do currículo mínimo do curso de turismo. Nesse mesmo ano, foram elaboradas as Diretrizes Curriculares de Turismo e Hotelaria, e em 1998, foi elaborado o Manual de Orientação para Avaliação *in loco* das Condições de Autorização dos Cursos de Turismo e Hotelaria, como base para os consultores *ad hoc* desses cursos, e, em 1999, o Manual de Orientação para Avaliação *in loco* das Condições de Reconhecimento dos Cursos de Turismo e Hotelaria. Até então, vinham sendo utilizados os manuais adotados para os cursos de administração, pelo fato de os cursos de turismo e hotelaria estarem vinculados à CEEAD. Esses manuais foram revisados pela Comissão de Especialistas de Ensino de Turismo (CEETur) do MEC, criada em 16 de junho de 2000 pela Portaria nº 1.518. (ANSARAH, 2002, p. 50, 51 e 53; MATIAS, 2002, p. 21).

Essa Comissão, a CEETur, definiu o perfil, as competências e as habilidades que deve ter o bacharel em turismo, visualizadas no QUADRO 10, a seguir.

QUADRO 10 - Perfil, Competências e Habilidades do Bacharel em Turismo.

PERFIL
*internalização de valores de responsabilidade social, justiça e ética profissional. *formação humanística e visão global que o habilite a compreender o meio social em seus aspectos políticos, econômicos e culturais onde está inserido e a tomar decisões em um mundo diversificado e interdependente. *formação técnica e científica para atuar no planejamento e na gestão de empresas turísticas, além de desenvolver atividades específicas na prática profissional em consonância com as demandas mundiais, nacionais e regionais. *competência para empreender, analisando criticamente as organizações, antecipando e promovendo suas transformações. *capacidade de compreensão da necessidade do contínuo aperfeiçoamento profissional e do desenvolvimento da autoconfiança. *capacidade para a resolução de problemas micros e macros pertinentes à prestação de serviços turísticos. *capacidade para planejar, organizar, implantar e gerir programas de desenvolvimento turístico de destinações e empreendimentos turísticos. *capacidade de atuação nos diversos setores do mercado turístico e em todas as áreas concernentes à profissão. *competência para implantar resoluções alternativas e inovadoras, bem como capacidade crítica, reflexiva e criativa. *interesse e estímulo para o desenvolvimento na área da docência e pesquisa.
COMPETÊNCIAS
*colaborar na elaboração e na implantação da política nacional de turismo. *elaborar e operacionalizar inventários turísticos utilizando metodologia adequada para a confecção de diagnósticos turísticos. *elaborar o planejamento do espaço turístico. *aplicar a metodologia do planejamento turístico em projetos, programas e planos. *elaborar planos municipais, estaduais e federais de turismo. *planejar e operacionalizar o inventário turístico para detectar áreas de novos negócios. *planejar e operacionalizar estudos de viabilidade econômico-financeira de empreendimentos e projetos turísticos. *planejar e acompanhar as atividades do Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT). *interpretar legislação pertinente. *planejar e programar os produtos e serviços a serem oferecidos. *planejar e executar projetos e programas estratégicos em empreendimentos turísticos. *identificar, analisar e avaliar os possíveis efeitos positivos e negativos provocados pelas atividades turísticas em determinados espaços e comunidades. * elaborar estudos do mercado turístico. *selecionar os locais de mercado emissor onde deverão centralizar-se as promoções do país. *estabelecer normas, detectar, aplicar e gerenciar a qualidade de serviços turísticos. *estabelecer normas e critérios de categorização e hierarquização dos prestadores de serviços turísticos. *estabelecer as pautas para as análises do grau de modernização e da rentabilidade dos serviços turísticos. *apoiar ações voltadas à formação, treinamento e capacitação dos recursos humanos de turismo em nível técnico e superior. *planejar e ministrar cursos e treinamentos nos vários segmentos de mercado. *pesquisar para formatação de produto turístico com relação ao dimensionamento da oferta, criar um banco de dados, detectar o perfil do turista, entre outros. *elaborar programas de desenvolvimento, de oportunidade de negócios, de capacitação de recursos humanos. * fazer estudos de mercados turísticos prioritários. *gerenciar campanhas de promoção de mercado interno e externo de conscientização, *briefings* prévios dos mercados. *analisar os mercados receptivos e definir a imagem turística que se projetará em cada um deles.

*interpretar, avaliar e selecionar informações geográficas, históricas, artísticas, esportivas, recreativas e de entretenimento, folclóricas, artesanais, gastronômicas, religiosas. *gerir empreendimentos turísticos. *utilizar a metodologia científica no desenvolvimento de estudos e pesquisas básicas e aplicadas.
HABILIDADES
*de comunicação interpessoal, intercultural e expressão correta nos documentos técnicos específicos e de interpretação da realidade das organizações. *de ser um profissional atuante, responsável e plenamente qualificado para o exercício do turismo, utilizando-se dos recursos turísticos como forma de educar, orientar, assessorar, planejar e administrar a satisfação das necessidades dos turistas e das empresas e instituições públicas e privadas, e da população residente. *de utilização de raciocínio lógico, crítico e analítico, operando com valores e estabelecendo relações formais e causais entre fenômenos. *de se expressar em seu idioma e em idiomas estrangeiros, principalmente inglês e espanhol. *de manejo com informática e outros recursos tecnológicos. *de perceber a necessidade constante de aperfeiçoamento profissional, acompanhando a evolução científica e tecnológica. *de atuação em todas as áreas concernentes à profissão, tanto na organização, no planejamento, na administração, na assessoria e na consultoria, nos vários níveis de empresas públicas, ou privadas relacionadas com o setor turístico, quanto nas atividades de lazer e recreação, de modo integrado, sistêmico e estratégico, bem como de suas relações com o ambiente externo. *de integrar-se e contribuir para a ação de equipes interdisciplinares e multidisciplinares e de interagir criativamente em face dos diferentes contextos organizacionais e sociais, bem como de resolver situações com flexibilidade e adaptabilidade diante de problemas e desafios organizacionais. *de cultivar uma personalidade íntegra, dignificante da profissão através de uma postura com equilíbrio moral e ético. *de selecionar procedimentos que privilegiem formas de atuação em prol de objetivos comuns. *de lidar com modelo de gestão inovadora. *para gerenciar projetos e referenciar o estudo de viabilidade para a sua execução. *em técnicas de leitura e interpretação de estudos, pesquisas, sondagens e indicadores socioeconômicos. *para avaliar e analisar projetos. *para compreender a complexidade do mundo globalizado e das sociedades pós-industriais, onde os setores de turismo e entretenimento na atualidade encontram ambientes propícios para se desenvolver.

Fonte: Elaborado pela autora, baseada no Modelo de Enquadramento das Propostas de Diretrizes Curriculares. Brasília: SESu/MEC, 2000.

Tendo em vista esse perfil, a CEETur (SESu/MEC, 17/01/2001), determinou que o curso de bacharelado em turismo deve ter as seguintes características: formação abrangente, com profundidade, na área teórica do turismo; formação geral na área humanística, abordando aspectos relativos à complexidade do turismo e às particularidades de cada um dos seus componentes; formação complementar abrangente e em profundidade nas áreas de desenvolvimento integrado e planejamento turístico, meio ambiente, formas de turismo, hotelaria, agenciamento, transportes, eventos, gestão de empreendimentos turísticos, *marketing* turístico, entre outras; formação complementar abrangente e aplicada ao turismo nas áreas de geografia, história, administração, economia, psicologia, sociologia, estatística, direito e outras especialidades, dependendo das ênfases de cada curso; carga horária total mínima de 3.000 horas, e duração média de 4 anos; corpo docente com formação em turismo e em hotelaria, experiência

profissional e de docência na área; realização de estágios, atividades laboratoriais e práticas na área; voltado tanto para o mercado de trabalho imediato, quanto para intervir, alavancar e transformar o turismo, através da produção e geração de novos projetos, processos e procedimentos; participação de alunos em projetos de iniciação científica e de pesquisa; e docentes engajados na pesquisa científica e tecnológica.

Assim sendo, para as IES, divididas em Universidades, Centros Universitários, Faculdades Integradas, Faculdades, Institutos Superiores e Escolas Superiores, oferecerem o curso de graduação em turismo e hotelaria, devem apresentar à SESu/MEC uma proposta e solicitar autorização e, no ano de conclusão do curso da primeira turma, o reconhecimento. Essa proposta será avaliada pelos consultores *ad hoc,* que fazem parte da CEETur para a verificação *in loco* das condições de autorização do curso de graduação em turismo. Baseados nos parâmetros estabelecidos pelo MEC, eles fazem um relatório e o encaminham para o CNE dar o parecer final. O reconhecimento, desde 2001, já vem sendo feito pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Vale lembrar que as universidades e os centros universitários passam apenas pelo processo de reconhecimento do MEC. (ANSARAH, 2002, p. 56, 57 e 75).

No processo de avaliação dos cursos serão observados vários itens, conforme os padrões de qualidade estabelecidos pela comissão, como: a) identificação do relatório (mantenedora, mantida, coordenador do curso); b) dados básicos dos dirigentes principais (experiência acadêmica e profissional); c) dados básicos da IES/Curso (histórico); d) principais áreas de atuação/curso (habilitação, ênfase); e) curso, objeto de pedido de reconhecimento (vagas, tamanho das turmas, turnos de funcionamento, gestão acadêmica); f) currículo pleno do curso (grade curricular, ementários e bibliografia adotada); g) corpo docente (disciplina, titulação, experiência); h) infra-estrutura tecnológica (equipamentos, *softwares)*; i) biblioteca (exemplares de livros-textos); j) infra-estrutura física e de materiais (dependências); e l) documentação relativa à regularidade fiscal e parafiscal, como

Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), entre outros.

Ainda em 2001, foi aprovado o Projeto de Resolução pelo Parecer CNE/CES nº 1.366, que dispõe sobre o credenciamento, autorização, reconhecimento e renovação de cursos de graduação, normas e critérios para supervisão do ensino superior do Sistema Federal de Educação Superior e institui os Comitês Assessores da SESu/MEC. (ANSARAH, 2002, p. 57 e 58).

Após essas considerações, podemos observar que a estrutura dos cursos passou por mudanças pouco significativas ao longo desses anos. As alterações propostas não foram alicerçadas em bases epistemológicas, nem em teorias do conhecimento, nem em pesquisas sistemáticas, considerando as tendências mundiais associadas às características predominantes e diferenciadas do turismo no Brasil e seus problemas relacionados a etnia, demografia, gênero, biodiversidade, bens culturais e outros aspectos importantes para a formatação da oferta de cursos.

Como o objetivo principal desta pesquisa é estudar a educação superior em turismo numa perspectiva da sustentabilidade, centramos a atenção na ênfase ao meio ambiente e à sustentabilidade nessa área do conhecimento. Concordamos com João Luiz Hoeffel, Almerinda B. Fadini e Cristiane Ferraz S. Suarez (2002, p. 416) que a responsabilidade acadêmica é pertinente em todas as áreas de estudo, na científica e empresarial, mas é especialmente importante nas áreas que envolvem a sociedade e o meio ambiente, como é o caso do turismo.

Verificamos, a seguir, que, de algum modo, estão sendo adicionadas nos programas dos cursos de graduação em turismo algumas considerações sobre impactos negativos do turismo e as maneiras de modificá-los.

3.4 A Inserção de Estudos sobre o Meio Ambiente nos Currículos dos Cursos de Graduação em Turismo

Sendo o turismo uma atividade com múltiplas facetas, que emerge como uma das maiores indústrias globais inter-relacionadas, há a necessidade de crescimento do nível de entendimento sobre educação ambiental, envolvimento e incorporação de seus estudos e práticas nos projetos, programas e planos de turismo, ligando os impactos econômicos, políticos e sociais aos ambientais.

Há mudanças visando maior inclusão das questões ambientais na educação para o turismo e a categorização dos cursos de graduação em turismo, através de conceitos, modelos e sugestões de diversos autores como Jafar Jafari (1990), Ritchie (1992), Gunn (1992) e outros. (*Apud* TELFER; HASHIMOTO, 2001, p. 19).

Ritchie (1992), por exemplo, ao examinar as direções futuras da educação no turismo, deu maior ênfase à interdisciplinaridade de cursos como perspectiva de aumento da abordagem ambiental. Para cursos de gerenciamento turístico, a ênfase muda para planejamento, gerenciamento e vigilância ambiental. Assim os estudantes teriam acesso a cursos baseados no meio ambiente, o que complementaria a orientação primária do turismo. Ritchie (1995) também formulou um programa híbrido no estudo do turismo, que combina um modelo de hotel-escola com ênfase no treinamento e gerenciamento. Com esse programa, ele desenvolveu várias áreas temáticas, incluindo o meio ambiente, através de 3 cursos: ecologia e afazeres humanos; economia do meio ambiente; e recursos renováveis e o ambiente natural. Gunn (1992) argumentou que há necessidade de multidisciplinaridade na educação para o turismo, o que inclui um foco no meio ambiente. Henry e Jackson (1995) desenvolveram um modelo de trabalho que integra os conceitos de turismo sustentável no currículo da educação do turismo, através das categorias, conceitos, filosofia, políticas orientadas, habilidades e competências. (TELFER; HASHIMOTO, 2001, p. 19).

A Associação dos Professores e Treinadores de Turismo, ou Association of Tourism Teachers and Trainers (ATTT), que faz parte da Sociedade de Turismo, ou Tourism Society, organizou fóruns para discutir o futuro da educação e treinamento no turismo. A Associação Européia dos Educadores de Turismo e Lazer, ou European Association for Tourism and Leisure Educators (ATLAS), tem como parte do mandato o desenvolvimento de um currículo comum que inclua a proteção ambiental como um dos componentes. Em adição aos esforços das universidades, a OMT (1996) *apud* Telfer e Hashimoto (2001, p. 19) desenvolveu manuais para educação do turismo com o desenho dos cursos e currículos que incluem o componente ambiental.

Para avaliar o nível de conexão entre turismo e meio ambiente, foram analisadas as descrições dos cursos oferecidos pelo Canadá e pelo Japão. Os programas foram avaliados em categoria, incluindo modelo do programa, departamento, nome do curso, anos oferecidos e se havia o componente ambiental, ou se era oferecida matéria de educação ambiental nos cursos de turismo. De acordo com essa pesquisa, das 28 universidades canadenses, baseada em calendários e *websites* onde se procuraram palavras-chave de turismo, hospitalidade, recreação, lazer, geografia, gestão e negócio, e depois se fez o cruzamento com a lista de pesquisadores de turismo, 5 oferecem turismo em mais de um departamento. No Japão, a lista das universidades foi obtida do Ministério de Transporte e Turismo, na seção que mantém cadastro de universidades que oferecem turismo, na lista e no guia da Rikkyo University. (TELFER; HASHIMOTO, 2001, p. 20).

Dos cursos selecionados, segundo Telfer e Hashimoto (2001, p. 21), a conexão com o meio ambiente foi mensurada a partir da terminologia usada, incluindo impactos ambientais, estudos de impacto, questão ambiental, ecologia, ecossistema, conservação, ou preservação, recursos naturais, gestão de recursos, ambiente físico/natural, desenvolvimento físico/natural, desenvolvimento sustentável e desenvolvimento do turismo sustentável. No entanto, mesmo quando os termos não estavam explicitamente expressos, cursos introdutórios

foram incluídos, porque eles costumam tratar sobre meio ambiente em pelo menos uma seção, conforme QUADRO 11, a seguir.

QUADRO 11 - Cursos de Turismo que Tratam sobre Meio Ambiente, no Canadá e no Japão.

CANADÁ	JAPÃO	TÍTULOS COMUNS NO CANADÁ E NO JAPÃO
Conservação em Terras Selvagens e Gestão de Recursos.	Estudos de Destinos Regionais, Internacionais.	Introdução ao Turismo ou Fundamentos de Turismo.
Questão Ambiental na Recreação ao Ar Livre e Planejamento do Turismo.	Estudos de Destinos Regionais, Domésticos.	Princípios do Turismo.
Geografia do Turismo e Recreação.	Geografia Internacional do Turismo.	Destinos Turísticos ou Planejamento de Áreas.
Turismo Internacional.	Recursos do Turismo Internacional.	Geografia do Turismo.
Introdução ao Turismo Baseado em Recursos.	Desenvolvimento de *Resort.*	Planejamento de Turismo e/ou Desenvolvimento.
Pessoas em Áreas Naturais.	Desenvolvimento da Legislação de *Resort.*	
Empresas de Recreação e Desenvolvimento do Turismo.	Estudos sobre *Resorts*.	
Planejamento de Recursos para Turismo e Recreação.	Leis do Turismo/Legislação.	
Desenvolvimento do Turismo Sustentável.	Política do Turismo.	
Meio Ambiente e Sociedade Sustentável.		
Educação Ambiental.		
Turismo e Desenvolvimento Durável.		
Geografia do Turismo e do Lazer.		

Fonte: Elaborado pela autora, baseada em Telfer e Hashimoto (2001, p. 21).

Observamos na TABELA 1, Os Valores dos Elementos dos Cursos de Estudos Turísticos na Visão dos Executivos e Educadores dos EUA, apresentada no intertítulo 3.2., que o uso dos recursos naturais e os problemas ambientais foram ranqueados em terceiro lugar pelos educadores, e em décimo oitavo pelos executivos. Revelou-se aí a diferença de prioridades no trato do assunto pelas IES e pelo mercado turístico.

Na Universidade São Francisco (USF), em Bragança Paulista, São Paulo, conforme correspondência de João Luiz Hoeffel (2004) desenvolveram-se 2 projetos denominados Projeto Estudos do Meio e Projeto Sociedades e Naturezas (PROPEP). Esses projetos tiveram origem nos cursos de Turismo, com ênfase em Gestão Ambiental, e de Hotelaria, coordenados por professores das disciplinas

Estudo do Meio, Geografia, Cartografia, Planejamento e Organização do Turismo, Turismo e Meio Ambiente, Sociologia, Antropologia Cultural, Fundamentos de Ecologia, Turismo e Impacto Ambiental.

O Projeto Estudos do Meio foi iniciado em 2001, mediante trabalho interdisciplinar, no qual são realizadas atividades extraclasse, visitas técnicas a empreendimentos turísticos, e atividades de ecoturismo, como trilhas. O segundo, Projeto Sociedades e Naturezas, financiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), vem desenvolvendo atividades, eventos, estudos e pesquisas com alunos bolsistas dos cursos de turismo, hotelaria e biologia. Como exemplo, foi realizada palestra sobre Diagnósticos Socioambientais e Educação Ambiental no I Encontro Regional do Projeto Biodiversidade, Sustentabilidade e Educação Ambiental no Estado de São Paulo, no dia 4/11/2003, no Centro Comunitário da USF, em Bragança Paulista, visando definir metodologias de diagnósticos nas regiões das Bacias do Rio Piracicaba e do Rio Pardo.

Ada de Freitas Maneti Dencker (2002, p. 83, 84 e 87) relata a experiência com o Trabalho de Análise Interdisciplinar (TAI) aplicado no curso de turismo da Universidade Paulista (UNIP), instituição particular, em São Paulo, entre 1992 e 1999. Esse projeto interdisciplinar teve como objetivo integrar o ensino e a pesquisa em atividades desenvolvidas com uma média entre 70 e 100 alunos dos 3 primeiros anos da grade curricular, por meio do envolvimento de professores de diferentes disciplinas para elaboração de um trabalho em torno de um tema comum.

Na opinião de Dencker (2002, p. 84), os temas privilegiam a visão ecológica, por ser mais adequada para a construção de um projeto interdisciplinar, objetivando o desenvolvimento de parâmetros de auto-sustentabilidade. Esse enfoque possibilita uma compreensão abrangente das necessidades da vida social como um todo e da atividade turística em particular. A abordagem da questão

ecológica incentiva a crítica ao modelo de desenvolvimento vigente na sociedade e amplia a noção de interdependência entre as espécies. Identifica o homem como responsável pela manutenção do equilíbrio a partir da cooperação, da solidariedade e do respeito pelas gerações futuras.

O trabalho foi subdividido em etapas. Na primeira, o tema é abordado de forma multidisciplinar a partir da ótica de cada disciplina, envolvendo pesquisa bibliográfica, seminários, trabalhos em grupos temáticos, coleta, análise e interpretação de dados empíricos. Os resultados são apresentados em forma de relatório e eventos abertos ao público. As informações são trocadas dentro do grupo e entre os grupos visando ampliação de conteúdos e identificação de aspectos fundamentais. Dencker (2002, p.84) ressalta que o trabalho em equipe fortalece as relações de cooperação e cria um clima construtivo, facilita a aprendizagem, estimula o apoio mútuo, permite a troca de idéias e a reflexão, possibilitando a crítica.

No primeiro ano do curso, são realizados estudos de natureza exploratória, pesquisa bibliográfica e observação controlada pelos alunos. No segundo ano, são elaborados projetos de pesquisa, construção de instrumentos de coleta, iniciação nas técnicas de análise quantitativa dos dados e interpretação dos resultados. E, no terceiro ano, são elaborados projetos de natureza prática com base em estudos de viabilidade, que, com a mudança da grade curricular, passaram a desenvolver planos turísticos municipais, fazendo com que o TAI fosse aplicado apenas até o segundo ano do curso. (DENCKER, 2002, p.87).

As experiências acima citadas são válidas, porém, convém alertar que estudos sobre educação ambiental, ou sustrentabilidade, exigem método, noção de escala, boa percepção das relações entre tempo, espaço e conjunturas, conhecimento sobre diferentes realidades regionais e, sobretudo, códigos de linguagem adaptados às faixas etárias do alunado. É um processo que, necessariamente, revitaliza a pesquisa de campo por parte dos professores e dos

alunos, e implica um exercício permanente de interdisciplinaridade, que é a prévia da transdisciplinaridade.

Hunter e Green (1995, p. 10) também chamam a atenção para a importância de tratar de forma multidisciplinar os assuntos referentes ao meio ambiente e ao impacto do turismo na natureza e nas comunidades. As pesquisas sobre esse tema devem focalizar perspectivas econômicas, sociológicas, psicológicas, geográficas, políticas, entre outras.

A seguir, verificamos a situação do ensino superior na Bahia, e como esse tema vem sendo tratado pelas IES do Estado.

3.5 Situação do Ensino Superior em Turismo na Bahia

No que se refere à oferta de cursos de nível universitário na Bahia, segundo Olga Pereira Mettig (2001), apenas em 1984, após anos de tentativa, surgiu o primeiro curso de graduação em turismo do Estado, terceiro da região Norte/Nordeste, sendo oferecido pela Faculdade de Turismo da Bahia (FACTUR/BA). O segundo curso surgiu em 1996, 12 anos depois da oferta do primeiro; o terceiro em 1997 e, a partir desse ano, muitos outros foram criados, conforme informações na TABELA 3, a seguir, incluindo também os cursos de graduação em turismo e hotelaria, administração hoteleira, administração com habilitação em hotelaria e seqüencial em turismo.

TABELA 3 - Cursos de Graduação na Área de Turismo na Bahia, em 2005.

SALVADOR					
ANO	INSTITUIÇÃO	CURSO	TURNO	VAGAS	EGRESSOS
1984	FACTUR/BA	Turismo	Matutino	110	sim
1995	CEFET	Administração Hoteleira	Vespertino	100	sim
1996	UNIFACS	Turismo	Mat./Not.	100	sim
1997	UNYAHNA	Turismo	Matutino	100	sim
1998	UNIFACS	Adm.c/ hab. em Hotelaria	Mat./Not.	100	sim
1998	FIB	Turismo	Noturno	100	sim
1998	FIB	Administração Hoteleira	Noturno	100	sim
1998	UNEB	Turismo e Hotelaria	Vespertino	100	sim
1999	UCSAL	Adm.c/ Hab. em Hotelaria	Matutino	50	sim
2000	FVC	Turismo	Mat./Not.	200	sim
2000	FACULDADE JORGE AMADO	Turismo	Mat./Not.	100	sim
2000	FABAC	Turismo	Vesp./Not.	100	não
2000	FTC	Turismo	Vesp./Not.	200	sim
2000	FACULDADE CASTRO ALVES	Turismo	Vespertino	100	não
2001	FACTUR/BA	Seqüencial em Turismo	Vesp./Not.	110	sim
2001	FACULDADES INTEGRADAS HÉLIO ROCHA	Turismo	Mat./Not.	100	não
2001	FACULDADES INTEGRADAS HÉLIO ROCHA	Adm.c/ Hab. em Hotelaria	Mat./Not.	100	não
2001	FDJ	Turismo	Noturno	200	não
2002	IBES	Turismo	Noturno	100	não
2002	FACULDADE SÃO SALVADOR	Turismo	Noturno	100	não
2003	FACSAL	Turismo	Matutino	100	não
2003	FACULDADE DA CIDADE	Turismo	Mat./Not.	100	não
2004	UNIRB	Turismo	Mat./Not.	100	não
LAURO DE FREITAS					
ANO	INSTITUIÇÃO	CURSO	TURNO	VAGAS	EGRESSOS
1998	UNIBAHIA	Turismo e Hotelaria	Noturno	100	sim
2000	UNIME	Turismo	Noturno	100	não
2001	FABAC	Administração Hoteleira	Noturno	100	não
FEIRA DE SANTANA					
ANO	INSTITUIÇÃO	CURSO	TURNO	VAGAS	EGRESSOS
2000	FTC	Turismo	Vesp./Not.	100	sim
2001	FACULDADE ANÍSIO TEIXEIRA	Turismo	Vesp./Not.	100	não
ALAGOINHAS					

ANO	INSTITUIÇÃO	CURSO	TURNO	VAGAS	EGRESSOS
2000	SANTÍSSIMO SACRAMENTO	Turismo	Matutino	50	
IBICARAÍ					
ANO	INSTITUIÇÃO	CURSO	TURNO	VAGAS	EGRESSOS
1999	FACULDADE MONTENEGRO	Turismo	Noturno	50	sim
PAULO AFONSO					
ANO	INSTITUIÇÃO	CURSO	TURNO	VAGAS	EGRESSOS
2003	FASET	Turismo	Vesp./Not.	100	não
ITABUNA					
ANO	INSTITUIÇÃO	CURSO	TURNO	VAGAS	EGRESSOS
2000	FTC	Turismo	Vesp./Not.	100	sim
VALENÇA					
ANO	INSTITUIÇÃO	CURSO	TURNO	VAGAS	EGRESSOS
2002	FAZAG	Turismo	Noturno	100	não
GUANAMBI					
ANO	INSTITUIÇÃO	CURSO	TURNO	VAGAS	EGRESSOS
2002	FACULDADE DE GUANAMBI	Turismo	Noturno	50	não
VITÓRIA DA CONQUISTA					
ANO	INSTITUIÇÃO	CURSO	TURNO	VAGAS	EGRESSOS
2000	FTC	Turismo	Vesp./Not.	100	sim
TEIXEIRA DE FREITAS					
ANO	INSTITUIÇÃO	CURSO	TURNO	VAGAS	EGRESSOS
2001	FACULDADE DO SUL DA BAHIA	Turismo	Noturno	100	não
PORTO SEGURO					
ANO	INSTITUIÇÃO	CURSO	TURNO	VAGAS	EGRESSOS
2001	FACULDADE DO DESCOBRIMENTO	Turismo	Noturno	100	não

Fonte: Elaborado pela autora, baseada nas informações fornecidas pelas IES da Bahia, em março de 2005.

Observamos na TABELA 3, que a proliferação da oferta de cursos se dá a partir de 1990 por instituições particulares, predominantemente. Apenas em 1998, há oferta por instituição pública, no caso a Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Verifica-se também que, em 2005, há uma oferta total de, aproximadamente, 4.000 vagas, a maioria concentrada nos turnos matutino e noturno, distribuídas em 12 municípios da Bahia, sendo, em Salvador, de, quase, 2.500 vagas, estimando-se um número equivalente de egressos, afora os que vêm sendo graduados a partir de 1987.

Portanto, em 2005, existem, em funcionamento, 37 cursos, sendo 28 em turismo; 3 em administração com habilitação em hotelaria; 3 em administração hoteleira; 2 em turismo e hotelaria; e 1 seqüencial em turismo, de acordo com os dados da TABELA 4, a seguir. Existe ainda a perspectiva de criação de novos cursos na área de turismo na Bahia, bem como o fechamento de alguns por falta de demanda e do acirramento da concorrência entre as IES particulares.

TABELA 4 - Oferta de Cursos de Bacharelado na Área de Turismo e Hotelaria por Município e por Curso na Bahia, em 2005.

MUNICÍPIO	TURISMO	ADMINISTRAÇÃO COM HABILITAÇÃO EM HOTELARIA	ADMINISTRAÇÃO HOTELEIRA	TURISMO E HOTELARIA	SEQÜENCIAL EM TURISMO	TOTAL
Salvador	16	3	2	1	1	23
Lauro de Freitas	1	-	1	1	-	3
Feira de Santana	2	-	-	-	-	2
Alagoinhas	1	-	-	-	-	1
Ibicaraí	1	-	-	-	-	1
Paulo Afonso	1	-	-	-	-	1
Itabuna	1	-	-	-	-	1
Valença	1	-	-	-	-	1
Guanambi	1	-	-	-	-	1
Vitória da Conquista	1	-	-	-	-	1
Teixeira de Freitas	1	-	-	-	-	1
Porto Seguro	1	-	-	-	-	1
TOTAL	28	3	3	2	1	37

Fonte: Elaborado pela autora, baseada em dados das IES da Bahia, em março de 2005.

A abertura de novos cursos, ao mesmo tempo que parece ser uma iniciativa positiva em função dos motivos já mencionados, traz consigo algumas preocupações, como a falta de professores formados na área com titulação de doutor, de mestre e, até mesmo, de especialista, sendo que a maioria está concentrada no eixo Sul-Sudeste do Brasil; de professores com preparação apropriada para educar e capacitar profissionais em turismo; e da oferta de cursos *stricto sensu* na área de turismo e hotelaria, conforme apresentado no QUADRO 8, no intertítulo 3.2.

Entendemos que a educação superior tem a responsabilidade de formar e qualificar pessoal para atender às exigências atuais da sociedade e do mercado no nível mais alto. Por isso, temos a expectativa que a qualidade dos cursos seja equivalente, ou superior à quantidade, e que esses cursos tenham surgido para atender à carência e suprir a deficiência da mão-de-obra ativa, já detectadas por pesquisas realizadas no mercado da Bahia, pela International Tourism Consulting em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas (SEBRAE/BA) e a Sociedade Tecnopolitana da Bahia, em 1996; e também pelo Instituto de Hospitalidade (IH) apoiado pelo Fundo Multilateral de Investimentos (FUMIN) e pelo SEBRAE, em 1999, observadas nos APÊNDICES D, E, F e G.

Do mesmo modo, o ideal é que essas IES estejam formando profissionais e cidadãos para atuar na área, tomando como base o contexto social, ambiental, político e econômico do Estado da Bahia, e o seu potencial para o turismo ecológico e cultural. O ecológico, pela quantidade e diversidade de recursos naturais e ecossistemas, distribuídos por todo o estado. A título de ilustração, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) considerou a Costa do Descobrimento como Patrimônio Mundial Natural, em 1999, por conter remanescentes significativos de floresta atlântica e altos índices de espécies raras e endêmicas. A Costa das Baleias é conhecida pela grande variedade da vida marinha. Nela, são encontrados exemplares de todas as espécies de corais da costa brasileira, algumas endêmicas. Muitas

espécies ameaçadas de extinção, como a baleia jubarte, tartarugas e aves marinhas, freqüentam a região.

O cultural, pelo fato de a Bahia ter sediado a primeira capital do país, ter sido palco de eventos como a luta pela independência e outros acontecimentos históricos, ter um privilegiado parque arquitetônico, tornando-se conhecida nos monumentos classificados pela UNESCO, que declarou o Centro Histórico de Salvador como Patrimônio Mundial Histórico e Cultural, em 1986. A Chapada Diamantina, por exemplo, possui um inestimável patrimônio histórico, cultural, arquitetônico e paisagístico, situado nas cidades do ciclo da mineração e garimpo de diamantes como Lençóis, Andaraí, Mucugê, Rio de Contas e Igatu, tornando a região propícia para o lazer, a recreação e o turismo.

Vale considerarmos que o governo do estado sempre teve uma presença marcante na política de fomento do turismo. Na área de turismo, verificamos que, desde a década de 1950, o estado vem desenvolvendo ações que favoreceram o incremento da atividade, variando de importância entre uma gestão e outra, como a criação do I Plano Diretor de Turismo (PDT), em 1954; do Plano de Desenvolvimento do Estado da Bahia (PLANDEB[3]), em 1958; da Superintendência de Turismo da Cidade do Salvador (SUTURSA), em 1964; do Órgão Oficial de Turismo do Estado (BAHIATURSA), em 1968; da Empreendimentos Turísticos da Bahia S/A (EMTUR), em 1976; da Empresa de Turismo de Salvador (EMTURSA), em 1986; da Secretaria da Cultura e Turismo (SCT), em 1995; da participação no Programa de Desenvolvimento do Turismo

[3]Elaborado em 1959 pela CPE, o PLANDEB foi o plano-piloto apresentado como proposta para a retomada de crescimento da economia estadual. Contemplava um programa de desenvolvimento da indústria turística, compreendendo as seguintes propostas: a) incentivar e apoiar as iniciativas particulares para a construção de hotéis e restaurantes através de isenção de determinados tributos; b) fazer propaganda turística, sendo responsabilidade do Estado assegurar a orientação e assistência técnica e financeira na preparação de centros turísticos, na elaboração de calendários e roteiros de turismo; c) restaurar os monumentos históricos; d) instalar o Teatro Castro Alves e outros espaços de cultura e lazer; e, e) criar estâncias balneárias, em Dias D'Avila e Caldas do Jorro. Essas propostas foram parcialmente implantadas posteriormente em outros governos, anos depois. (SUAREZ, 1990 e 1991).

(PRODETUR/BA[4]), em 1999, que tem o objetivo de criar condições de aproveitamento da potencialidade natural, histórica e cultural, ordenando o espaço territorial do Estado; do Programa Qualidade do Turismo (QUALITUR) e outras ações.

Foram realizados investimentos em infra-estrutura básica e em equipamentos turísticos, como hotéis, *campings*, centro de convenções, balneários, entre outros. Dentro dessa proposta de investimentos, reservou-se à Região Metropolitana de Salvador (RMS) um expressivo volume de recursos para serem aplicados em infra-estrutura básica, em equipamentos turísticos e em empreendimentos voltados para atender às demandas de eventos, de lazer, de entretenimento e de cultura. Essas medidas colaboraram no aumento do fluxo turístico para o estado desse período aos dias atuais. Conforme dados da BAHIATURSA de 2005, a Bahia recebeu, aproximadamente, 4.300.000 turistas, registrando-se uma receita turística em torno de U$ 850 mil, consolidando a atividade turística entre as mais rentáveis, com impacto no Produto Interno Bruto (PIB) em U$ 1,43 mil.

Ao longo de décadas, o estado se preocupou em diversificar seus produtos turísticos, através da criação de novos destinos, reforçando o plano de interiorização do turismo iniciado nos anos de 1980. Na política de turismo atual da Bahia, foram delimitadas 10 regiões e suas respectivas zonas e rotas turísticas, como podemos ver no QUADRO 12, a seguir. Nessas regiões são encontradas diversificadas fauna e flora, reservas indígenas, ecossistemas de praias, rios, riachos, estuários, dunas, coqueirais, lagoas, manguezais, parques, enseadas, baías, falésias, resto de Mata Atlântica, arquipélago, baleias-jubarte, cavernas, grutas, recifes de corais, cachoeiras e cânions, etc.

[4]Constitui um dos componentes do PRODETUR/NE ao qual estão incorporados Órgãos Oficiais do Turismo Estadual do Nordeste, Organismos do Governo Federal como o Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo (MICT/EMBRATUR); Ministério de Integração Regional/Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE); Ministério da Fazenda/Banco Central do Brasil (BANCEB); Ministério da Economia/Banco do Nordeste do Brasil (BNB) e Ministério das Relações Exteriores - Embaixada de Washington). O PRODETUR/NE foi instituído pela Portaria nº 1, de 29/11/1991, por ação da SUDENE e do Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR), objetivando ordenar o desenvolvimento do turismo na região. Além dos 9 estados nordestinos, o PRODETUR engloba, também, o Estado de Minas Gerais.

QUADRO 12 - Regiões e Zonas Turísticas da Bahia, em 2005.

REGIÕES	ZONAS E ROTAS	MUNICÍPIOS
Litoral Norte	Costa dos Coqueiros	Lauro de Freitas, Camaçari (Arembepe, Itacimirim, Guarajuba Abrantes, Jauá, Barra do Jacuípe), Mata de São João (Praia do Forte, Imbassaí e Costa do Sauípe), Conde (Barra do Itariri, Siribinha, Sítio do Conde, Poças e Barra do Itapicuru), Entre Rios (Massarandupió e Subaúma), Esplanada (Baixio), Jandaíra (Costa Azul e Mangue Seco).
Baía de Todos os Santos	Baía de Todos os Santos e Recôncavo	Salvador, Vera Cruz, Itaparica (Club Med), Jaguaripe, Salinas da Margarida, Saubara, Santo Amaro, Cachoeira, São Félix, Nazaré, São Francisco do Conde, Madre de Deus, Maragojipe.
Litoral Sul	Costa do Dendê	Valença (Guaibim), Taperoá, Cairu (Morro de São Paulo, Boipeba), Camamu (Baía e ilhas), Maraú (Praias da Península, Barra Grande, Lagoa do Caçange), Nilo Peçanha, Ituberá, Igrapiúna.
	Costa do Cacau	Itacaré, Uruçuca, Ilhéus, Una (Comandatuba), Canavieiras, Santa Luzia.
Extremo Sul	Costa do Descobrimento	Belmonte, Santa Cruz Cabrália (Santo André e Santo Antônio), Porto Seguro (Arraial d'Ajuda, Trancoso, Club Med, Caraíva, Espelho).
	Costa das Baleias	Abrolhos, Prado, Alcobaça, Caravelas, Nova Viçosa, Mucuri.
Chapada Diamantina	Chapada Diamantina	Lençóis, Andaraí, Mucugê, Iraquara, Rio de Contas, Piatã, Morro do Chapéu, Jacobina, Palmeiras, Itaetê, Seabra, Érico Cardoso, Abaíra, Rio do Pires, Livramento de Nossa Senhora (Brumado).
Caminhos do Oeste	Caminhos do Oeste	Barreiras, São Desidério, Correntina, São Félix do Coribe, Bom Jesus da Lapa.
Lagos do São Francisco	Lagos do São Francisco	Paulo Afonso, Juazeiro, Sobradinho.
Vale do Jiquiriçá	Rota do Sertão	Iaçu, Itatim, Brejões, Cravolândia, Nova Itarana, Jaguaquara, Itaquara, Santa Inês, Planaltino, Irajuba, Maracás, Lajedo do Tabocal, Lafaiete Coutinho e Itiruçu.
	Rota da Aventura	Elísio Medrado, Santa Terezinha.
	Rota dos Romeiros	Milagres, Amargosa.
	Rota das Cachoeiras	Jiquiriçá, Laje, Mutuípe, Ubaíra, São Miguel das Matas.
	Rota do Litoral	Valença, Jaguaripe.

Fonte: Elaborado pela autora, baseada em informações da BAHIATURSA, em 2005.

Em que pese o crescimento econômico do estado, através da produção industrial nos setores químico, especialmente a petroquímica, metalúrgico, voltados para exportação de produtos primários, produtos industrializados, semi-

manufaturados, outros setores da economia se expandiram, como agropecuários, mineração, automotivo e turismo. Embora possa parecer contraditório, a população aumentou, algumas cidades incharam e, relativamente, empobreceram, aumentaram os números de desempregados e de subempregados e de relações contratuais informais, acentuando a desigualdade na distribuição de renda. Segundo os indicadores que definem o nível de vida da população da Bahia, há outros problemas, como o aumento da violência urbana, a educação de baixa qualidade, a desnutrição, a fome crônica, a precariedade da assistência médica, que contribuem para a elevação das taxas de mortalidade, particularmente, a infantil.

No caso de Salvador, o crescimento desordenado provocou a deterioração das condições de limpeza pública e saneamento básico, colocando a maioria da população sem acesso aos serviços de esgotamento sanitário. Esta cidade foi considerada como uma das 8 regiões metropolitanas urbano-industriais com significativos problemas de poluição do ar, destacando o pólo petroquímico de Camaçari como caso grave. Sem considerar outros problemas, não muito diferentes no passado, de falta de limpeza e segurança urbana, de muitos mendigos e pedintes pelas principais avenidas da cidade, preços altos, baixa qualidade no atendimento dos taxistas, ineficiente sistema de informações e orientação ao turista.

É nesse contexto, de pobreza e de carências sociais cada vez mais preocupantes, de mudança dos padrões do trabalho do setor industrial para o setor de serviços e de crescimento desordenado, que aparece o turismo como opção econômica importante e, sobretudo, promissora, já que o estado como um todo dispõe de potencial e oferta consideráveis para essa atividade. Convém destacar que o turismo não se sustenta com problemas dessa dimensão. Essa atividade é extremamente sensível às questões sociais, ambientais e políticas. Não se pode pensar em atividade turística sem estabilidade política, segurança, saúde pública, qualidade do meio ambiente, autenticidade cultural, entre outras necessidades.

Devemos considerar também, nesse bojo, aspectos como descontinuidade administrativa, falta de prioridade para o turismo pela administração pública em algumas gestões, cenário econômico, congelamento dos preços das passagens aéreas e das tarifas de hotéis, formulação de barreiras para a criação de novas linhas aéreas e o corte de vôos internacionais, a valorização da moeda nacional, desvalorização cambial, política de preços, condições de pagamento de viagens, abertura de linhas de financiamento para investimento no setor, distribuição espacial dos investimentos, política de municipalização do turismo[5], geração de empregos, programas de treinamento e formação de mão-de-obra, etc.

A heterogeneidade e a complexidade do setor, derivadas da ampliação e diversificação da oferta de produtos turísticos, exigem uma eficiente articulação entre o setor público, os empresários e as instituições de educação, para que possam, juntos, superar as dificuldades e limitações, através da criação de um sistema de educação. Isso porque a ausência de pessoal formado em todos os níveis é um dos fatores que comprometem a otimização do setor. A qualificação da força de trabalho é fundamental para o incremento da atividade, constituindo-se em componente-chave da oferta turística.

Tendo em vista esse contexto, verificamos, a seguir, como as IES estão sendo geridas a partir de princípios da sustentabilidade.

---

[5] O Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT) visa desenvolver uma consciência junto às entidades municipais sobre a importância econômica e social do turismo. Esse programa segue a orientação da OMT, é coordenado pelo MICT, Secretaria de Turismo e Serviços (SETS), através da EMBRATUR, em parceria com o SEBRAE, o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), o Banco do Brasil, a Caixa Econômica Federal, a Associação Brasileira dos Órgãos Municipais de Turismo (ABOMTUR), a Associação dos Municípios com Potencial Turístico (AMPTUR), a Comissão de Turismo Integrado (CTI), a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) e, com o apoio de instituições de ensino e pesquisa. Em vários municípios já vem sendo desenvolvida a metodologia *Ziel Orientiert Programm Projekt* (ZOPP), visando à multiplicação de técnicas de organização e operacionalização institucional do turismo. Na atualidade, em 2005, são, aproximadamente, 2 mil municípios do Brasil inscritos nesse programa. Na Bahia, temos Prado, Caravelas, Alcobaça, Nova Viçosa, Mucuri, Nazaré das Farinhas, Juazeiro, entre outros.

4 Gestão de Instituições de Ensino Superior

As IES têm um papel relevante no desenvolvimento da sustentabilidade. Para isso elas terão que trabalhar para obter eficiência econômica, autonomia, enriquecimento do ensino e aprendizagem, inclusão de infra-estrutura e gestão de pesquisa, melhoramento de suporte e acesso aos estudantes, eficiência administrativa e estreitamento de relações com a comunidade. Fora isso, elas poderão adotar políticas de responsabilidade econômica, social e ambiental como as verdes, ou *greening*, que, conforme Tony Alabaster e Derek Blair (1996, p. 86), é um termo usado para descrever as perspectivas ambientais com um trabalho corporativo e responsabilidades individuais.

Essas políticas podem ser adotadas através de: criação de infra-estrutura ecologicamente responsável; programas de educação para os alunos, funcionários, empregados do comércio e da indústria; investimentos em pesquisa na área ambiental, social e econômica, com implicações em mudanças globais, em conexão com programas internacionais, fundações e outras instituições; formação de comissão de investigação de problemas políticos, econômicos, sociais e culturais; mudanças no currículo; propostas para atender à comunidade; esquema compreensível de reciclagem; uso eficiente de energia e de água; programas que elevem a consciência ambiental; política de transportes; política de compras ecologicamente correta; auditoria ambiental; oferta de cursos nas áreas de ciências ambientais, físicas, humanas e marinhas, engenharia ambiental, uso da terra e produção orgânica; publicações sobre o assunto; formação de grupos de estudo em assuntos ambientais, gerenciamento sustentável, restauração do *habitat*; criação de centro de desenvolvimento sustentável, biodiversidade e ecologia; melhoria do campus como área urbana sustentável; formação e participação de estudantes em programas de estudos ambientais, sociais, políticos e econômicos; criação de *web site* para comunicação entre as instituições; entre outras ações.

A IES precisa ser gerida e organizada em função da melhor possibilidade de ensino a ser, permanentemente, questionada.

Assim sendo, analisamos as IES a partir de 3 enfoques: o administrativo, o pedagógico e o socioformativo, e de 7 categorias, que sinalizarão o modelo adequado para o fomento do desempenho sustentável nas suas ações por todo o processo de planejamento, coordenação, gerenciamento e controle.

No enfoque administrativo, analisamos 2 categorias: o estilo de gestão educacional e o seu ambiente físico. No pedagógico, escolhemos 3 categorias: o projeto pedagógico, a orientação do ensino-aprendizagem e a abordagem pedagógica. E, no enfoque socioformativo, 2 categorias: a percepção dos conhecimentos adquiridos pelos egressos e a participação profissional do egresso no mercado de trabalho.

4.1 Enfoque Administrativo

Denominamos enfoque administrativo o modelo de gestão que pode ser adotado pelas IES. No caso, escolhemos aquele que mais se adequa a uma gestão baseada nos princípios da sustentabilidade, conforme vimos nos capítulos anteriores.

O entendimento que temos é que a IES, ainda que não tenha como fim o lucro, poderá ser gerenciada mediante modelos de gestão baseados em estratégias e competitividade. Assim sendo, ela poderá dar ênfase na avaliação das potencialidades, fragilidades, oportunidades e ameaças (PFOA) dos ambientes interno e externo, conhecendo a estrutura do setor do qual a instituição participa, o impacto proveniente das mudanças no contexto econômico, político e social, as tendências e perspectivas para o setor; definindo objetivos e políticas; analisando as forças competitivas do mercado; gerenciando o processo de aprendizado estratégico, pelo qual novas estratégias podem emergir.

O enfoque administrativo baseado em premissas estratégicas e sustentáveis, em visão maleável de futuro possível, desejável, digno de se viver, em ações coletivas, que devem ser implementadas com responsabilidade social, ética, respeito ao meio ambiente, através de acordos, parcerias, cooperação com a comunidade e com outras organizações.

4.1.1 Estilo de Gestão Educacional

As IES são responsáveis pelo gerenciamento dos recursos necessários para formação de cidadãos, preparação de pessoas para o exercício profissional com lastro na sustentabilidade, institucionalização de valores e cultura particular de pesquisa, disseminação do conhecimento, alta qualidade de gerenciamento, respeito aos valores individuais, liberdade acadêmica com altos padrões éticos, encorajamento do questionamento crítico, avanço intelectual, econômico, cultural, ambiental, social e bem-estar das pessoas.

De acordo com a Declaração Talloires (1990) *apud* Dowsett (2001, p. 50),

> presidente, reitores e vice-conselheiros de todas as regiões do mundo (...) estão profundamente preocupados com a escala e velocidade sem precedentes da poluição e degradação do meio ambiente e depredação dos recursos naturais (...). Nós acreditamos que ações urgentes são necessárias para rever esse quadro (...). As universidades precisam encabeçar uma liderança e suporte para mobilizar interna e externamente em resposta a esses desafios.

Já que compete à IES a criação de ambiente adequado para o convívio e interação de pessoas, pela elaboração de políticas que interferem no processo de aprendizagem e desenvolvimento humano, ela não pode alijar os agentes envolvidos nesse processo de construção. Assim sendo, concordamos com Robert Paul Wolff (1993, p. 166), pois todos aqueles que são afetados por uma decisão e suas exigências, devem participar dessa decisão. Esse é o verdadeiro princípio da democracia participativa.

Para isso, as instituições precisam ser flexíveis e adaptáveis, ter um pensamento sistêmico e adotar um modelo de gestão aberta, democrática e

integradora, que possibilite a participação de todos, visando uma educação que promova a formação de uma mão-de-obra altamente qualificada e preparada para desempenhar funções que sejam de acordo com seus interesses, e, paralelamente, demandadas pela comunidade e pelo mercado. Mas, especialmente, uma educação que sirva para o crescimento pessoal do indivíduo, para o desenvolvimento humano. Conforme Anísio Spínola Teixeira (1969, p. 211),

> (...) para se fazer uma escola de formação humana, em que o indivíduo aprenda a afirmar a sua individualidade numa sociedade de classes abertas, em que a aptidão e o êxito lhe determinem o *status* – mais dependente de condições pessoais, do que propriamente de hierarquia social pré-estabelecida (...).

Esse pensamento reforça a ideologia presente nas declarações de Tbilisi e de Talloires e na Agenda 21: para se atingir a consciência global da sustentabilidade, devem-se observar as mudanças mais no âmbito individual e familiar e menos no social e político. Isso porque, conforme foi explicado, a sustentabilidade, na atividade do turismo, é obtida a partir de um paradigma de comunidade aberta, que supõe a participação de todos os envolvidos, a co-responsabilidade da população e de empresários perante seus recursos e atrativos, e, ainda, o avanço da autodeterminação e consciência de todos os atores.

Como o estudante deve ser preparado para esse tipo de interação, a modalidade de sua educação deve seguir esse caminho. A escola é o terreno dos valores e das normas, do imaginário, do estético, do político, e o campo da relação sujeito-sujeito e não da relação sujeito-objeto. Essa afirmação sugere possibilidades de elevação da importância das idéias de Teixeira (1969) sobre gestão da educação, se se deseja compor um modelo gestor voltado para o desenvolvimento da sustentabilidade nos cursos de turismo. Nesse sentido, para a capacitação turística, Ruschmann (1991, p. 96 e 97) demonstra que

> (...) integração entre as empresas do setor e os cursos de turismo é fundamental para a capacitação adequada dos alunos para um adequado exercício profissional (...). No que se refere especificamente às instituições de ensino, (...) realização de reuniões

> técnicas entre os membros do corpo docente, visando o desenvolvimento da interdisciplinaridade, fundamental para o entendimento do fenômeno turístico como um todo, proporcionando o reconhecimento dos elos que relacionam as diversas ciências entre si e com o turismo, e o desenvolvimento de técnicas específicas para a produtividade dos recursos humanos do setor.

Para Trigo (1998, p. 176), essa parceria entre mercado e as instituições de ensino superior

> (...) pode se dar em vários níveis. As opções de estágios supervisionados, trocas de informações e pesquisas por alunos e trabalhadores, participação dos alunos nos congressos e encontros profissionais e dos profissionais nos seminários universitários, educação continuada para trabalhadores do *trade*, inserção de experiências empresariais no conteúdo de algumas disciplinas, contratação de profissionais altamente experientes do mercado para atuar como conferencistas, ou professores de disciplinas técnicas, contratos de planejamento turístico entre governos, empresas e escolas.

Acrescentamos a essa afirmação de Trigo (1998), a existência de instâncias e mecanismos de diálogo entre a faculdade e as comunidades da cidade, bairros e localidades em que a primeira esteja presente, para dar autenticidade à administração e execução do ensino dentro de sua realidade social. O resgate de sistemas cooperativos no desempenho das funções administrativas, a visão global, e mais a preocupação com o impacto social e ético das ações, promovem o desenvolvimento organizacional sustentável. Segundo Kátia Siqueira de Freitas (1999, p. 37),

> o conceito de gestão democrática salienta os valores filosóficos, enquanto que a escola destaca as relações interpessoais e solução de problemas. No contexto geral, conceitos de clima organizacional aberto, participação, estilos de liderança participativa e humanista aparecem, freqüentemente, em conjunto e em oposição ao estilo autoritário de administração, que é percebido, contemporaneamente, como responsável por inúmeros insucessos educacionais e sociais.

Entretanto, para Alberto Sessa (1995. p. 7),

> a falta de inter-relação entre o sistema econômico e o sistema educativo, tem causado uma evidente carência do sistema cultural. A falta de curiosidade intelectiva e por conseqüência de cientifização, tem causado uma falta de empresarialidade, (...) que tem provocado uma carência política.

E Gabriel Mário Rodrigues (1990, p. 125) diz, com propriedade, que falta um maior relacionamento, compreensão e interação entre a escola e a empresa, visando à qualificação da atividade profissional e, portanto, a um melhor nível empresarial e benefício para os consumidores e para a sociedade. Ainda acrescenta (1990, p. 126): "*somando esforços, intenções, conhecimentos práticos e teóricos, o meio turístico será fortalecido, mais unido, mais representativo e os benefícios serão de todos.*"

Sem dúvida, a parceria simbiótica entre esses agentes fortalecerá os recursos humanos, assegurando que o setor de turismo se torne cada vez mais profissional, respeitado e aceito pela comunidade local, nacional e internacional. Para Sessa (1995, p. 3, 6 e 7),

> a palavra sistema (...) nos obriga a refletir sobre a necessidade de considerar o sistema educativo, em particular o turístico e o hoteleiro, em relação com o sistema econômico, o bem do trabalho. Ademais, nos permite considerar globalmente todos os outros componentes e todos os outros agentes que estão direta, ou indiretamente implicados, a partir dos docentes até chegar aos sindicatos, aos poderes públicos, às famílias, aos estudantes, às empresas, aos meios de comunicação. (...) o sistema educativo é importante porque condiciona a quase toda a população e transmite os valores culturais. (...) o sistema educativo representa uma transmissão da cultura e também uma máquina administrativa que transmite a cultura de uma sociedade.

À luz dessas reflexões, o modelo de gestão que idealizamos numa perspectiva da sustentabilidade, é sistêmico e metodológico, focado na instituição de ensino que queira formar agentes para o setor de turismo, considerando as necessidades do aluno, da comunidade e do mercado. Visa a responder a uma melhor qualidade no desempenho das atividades de formação superior, mediante as lógicas econômicas e sociais. Nele, são focalizadas as ações estratégicas desenvolvidas pelas IES para obterem sucesso e manterem um curso sempre atualizado, de excelência, voltado para as questões sociais, culturais e ambientais. Afirmam Takeshy Tachizawa e Rui Otávio Bernardes de Andrade (1999, p. 23) que

> o êxito da instituição de ensino no cumprimento de sua missão seria proporcionar ao egresso, que constitui o seu produto final colocado no mercado, um conjunto de

> habilidades, competências e conhecimentos, valorizados e reconhecidos pelas organizações que o contratam.

Esse modelo de gestão deve primar pela cooperação técnica, fundamentada nos conceitos de solidariedade, participação e consenso coletivo e de desenvolvimento humano. Um modelo de gerência administrativa que busque vantagem competitiva a partir da satisfação dos seus clientes internos (docentes, discentes e pessoal da administração) e externos (comunidade, mercado). Assim, a aplicação prática dessa gestão tornará o ambiente institucional favorável à compreensão do aluno, sujeito do processo, quanto a participação e cidadania.

A aplicação do modelo de gestão democrática poderá possibilitar ao aluno ser agente de mudanças, fazendo-o sentir-se co-responsável pelo seu curso, pela educação que lhe está sendo oferecida. Desse modo, ele terá uma educação integrada, envolvendo-se com todos os atores pedagógicos e respeitando o viver e o ser de cada um. Essa concepção, segundo Antonio Enríquez Savignac (1997, p. 47), facilitará as ações das instituições de ensino nos aspectos, como a incessante atualização sobre as tendências e os problemas do setor, possibilitando a adaptação de seus cursos à dinâmica do mercado, através de revisão dos conteúdos acadêmicos, da inserção de métodos de ensino e da criação de técnicas e modelos educacionais que enfatizem a habilidade para resolver problemas.

Outro aspecto importante na gestão da educação está relacionado à autonomia administrativa, financeira e pedagógica da IES. Nesse sentido, a adoção de gestão democrática em educação só depende da instituição. Não tem impedimento na lei, tendo em vista que, desde 1999, as instituições de ensino têm autonomia para gerenciar seus cursos, conforme os Art. 53 e 54 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/96. As IES devem ser capazes de gerir autonomamente o seu negócio para que tenham liberdade de implantar políticas e filosofias, fazer investimentos em pesquisa, extensão, infra-estrutura e incrementar projetos educacionais baseados numa realidade mais contextual e mais

abrangente, visando solucionar, senão minimizar, as dificuldades que afligem a comunidade acadêmica e a sociedade que a cerca.

Essa autonomia promoverá mais agilidade no processo de tomada de decisão, na comunicação intra e interorganizacional, reduzindo a hierarquia na formulação das políticas educacionais e na resolução de problemas. Elevará a satisfação do cliente interno e externo, fortalecendo o prestígio perante a comunidade e o mercado. A melhoria da imagem institucional favorecerá a inserção dos egressos no mercado de trabalho, passando a ser referência como instituição formadora. Existem outras ações que favorecem a elevação da credibilidade institucional e que fazem parte desse estilo de gestão, como a realização de convênios com o meio empresarial e o poder público, visando diminuir a polêmica entre o conhecimento teórico e prático, mediante estágios, vivências, viagens de estudo e visitas técnicas em todos os segmentos do mercado.

Acrescentamos a tudo isso que o intercâmbio com e entre instituições, parcerias, contratos de cooperação e de colaboração possibilitam a abertura de novos mercados de trabalho, a troca de experiências diversas, pesquisa, produção bibliográfica, banco de dados sobre a produção acadêmica. Também faz parte desse estilo de gestão o desenvolvimento de ações com responsabilidade social, através de propostas sobre as questões ambientais e comunitárias, contando com a participação dos discentes nessas atividades.

Em matéria de gestão nessa perspectiva, considera-se a experiência da Université du Québec à Montréal (UQAM) um exemplo muito próximo do que imaginamos. A universidade é um centro de formação de mão-de-obra para atender ao sistema turístico do Québec. Existe uma interação constante entre os atores do sistema local, nacional e internacional. Eles estão abertos para os acontecimentos no mundo, as tendências do mercado e as necessidades de qualificação de pessoal, dando uma dimensão internacional ao curso. São realizados estágios, no final do curso, em empresas transnacionais e, no verão,

em escolas internacionais de outros países. Do mesmo modo, a UQAM acolhe estudantes de outras universidades, fazendo parte de uma rede internacional de cooperação. Essa instituição foi reconhecida, em 1989, pela OMT, como centro internacional de formação e de pesquisa em turismo. Parece-nos certo que a qualidade do curso de turismo da UQAM se deve ao fato de participar da rede de dezenas de centros internacionais, na qual realiza trocas de experiências e prioriza a pesquisa aplicada.

Entendemos que a pesquisa é fundamental para a compreensão das tendências do turismo internacional nos anos futuros e para a formulação de políticas de recursos humanos de acordo com o contexto. Para Louis Jolin (1992, p. 14), a cooperação é primordial. Ele atribui o sucesso da UQAM aos acordos multilaterais entre universidades e diversos organismos públicos e privados do setor turístico, que poderão ser desenvolvidos mediante: a) realização conjunta de projetos de pesquisas; b) intercâmbio de professores e especialistas; c) realização de estágios de estudo e de aperfeiçoamento para os estudantes; e d) troca de informações, documentos e publicações.

Faz parte da gestão de uma IES o seu comprometimento com a solução de problemas da comunidade local e global, referentes às questões econômicas, políticas, sociais e ambientais. Para isso, faz-se necessária a criação de projeto ecopolítico, que inclua discussão entre instituições e com diversos atores da sociedade. Nesse sentido, a criação de empresas incubadoras na IES promoverá estudos e pesquisas com a participação dos alunos nos projetos empresariais e planos de negócios, favorecendo uma proximidade e, portanto, a conscientização deles sobre as necessidades da sociedade em geral.

O estilo de gestão tem reflexo no seu ambiente físico. Através dele podemos perceber o quanto e como a IES administra seus recursos materiais, humanos e informacionais, e a sua preocupação com a sustentabilidade, tendo em vista que o ambiente físico poderá favorecer o entrosamento entre docentes de

diferentes áreas do conhecimento, alunos dos níveis de graduação e pós-graduação, equipe administrativa e demais participantes.

4.1.2 Ambiente Físico

O ambiente físico é responsável pela promoção de condições de trabalho mais criativo, interativo e harmonioso. Assim sendo, o condicionamento dos espaços de aula deve ser em ambientes alternativos, que se mesclem à comunidade, de acordo com os processos pedagógicos. Igualmente em espaços interiores, internos da instituição e em espaços comuns da escola, que pertençam também ao ambiente do contexto, nos quais sejam permitidos a interconexão e o contato real entre os sujeitos da aprendizagem e os fenômenos sociais e naturais à sua volta.

Não deve ser um lugar apenas de aprendizado e conhecimento, mas também um lugar de cultura, de arte, de espiritualidade e de vida. Todos os lugares e espaços da escola devem oferecer condições e estímulo aos processos de construção e reconstrução dos saberes e aos aspectos da dinâmica de continuada formação e auto-formação dos docentes e discentes. Tanto aqueles espaços que se fazem indispensáveis para pesquisa e reflexão de forma mais individual e silenciosa, quanto aqueles que envolvem trocas, polêmicas, esclarecimentos e debates, referentes às atividades do aluno, entre os alunos, entre alunos e professores, bem como às do professor, entre professores, entre professores e alunos.

Assim, segundo Peggy Barlett e Arri Eisen (2002, p. 62), o desenho geográfico do campus universitário não deve fortalecer a separação das pessoas e das idéias. Eles observam que, normalmente, as salas de aula e prédios das ciências sociais e humanidades, por exemplo, estão isolados das facilidades da pesquisa científica, resultando em segregação intelectual e disciplinar dentro da própria universidade, o que leva a um desprezo dos problemas mais complexos e

significativos da sociedade, como discriminação racial, doenças emergentes e o estado do meio ambiente, que podem ser mais bem resolvidos através da investigação interdisciplinar.

Logo, os espaços devem ser autênticos para os sujeitos, para que cada um se sinta capaz de compartilhar experiências, desejos, sonhos, interesses, afetividades, aspirações, alegrias, temores e preocupações. A universidade pode dispor de espaços livres, onde se possa discutir e refletir sobre temas, como violência, recursos naturais, coleta seletiva e reciclagem, poluição, desmatamento, consciência corporal, animais em extinção, consumismo, valores éticos, sexualidade, saúde, auto-estima, drogas, aborto, desigualdades sociais, miséria, fome, e outros temas de forma natural e sem censura.

Na universidade, é preciso que haja ambientes que disponham de equipamentos e condições necessárias para o desenvolvimento de atividades práticas, oficinas, dinâmicas de grupo, projetos experimentais, simulações, estudos interdisciplinares, pesquisas, extensão, estimulando a curiosidade, a criatividade, a intuição, a compreensão, e a aprendizagem. E também locais onde seja possível o desenvolvimento de relação com o outro e com o contexto social. Assim sendo, ocorrerá o exercício do amor, do respeito, do sentimento e emoção, ou, em espaços restritivos, a construção do conhecimento.

Os espaços de suporte e de apoio didático devem ser em área singularizada, que possibilite o desenvolvimento particular de cada aluno, e com privacidade que facilite processos de crescimento íntimo. Os alunos devem ser colaborativos, de modo que cooperem para o desenvolvimento de atividades em grupo e da consciência coletiva. É imprescindível, portanto, um espaço tecnológico para criar um ambiente cultural e educativo susceptível de diversificar as fontes do conhecimento e do saber, sendo necessários programas e sistemas que facilitem o acesso a computadores, à *Internet*, numa perspectiva da virtualidade/interatividade, juntamente com sistemas que facilitem o acesso ao

acervo de pesquisa, de modo que se possam otimizar o tempo e a qualidade dos estudos.

A biblioteca, as salas individuais, as salas para pequenos grupos, os laboratórios, os grandes auditórios, as salas convencionais de aula, entre outros espaços físicos, precisam fazer parte da concepção e organização material da escola. Igualmente, deve haver espaços com rico e variado acervo de pesquisa que possibilite a ampliação do conhecimento, através de leituras, discussões e processos transdisciplinares.

Devem existir áreas naturais cobertas de vegetação e grama dentro da instituição, como jardins, parques, represas, lagos, corredeiras, entre outros, que promovam a interação e a integração com a natureza, desenvolvendo o sentir, a percepção, a consciência e a emoção.

É preciso criação de ambientes onde possam ser promovidos eventos que auxiliam a construção da cidadania ambiental, que asseguram e incrementam os laços de comunhão entre os grupos, os homens e as mulheres, as instituições e as organizações. E que se promova maior contato com a comunidade, a integração da vida do ser humano com a dos outros por meio da solidariedade e do trabalho participativo. Que haja espaço para exercícios físicos e condições para acesso de todas as pessoas através de infra-estrutura que possibilite o acesso e trânsito de pessoas portadoras de necessidades especiais.

As políticas ambientais que podem ser adotadas em termos de forma física começam no *design* da arquitetura dos prédios, adaptados para ter baixo gasto de energia; para atender às necessidades de cada departamento; para instalar, cuidar e monitorar o recolhimento e o sistema de tratamento do lixo; para controlar o risco de detrimento do meio ambiente por barulho, poluição visual, mediante a gestão eficiente dos prédios, plantas e equipamentos.

No caso do lixo, poder-se-ão disponibilizar vasilhames no campus e nos departamentos para cada tipo gerado, separando o orgânico, papel, plástico, metal, vidro, tecido e outros. O lixo orgânico e o papel têm potencial para ser reciclados e composto material para ser usados nos jardins, por exemplo.

As políticas para minimizar os gastos com o consumo de energia e água estão relacionadas ao *design* apropriado dos prédios; aos materiais neles usados e à infra-estrutura; ao gerenciamento de energia; ao uso do calor gerado por computadores e outros equipamentos; à escolha cuidadosa dos equipamentos. (UOA, 1991a, p. 8, *apud* DOWSETT, 2001).

Outra forma de cuidar do meio ambiente é estimar a capacidade total de operação do campus, considerando-se estudantes, funcionários, prestadores de serviços, entre pessoas. No bojo dessas ações, a IES poderá adquirir um transporte coletivo para alunos, professores, funcionários como alternativa para economizar combustível; reduzir a área utilizada para estacionamento; e a quantidade de gás carbônico lançado no ar; diminuir o tempo de deslocamento; reduzir o tráfego com a diminuição de automóveis particulares; estimular o uso de bicicletas; entre outras medidas. (DOWSETT, 2001, p.80).

4.2 Enfoque Pedagógico

Consideramos aqui o enfoque pedagógico como núcleo do processo de formação de pessoas, assunto de primeira grandeza, no qual se delineia a concepção de educação. Por isso, foram escolhidas como componentes desse enfoque 3 categorias: o projeto pedagógico, a orientação do ensino-aprendizagem e a abordagem pedagógica.

4.2.1 Projeto Pedagógico

A instituição deve ser construtora do seu projeto político-pedagógico. O projeto pedagógico é a matriz arquitetônica do conhecimento e dos saberes necessários à formação de cidadãos e profissionais. Nele constam os princípios filosóficos norteadores da construção das relações, dos saberes, das competências, das habilidades e das afetividades.

O projeto pedagógico deve ser concebido com todos os atores da comunidade interna e externa, considerando-se as tendências e perspectivas para a educação. Para uma educação superior numa perspectiva planetária e da sustentabilidade, por exemplo, o projeto deverá estar alicerçado nos princípios de que a IES corresponde ao grau mais elevado da tessitura social, devendo, portanto, comprometer-se inteira e integralmente com amplo e profundo conhecimento sobre as questões políticas, econômicas, ambientais, sociais e culturais. Acreditamos que o bem-estar de todas as gerações futuras depende da habilidade e da eficácia com as quais informamos e inspiramos a base de conhecimento e os valores daqueles que atualmente estão em nossas escolas e universidades.

Alicerçados nesses pilares, o desenho do projeto pedagógico mesclará missão, objetivos, perfis, habilidades, competências, políticas de extensão, ensino, pesquisa, estágio, parcerias, trabalho de conclusão de curso, currículo pleno, programas de ensino, política de qualificação do corpo docente, avaliação institucional e do ensino-aprendizagem que desenvolva o pensamento autônomo de seus atores, através de variadas maneiras de conhecimento e práticas pedagógicas que os aproximem do mundo real, preparando-os para o estabelecimento de uma sociedade que saiba respeitar todas as pessoas e preservar o planeta.

Algumas abordagens pedagógicas socioconstrutivistas trabalham e compreendem a educação de uma maneira bem adequada a essas necessidades pedagógicas da sustentabilidade. Daí advém o planejamento e projeto a partir da consideração de conceitos, como Zona Proximal de Aprendizagem (ZPA), mediação prática da aprendizagem, sujeito ativo, construção do conhecimento a partir da interação social, interatividade, colaboração, respeito à diversidade de práxis e especificidade das necessidades de cada sujeito, autonomia e consciência dos alunos e aprendizes, construção colaborativa da aprendizagem por alunos e professores, polifonia, realização de pedagogia por projeto, construção social da aprendizagem, dentre outros. Eles levam à construção de projetos pedagógicos que tendem a fazer o processo do ensino-aprendizagem caminhar na mesma direção da gestão e do desenvolvimento da sustentabilidade institucional.

Esses conceitos pedagógicos recomendáveis são aqueles que provêm das teorias consideradas socioconstrutivistas por este trabalho, algumas clássicas, outras mais recentes, provenientes de autores, tais como Louis Not (1981), William Doll Júnior (1998), Carl Rogers (1980), Paulo Freire (1980, 1981 e 1996), Marta Kohl de Oliveira (1995), Henrique Leff (2001), dentre outros.

Alfredo Eurico Rodrigues Matta (2001), a partir do estudo de vários autores, construiu um quadro resumo das características fundamentais do ensino-aprendizagem colaborativo, que, a partir daqui, consideramos neste trabalho. Vejamos o QUADRO 13, a seguir.

QUADRO 13 - Conceitos Fundamentais para a Abordagem Pedagógica.

Interestruturação do conhecimento	o conhecimento é construído pelo sujeito a partir de suas experiências e na direção do equilíbrio entre suas concepções e a realidade apresentada pelo contexto. O contexto atua limitando a experimentação do aluno e servindo de parâmetro para a aplicabilidade de sua aprendizagem.
Pedagogia de projeto e resolução de problemas	dentre outras abordagens construtivistas, essa é a mais adequada para o trabalho com novas tecnologias. Segundo seus princípios, uma situação deve ser organizada se nela existe um problema a resolver, ou uma tarefa a realizar. Os alunos devem analisar o contexto, elaborar um projeto de ação e, então, executá-lo.
Autenticidade de questões	as questões, problemas, ou tarefas dados para o exercício de resolução dos alunos devem ser autênticos, ou seja, devem pertencer ao universo real de dificuldades e necessidades do aluno e de seu contexto social.
Autenticidade do professor	o professor deve estar autenticamente envolvido como parceiro de trabalho e facilitador do processo.
Metacognição	o mais importante é aprender a aprender. O aluno deve utilizar o gradativo processo de resolução de problema, para testar seus procedimentos de resolução, sua eficácia de análise e suas estratégias de abordagem.
Pensamento operacional formal	quando a inteligência humana imita e/ou representa o real, faz pontes entre este e o mundo das possibilidades. O ser humano pode representar e manipular abstrações, criar e testar hipóteses. Segundo Piaget, desenvolve-se na adolescência.
Mediação	acontece quando a relação entre dois elementos é mediada por um terceiro. Os signos são mediadores entre o mundo e a aprendizagem do sujeito. Os brinquedos, instrumentos, ferramentas, um ambiente, uma tarefa, podem também estar mediando a relação entre o mundo e a reflexão, logo entre o mundo e a aprendizagem, pois possibilitam a construção de signos e representações.
Zona proximal	existe um espaço entre o que se conhece e o que está fora do alcance momentâneo de conhecer-se. Nesse espaço o sujeito pode realizar uma tarefa, ou resolver um problema, não de forma autônoma, mas, sim, acompanhado por outros. Esse é o espaço da aprendizagem potencial, ou seja, das atividades educacionais e formativas.
Interação	relacionamentos existentes, na zona proximal, entre os diversos pensamentos reflexivos participantes das várias ações integradas, que fazem surgir a construção e o crescimento da consciência de todos os envolvidos, inclusive dos professores e assim resultar em aprendizagem e construção do conhecimento. É a função de todo o sistema de ensino de abordagem ativa e construtivista. Uma epistemologia da experiência, da ação sobre problemas, deve focalizar a relação entre o objeto conhecido e o sujeito conhecedor, ou seja, sobre a interação objeto-sujeito.
Concretude	é uma relação entre o sujeito e determinados elementos dos objetos, ou contextos percebidos. As relações concretas do sujeito aprendiz com o que ele percebe de sua realidade é que provocariam os contrastes entre suas concepções e o que se observa do contexto, provocando desequilíbrio e gerando a aprendizagem.

Estruturas cognitivas, ou mapas de cognição	o conhecimento está armazenado em nosso pensamento sob o formato de uma rede semântica formada por nódulos de conteúdos e elos de relacionamento entre esses conteúdos. A rede é dinâmica e se modifica de acordo com a percepção e experiência do sujeito em seu contexto. Esse movimento de modificação é a aprendizagem. A rede semântica pode ser registrada e representada na forma de estruturas cognitivas, ou mapas de cognição, que possibilitarão o estudo da cognição e processo de aprendizagem dos sujeitos. Os mapas de cognição podem ser a origem de outras construções.

Fonte: Alfredo Eurico Rodrigues Matta (2001, p. 55 e 56).

A partir das observações e princípios pedagógicos desse QUADRO 13 estaremos inferindo a maneira pela qual a IES deve aproximar-se da questão pedagógica e de suas abordagens metodológicas, para que tenha uma prática educacional tendente a harmonizar-se com a necessidade de sustentabilidade.

A missão da IES tem que corresponder à razão de ser da educação. Pressupomos que a IES tem como principal finalidade formar pessoas para serem capazes de transformar a si mesmas, em busca de atitudes e condutas que promovam qualidade superior de vida para si e para todos. Assim sendo, a missão da IES tem que aproximar a gestão interna do mundo exterior. O processo educacional deve estar em sintonia com os fatos do planeta, o que significa dizer que os princípios do QUADRO 13 precisam ser contemplados pela IES, desejosa de aprimorar sua sustentabilidade, cuidando da legitimidade e autenticidade dos processos pedagógicos e, a partir deles, entrando em diálogo com o contexto.

Os objetivos definidos pela IES devem ser claros, coerentes e atingíveis. Devem estar coerentes com a educação de pessoas e não somente com a preparação delas para o mercado de trabalho.

O perfil, habilidades e competências desejados para o egresso são traçados a partir da mescla de necessidades pessoais e do contexto social. A formação se processa, visando aprimorar o pensar dos alunos, levando-os à reflexão sobre a vida, à relação com o outro e à participação no mundo. A relação da sociedade com o seu-outro, a natureza, desenvolve-se através do agir

comunicativo, que estabelece os fins imaginários, socio-historicamente instituídos, de um plano em que a razão técnico-científica não dispõe de plena autoridade para decidir, pois esse é o campo da relação sujeito-sujeito e não da relação sujeito-objeto. É o terreno dos valores e das normas, do imaginário, do estético, do político. (GONÇALVES, 1990, p.140 e 141).

Entendemos que o modelo adequado à formação do profissional de turismo deve ser alicerçado na cidadania, compatibilizando conhecimentos técnicos, habilidades para atuar em setores multivariados, criatividade, competências, empresarialidade, visão universal, e fundamentos sobre a estrutura do desenvolvimento social, cultural e ideológico das sociedades. Também no respeito ao ambiente natural e na capacidade para desenvolver produtos turísticos de forma eficiente, eficaz e sustentável.

Em relação às políticas de ensino, extensão e pesquisa, pensamos que a tarefa principal da instituição de educação é a de ensinar os alunos a pensar. A extensão contribui para aproximação da IES do mercado, procurando atender às suas necessidades de aprimoramento e qualificação de recursos humanos. A pesquisa é fundamental para a compreensão da realidade dos fatos, do contexto, das tendências, contribuindo para formulação de políticas estratégicas, produção acadêmica e bibliográfica, criação de novas tecnologias, inovação e alternativas que promovam a melhoria da qualidade de vida das pessoas, beneficiando a sociedade e o meio ambiente.

A pesquisa possibilita ao indivíduo avançar como cidadão na busca de uma qualidade de vida superior, aderir a uma racionalidade capaz de permitir a convivência entre os homens, participar de uma concepção do mundo, possuir uma linha consciente de conduta moral, contribuindo assim para manter, ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar.

A política de estágio supervisionado deve contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico e sistêmico, diminuindo a polêmica entre o conhecimento teórico e prático, preparando as pessoas para lidar com a complexidade, o contexto e as contingências. Os estágios possibilitam maior relacionamento, compreensão e interação entre a escola e a empresa, a abertura de novos mercados de trabalho, a troca de experiências diversas, a convivência com os problemas ambientais e sociais, a partir da participação em projetos das incubadoras, da Empresa Júnior; da experiência em Diretório Acadêmico; da monitoria; da elaboração de planos, programas e projetos para empresas, municipais, regionais e estaduais; de projetos comunitários; de viagens de estudo e de aperfeiçoamento; do planejamento e organização de eventos; entre outros vivenciados, inclusive, em empresas transnacionais e em todos os segmentos do mercado turístico.

Em relação às parcerias, a IES deve ter convênios, acordos multilaterais e intercâmbios com o meio empresarial; com o poder público, indústria, *trade* turístico, sindicatos, famílias, ONGs, fundações, outras instituições de educação, institutos de pesquisa, associações e entidades de classe e alternativas, entre outras, visando ao estreitamento de relações e aproximação dos alunos da realidade local, regional, estadual e internacional, à realização de projetos de pesquisa e investigações, à formação de banco de dados sobre a produção acadêmica, possibilitando a troca de informações, de documentos e publicações, o intercâmbio de professores e especialistas. Faz-se necessário, comunicação constante com as distintas comunidades científicas internacionais dedicadas à investigação, com o objetivo de trocar e renovar idéias sobre sustentabilidade, educação ambiental, turismo e outros temas, por exemplo.

Partimos do pressuposto de que a teoria deve caminhar lado a lado com a prática. Assim, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) pode ser desenhado de forma que os alunos comecem a pensar nele desde o início do curso, finalizando-o no último ano. O tema deve estar relacionado a um projeto que vise solução de

problema da sociedade, diagnosticado durante o curso. Desse modo, o aluno terá a oportunidade de aplicar o que lhe foi dado através de estudos de casos, aulas práticas e teóricas, vivências, convivências, viagens de estudos, estágios e experimentos.

O currículo pleno deve ser flexível, possibilitando a criação de novas disciplinas e a conexão entre elas, a inserção de temas e tópicos emergentes capazes de transformar a sociedade, a exemplo de culturas sustentáveis não-tradicionais, em desenvolvimento comunitário, robótica, cooperação, genética, de estudos de modelos não-ocidentais de conhecimento e de experiência; entre outros.

Quanto aos programas de ensino, deve-se partir do princípio de que o conhecimento deve ser baseado no espírito crítico, na análise e no diagnóstico das situações, através de conteúdos que interliguem aspectos econômicos aos sociológicos, culturais, ambientais, geográficos, políticos, legais, tecnológicos, administrativos, históricos, institucionais e outros, dando liberdade ao aluno de avançar progressivamente segundo suas próprias necessidades e participar com uma linha consciente de conduta moral, contribuindo assim para manter, ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar.

A IES deve incluir, no projeto pedagógico, a política de qualificação do corpo docente, visando ao aprimoramento da sua prática pedagógica, ao desenvolvimento do orgulho de pertencer à organização, ao conhecimento de técnicas de pesquisa, ao contato com a realidade e à reflexão sobre a sua atuação. O desenvolvimento do docente deve acontecer para que ele seja capaz de construir projetos pedagógicos que o legitimem diante do corpo discente e da comunidade de aprendizagem da IES como um todo. Isso implica dizer que as políticas de habilitação e preparação do docente devem capacitá-lo para trabalhar com comunidades de aprendizagem, plenas de dialogismo e interações com toda

a comunidade do contexto da instituição, o que encaminhará mais facilmente a IES para uma prática sustentável.

Todo o processo de retroalimentação, ou de *feedback* é sempre positivo para as organizações e as pessoas. Por isso, a avaliação institucional e do ensino-aprendizagem deve funcionar como um termômetro para medir o grau de satisfação dos seus atores e da sociedade. O sistema de avaliação do ensino-aprendizagem deve ser flexível e eclético, respeitar as diferenças individuais e determinar as potencialidades e fragilidades dos alunos, aproximando-os cada vez mais do trabalho manual, da ciência e da tecnologia.

Os projetos de expansão que incluem investimento na estrutura interna, nas instalações físicas, em equipamentos, em laboratórios de experimentação, acervos e outras tecnologias devem estar em consonância com as tendências de gestão limpa, ou verde, com responsabilidade social e ambiental.

Ao associarmos os princípios do ensino-aprendizagem colaborativo, do QUADRO 13, aos projetos pedagógicos de IES que almejem a sustentabilidade, estamos de fato apontando que necessitem do melhor nível de interatividade e colaboração nos projetos pedagógicos institucionais, não só devido à importância da legitimização dos temas estudados e das comunidades de alunos e professores, mas também e principalmente porque essa abordagem direciona o projeto e a prática pedagógica institucional para uma aproximação e harmonização com o contexto social e ambiental que os acolhe. A abordagem pedagógica colaborativa e o socioconstrutivismo trabalham bem com a gestão da sustentabilidade.

4.2.2 Orientação do Ensino-Aprendizagem

O estilo de gestão aberta, democrática e sistêmica para a educação superior reflete a qualidade dos seus programas de formação, qualificação e treinamento de profissionais, lembrando que a qualidade de educação a que nos referimos neste trabalho está associada a uma formação de cidadãos, alicerçada e centrada no desenvolvimento humano, na capacidade de resposta às necessidades reais dos discentes, dos empregadores e das comunidades, na oferta de oportunidades de autoconhecimento e de interações múltiplas contextualizadas, na ampliação da consciência do aluno e na preparação para um mundo sustentável.

O ensino de qualidade é, portanto, aquele no qual são desenvolvidos maturidade intelectual, caráter, consciência, autodisciplina e autonomia moral, através da experiência prática, baseada na solução de problemas, no pensamento crítico, na interatividade entre os alunos, e entre eles e o contexto. Concordamos com a teoria das Inteligências Múltiplas de H. Gardner (1995), de que se deve explorar a inteligência do aluno como um espectro de competências, fazendo-o descobrir caminhos para atingir um objetivo, desenvolver a capacidade de resolver problemas, ou de criar produtos e serviços sustentáveis, que sejam valorizados dentro de um, ou mais cenários culturais.

Para Gardner (1995), cada aluno tem habilidades e competências diferentes formadas pelas vivências, estímulos, histórias de vida, personalidades, entre outros fatores. Por isso convém estimular o aluno a desenvolver múltiplas competências, tendo em vista as diferentes inteligências. Gardner (1995) *apud* Nildo Ribeiro Nogueira (2001, p. 45 a 53) propõe algumas categorias de inteligência:

1. lógico-matemática: competência em devolver e/ou acompanhar cadeias de raciocínio, resolver problemas lógicos e lidar bem com cálculos e números (...);

2. lingüística: capacidade de lidar bem com a linguagem tanto na expressão oral como escrita (...);

3. espacial: competência relacionada à capacidade de extrapolar situações espaciais para o concreto e vice-versa, possuindo dessa forma grande percepção e relacionamento com o espaço;

4. corporal-cinestésica: relacionada à perfeita forma de expressão corporal, assim como à resolução de determinado problema por meio de movimentos do corpo;

5. musical: justificada como a capacidade de interpretar, escrever, ler e expressar-se pela música;

6. interpessoal: capacidade de entender outras pessoas, comunicar-se com elas de forma adequada, motivando-as, incentivando-as e dirigindo-as, em alguns casos, a um objetivo comum;

7. intrapessoal: capacidade de se conhecer, de entrar em contato com seu *self*, de se auto-avaliar, reconhecendo seus pontos positivos e negativos, ficando dessa forma mais fácil trabalhá-los. Dentre os aspectos internos, não podemos deixar de fora os sentimentos e as emoções, mas, nesse caso, principalmente a capacidade de discriminá-los;

8. naturalista: capacidade de realizar qualquer tipo de discriminação no campo da natureza, reconhecendo, respeitando e estudando outro tipo de vida que não só a humana;

9. existencial: relacionada à capacidade de situar-se com os limites do cosmos, com as coisas mais etéreas, como, por exemplo, a compreensão do sentido da vida e da morte, do amor e do ódio, com a capacidade de aprofundar-se na descoberta do sentido de uma obra de arte, ou de questões filosóficas;

10. pictórica: relacionada às manifestações da arte, do grafismo, da expressão via desenho e da resolução de problemas por esse canal de comunicação, (...); e

11. emocional: diretamente relacionada ao perfeito equilíbrio das inteligências inter e intrapessoal. Refere-se basicamente à capacidade de reconhecer e lidar com as emoções, aceitando-as e trabalhando-as, quando assim for necessário.

Para que essas características sejam contempladas na formação do indivíduo, os programas das IES devem refletir as relações civis e culturais, ter corporeidade material, levando em conta todo o complexo social do qual o homem é expressão, tendo em vista que, a partir do momento em que o indivíduo dá-se conta de si, da sua responsabilidade perante si mesmo e do outro, o seu comprometimento com a sociedade será maior, possibilitando o respeito ao próximo e, conseqüentemente, à humanidade.

É através desses princípios que a instituição vai modelando as suas propostas às necessidades da sociedade, e pondo-as em prática através do ensino e da aprendizagem, visando ao desenvolvimento sustentável. Na óptica de Nogueira (2001, p. 42), a formação integral do cidadão deve ser concebida, considerando-se que

> um conjunto de áreas como aprendizagem experenciada, com interação ao meio, partindo do simples para o complexo, provocadora de desafios, visando a resolução de problemas, não pode ser restrita apenas à cognição. Como qualquer outra aprendizagem deve expandir-se também para as áreas motora, afetiva, social e outras.

A esse respeito, consoante as ponderações de Teixeira (1969, p. 217 e 218), a IES deve criar

> as condições necessárias para um trabalho real e eficaz (divisão de tarefas, participação de todos, sentido de responsabilidade e cooperação), as relações entre alunos, professores e administração devem ser as de um time, em que todos se sintam “tão bons quanto os outros”. Os processos democráticos de educação requerem, (...) a transformação da escola em uma instituição educativa onde existam condições reais para as experiências formadoras. (...) é preciso que todos, diretores, professores e a administração escolar, aceitem o princípio democrático.

A respeito do mesmo tema, William Heard Kilpatrick (1970, p. 48) observa,

> somente quando a escola for posta em harmonia com a vida real, é que certos hábitos e disposições morais e sociais poderão ser criados no aluno e, só então, é que certos processos e empreendimentos necessários à solução desses graves problemas, poderão ser implantados de vez.

A participação, em forma de experimentação e de projetos, é o elemento diferenciador e propulsor dessa integração. Só dentro da vida, e pelas realidades da vida, se poderá aprender a viver melhor. À medida que a escola possibilita a interação entre os alunos e entre estes e a comunidade, fortalecerá a compreensão dos problemas do contexto. Com referência a isso, Kilpatrick (1970) diz que “*sem compreensão, não é possível a simpatia essencial e a compreensão mútua”.* Torna-se, portanto, difícil ter uma perspectiva social. É preciso ser e estar fraterno, colaborativo e cooperativo, sem deixar de ser competitivo. A competição deve existir, mas através de condutas recheadas de valores morais e éticos.

Com essa perspectiva, a formação universitária requer um programa acadêmico projetado para qualificar e tornar os profissionais capazes de pensar, orientar, promover e desenvolver a atividade turística no seu conjunto de forma sustentável. Com capacidade para administrar sua própria empresa, ou outras em cargos diretivos e/ou de assessoria, para planejar e projetar o desenvolvimento delas, conceber e levar a cabo os programas de investigação necessários para lograr os objetivos dessas empresas, ou do setor turístico.

Os cursos de formação universitária devem ter como objetivo primordial a formação de pessoas para participar da vida de forma responsável. Para Kilpatrick (1970, p. 44), o mais útil conceito de educação é o de torná-la como processo pela qual se adquire modo de comportamento, ou de reações puramente externas. A IES deve ser o espaço onde o aluno possa encontrar-se consigo mesmo, ampliar a sua consciência sobre o mundo e sua relação com seus pares e com a natureza.

A proposta de uma educação sustentável deve estar em consonância com as diretrizes curriculares e com as propostas e práticas de pensadores e educadores como John Dewey (1979), Robert Wolff (1993), Anísio Teixeira (1969), Paulo Freire (1980, 1981 e 1996), Lev Vygotsky *apud* Oliveira (1995), Rudolf Steiner (1996, 1996a e 1997), entre outros, já citados neste trabalho.

Para a SESu/MEC, através das suas diretrizes, compete às IES com cursos de turismo formar um profissional apto a atuar em um mercado altamente competitivo e em constante transformação, cujas opções possuem um impacto profundo na vida social, econômica e no meio ambiente das sociedades onde são desenvolvidas.

No pensamento dos educadores citados, eles têm em comum o ponto de vista de que a educação deve ser aplicada à práxis de vida das pessoas. Entendemos “aplicada” no sentido de que as ações pedagógicas promovam o desenvolvimento humano, permitindo ao aluno a construção de seu próprio modo

de compreender o mundo e que eles possam, através da aprendizagem, solucionar os problemas práticos da sua vida, ocasionar mudanças sociais concretas e viver em conformidade com o movimento permanente e as transformações do mundo real.

O método da inteligência experimental defendido por Dewey (1979) é, para Teixeira (1969, p. 21), a marcha que dá uma nova ordem, mais humana do que tudo que até hoje se tenha conhecido. A filosofia da educação desenvolvida por Dewey (1979) visa à transformação educacional fundada na nova ciência do mundo físico, humano e social, em busca da unidade básica da personalidade em desenvolvimento. Para ele, é essencial o estudo científico da conduta humana. Dessa forma, pode-se restabelecer a eficácia da formação moral pela escola. De certo modo, Dewey *apud* Teixeira (1969, p. 22), une o conhecimento e a virtude. O comportamento moral**,** para ele, é aquele que leva o indivíduo a crescer, e crescer é realizar-se mais amplamente em suas potencialidades. E como tais potencialidades somente se desenvolvem em sociedade, o indivíduo cresce tanto mais quanto todos os membros da sociedade crescerem, não podendo o seu comportamento prejudicar o dos demais porque, com isso, o seu crescimento se prejudica.

A contribuição de Wolff (1993, p. 137) diz respeito ao papel social da universidade. Para ele, a universidade é

> um lugar onde intelectuais em potencial podem encontrar intelectuais verdadeiros, onde jovens podem encontrar homens e mulheres amadurecidos que vivem segundo o princípio socrático de que a vida não questionada não vale ser vivida. É o ambiente natural para o crescimento intelectual que deve acompanhar o crescimento físico e emocional.

Teixeira (1969) defende um “modelo” de escola progressiva, voltado para os interesses e necessidades dos alunos. Essa nova escola recupera as boas condições educativas, que possuem as instituições naturais de educação, como as da família, oficina, escritório de trabalho, clube, igreja e outras. As atividades são oferecidas à participação do aluno.Elas possuem interesse em si mesmas e

não são algo que se deva fazer apenas por obrigação. O trabalho será julgado pela sua eficácia e não por meio de regras artificiais de mérito.

Esse “modelo”, segundo Teixeira (1969, p. 215), possibilita ao aluno viver a experiência que vai se ampliando de acordo com os novos interesses e as novas aprendizagens, mantida, entretanto, a unidade nos novos desdobramentos a que levam a instrução e o saber. O ensino de coisas, ou noções alheias à experiência do aluno, incorre sempre no perigo de constituir algo de inútil, ou de prejudicial ao seu desenvolvimento. A experiência educativa é sempre uma experiência pessoal, em que o passado se liga ao presente e se projeta no futuro, aumentando o poder de compreensão, ou de operação do indivíduo em seu crescimento emocional, intelectual e moral. Teixeira (1969, p. 34, 35, 36 e 37) estabelece as seguintes condições para a aprendizagem:

> a. só se aprende o que se pratica. Só uma situação real de vida, em que se tenha de exercer determinado traço de caráter, pode levar à sua prática e, portanto, à sua aprendizagem. Daí, ser necessário que a escola ofereça um meio social vivo, cujas situações sejam tão reais quanto as de fora da escola;
>
> b. mas não basta praticar. Aprende-se através da reconstrução consciente da experiência, isto é, as experiências passadas afetam a experiência presente e a reconstroem para que todas venham influir no futuro. É a atitude, o propósito, a intenção de quem vai aprender que decide sobre o que vai ser aprendido;
>
> c. aprende-se por associação. Não se aprende somente o que se tem em vista, mas as coisas que vêm associadas com o objetivo mais claro da atividade;
>
> d. nunca se aprende uma coisa só. Aprendizagens adquiridas simultaneamente (Kilpatrick) atitude de gosto, ou desgosto, uma idéia do que é o fator e de como ele age, um ideal de qual deveria ser o seu caráter e a sua ação. Para atender a todas as aprendizagens que acompanham qualquer atividade educativa, é necessário que as condições da escola sejam idênticas às da própria vida; e
>
> e. toda a aprendizagem deve ser integrada à vida, isto é, adquirida em uma experiência real de vida, onde o que for aprendido tenha o mesmo lugar e função que tem na vida. O que se aprende “isoladamente” de fato não se aprende.

Freire (1996), refere-se a aspectos relacionados à prática educativa transformadora. A sua proposta gira em torno de uma pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando.

Lev Vygotsky *apud* Oliveira (1995), contribui com seus estudos sobre o desenvolvimento humano, a aprendizagem e as relações entre desenvolvimento e aprendizagem. Ou seja, ele associa desenvolvimento com os processos de aprendizagem. O contato do indivíduo com certo ambiente cultural promove o aprendizado e este possibilita o despertar de processos internos de desenvolvimento.

Assim sendo, Oliveira (1995, p. 57 e 58) destaca que o desenvolvimento fica impedido de ocorrer na falta de situações propícias ao aprendizado. Nessa concepção, o aprendizado possibilita o despertar dos processos internos do indivíduo, liga o desenvolvimento da pessoa a sua relação com o ambiente sociocultural em que vive e a sua situação de organismo que não se desenvolve plenamente sem o suporte de outros indivíduos de sua espécie. Vygotsky *apud* Oliveira (1995, p. 60) define como zona de desenvolvimento proximal

> a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto, ou em colaboração com companheiros mais capazes. (...) É na zona de desenvolvimento proximal que a interferência de outros indivíduos é a mais transformadora.

O pensamento de Steiner (1996, 1996a e 1997) também ajuda a compor o pensamento sobre formação de pessoas, quando defende a integridade do homem, a sua relação com o universo e a importância da vivência participativa.

Como podemos perceber, todo o arcabouço teórico deverá ser desenvolvido concomitantemente com a vivência prática. Essa formação deverá propiciar um contato estreito com a realidade turística, a fim de buscar alternativas

de soluções para os problemas pertinentes ao contexto socio-histórico-cultural-ambiental. Para Teixeira (1969, p. 213),

> fazendo compreender ao aluno que o saber não é, assim, algo de acumulado e inútil que ele tem de aprender, mas a própria arte de fazer as coisas, resolver os problemas humanos e tornar o indivíduo – aquela expectativa de homem – em um homem verdadeiro, a escola depressa o conquistará para a participação na sua admirável experiência de fazer dele o cidadão de uma democracia, eficiente em sua parcela de trabalho e no grande trabalho coletivo de todos, eficiente no comando de si próprio, dos seus desejos e impulsos, para coordená-los com os desejos e impulsos dos outros, e eficiente, assim, como bom parceiro, no jogo da vida, seja no pequeno grupo íntimo da família e dos amigos, seja no grande grupo regional, nacional, universal.

O método de ensinar é exterior aos alunos. O que é interior é o processo de aprendizagem. O método é um meio para aprender, como cada um aprende e com o que aprende e é próprio de quem aprende, somente. Através do fazer se internaliza o método. A forma em que cada um o vive, é individual, única. O ritmo e o alcance desse desenvolvimento dependem das características, das possibilidades e da vontade de cada um. Quando se promove o conhecimento, florescem possibilidades, aumenta a liberdade e avança a civilização. Para tanto, o docente tem um papel relevante.

Assim sendo, tomando-se como base Steiner (1996, 1996a e 1997), Vygostsky *apud* Oliveiria (1995), Wolff (1995), Freire (1980, 1981, 1996), Dewey (1979) e Teixeira (1969), apresentamos no QUADRO 14, a seguir, algumas sugestões para os professores na sua prática pedagógica:

QUADRO 14 - Pensamentos sobre a Prática Pedagógica.

AUTORES	PENSAMENTOS SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA
WOLFF	ensinar valores; levar o aluno a questionar; ajudar o estudante a aprender, sugerindo argumentos, apontando aos fatos, levantando questões que o estudante não é capaz de perceber sozinho; dar liberdade aos alunos.
DEWEY	apelar para as capacidades que o aluno já possui; estimular a reflexão, o pensamento.
VYGOTSKY	interferir na zona de desenvolvimento proximal dos alunos, provocando avanços que não ocorreriam espontaneamente; promover atividades que favoreçam o envolvimento da criança em brincadeiras, principalmente aquelas que promovam a criação de situações imaginárias.
FREIRE	ter convívio amoroso com os alunos; assumir uma postura curiosa e aberta, fazendo com que os alunos assumam posição de sujeitos sócio-histórico-culturais; romper com concepções e práticas que negam a compreensão da educação como uma situação gnoseológica; ter competência técnico-científica e rigor no desenvolvimento do seu trabalho; construir um ambiente favorável à produção do conhecimento onde o medo do professor e o mito sejam desvelados; ser capaz de viver e de aprender com o diferente; criar as possibilidades para a produção, ou construção do conhecimento; ser investigador, inquieto, curioso, humilde e persistente; ensinar os conteúdos e a pensar certo; compreender o valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo, que vai gerando a coragem.
TEIXEIRA	distribuir o tempo entre observar, procurar informações, debater, escolher, planejar, distribuir tarefas, realizar e julgar os resultados.
STEINER	saber despertar o mundo interior do aluno, utilizando imagens musicais, ou plásticas como apoio pedagógico; promover uma união entre ciência e arte com o objetivo de proporcionar ao aluno uma integração de seu universo interior com o mundo à sua volta; respeitar a individualidade; adotar procedimentos artísticos e criativos nas atividades; remover os obstáculos físicos e etéreos do aluno, estimulando-o a seguir individualmente suas próprias leis evolutivas; repensar as velhas e infrutíferas fórmulas pedagógicas; ser intermediador do conhecimento e integrador do aluno no mundo; conhecer e considerar seus alunos do ponto de vista dos temperamentos, aplicando suas observações no cotidiano escolar; procurar chegar, em escala sempre maior, a relações de causalidade e outras semelhantes; ter conceitos pedagógicos claros e precisos; despertar interesse pelo mundo exterior com todas as suas regras, processos, causas e efeitos, intenções e finalidades; despertar o mais vivo interesse pelos problemas do universo, evitando a liberação de interesses ligados aos instintos, como ânsia de poder, erotismo, egocentrismo; aproveitar todas as oportunidades para estabelecer uma relação com o que anteriormente foi ensinado, empregando imagens. O relacionamento com o passado é que estimula a capacidade de julgar; utilizar métodos mais diversos, mostrando, do início até o fim da aula, um interesse que acompanhe o interesse dos alunos; preparar as aulas com perfeição; ter relacionamento profundamente moral com os alunos. Isso significa atitude ética, no sentido mais amplo; estar consciente da sua responsabilidade; oferecer oportunidade de pensar imaginativamente, de modo que suas sentenças tenham um caráter metafórico.

Fonte: Elaborado pela autora, baseada em Steiner (1996, 1996a e 1997), Vygostsky *apud* Oliveiria (1995), Wolff (1995), Freire (1980, 1981, 1996), Dewey (1979) e Teixeira (1969).

Em linhas gerais, esses autores propõem que o professor tenha postura de educador, mediador, facilitador, orientador, ao trabalhar com conteúdos acadêmicos, com novas teorias educacionais, como inteligências múltiplas, processo interdisciplinar, diferentes formas de avaliação e novas tecnologias, tornando a aprendizagem prazerosa.

O ensino tem que ter relevância para o aluno, tem que ser algo que deixe marcas na vida dele e que ele possa utilizar a favor do seu crescimento pessoal e profissional. Tal reflexão deve imperar na proposta do educador. Perguntamo-nos: Para que servem as atividades? O que o aluno conseguiu extrair da pesquisa? Qual o aproveitamento da ação para a aprendizagem?

A partir daí, o professor deve apresentar os procedimentos e verificar junto ao aluno que entendimento ele teve, conhecendo as suas hipóteses, aquisições, potencial de análise e crítica, reflexão e síntese.

O uso da *Internet,* quando bem orientado pelo professor, poderá ser não só uma fonte de pesquisa, mas um espaço de comunicação, de cooperação, de discussão e de interatividade.

Conforme apresentamos no QUADRO 13, e tendo em vista tudo o que foi argumentado até aqui sobre abordagem pedagógica, projeto pedagógico e ensino-aprendizagem, compreendemos que, quanto à metodologia educacional, a adoção da sustentabilidade como parâmetro de gestão institucional orienta a IES para pedagogias de caráter predominantemente socioconstrutivistas.

4.2.3 Abordagem Pedagógica

A sustentabilidade na educação superior requer da IES compreensão de que o processo educativo precisa ser posto em relação às tendências de mercado, às questões atuais, aos paradigmas contemporâneos e estar em organicidade com a contextura da sociedade a que se aplica, procurando, portanto, concentrar-se em novas propostas educacionais voltadas para o desenvolvimento humano, o crescimento geral da pessoa, do sujeito, do cidadão, a aquisição de competência, habilidade, eficiência, eficácia e afetividade.

Nesse processo, é de fundamental importância o engajamento dos docentes, discentes e profissionais no seio das comunidades, fazendo-se parte integrante delas. É necessária, portanto, a adoção de abordagens de ensino voltadas para a participação e a construção coletiva de significados e do conhecimento, a partir da criação de condições para o aluno se engajar em projetos coletivos, na prestação de serviços voluntários, estágios, vivências e outras atividades que possam promover relações sociais, capacidade de adaptação a novas situações, espírito crítico, facilidade de comunicar-se, de lidar com pessoas e de trabalhar em equipe.

Nesse sentido, Mário Carlos Beni (s/d, p. 1, 2 e 7) afirma

> a ação pedagógica afeta todo o sistema social, cultural e ideológico das sociedades, na medida em que forma profissionais para a promoção do desenvolvimento econômico que são, ao mesmo tempo, os agentes mantenedores, ou transformadores dos valores, hábitos e costumes da cultura onde vivem. (...) é preciso encarar o papel da ação pedagógica numa dimensão que vá além de seu caráter técnico de instrumento de ensino e capacitação profissional. Torna-se fundamental transformar a ação pedagógica num conjunto de mecanismos eficazes, capaz de organizar o saber produzido pela cultura, incorporando-o à sua prática. Eis os recursos para a garantia de uma formação profissional globalizante e coerente com as perspectivas de desenvolvimento da América Latina. (...) a ação pedagógica se estrutura de forma sistêmica e sistemática, a fim de fazer interagir os segmentos que compõem o modelo turístico vigente (...).

É preciso haver espaço para que todos possam expor suas idéiase e discutir com a maior amplitude possível temas referidos ao contexto dos alunos. Os questionamnetos poderão ser trabalhados no encontro das diferentes ciências e conhecimentos acumulados pelos homens, através da realização de eventos que levem para a IES, empresários, operadores de turismo em geral, profissionais de diferentes áreas, representantes de entidades do terceiro setor, estudiosos e pesquisadores de outras IES, para uma relação de troca com o mundo acadêmico.

Moacir Gadotti (2000) defende a idéia de que a educação deve ser cidadã, ou seja, fundada numa visão democrática e participativa, gestora do conhecimento, constituída por professores construtores de sentido, por alunos

sujeitos da sua própria formação, por um currículo alicerçado na idéia de sustentabilidade, e imersa num sistema de ensino que permita, respeite e considere a pluralidade de organizações e instituições.

Trabalhando dentro dessa temática da educação cidadã e ecopedagógica, Francisco Gutiérrez e Cruz Prado (1999) emitem assertivas a respeito do papel da escola, afirmando que é preciso contextualizar, globalizar, relacionar, buscar as múltiplas causas das coisas, perceber as ligações, interações e implicações mútuas, aprender a problematizar e a realizar.

Para tanto, a pedagogia de projetos é a mais recomendável. É uma alternativa para suprir as dificuldades de realização de trabalhos práticos interdisciplinares, entendendo-se a interdisciplinaridade como a integração das diferentes áreas do conhecimento, um real trabalho de cooperação e troca, aberto ao diálogo e ao planejamento. As diferentes disciplinas não aparecem de forma fragmentada e compartimentada, pois a problemática em questão conduzirá à unificação. Elas interagem entre si em diferentes conexões. (NOGUEIRA, 2001, p. 142 e 145).

Existindo a abordagem pedagógica por projetos, a IES terá orientação didático-pedagógica de facilitação e orientação, currículo e projeto pedagógico legítimos para o grupo, ou comunidade de aprendizagem, ou seja, um projeto contextualizado, que leva em conta o meio em que o aluno vive, o ambiente e a dinâmica escolar e os aspectos concernentes ao processo de aprendizagem. Portanto, um projeto sustentável.

Essa visão é inerente à transdisciplinaridade, defendida pelos autores já citados, e que corresponde aos princípios da Carta da Transdisciplinaridade, adotada no I Congresso Mundial da Transdisciplinaridade, conforme Gadotti (2000, p. 49 a 52).

A transdisciplinaridade e as idéias defendidas por Leff (2001, p. 134 a 135) a respeito da racionalidade ambiental são fundamentais na orientação da transição para o desenvolvimento sustentável. Para que ela seja construída, faz-se necessária uma mobilização de processos sociais, como a formação de uma consciência ecológica, a reorganização interdisciplinar do saber tanto na produção quanto na aplicação de conhecimentos, entre outros processos.

A questão ambiental, por exemplo, não pode ser reduzida ao campo específico das ciências da natureza, ou das ciências humanas. Ela convoca diversos campos do saber, pois, na verdade, ela diz respeito ao modo como a sociedade se relaciona com a natureza. Estão implícitas aí as relações sociais e as complexas relações entre o mundo físico-químico e o mundo orgânico.

A educação ambiental, bem conduzida, colabora efetivamente para aperfeiçoar um processo educativo maior, sinalizando para a conquista, ou reconquista da cidadania. *É a nova "ponte entre a sabedoria popular e a consciência técnico-científica."* (Aziz Nacib Ab'Saber, 1994, p. 3).

Essa questão para Carlos Walter Porto Gonçalves (1990, p. 139 e 140), é, assim, mais que um campo interdisciplinar, pois nela se entrecruzam o conhecimento técnico-científico, as normas e valores e o estético-cultural, regidos por razões diferenciadas, porém não-dicotômicas. Ela requer um campo de comunicação intersubjetiva não-viciado e não-manipulado para que a região comunicativa possa se dar efetivamente. Enfim, requer, fundamentalmente, democracia. Mais que a interdiscipinariedade, impõe-se uma atitude mais radical, no sentido de ir à raiz do problema: impõe-se uma transdisciplinariedade. É preciso perceber que a razão não governa toda a vida e que o paradigma atomístico-individualista não dá conta da complexidade da *physis*.

Rowe (1999) e Smith-Sebasto (1995) *apud* Rowe (2002, p. 90) descobriram, através de pesquisa, que os estudantes que haviam tido um curso interdisciplinar com foco em educação ambiental, tinham comportamento

ambientalmente responsável, acreditavam que eram capazes de fazer algo pela sociedade, estavam engajados em ações que promoviam um futuro sustentável, eram eficientes e otimistas.

Na pesquisa multidisciplinar, cada uma das disciplinas envolvidas usa seus próprios conceitos e métodos. Apenas o objeto principal da pesquisa é o mesmo. O *background* filosófico dos pesquisadores e seus pontos de vista da humanidade, da sociedade podem ser completamente diferentes. Assim, os resultados obtidos podem ser interpretados apenas no nível de cada disciplina em separado. A comparação complexa, o ponto de vista sintético são praticamente impossíveis, ou podem ser apenas muito superficiais. (PRZECLAWSKI, 1993, p. 13 *apud* REJOWSKI, 1996, p. 21).

Dencker (2002, p. 84), destaca que o trabalho interdisciplinar

> promove uma mútua apropriação de conhecimentos específicos e contribui para a ampliação do referencial teórico-operativo de cada área e para a elaboração de um produto final integrado que serve de base para o trabalho especializado de cada disciplina. É essencial que o aluno consiga comunicar aquilo que foi aprendido em uma disciplina em linguagem acessível às demais disciplinas.

Barlett e Eisen (2002, p. 61) afirmam que muitos dos mais significativos e complexos problemas da sociedade podem ser melhor resolvidos e orientados mediante investigação interdisciplinar pelas universidades nos seus diversos níveis, como de pós-graduação e graduação, junto a estudantes, profissionais, faculdades, *staff* e administradores. Para se fazer uma investigação mais ampla do meio ambiente, verifica-se a necessidade da interdisciplinaridade, cada disciplina entrando com abordagem e metodologia próprias, mas com todos os profissionais envolvidos detendo um patamar de conhecimentos a respeito da problemática ambiental global.

Concordamos com Przeclawski (1993, p.13) *apud* Rejowski (1996, p. 21 e 22): na pesquisa interdisciplinar, alguém examina um determinado problema

simultaneamente sob diferentes prismas para considerar aspectos diferentes ao mesmo tempo. De forma ideal, o líder, ou diretor, coordenador do projeto, ou programa de pesquisa interdisciplinar deveria formular o problema de pesquisa e suas bases teóricas. Então, ele poderia organizar uma equipe composta de representantes de disciplinas científicas diferentes para empreender a pesquisa. Na condução dessa pesquisa seria necessário que os vários pesquisadores usassem amostra igual, ou similar e dirigissem a investigação na mesma localidade, ou em localidades selecionadas de acordo com o mesmo critério. Apenas esse tipo de *design* e procedimento de pesquisa capacitaria uma compreensão holística, sintética do problema.

Desse modo, entendemos, conforme Sobral (1995), a interdisciplinaridade como a associação de análises peculiares, ou o somatório dos enfoques das diversas ciências, sem que cada uma delas perca as suas especificidades. É possível que a temática ambiental origine novas disciplinas, mas o que se tem percebido, no presente, é a introdução da problemática ambiental nas diferentes áreas do saber, de modo a preparar os profissionais para a atuação em equipes interdisciplinares. Essa interdisciplinaridade não é uma prática conseguida através de decretos, ou portarias. Ela é um processo que depende de nossa luta dentro das universidades, para quebrar a rigidez das estruturas departamentais, e de uma prática democrática cotidiana.

George Ellis (1994) *apud* Barlett e Eisen (2002, p. 62) afirma que todo problema social demanda 3 tipos de grupo de indivíduos: um núcleo de pesquisadores específicos, um grupo de generalistas e um time combinado de especialistas e generalistas, trabalhando em equilíbrio e respeito mútuo. No caso do ensino para pessoas jovens, esse time é fundamental, pois não bastam o conhecimento e fundamentos disciplinares. Demanda-se um entendimento dos limites e contrastes dos métodos pedagógicos e os modos como são aplicados, e mais, eles se tornarão geradores de conhecimento.

A título de exemplo, segundo Barlett e Eisen (2002, p. 62), a Emory University disponibilizou recursos financeiros para os diferentes níveis da universidade, adotou o desafio da aplicação do ideal de George Ellis, encorajando diálogo interdisciplinar e pesquisa através de seminários ao longo do semestre, de palestras, da comunhão entre estudantes de graduação e de pós-doutorado, de encontros especiais com os profissionais, e de programas de cruzamento disciplinar na graduação. Essa experiência ocorreu nos programas dos Estudos Afro-Americanos, em Neurociência e Biologia Comportamental, no Centro para Saúde, em Cultura e Sociedade, em Ciência e Sociedade.

Para Rogers (1999) *apud* Dyment (2002, p. 208 e 209), a interdisciplinaridade poderá responder aos problemas ambientais quando eles forem reconhecidos como questões complexas. Na interdisciplinaridade assume-se que há muitas perspectivas e informações que estão integradas nessas questões. A concepção de inter-relação de saberes incorpora, também, a própria atitude de quem aprende, implicando uma racionalidade aberta, vigilante e perguntadora.

Essa atitude exclui o ensino que apenas “passa” um conhecimento pronto, porque a ciência é muito mais um processo de construção de conhecimento do que um *quantum* de saber estabelecido. Um princípio basilar da ciência é o sentido de problema, ou seja, o de querer saber para melhor perguntar e não para melhor utilizar. Ganha, assim, relevância, no ensino e na aprendizagem, a inter-relação entre os saberes, as concepções alternativas dos alunos, os conceitos prévios, as imagens primeiras. Todavia, não se trata meramente de substituir esses conceitos prévios por verdades científicas, mas de ajudar o sujeito pensante a inquirir, perguntar, duvidar.

A aprendizagem implica uma visão do todo e da relação das partes que integralizam o todo, junto com a comunicação e o diálogo entre os saberes. A partir do discurso bachalaresco sobre a ciência, é possível pensar a respeito da

necessária abertura para o diálogo, para a crítica, para a revisão, como um elemento decisivo e coerente de uma postura pedagógica pautada na racionalidade científica, o que nos permite pensar que a escola, antes de formar um sujeito sabedor, deve formar um espírito que quer saber.

4.3 Enfoque Socioformativo

No enfoque socioformativo, há 2 categorias: a percepção dos conhecimentos adquiridos pelos egressos e a participação profissional do egresso no mercado de trabalho.

4.3.1 Percepção dos Conhecimentos Adquiridos pelos Egressos

O egresso tem mais condições de avaliar a IES na sua completude que na época em que era aluno. Quando o aluno se forma, ele se depara com a realidade do mercado, tendo que tomar decisões sem mais o apoio de diretor, coordenador e professores. A sociedade exigirá dele compromisso, comprometimento, responsabilidade, interesse, curiosidade, capacidade de pensar, gerir e apresentar soluções para os desafios que se apresentarem, entre outras habilidades.

Se ele teve uma formação que o aproximou da realidade enquanto aluno, o impacto da pressão social será minimizado. Isso porque ele teve oportunidade de conviver com a sociedade, com o mercado e conhecer de perto os problemas e dificuldades encontradas. Esse contato com a realidade que o cerca, promoveu, muito provavelmente, crescimento pessoal, habilidades e competências para atuar como um profissional da área estudada.

O egresso terá condições de verificar na prática se a IES lhe deu as ferramentas necessárias para ser cidadão, profissional responsável e competente, com a formação ajustada às demandas políticas, econômicas, sociais e culturais.

Verificando o saldo final de anos em contato direto com a oferta de serviços e produtos prestados pela IES, saber-se-á quanto, como, em que medida todo o investimento correspondeu ao esperado.

4.3.2 Participação Profissional do Egresso no Mercado de Trabalho

Alguns elementos sinalizam a boa formação do egresso no perfil profissional, como se sentir cidadão do mundo, respeitar outras culturas, ter consciência de seus direitos e deveres, preservar os recursos naturais e o meio ambiente em geral, envolver a participação da população, ser solidário com as gerações futuras, preocupar-se com a satisfação das necessidades básicas da população, considerar o desenvolvimento na íntegra - economicamente eficiente, ecologicamente suportável, politicamente democrático e socialmente justo. Fazem parte, também, a prática da solidariedade sincrônica e diacrônica entre as pessoas e as sociedades e a promoção de concepção transformadora e integradora dos planos turísticos.

As ações do egresso no mercado de trabalho refletem a formação que obteve. Assim sendo, ele deve ter competência e habilidade refletidas no estilo adotado de gestão das organizações, na aplicação de conhecimentos sobre desempenho sustentável e nos seus princípios em geral.

5 Concepção Metodológica do Trabalho

5.1 Tipo de Pesquisa

O tipo da pesquisa é qualitativa e analítica, segundo Yves Poisson (1991), Júlio César Rodrigues Pereira (2001), James H. McMillan e Sally Schumacher (1997) e Christian Laville e Jean Dionne (1999), tendo em vista a necessidade de explicarmos os fatos e dados a partir das perspectivas dos sujeitos e de suas múltiplas realidades. Assim sendo, o entendimento do fenômeno é baseado nas assertivas dos sujeitos entrevistados e nos conteúdos da sua produção oral, ou escrita.

Ouvimos e compreendemos as pessoas a fim de construir um possível pensamento, bem como o seu mundo conceitual de sustentabilidade, significado, importância, implicação e envolvimento no seu discurso. Também para perceber como a sustentabilidade é adotada na vida educativa e aplicada nos diversos aspectos de suas vidas cotidianas, na construção de suas experiências. O procedimento exigiu a construção de um conjunto de indicadores para a sustentabilidade institucional.

5.2 Amostra

A amostra que escolhemos é composta por IES do Estado da Bahia, que oferecem curso de graduação em turismo com duração mínima de 4 anos e que formaram alunos. Não foram incluídas as IES que oferecem cursos de graduação em turismo na modalidade seqüencial, nem graduação em turismo e hotelaria, nem em administração hoteleira, e nem administração com habilitação em hotelaria. Isso porque cada uma dessas modalidades requer perfil, competências e habilidades específicas e têm duração e carga horária diferenciadas. E, também, não faz parte, porque, conforme orientação da CEETur do MEC, desde o ano 2000 não são autorizados cursos de turismo e hotelaria juntos, nem o de administração com habilitação em hotelaria.

O campo empírico escolhido se deu por alguns motivos. Primeiro, pelo fato de ser um ambiente conhecido, vivido, portanto, familiar da pesquisadora. É o palco onde se deu o seu nascimento, criação e formação, e onde está o seu mercado de atuação como educadora, pesquisadora e profissional das áreas de turismo, administração e educação.

O segundo motivo é que, nesse mercado, está uma das IES pioneiras na formação de mão-de-obra para o turismo das regiões Norte-Nordeste do Brasil, situada em Salvador, criada em 1984. Convém lembrar que, os primeiros cursos de nível superior em turismo nessas regiões foram criados pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), em 1975, e pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em 1976, ambas em Recife.

Em terceiro lugar, a escolha se deveu ao fato de o Estado da Bahia ter cultura e natureza plurais, o que lhe atribui potencial turístico para diversas modalidades, destacando o turismo ecológico, alternativo e cultural; e ter a participação do governo através de políticas de fomento ao turismo.

O quarto e último motivo é a carência de mão-de-obra qualificada para o desenvolvimento de planos turísticos integrados e sustentáveis nas esferas pública e privada, tendo em vista o fato de o turismo se apresentar como uma importante alternativa econômica para o estado, porém, apesar dos investimentos, verificamos que os principais destinos turísticos do estado passam por problemas muito sérios por falta de sustentabilidade, semelhantes aos mencionados no intertítulo 2.2., do capítulo 2. Citemos alguns desses destinos: Porto Seguro, Morro de São Paulo, Lençóis, Ilhéus.

Com base nesses motivos e nos critérios estabelecidos, foram escolhidas 4 das IES com egressos, sendo 3 da capital, e 1 do interior. Elas foram analisadas a partir de dados e informações obtidos através de entrevistas com seus diretores,

coordenadores, professores e egressos da graduação em turismo, mediante análise de documentos e observação da infra-estrutura.

Uma das IES escolhidas é tradicional, pioneira, portanto, formadora de egressos, desde 1987. Localizada no centro da cidade do Salvador, próxima do porto, do Centro Histórico e sediada em um casarão do início do século XX. É uma IES que, pelo tempo de existência, teve a oportunidade de crescer e adaptar-se às mudanças e adequar-se às tendências globais. Isso significa que ela necessitou fazer alterações no seu projeto e, com isso, formar profissionais com outra concepção, diferente de 2 décadas atrás. Essa perspectiva é interessante, tendo em vista que ela formou profissionais que, hoje, provavelmente, lecionam nas IES criadas na década de 1990 e na primeira década do século XXI.

A outra faz parte de uma das IES criadas em meados da década de 1990. É formadora de egressos desde 2001. Está localizada em Salvador, próxima da orla e do Parque de Pituaçu e de outros localidades onde podem ser realizadas aulas práticas, visitas técnicas e pesquisas.

A outra escolhida foi criada no final da década de 1990, formando a primeira turma em 2002. Localizada no interior do Estado da Bahia, que tem potencial para o turismo rural, ecológico, cultural e outras modalidades. Ela foi escolhida por estar distante de Salvador, próxima de pólos turísticos como Ilhéus, Valença e outros municípios da Zona do Cacau, citados no intertítulo 3.5., do capítulo 3, e por ser pioneira na formação de egressos no interior do Estado.

E, por último, a outra IES está situada em Salvador, no Centro da Cidade, criada no final da década de 1990, tendo formado uma turma, até a coleta de dados que ali foi realizada.

A amostra de egressos compreende aqueles que estão atuando no mercado de trabalho formal e informal. Assim sendo, fizemos um levantamento

dos seus nomes nas instituições de ensino onde se graduaram, em empresas, órgãos públicos, órgãos turísticos, entidades de classe, organizações não-governamentais, em banco de dados pessoal da pesquisadora, na indicação de nomes feita por egressos e outras pessoas. Aplicamos questionários e fizemos entrevistas com egressos de cada instituição, buscando conhecimentos sobre a percepção deles em relação à IES na qual se graduaram em turismo, possibilitando-nos uma concepção da proposta curricular da IES e se, de algum modo, as mudanças promoveram melhor formação, ou não, para atuar de forma cuidadosa e criteriosa na área de turismo, envolvendo respeito à cultura, ao meio ambiente e atenção às questões das sociedades local e global, refletidas nas suas práticas sociais.

Fazem parte também da amostra, os documentos produzidos pelos atores da instituição, como planos de ensino, matrizes curriculares, trabalhos de conclusão do curso, políticas de estágio supervisionado, avaliações institucional, projetos pedagógicos, regulamentos, regimentos, estatutos, contratos e eventos. Na infra-estrutura da IES, observamos salas de aula, espaços externos, acessos, condições dos sanitários e banheiros, áreas de estudo, áreas de reprodução de material, laboratórios e estacionamentos.

Assim sendo, os dados e informações obtidos através do contato direto com os 68 sujeitos da IES constituídos por 4 diretores; 4 coordenadores dos cursos de turismo; 20 docentes, sendo um de cada disciplina pertencente às de formação básica e instrumental, profissional, complementar, de estágio supervisionado, ou de TCC, ou seja, foram 5 professores de cada IES, e 40 egressos, sendo 10 de cada.

Foram selecionados, como amostra, as IES e os egressos, mas, poder-se-ão desenvolver estudos posteriores envolvendo os outros componentes do modelo proposto, como empresários do setor turístico, dos segmentos de transporte aéreo, rodoviário, aquático, das operadoras de emissivo e receptivo, dos meios de

hospedagem, de ONGs, associações, fundações, agências de viagens, instituições de educação, alimentos e bebidas, órgãos oficiais, e abrangendo também profissionais de outras áreas, representantes de entidades de classe, entre outros. Esses não foram escolhidos pelo fato de o setor ser muito amplo e diversificado, o que tornaria a pesquisa muito extensa, podendo comprometer tempo e esforços que foram dedicados à amostra escolhida. Portanto, foram criados indicadores e categorias para IES e egressos, como verificamos a seguir.

5.3 Indicadores e Categorias

Nessa terceira parte da metodologia, criamos indicadores para que se possam identificar e analisar as IES da Bahia que oferecem curso de graduação em turismo tendo uma educação adequada, ou não-adequada à sustentabilidade, tomando-se como base os Princípios do Ecodesenvolvimento, defendidos por Sachs e da Sustentabilidade, segundo a visão de muitos autores, como Fennell (2002), Swarbrooke (2000), Hunter (1995) e outros, comentados no intertítulo 2.1., do capítulo 2.

Representam também um dos pilares deste trabalho as contribuições de Leal Filho (2002), de Dowsett (2001), de McKeown (2001) e outros autores já citados no intertítulo 3.1., do capítulo 3. Foi a partir desses autores que passamos a perceber que é possível a sustentabilidade na educação, particularmente, na superior, por apresentarem argumentos através de estudos, pesquisas e casos reais de IES gerenciadas mediante os princípios e objetivos da sustentabilidade e da ecoeficiência.

Os postulados desses autores referem-se à interação com a comunidade; à participação da população nos projetos, programas e planos; à preocupação e ação em relação aos problemas sociais e ambientais, como a garantia de emprego, segurança social e respeito à cultura, preservação, valorização, manutenção e conservação dos recursos materiais, naturais e do meio ambiente,

através de programas de educação e conscientização, de estabelecimento de padrões de uso adequado desses recursos e de cooperação na implementação de procedimentos socialmente justos, economicamente viáveis e ambientalmente limpos.

Para efeito de organização do trabalho, cada contribuição e argumento desses autores citados e de outros foram adotamos em sete categorias, que foram construídas para possibilitar a análise das IES a partir dos enfoques administrativo, pedagógico e socioformativo: 1. estilo da gestão educacional das IES; 2. ambiente físico; 3. projeto pedagógico; 4. orientação do ensino-aprendizagem; 5. abordagem pedagógica; 6. percepção dos conhecimentos adquiridos pelos egressos; e 7. participação profissional do egresso no mercado de trabalho.

Por um lado, pensamos nessas categorias por serem norteadoras da formação do aluno, por serem o caminho para alterações entre o saber, as competências e a profissão, e por acreditarmos na educação como uma das condições *sine qua non* para se obter a sustentabilidade, concordando com as assertivas encontradas no livro Nosso Futuro Comum (1991), algumas já citadas no intertítulo 3.3., do capítulo 3, como a adoção por parte das IES, em suas pesquisas, de temas relacionados à proteção ambiental, a modelos de desenvolvimento sustentável, espírito associativo, tecnologias limpas e outros. Assim sendo, agrupamos indicadores para cada uma dessas categorias, organizados nos QUADROS 15, 16, 17, 18, 19, 20 e 21, apresentados posteriormente.

Na categoria estilo da gestão educacional das IES, escolhemos indicadores que delineiam o perfil da instituição, dos quais se poderão extrair elementos que sinalizam um modelo organizacional estratégico e próximo do desempenho sustentável, ou não. Entendemos desempenho sustentável como o sistema de produção de riquezas que sejam completamente compatíveis com os

ecossistemas naturais que geram e preservam a vida. A aplicação desse sistema faz com que as organizações conduzam seus negócios com sucesso a longo prazo.

Esses indicadores foram construídos a partir das contribuições de Molina (1998) sobre qualidade ambiental, que adaptamos para a gestão de IES, já mencionadas no intertítulo 3.1., do capítulo 3, relacionadas à filosofia empresarial e aos estilos gerenciais com impulso de estratégias sustentáveis, à gestão responsável do meio ambiente, a programas de educação ambiental, entre outros. Das contribuições de Dowsett (2001), já mencionadas no intertítulo 3.1, do capítulo 3, que correspondem às políticas de expansão, de investimentos, de compras, responsabilidade social e ambiental, e disseminação de informações para a comunidade; e das contribuições de Leal Filho (2002) em relação ao gerenciamento das propostas alternativas de solução para os problemas ambientais, e de atendimento das necessidades da sociedade em geral.

QUADRO 15 - Síntese dos Indicadores da Categoria Estilo da Gestão Educacional das IES.

CONCEITOS	INDICADORES	SUA NECESSIDADE/ UTILIDADE/ IMPORTÂNCIA	EXPECTATIVA MÉDIA SOB O PONTO DE VISTA DA SUSTENTABILIDADE
se a IES adota gestão participativa, democrática e humanista.	quais atores, e o quanto, participam do processo de decisão.	serve para perceber o quanto o estilo da gestão é sustentável.	que adote processo decisório baseado no consenso coletivo e na solidariedade.
se a IES adota o modelo de gerenciamento sistêmico.	a capacidade de gerenciamento, considerando as variáveis dos ambientes interno e externo.	serve para perceber o quanto a IES é flexível, proativa e estratégica.	que seja flexível e adaptável às contingências.
se tem autonomia administrativa, financeira e pedagógica.	a capacidade de gerir autonomamente.	serve para avaliar o grau de autonomia da IES, em relação a tensões externas ao seu contexto.	que se tenha liberdade para implantar políticas e filosofias.
se tem parcerias, convênios, contratos de cooperação e de colaboração, intercâmbios.	quais e que tipos de instituições fazem parte da rede de relações.	serve para avaliar o grau de interação da IES para com outros sujeitos do processo social em contexto.	que tenha parcerias que favoreçam pesquisas, vivências, visitas técnicas, estágios.
se desenvolve ações com responsabilidade social e ambiental.	que ações são desenvolvidas em benefício da sociedade e	serve para avaliar a positividade da presença da IES em seu ambiente.	que desenvolva ações com a participação dos alunos e integração

	do meio ambiente.		com a comunidade, respeito ao meio ambiente.
se tem projeto ecopolítico.	que projetos são desenvolvidos no âmbito local, regional, nacional e global.	serve para avaliar a sustentabilidade das ações da IES.	que existam atitudes ecopolíticas e discussões sobre problemas ambientais, sociais, econômicos e políticos.
se tem empresas incubadoras com projetos sustentáveis.	qual a participação do aluno nos projetos sustentáveis.	serve para avaliar a integração dos alunos na atuação da IES.	que gerem oportunidade de negócios com a participação dos alunos.

Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação ao ambiente físico, escolhemos os indicadores que sinalizam uma preocupação com a infra-estrutura física, no que se refere ao bem-estar, às condições favoráveis à aprendizagem, à convivência harmônica, à integração com a natureza e ao desempenho sustentável. Para criação desses indicadores, obtivemos forte influência de Dowsett (2001) ao tratar sobre política e gerenciamento ambiental da IES no que se refere ao uso do espaço, ao consumo de recursos, como energia, água, combustíveis, bens e produtos duráveis e não-duráveis, lixo, etc., como citado no intertítulo 3.1.1., do capítulo 3.

QUADRO 16 - Síntese dos Indicadores da Categoria Ambiente Físico.

CONCEITOS	INDICADORES	SUA NECESSIDADE/ UTILIDADE/ IMPORTÂNCIA	EXPECTATIVA MÉDIA SOB O PONTO DE VISTA DA SUSTENTABILIDADE
se tem salas com ventilação e iluminação naturais.	quais e quantas salas são ventiladas e iluminadas por recursos naturais.	serve para verificar a otimização do uso de energia da IES.	que tenha sistemas de ventilação e iluminação naturais.
se recicla, ou reutiliza papel, cartuchos, embalagens e outros dejetos.	que práticas de reciclagem e reutilização são adotadas.	serve para verificar se a IES tem política de redução eficiente da quantidade de resíduos sólidos e líquidos no meio ambiente.	que existam práticas de reciclagem e reutilização de produtos sólidos e líquidos.
se dispõe de mecanismos para economizar água.	quais modelos são adotados para economizar água.	serve para avaliar a otimização no consumo de água.	que tenham dispositivos para economizar água.
se dispõe de transporte coletivo.	quais e quantos meios de transporte coletivo estão disponíveis.	serve para avaliar a política da IES para redução da emissão de gases na atmosfera, o consumo de petróleo, espaço para estacionamento e engarrafamentos.	que exista transporte coletivo.

se possui rampas de acesso aos portadores de necessidades especiais.	onde estão as rampas de acesso.	serve para avaliar a política da IES para atendimento democrático de todos os sujeitos.	que existam rampas de acesso, preferencialmente, elevadores.
se preserva, conserva, valoriza e respeita o meio ambiente.	que práticas existem de preservação, conservação, valorização e respeito ao meio ambiente.	serve para avaliar a prática de sustentabilidade do campus.	que desenvolva projetos de preservação e que possua áreas verdes, jardins, lagoas.
se tem salas de apoio didático, de orientação e de convivência.	quantas salas e de que forma são utilizadas para esse fim.	serve para avaliar o estímulo da IES ao relacionamento integral dos sujeitos.	que possua salas para professores, orientação de trabalhos, laboratórios e auditórios.

Fonte: Elaborado pela autora.

No caso do projeto pedagógico, os indicadores são pertinentes a uma concepção educacional atual coerente com as demandas sociais, políticas, econômicas e ambientais. É a partir do projeto pedagógico que se delineia o perfil, as habilidades e competências do aluno. E nele, reflete-se o modelo de gestão da organização. E, por outro lado, os indicadores possibilitam o conhecimento da IES como um todo, suas políticas, filosofias, preocupações, estratégias e outras ações, e a sua participação no modelo de desenvolvimento do turismo com sustentabilidade.

QUADRO 17 - Síntese dos Indicadores da Categoria Projeto Pedagógico.

CONCEITOS	INDICADORES	SUA NECESSIDADE/ UTILIDADE/ IMPORTÂNCIA	EXPECTATIVA MÉDIA SOB O PONTO DE VISTA DA SUSTENTABILIDADE
se o projeto pedagógico foi feito pela comunidade acadêmica.	quem participou da elaboração e que itens constam e como eles estão integrados.	serve para avaliar se o projeto foi construído a partir dos pilares da sustentabilidade.	que o projeto tenha sido concebido por todos os atores acadêmicos, inclua e integre todos os elementos necessários.
se o projeto enfatiza a formação baseada em cidadania ambiental, ética, solidariedade, respeito aos outros e empresarialidade.	que perfil e objetivos são definidos com a perspectiva de formar cidadãos e gestores de negócios sustentáveis.	serve para avaliar se a IES promove os princípios da sustentabilidade na comunidade e é coerente com eles.	que o projeto possua perfil, objetivos, currículo, habilidades e competências direcionados para essa formação cidadã e profissional.
se a política de estágio supervisionado prepara para a formação integral.	qual regulamento define as políticas de estágio e como se dá o acompanhamento pela empresa e pela IES, e experiência em todos os setores.	serve para avaliar o diálogo sustentável entre empresa e escola.	que tenha definição de como ocorrerá o estágio.
se tem critérios de	que itens são considerados	serve para avaliar como a	que a avaliação seja

avaliação institucional e de socialização dos resultados.	na avaliação institucional, como e para quem é feita a divulgação dos resultados.	IES verifica sua atuação e as possibilidades de mudança e transformação.	socializada e que sinalize a necessidade de gestão baseada no desempenho sustentável.
se inclui nos critérios de avaliação do aluno participação em planos, programas e projetos pessoais, em organizações da sociedade civil.	quais e quantos critérios de avaliação são adotados.	serve para verificar o quanto o aluno é estimulado a produzir de forma sustentável.	que os critérios de avaliação sejam abertos e ecléticos.
se tem política de reciclagem, aperfeiçoamento e qualificação do corpo docente.	quais e quantos incentivos e oportunidades são oferecidos para os docentes e como funcionam.	serve para verificar o quanto o corpo docente é estimulado a produzir de forma sustentável.	que sejam oferecidas oportunidades de realização de cursos *lato* e *stricto sensu*, participação em eventos locais, nacionais e internacionais.
se fomenta a pesquisa e extensão baseadas nos parâmetros da sustentabilidade.	que e quantos projetos estão sendo postos em prática.	serve para avaliar o quanto a produção acadêmica atende aos princípios da sustentabilidade.	que existam projetos em prática.

Fonte: Elaborado pela autora.

Os indicadores da categoria orientação do ensino-aprendizagem estão relacionados ao método de ensino e as pedagogias adotadas pelos professores e coordenadores. Neste sentido, tivemos forte influência de Steiner (1996, 1996a e 1997), Vygostsky *apud* Oliveiria (1995), Wolff (1995), Freire (1980, 1981, 1996), Dewey (1979) e Teixeira (1969).

QUADRO 18 - Síntese dos Indicadores da Categoria Orientação do Ensino-Aprendizagem.

CONCEITOS	INDICADORES	SUA NECESSIDADE/ UTILIDADE/ IMPORTÂNCIA	EXPECTATIVA MÉDIA SOB O PONTO DE VISTA DA SUSTENTABILIDADE
se o método de ensino é socioconstrutivista.	qual a quantidade relativa de abordagem pedagógica voltada para o socioconstrutivismo.	serve para avaliar a adequação do modelo pedagógico à gestão participativa.	que este método seja adotado.
se a abordagem de ensino é baseada em pedagogia de projeto.	quanto de pedagogia de projetos é adotada.	serve para avaliar a interação e integração do ensino-aprendizagem da IES com as necessidades práticas do seu contexto social e seus sujeitos.	que seja adotado em projetos envolvendo a comunidade acadêmica e a sociedade.
se a metodologia é prática e vivencial (*learn by doing)*.	qual a quantidade de práticas e vivências.	serve para avaliar a proximidade entre a comunidade acadêmica e o contexto social.	que existam projetos envolvendo a comunidade em geral.
se o acompanhamento do	qual a participação dos	serve para avaliar a	que todos os atores

processo de aprendizagem é feito por professores, coordenadores e alunos.	responsáveis no processo de avaliação do ensino-aprendizagem e como atuam.	legitimidade da orientação docente e pedagógica e, conseqüentemente, a confiança e respeito por ela gerados.	estejam juntos no processo.

Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto à categoria da abordagem pedagógica, corresponde aos indicadores que revelam as práticas pedagógicas dos docentes e o quanto elas são representativas na formação de indivíduos, cidadãos conscientes dos seus direitos e deveres, sensíveis às questões e problemas que afligem a sociedade e gestores éticos e comprometidos com negócios sustentáveis. A partir desses indicadores, podemos perceber o quanto e como o aluno estará preparado para participar da sociedade civil, cidadã e política. Nesse aspecto, Macleod (2001), Dowsett (2001), sugerem a criação de oportunidades para que o aluno seja instruído a respeito dos problemas ambientais, sociais, econômicos e ecológicos, fazendo-o pensar sobre eles e encorajando-o a adotar atitudes e condutas alicerçadas em valores e estilos de vida mais solidários e, menos consumistas e mais comunitários.

QUADRO 19 - Síntese dos Indicadores da Categoria Abordagem Pedagógica.

CONCEITOS	INDICADORES	SUA NECESSIDADE/ UTILIDADE/ IMPORTÂNCIA	EXPECTATIVA MÉDIA SOB O PONTO DE VISTA DA SUSTENTABILIDADE
se os professores realizam trabalhos interdisciplinares, multidisciplinares e transdisciplinares.	qual a quantidade desses tipos de abordagem.	serve para avaliar a integração do conhecimento construído na perspectiva da sustentabilidade.	que sejam realizados trabalhos com a participação de todos os docentes.
se os professores utilizam tecnologias de informação adequadas ao socioconstrutivismo.	quais e quanto as tecnologias são utilizadas e quanto são socioconstrutivistas.	serve para avaliar se as tecnologias estão sendo utilizadas de forma sustentável.	que utilizem comunidades de aprendizagem em rede, mapas mentais, ou outro tipo de comunidade de práticas informatizadas.
se os professores desenvolvem trabalhos práticos com, na e para a comunidade.	que e quantos projetos integram a comunidade.	serve para avaliar o quanto o processo pedagógico contribui para integrar os alunos nos problemas da sociedade, e despertar interesse para solução deles.	que sejam realizados trabalhos que aproximem os alunos do contexto.
se são oportunizados momentos para	que e quantos eventos são feitos para promover	serve para avaliar o esforço de aproximação e	que existam momentos em que sejam

discussão sobre problemas do cotidiano	discussões e debates.	diálogo da IES com o contexto.	debatidos assuntos gerais que reflitam as questões sociais, planetárias e outras.
se existe coerência entre o que o professor ensina, a sua formação e a sua prática no contexto.	que e quantos professores têm conhecimento teórico-prático.	serve para avaliar a integração do conhecimento docente com a prática comunitária da IES.	que os professores tenham capacidade de ensinar, aprender e viver a relação.

Fonte: Elaborado pela autora.

Para a categoria percepção dos conhecimentos adquiridos pelos egressos, os indicadores promovem uma revelação do pensamento do egresso em relação à formação que adquiriu e ao quanto ela foi favorável ao seu êxito profissional e pessoal.

QUADRO 20 - Síntese dos Indicadores da Categoria Percepção dos Conhecimentos Adquiridos pelos Egressos.

CONCEITOS	INDICADORES	SUA NECESSIDADE/ UTILIDADE/ IMPORTÂNCIA	EXPECTATIVA MÉDIA SOB O PONTO DE VISTA DA SUSTENTABILIDADE
se a instituição formou para atender às necessidades do mercado de forma sustentável.	que disciplinas favoreceram o desenvolvimento de habilidades e competências.	serve para avaliar a pertinência do currículo pleno da IES.	que tenha desenvolvido habilidades e competências para ser cidadão, empreendedor e gestor consciente.
se estágios, aulas práticas, vivências foram suficientes e satisfatórias para formação profissional e cidadã.	que práticas foram realizadas.	serve para avaliar a pertinência da prática didática.	que as experiências tenham favorecido a formação do cidadão e do profissional.
se aprendeu a elaborar planos, programas e projetos com visão transformadora e integradora.	que planos foram desenvolvidos.	serve para saber se o estudante aprendeu a pensar global e agir localmente.	que tenham sido oportunizadas tais práticas.
se os conhecimentos adquiridos foram apoiados em fundamentos sociais, políticos, culturais, econômicos e ambientais.	que matérias e disciplinas deram essa abordagem.	serve para avaliar a formação cidadã, sistêmica e planetária.	que tenha havido a compreensão das múltiplas facetas dos problemas sociais e do turismo.
se a formação correspondeu ao projeto pessoal de vida.	que formação recebeu.	serve para avaliar quanto e como a IES interage com os alunos.	que a formação tenha sido coerente com as aspirações, anseios e vontades.
se participou de projetos de pesquisa.	de quais e quantos projetos participou.	serve para avaliar se a IES formou espírito investigativo.	que tenha participado de projetos de pesquisa.

Fonte: Elaborado pela autora.

E na categoria participação profissional do egresso no mercado de trabalho, os indicadores escolhidos revelam a forma como o egresso está atuando, onde se dá o desempenho das suas atribuições e os seus impactos na sociedade.

QUADRO 21 - Síntese dos Indicadores da Categoria Participação Profissional do Egresso no Mercado de Trabalho.

CONCEITOS	INDICADORES	SUA NECESSIDADE/ UTILIDADE/ IMPORTÂNCIA	EXPECTATIVA MÉDIA SOB O PONTO DE VISTA DA SUSTENTABILIDADE
se no desempenho das funções são aplicados os princípios da sustentabilidade.	que e quantos princípios são adotados.	serve para avaliar se os egressos realizam profissionalmente a sustentabilidade.	que esteja agindo de forma sustentável.
se elabora projetos de pesquisa, projetos de negócios e planos turísticos.	que e quantos projetos foram concebidos.	serve para avaliar se os egressos estão preparados para empreender e solucionar problemas mediante o desempenho sustentável.	que faça projetos, planos, programas.

Fonte: Elaborado pela autora.

5.4 Geração dos Instrumentos de Pesquisa

Na quarta parte, foram gerados os instrumentos de coleta de dados e informações, que são constituídos por perguntas para entrevista, questionários específicos para diretores da instituição, coordenadores dos cursos de turismo, docentes e egressos, e formulários para documentos e infra-estrutura, apresentados nos APÊNDICES H, I, J, K e L.

Antes de coletar dados e informações das 4 amostras escolhidas, fIzemos um pré-teste na Faculdade Integrada da Bahia (FIB), uma das IES que fazem parte do campo empírico, com a finalidade de aprimoramento dos instrumentos escolhidos, observando-se o tempo necessário para entrevista e para responder ao questionário, como ocorrem o entendimento, a compreensão e a relevância das assertivas pelos entrevistados.

5.5 Pesquisa Documental

No caso dos documentos, fizemos leituras e análises para recolher dados e informações descritivas na linguagem do próprio sujeito, permitindo à investigadora desenvolver uma idéia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos relevantes desta pesquisa. Os documentos analisados foram planos de ensino (ementa, objetivos, conteúdo programático, metodologia, recursos didáticos, critérios e instrumentos de avaliação e bibliografia), currículo pleno, trabalho de conclusão do curso, política de estágio supervisionado, avaliação institucional e pedagógica, projetos pedagógicos, regulamentos, regimentos, estatutos, contratos (convênios, intercâmbios, parcerias, cooperações, auditorias) e eventos realizados. Para melhor visualização, podemos verificar no QUADRO 22, a seguir.

QUADRO 22 - Sistema da Coleta de Dados e Informações em Documentos.

DOCUMENTOS A SEREM PESQUISADOS	OBJETIVO	SUPORTE PARA QUE INDICADOR
planos de ensino: ementa, objetivos, conteúdo programático, metodologia, recursos didáticos, critérios e instrumentos de avaliação e bibliografia.	verificar se estão coerentes com o projeto pedagógico; se aparecem conteúdos sobre meio ambiente, sustentabilidade, desempenho sustentável, ética, cidadania, inter-relacionamento; se a bibliografia inclui os clássicos e se está atual; se realizam-se visitas técnicas; se são feitas palestras com profissionais do mercado; se são feitas vivências; se são realizadas viagens de estudos; se são realizados eventos. verificar se os critérios são coerentes com os objetivos; se a avaliação é aberta e diversificada; se são avaliados os conteúdos combinados com a prática; se as avaliações são individuais e/ou em grupo; se a avaliação é feita de conteúdos de várias disciplinas.	aos indicadores das categorias orientação de ensino-aprendizagem, especialmente àqueles associados à prática e vivências, ao acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem; abordagem pedagógica relacionadas ao uso de tecnologias da informação, trabalhos com a comunidade, palestras, trabalhos interdisciplinares e práticos; projeto pedagógico relacionado a critério de avaliação; participação profissional no mercado de trabalho relacionados à aplicação dos princípios da sustentabilidade. Ajuda a responder às questões referentes ao enfoque pedagógico.
matriz curricular	verificar a distribuição da carga horária por disciplinas; disciplinas; a distribuição das disciplinas ao longo do curso; alterações e suas respectivas justificativas; a coerência com o perfil desejado, habilidades e competências; carga horária dedicada à prática, vivências, viagens de estudos, estágio, trabalho de conclusão de curso.	aos indicadores da categoria percepção dos conhecimentos adquiridos pelos egressos, relacionados à formação alicerçada na sustentabilidade; aos indicadores da categoria participação profissional no mercado de trabalho, relacionados à capacidade de elaborar projetos, programas e planos. Ajuda a responder às questões referentes ao enfoque pedagógico.

trabalho de conclusão do curso.	verificar se é obrigatório e qual a modalidade adotada como projeto experimental, monografia, projeto de empreendimento turístico, plano de desenvolvimento; se é individual ou coletivo; se tem que ser apresentado e avaliado por uma banca examinadora composta por profissionais da área.	aos indicadores da categoria percepção dos conhecimentos adquiridos pelos egressos, relacionados à formação alicerçada na sustentabilidade; aos indicadores da categoria participação profissional no mercado de trabalho relacionados à capacidade de elaborar projetos, programas e planos. Ajuda a responder às questões referentes aos enfoques pedagógico e socioformativo.
política de estágio supervisionado.	verificar se há supervisão e acompanhamento por parte da IES e da empresa; se permite estágios nos diversos segmentos, incluindo organizações da sociedade civil; se pode ser realizado em empresas locais, regionais, nacionais, internacionais e transnacionais; como o aluno é avaliado.	aos indicadores da categoria percepção dos conhecimentos adquiridos pelos egressos, relacionados a estágios, vivências. Ajuda a responder às questões referentes ao enfoque pedagógico.
avaliação institucional e pedagógica.	verificar se a instituição ouve seus discentes em relação a ensino-aprendizagem, abordagem pedagógica; se a instituição promove mudanças a partir dessa avaliação.	aos indicadores da categoria percepção dos conhecimentos adquiridos pelos egressos, relacionados a estágios, vivências. Ajuda a responder às questões referentes ao enfoque administrativo e socioformativo.
projetos pedagógicos.	verificar se estão completos, coerentes e coesos.	aos indicadores da categoria participação profissional no mercado de trabalho relacionados. Ajuda a responder às questões referentes ao enfoque pedagógico.
regulamentos, regimentos e estatutos.	concepções.	aos indicadores da categoria participação profissional no mercado de trabalho. Ajuda a responder à questão referentes ao enfoque administrativo, pedagógico e socioformativo.
contratos de convênios, intercâmbios, parcerias, cooperações, auditoria.	quais, quantos acordos, objetivos, pessoas envolvidas, benefícios para a comunidade em geral (sociedade, alunos, docentes, outros).	aos indicadores da categoria participação profissional no mercado de trabalho. Ajuda a responder às questões referentes ao enfoque administrativo, pedagógico e socioformativo.
eventos realizados.	seminários, palestras, *workshops*, feiras e outros.	aos indicadores da categoria participação profissional no mercado de trabalho. Ajuda a responder às questões referentes ao enfoque administrativo, pedagógico e socioformativo.

Fonte: Elaborado pela autora.

5.6 Observação da Infra-Estrutura Física

Na parte de infra-estrutura física, observamos salas de aula (iluminação, ventilação, recursos materiais), espaços externos (jardins, área de alimentação, paisagismo), acesso (rampas, elevadores, escadas), condições de sanitários e banheiros (torneiras, descargas, iluminação, ventilação), áreas de estudo (biblioteca, sala de acompanhamento, cabines individuais e coletivas, iluminação, ventilação), área de reprodução de material (máquinas copiadoras, iluminação, ventilação), laboratórios (alimentos e bebidas, hospedagem, eventos, recreação, agenciamento, informática, verificando-se iluminação, ventilação, máquinas, equipamentos), estacionamento (área, capacidade, localização). Observamos se a IES está equipada para atender à demanda de portadores de necessidades especiais (cegos, surdos-mudos, paraplégicos e outros). Para melhor visualização, podemos verificar no QUADRO 23, a seguir.

QUADRO 23 - Observação da Infra-Estrutura Física.

ESPAÇOS	ASPECTOS A SEREM OBSERVADOS	SUPORTE PARA QUE INDICADOR
salas de aula.	iluminação, ventilação, recursos materiais.	aos indicadores das categorias ambiente físico, estilo da gestão educacional da IES, projeto pedagógico, orientação de ensino-aprendizagem, abordagem pedagógica. Ajuda a responder às questões referentes ao enfoque administrativo, pedagógico e socioformativo.
espaços externos.	jardins, área de alimentação, paisagismo.	aos indicadores das categorias ambiente físico e estilo da gestão educacional da IES. Ajuda a responder às questões referentes ao enfoque administrativo, pedagógico e socioformativo.
acesso.	rampas, elevadores, escadas, salas de aula, biblioteca e outros espaços.	aos indicadores das categorias ambiente físico e estilo da gestão educacional da IES. Ajuda a responder às questões referentes ao enfoque administrativo, pedagógico e socioformativo.
condições dos sanitários e banheiros.	torneiras, descargas, iluminação, ventilação, aparelhos específicos para portadores de necessidades especiais.	aos indicadores da categoria ambiente físico. Ajuda a responder às questões referentes ao enfoque

		administrativo.
áreas de estudo.	biblioteca, sala de acompanhamento, cabines individuais e coletivas, iluminação, ventilação.	aos indicadores das categorias ambiente físico e estilo da gestão educacional da IES. Ajuda a responder às questões referentes ao enfoque administrativo, pedagógico e socioformativo.
área de reprodução de material.	máquinas copiadoras, iluminação, ventilação.	aos indicadores das categorias ambiente físico e estilo da gestão educacional das IES. Ajuda a responder às questões referentes ao enfoque administrativo.
laboratórios.	informática, multimeios, idiomas, alimentos, bebidas, eventos, hospedagem, governança, recepção, agenciamento, recreação, verificando-se iluminação, ventilação, máquinas, equipamentos.	aos indicadores das categorias ambiente físico, estilo da gestão educacional da IES, projeto pedagógico, orientação ensino-aprendizagem e abordagem pedagógica. Ajuda a responder às questões referentes ao enfoque administrativo, pedagógico e socioformativo.
estacionamento.	área, capacidade, localização.	aos indicadores da categoria ambiente físico. Ajuda a responder às questões referentes ao enfoque administrativo.
equipamentos para atender à demanda de portadores de necessidades especiais como cegos, surdos-mudos, paraplégicos e outros.	rampas, elevadores, aparelhos apropriados, acesso à sala de aula, biblioteca e outros espaços.	aos indicadores das categorias ambiente físico e estilo da gestão educacional da IES. Ajuda a responder às questões referentes ao enfoque administrativo, pedagógico e socioformativo.

Fonte: Elaborado pela autora.

6 Levantamento e Análise dos Dados das Instituições de Ensino Superior em Turismo no Estado da Bahia

Demos início ao processo de levantamento de dados e informações, utilizando um questionário e um roteiro de entrevistas, tendo em vista a possibilidade de colhermos mais dados e informações a partir das percepções, sentimentos e ações dos entrevistados. Eles foram aplicados como pré-teste dos instrumentos na FIB.

A razão para a aplicação do pré-teste está relacionada à qualidade dos instrumentos utilizados. O principal motivo foi aferir a qualidade técnica, na qual pudemos observar se as questões estavam adequadas, ou não; se havia coerência entre elas; se o tamanho do questionário estava satisfatório; entre outros motivos.

Aplicamos os questionários e entrevistamos o diretor acadêmico Tom Elliot; a coordenadora Tessa Santana; as professoras Dyane Brito Reis, da disciplina Sociologia do Lazer e coordenadora do Núcleo de Extensão, Centro de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão; Mariana Lacerda Barboza Filha, das disciplinas Gestão em Turismo, Teoria do Planejamento Turístico, Prática em Planejamento, Teoria e Técnica do Turismo e *Marketing* Turístico; e a egressa Flaviana Sant'Ana, responsável pelo receptivo da Gran Via Viagens.

Foi aplicado o primeiro questionário com escala: discordo muito (DM), discordo (D), indiferente (I), concordo (C) e concordo muito (CM), com 56 questões para o diretor; 46 para a coordenadora; 36 para as professoras; e 48 para a egressa. E as entrevistas com 10 questões.

Com base nos comentários sobre a escala, modificamo-las, passando a ser nunca (N), raramente (RA), regularmente (RE) e sempre (S), e todos os questionários foram modificados, ficando o definitivo para ser aplicado nas IES

que serviram como amostras. Assim, então, os questionários passaram a ter 18 perguntas para os diretores, 26 para as coordenadoras e as professores, e 38 para os egressos. O roteiro de entrevistas foi mantido, contendo 10 perguntas para todos os entrevistados sendo um roteiro para diretores, coordenadores e professores, e outro para os egressos.

Das 15 primeiras questões para diretor, coordenador, professor e egresso, da 1ª à 6ª, referem-se ao Modelo de Gestão; da 7ª à 15ª, ao enfoque administrativo. Quanto às questões sobre o enfoque pedagógico, no questionário do diretor são da 16ª à 18ª; do coordenador, do professor e do egresso são 16ª à 26ª. E quanto às questões sobre o enfoque socioformativo, feitas só para o egresso, são da 27ª à 38ª.

Quanto à avaliação final do Modelo de Gestão Educacional Sustentável, aferimos os índices qualitativos Não-Adequada, Adequada e Semi-Adequada para as respostas dos questionários e das entrevistas. Nos questionários, a Educação será Não-Adequada, quando o somatório dos percentuais das respostas Nunca e Raramente, do diretor, do coordenador, dos 5 professores e dos 10 egressos, em relação ao Modelo de Gestão, e aos Enfoques Administrativo, Pedagógico e Socioformativo, tiverem índices superiores ao somatório das respostas Regularmente e Sempre. Será Adequada, quando o somatório dos percentuais das respostas Regularmente e Sempre, tiverem índices superiores ao somatório das respostas Nunca e Raramente. E será Semi-Adequada, quando o somatório dos percentuais das respostas Nunca e Raramente forem iguais ao somatório das respostas Regularmente e Sempre.

Nas entrevistas, a Educação será Não-Adequada, quando o somatório dos percentuais das respostas Não, do diretor, do coordenador, dos 5 professores e dos 10 egressos, em relação ao Modelo de Gestão, e aos Enfoques Administrativo, Pedagógico e Socioformativo tiverem índices superiores às respostas Sim. Será Adequada, quando o somatório dos percentuais das

respostas Sim tiverem índices superiores às respostas Não. E será Semi-Adequada, quando o somatório dos percentuais das respostas Sim forem iguais às respostas Não.

Para melhor compreensão desses índices, observemos o QUADRO 24, a seguir:

QUADRO 24 - Índices Qualitativos dos Questionários e das Entrevistas.

Questionários e Quantidade de Indicadores	**Entrevistas e Quantidade de Indicadores**
Modelo de Gestão: 38	Modelo de Gestão: 38
A. Enfoque Administrativo a.1.Estilo de Gestão Educacional: 7 a.2.Ambiente Físico: 7	A. Enfoque Administrativo a.1.Estilo de Gestão Educacional: 7 a.2.Ambiente Físico: 7
B. Enfoque Pedagógico b.1.Projeto Pedagógico: 7 b.2.Orientação do Ensino-Aprendizagem: 4 b.3.Abordagem Pedagógica: 5	B. Enfoque Pedagógico b.1.Projeto Pedagógico: 7 b.2.Orientação do Ensino-Aprendizagem: 4 b.3.Abordagem Pedagógica: 5
C. Enfoque Socioformativo c.1.Percepção dos Conhecimentos Adquiridos pelos Egressos: 6 c.2.Participação Profissional do Egresso no Mercado de Trabalho: 2	C. Enfoque Socioformativo c.1.Percepção dos Conhecimentos Adquiridos pelos Egressos: 6 c.2.Participação Profissional do Egresso no Mercado de Trabalho: 2
Índices dos Questionários	**Índices das Entrevistas**
N + RA = nunca + raramente: não-adequada	Não: não-adequada
RE + S = regularmente + sempre: adequada	Sim: adequada
N + RA = RE + S: semi-adequada	Não = Sim: semi-adequada
Índice Final	
N + RA = Não: não-adequada	
RE + S = Sim: adequada	
N + RA = RE + S: semi-adequada	

Fonte: Elaborado pela autora.

A depender do que observamos na instituição, lemos nos documentos e analisamos nos indicadores como um todo, isso interfe no resultado final, conforme itens que consideramos de alta relevância para uma instituição de educação superior em turismo. Assim sendo, o nosso parecer pode modificar, ou complementar qualitativamente o resultado final, baseado nos índices qualitativos apresentados acima.

6.1 Validação e Ajustes dos Questionários

No primeiro questionário aplicado na FIB, as questões não ficaram claras para alguns dos entrevistados. Em alguns casos, tivemos que explicar a questão por inteiro. Assim partimos para um segundo pré-teste 2 semanas depois, na mesma instituição e com os mesmos entrevistados.

Em ambas as aplicações, os questionários foram anexados às fichas de dados e entregues aos entrevistados. Foi entregue primeiro o questionário para responderem e, logo em seguida, foram feitas as entrevistas.

Com base no resultado do primeiro pré-teste, foram feitos ajustes a partir de comentários dos entrevistados, em relação à quantidade de perguntas, à escala, ao formato, à seqüência das perguntas, ao entendimento das questões, à clareza, às dificuldades para responder, à necessidade de raciocínio, etc.

Assim sendo, refizemos as questões dos questionários e das entrevistas, antes de adotar os instrumentos definitivos. Foi unânime a observação que houve aprimoramento dos instrumentos de pesquisa a partir dos comentários dos entrevistados. Tanto o questionário, quanto o roteiro de entrevistas foram válidos para observar o modelo de gestão da IES. As respostas foram satisfatórias para perceber que os instrumentos de pesquisa serviram para responder às questões norteadoras do trabalho.

Portanto, adotamos o segundo questionário e novo roteiro para entrevistas a serem aplicados nas 4 IES escolhidas como amostra. Nessas 4 instituições o processo foi o mesmo, só que dessa vez valendo para avaliação dos indicadores e categorias escolhidos para a educação superior sustentável cujos resultados são verificados nos intertítulos 6.2., 6.3. e 6.4.

Vale destacar que não fizemos o pré-teste em nenhuma dessas 4 instituições para não viciar os instrumentos, e utilizamos nomes fictícios, em concordância com cada dirigente das IES, evitando expô-las.

6.2 Digitação e Tabulação

Apresentamos dos APÊNDICES H, I, J, K e L todos os formulários utilizados na pesquisa depois do pré-teste. Lá, encontramos a base dos resultados da pesquisa de campo nas IES investigadas. Os dados principais estão nos apêndices devido ao tamanho dos quadros, facilitando a leitura do texto. Aqui estão as análises feitas em cima da base de dados que temos nos APÊNDICES M a FF, como a Tabulação dos Questionários e das Entrevistas.

Para análise dos questionários, bastou-nos utilizar os próprios dados gerados pelas respostas. Para análise das entrevistas, foram utilizadas as respostas dos questionários, das entrevistas, das observações do espaço físico, das documentações de cada instituição e do que observamos *in loco*. Fizemos então, a análise por instituição. Não fizemos análise comparativa entre elas, tendo em vista a quantidade de egressos, a localização, o contexto da época de inauguração, o tempo de existência, entre outros aspectos que as diferenciam e singularizam.

6.3 Análise dos Indicadores da Gestão das IES

6.3.1 Instituição W

Iniciamos agora a análise do resultado dos questionários, apresentado na Tabela 5, a seguir. Observemos que no item Modelo de Gestão da Instituição W há predominância nas opções Nunca e Raramente, pelo diretor, diferenciando-se pouco das opiniões do coordenador e dos professores, e um pouco mais da perspectiva dos egressos, para os quais a predominância é da opinião entre o Raramente e o Regularmente. Tal situação revela-nos que a gestão institucional, de forma geral, não está pautada nos princípios da sustentabilidade, pelo menos no que se refere às opiniões da maioria dos atores, predominantemente Nunca e Raramente.

Conforme observamos, há incompatibilidades internas, refletidas nesses resultados. Não há unanimidade a respeito da gestão democrática, humanística. Olhando com mais acuidade, observamos que apenas os egressos responderam, algumas vezes, com o Sempre. Isso pode significar que o problema maior é sentido no corpo funcional da instituição. Pode também revelar que os egressos talvez não tenham tanta familiaridade em avaliar o Modelo de Gestão, ou ainda que eles não percebem tanto os problemas internos, por serem os beneficiários objetivos da IES. Por esse indicador, a educação não seria adequada ao critério da sustentabilidade. Mas, dispomos de outras categorias nas quais verificamos os percentuais e sabemos se a Instituição W oferece, ou não uma educação adequada.

Pelas outras categorias, a Instituição W oferece uma educação adequada à sustentabilidade, conforme as respostas dos questionários isoladamente. No que se refere ao Enfoque Administrativo, obtivemos um alto percentual de respostas Regularmente e Sempre, contra baixos percentuais de Nunca e Raramente. Pelo que podemos perceber na IES, o ambiente é favorável para a convivência simples

e harmônica. As respostas Nunca, que aparecem com certa freqüência, parecem ser justificadas pela pouca interação da IES com a comunidade externa e o seu contexto. O estranho é que essa percepção positiva foi comum ao coordenador, aos professores e aos egressos, o que nos leva a concluir que o enfoque administrativo sustentável é fruto do trabalho do curso de turismo, já que a direção não consegue partilhar a mesma opinião.

No Enfoque Pedagógico, tivemos mais percentuais de Regularmente e Sempre, na opinião dos coordenadores, professores e egressos. De forma estranhamente similar à categoria anterior, o diretor destacou o Nunca e Raramente. Como, já tínhamos sinalizado para a primeira categoria, isso pode nos esclarecer sobre possíveis incompatibilidades internas, que refletem na percepção dos sujeitos diretamente envolvidos no curso, ou ao se perceberem geridos de forma mais sustentável que a direção da IES. Para essa categoria específica, parece importante destacar o fato de os professores e egressos estarem mais ligados diretamente com as questões pedagógicas. Isso favorece sua percepção da prática sustentável existente.

Quanto ao Enfoque Socioformativo, os egressos ficaram divididos entre Regularmente e Sempre, e Nunca e Raramente. Fato que não revela uma forte atuação da IES na preparação dos seus egressos para o mercado, podendo haver uma discrepância entre aquilo que se oferece e o que se espera, por parte dos estudantes. Assim sendo, esse resultado pode ser proveniente também da não-satisfação dos egressos com o mercado de trabalho, e não propriamente com a instituição. Isso mostra o quanto a sustentabilidade estará incompleta, se não for tratada pela comunidade e sociedade como um todo. Por mais que a IES se esforce para melhorar, não deixa de depender de contexto mais amplo e de sua organização.

TABELA 5 - Síntese da Tabulação dos Dados do Questionário da Instituição W.

CATEGORIA	DIRETOR					COORDENADOR					PROFESSOR					EGRESSO				
	n	ra	re	s	sr	n	ra	re	s	sr	n	ra	re	s	sr	n	ra	re	s	sr
	%																			
MODELO DE GESTÃO	50	50	-	-	-	-	33	67	--	-	10	27	63	-	-	-	42	50	8	-
ENFOQUE ADMINISTRATIVO	44	44	11	-	-	11	-	22	67	-	7	20	47	20	7	9	17	51	21	2
ENFOQUE PEDAGÓGICO	33	33	33	-	-	-	18	18	66	-	7	25	46	18	5	13	41	25	21	-
ENFOQUE SOCIOFORMATIVO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	19	27	29	24	-

Fonte: Elaborado pela autora.
Legenda:n = nunca; ra = raramente; re = regularmente; s = sempre; sr = sem resposta
Observação: números aproximados.

Podemos analisar essas categorias de gestão, considerando a IES W semi-adequada. Embora as categorias Enfoque Administrativo e Enfoque Pedagógico tenham sido percebidas de forma satisfatória, isso não ocorreu sem restrições. A categoria Modelo de Gestão mostrou-se não-sustentável. E sobre o Enfoque Socioformativo não há uma conclusão clara. Mas, antes de darmos o parecer final, vamos verificar o resultado da TABELA 6, a seguir, e que se encontra na íntegra no APÊNDICE CC.

Em relação à TABELA 6, abaixo, quanto ao resultado das entrevistas, para o Estilo de Gestão Educacional, o percentual de Sim praticamente empatou com as respostas Não, para os sujeitos, coordenador, professor e egresso, embora para diretor o Não seja de longe superior. Assim, tendo em vista que a gestão educacional não foi sustentável na tabulação de questionários, concluímos, portanto, que a Instituição W, no que se refere a essa categoria, de fato não oferece uma educação adequada ao Modelo de Educação Sustentável. Ressalta-se mais uma vez a dissonância entre os participantes diretos do curso de turismo, e a opinião da direção, sempre contrárias.

TABELA 6 - Síntese da Tabulação das Entrevistas, da Observação do Espaço Físico e da Documentação da Instituição W.

CATEGORIAS	DIRETOR		COORDENADOR		PROFESSOR		EGRESSO	
	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM
	%							
ENFOQUE ADMINISTRATIVO								
A.1.ESTILO DE GESTÃO EDUCACIONAL	71,4	28,6	43,0	57,0	48,6	51,4	51,4	48,6
A.2.AMBIENTE FÍSICO	71,4	28,6	71,4	28,6	71,4	28,6	71,4	28,6
ENFOQUE PEDAGÓGICO								
B.1.PROJETO PEDAGÓGICO	14,0	86,0	14,0	86,0	14,0	86,0	25,7	74,3
B.2.ORIENTAÇÃO DO ENSINO-APRENDIZAGEM	50,0	50,0	50,0	50,0	50,0	50,0	97,5	2,5
B.3.ABORDAGEM PEDAGÓGICA	20,0	80,0	0,0	100,0	24,0	76,0	36,0	64,0
ENFOQUE SOCIOFORMATIVO								
C.1.PERCEPÇÃO DOS CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS PELOS EGRESSOS	-	-	-	-	-	-	15,0	85,0
C.2.PARTICIPAÇÃO PROFISSIONAL DO EGRESSO NO MERCADO DE TRABALHO	-	-	-	-	-	-	70,0	30,0

Fonte: Elaborado pela autora.
Observação: Não: não-adequada; Sim: adequada

Na Categoria Ambiente Físico, a opinião foi unâmine, mostrando que a IES não oferece espaço satisfatório para os seus usuários. O espaço é pequeno para convivência e para outros usos necessários ao coordenador, aos professores e aos egressos.

O Projeto Pedagógico foi bem aceito pela comunidade interna, apesar de ele não ser bem conhecido pelos egressos. Estes o percebem como sendo satisfatório e sustentável. É sabido pela comunidade acadêmica que o projeto não foi construído por todos os seus atores, perdendo, portanto, a sua legitimidade perante ela e, conseqüentemente, reduzindo o caráter sustentável da proposta. Porém, na medida em que as respostas acabam por aprovar o projeto na prática pedagógica, isso mostra a sua adoção, o que acabou por legitimar e dar maior sustentabilidade ao projeto, na atual prática da IES.

Em termos de Orientação do Ensino-Aprendizagem, quanto ao corpo profissional da IES, parece mesmo que estão em clara dúvida sobre a sustentabilidade do que realizam. Diretor, coordenador e professores mostram exatamente 50% de respostas Sim e 50% de respostas Não. Pode ser até que, sabendo da importância hoje, não só científica e pedagógica, mas até mercadológica, de ser reconhecida como uma IES sustentável, dotada de ações sustentáveis, isso faça com que esses sujeitos reconheçam a importância de parecer sustentável, e nessa categoria, que revela mesmo a práxis pedagógica institucional, procurem ser otimistas para consigo mesmos. Os próprios professores, que costumam defender em discurso práticas cidadãs e sustentáveis, não somente nessa instituição, podem perceber nessa categoria a contradição entre o que pregam e registram, e aquilo que, efetivamente, realizam como trabalho pedagógico. A resposta do egresso, porém, parece mais que inequívoca. São 97,5% de estudantes afirmando a não-sustentabilidade da orientação do ensino-aprendizagem, ou seja, da didática, que é a alma da pedagogia de uma instituição. Esse item pareceu bem desfavorável, ao considerarmos a instituição sustentável.

No que se refere à Abordagem Pedagógica, todos os atores parecem estar de acordo com as práticas da instituição, que tende a ser sustentável. Parece ficar evidenciado, aqui, já que a abordagem sustentável supõe interação com o contexto, que pode existir uma satisfatória proximidade entre a IES e a comunidade externa, o que significa que o curso de turismo seja mais vivencial. Observemos que o coordenador parece se esforçar ao máximo para promover trabalhos interdisciplinares, realizar visitas técnicas, entre outras práticas, que tornam o curso mais dinâmico e útil para a sociedade. No item dos egressos, eles deram a nota mais baixa de todas com 64% de Sim, o que pode representar um hiato entre o que se promete e o que se cumpre. Porém, mesmo assim, eles concordam que o curso promove atividades práticas e mais próximas do cotidiano.

As 3 últimas Categorias, referentes ao processo pedagógico institucional, revelam uma contradição entre a existência de um projeto pedagógico e a abordagem pedagógica, com forte tendência a cumprir com as exigências da sustentabilidade, e uma orientação do ensino-aprendizagem que sofrivelmente não consegue esse objetivo. Como analisar essa contradição? O mais provável é que, pela manifestação do desejo e empenho de toda a IES, tanto gestores quanto professores estejam de fato engajados e com o propósito institucional de obter sustentabilidade, porém, com grande dificuldade em empreender práticas didáticas sustentáveis. Isso pode revelar que os sujeitos, mesmo desejando sustentabilidade, não estejam preparados para ela, necessitando de habilitação e discussão adicionais sobre como praticar o que filosoficamente já está implementado. No nível mais amplo, a prática pedagógica da IES parece já sustentável. No nível das ações elementares da docência e organização didática, parece haver a necessidade de aprimoramento e treinamento, o que não se trata de nenhum demérito, já que esses processos são mesmo trabalhosos. Esta pesquisa indica, porém, que a IES W deve envidar esforços para harmonizar a ação didática elementar com a prática de seus projetos e abordagens mais amplas.

Nas Categorias do Enfoque Socioformativo, as respostas dos entrevistados parecem-nos paradoxais em relação às dos questionários. Enquanto as respostas dos questionários não pareciam claras, na entrevista ficou evidente que os conhecimentos adquiridos lhes foram de grande valia, embora a participação dos egressos no mercado de trabalho não esteja a contento do esperado por eles. Reconhecem, através de 85% de respostas Sim, que os conhecimentos adquiridos foram proveitosos para a sua vida, tornando-os cidadãos responsáveis por si e pelo outro. Mas, no que se refere ao mercado, com base nas respostas na entrevista, eles parecem decepcionados com a situação oferecida. É como se a IES estivesse preparando pessoas para um mercado que ainda não tem bem claro o que necessita. Mas isso pode revelar não um problema da IES, mas da situação de Salvador, da Bahia, do Brasil e mesmo do contexto internacional, que revela

instabilidade profunda no mercado de trabalho de quase todas as categorias profissionais. (AKAL, 2004).

A partir deste ponto interessa analisar cada indicador separadamente, bem como possíveis articulações entre eles, para que se possa construir a avaliação final da IES W, segundo nossos indicadores. Do ponto de vista educacional, é claro que o item Enfoque Pedagógico tem maior relevância que os demais. Assim, a opinião dos professores e egressos possui maior relevância que a dos diretores e coordenadores, por estarem mais envolvidos com a prática pedagógica da instituição. Analisaremos, a seguir, cada categoria e seus respectivos indicadores. A partir dessa análise, verificaremos se o resultado poderá ser modificado, ou não.

Ampliando a explicação por categorias e indicadores, no Enforque Administrativo, na categoria Estilo da Gestão Educacional, com 7 indicadores, a Instituição W não possui um estilo de gestão participativo e sistêmico, nem tampouco baseado no desempenho sustentável, tendo em vista, segundo os entrevistados, a burocracia a falta de apoio aos professores centralização falta de consenso coletivo, entre outros fatores. A administração é direcionada para a resolução dos problemas internos, não tem visão de médio e longo prazos, entre outras deficiências. Isso está de acordo com as respostas dos questionários da 1ª à 6ª questão e da 7ª à 15ª, da entrevista e do que observamos *in loco*.

Enquanto convivíamos, *in loco*, com a diretora, a coordenadora e outros atores da IES, percebemos rivalidade entre a Diretoria Acadêmica e a Diretoria Financeira durante a entrevista com a Diretora Acadêmica, e discordância desta com a coordenadora do curso de turismo, conforme podemos observar na análise dos questionários respondidos por elas. Isso nos levou a imaginar, portanto, que só participa das decisões a cúpula formada por diretores; mesmo assim, com divergência entre eles. A coordenação apenas segue as ordens descendentes, que vêm de cima para baixo.

Porém, na entrevista, ela, a diretora W-D, revela “(...) *eu estou satisfeita com o trabalho da coordenação de turismo”.* (TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DA INSTITUIÇÃO W, p. 13). A coordenadora da Instituição W, segundo seu próprio relato, procura fazer o melhor, incentivando os professores para aulas práticas, viagens de estudo, mas quase sempre é impedida pela diretoria, que argumenta a falta de recursos. Isso nos parece contraditório em face da realidade apresentada em documentos que comprovam a existência do Núcleo de Estudos Avançados em Turismo e Sociedade (NEATS) e de visitas técnicas obrigatórias realizadas por professores de várias disciplinas. (ROTEIROS DE VISITAS TÉCNICAS COMO ATIVIDADE INTERDISCIPLINAR OBRIGATÓRIA, s/p, s/d).

Tal atitude da diretoria não nos pareceu convincente, tendo em vista que a Instituição W é autônoma financeira, administrativa e pedagogicamente, por ter livre arbítrio nas decisões e recursos. Deduzimos que, talvez, esses procedimentos não estivessem na escala de prioridades da IES.

Mesmo com essa autonomia, a Instituição W possui apenas um intercâmbio internacional patrocinado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e pelo Fund for the Improvement of Post Secondary Education (FIPSE). Os demais convênios são locais, regionais e estaduais para estágio supervisionado.

Quanto ao indicador responsabilidade social e ambiental, não nos deparamos com provas que revelem atuação da instituição através do curso de turismo. Os problemas ambientais, sociais, econômicos e políticos são discutidos, mas não a partir de um projeto ecopolítico. São debatidos em sala de aula com professores e palestrantes. Os alunos do curso de turismo, poderiam participar do Programa de Educação Ambiental EcoEstações, que cria oportunidade para os alunos conhecerem o ecossistema da Mata Atlântica, por exemplo. (INFORMATIVO DA INSTITUIÇÃO W, p. 3, 2003).

Toda essa análise relacionada com a visita e a observação *in loco*, e com as revelações das entrevistas, apenas confirma o diagnóstico de gestão semi-adequada, que já foi emitido para a Instituição W, com base nos questionários e tabulação das entrevistas. A avaliação inicial apenas pode ser confirmada nesta análise mais qualitativa.

No que se refere à Categoria Ambiente Físico, o curso de turismo está localizado num prédio antigo, com salas de aula ventiladas artificialmente com ventilador e/ou ar-condicionado. A iluminação também é artificial, à base de energia elétrica. As salas possuem janelas, mas não são suficientes para iluminar e ventilar o ambiente com aproximadamente 50 alunos. As salas de apoio didático têm o mesmo problema, além de serem pequenas e desconfortáveis. Pareceu-nos que a oferta de alunos é superior ao espaço para orientação do ensino-aprendizagem. É certo que a ventilação na Bahia, principalmente no verão, pode de fato necessitar de condicionamento do ar, mas, de qualquer maneira, existem sempre formas ecossustentáveis de minimizar seu uso, como a proximidade de árvores, o posicionamento das janelas e prédios diante do sol e direção do vento, entre outras.

No espaço físico, não foi visto, nem relatado qualquer tipo de reciclagem de material sólido, ou líquido. Nem mesmo a Instituição possui vasilhames para coleta seletiva de lixo. Observamos que a quantidade de lixo, como papel, copo descartável, é grande, proveniente da cantina. Não nos foi revelado o destino que é dado a esse material. Muito provavelmente, ele é acondicionado em sacos plásticos de lixo e deixado na porta da instituição para ser recolhido pelo sistema de limpeza urbana.

Em se tratando de economia de recursos, como de energia, papéis, entre outros materiais, não vimos equipamentos de economia de água. Verificamos algumas torneiras das pias dos banheiros com defeito, levando ao desperdício d’água. Desse modo, a IES não está direcionada para o desempenho sustentável.

No espaço físico total da Instituição W, há área de estacionamento pago tanto por professores, quanto por alunos. Ainda assim, ela não é suficiente para a demanda, causando transtorno no tráfego local. Se existisse transporte coletivo próprio, talvez, pelo menos esse problema poderia ser sanado, bem como geraria economia de combustível e redução da liberação de monóxido de carbono no ambiente. A área do estacionamento, muito ampla, poderia ser utilizada para arborização e melhoria da temperatura no verão.

Ainda falando de espaço físico, não foram observadas rampas para portadores de necessidades especiais, embora tenhamos encontrado 1 elevador e escadas de acesso aos andares. No espaço onde funciona o curso de turismo, não foram vistos jardins, ou área verde que revelasse cuidado com o paisagismo, e com a criação de ambiente de integração entre os atores da IES e o meio ambiente. Paradoxalmente, na parte escrita do projeto pedagógico, o curso é direcionado para o meio ambiente, mas, na prática, vimos que não funciona.

Toda essa análise qualitativa também serviu para confirmar o diagnóstico de não-adequada à organização do espaço físico da IES W, no que se refere à sustentabilidade.

Quanto ao Enfoque Pedagógico, o projeto do curso de turismo não foi feito pela comunidade acadêmica, o que, em princípio, provoca a necessidade de maior legitimação do programa para com a comunidade. A coordenadora enfatiza “(...) *quando o curso foi pensado, eu não estava aqui, porque eu só estou há 1 ano e pouco na coordenação* (...).” (TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DA INSTITUIÇÃO W, p. 9, 2004). Mas, como vimos nas entrevistas, a comunidade parece tê-lo aceito bem.

O projeto pedagógico do curso de turismo possui objetivos (p. 10 e 11), define o perfil profissional do egresso (p. 12-15), política de estágio supervisionado

(p.33 e 34), critérios de avaliação da aprendizagem (p. 35-39), entre outros itens pertinentes a um projeto completo.

As disciplinas do currículo pleno relacionadas ao meio ambiente e sustentabilidade são: Turismo e Meio Ambiente e Interpretação do Patrimônio, do 6º semestre; Introdução ao Estudo do Direito Ambiental, do 7º semestre. Algumas das demais apresentam, no plano de ensino, tópicos sobre esses temas.

Os estágios supervisionados não contemplam trabalhos com a comunidade e que promovam respeito ao meio ambiente. Nesse sentido, algumas iniciativas estão sendo tomadas, como o desenvolvimento de projetos da disciplina Turismo e Meio Ambiente com o Centro de Recursos Ambientais (CRA) e a prefeitura do distrito de Imbassaí, dando início aí a trabalhos interdisciplinares e à pesquisa. Portanto, são inexistentes contratos em geral de fomento à pesquisa, por exemplo. Mesmo partindo da iniciativa de professores e não da instituição, isso revela a carência de projetos existentes entre o Estado da Bahia e as IES em geral.

Ainda em relação aos estágios, a Instituição possui um Núcleo de Assessoria a Entidades Públicas e Privadas (NAEP), através do qual se poderiam incrementar estágios em várias instituições públicas e privadas, assim como fomentar projetos em incubadoras, estas, inexistentes na Instituição W.

Quanto à categoria Orientação do Ensino-Aprendizagem, há divergência entre diretor, coordenador e professores, e egressos, conforme o resultado apresentado no APÊNDICE CC. Tanto a diretora, quanto a coordenadora e os professores afirmam adotar o socioconstrutivismo, o que parece incompatível com uma gestão educacional que não seja participativa e que não pense em trabalhar com pedagogia de projetos, pois é consensual que, na IES que não trabalha com tal abordagem, nem que possui metodologia baseada no *learn by doing,* não há socioconstrutivismo. Ou seja, há pouca interação entre a comunidade acadêmica e a sociedade.

Se há prática socioconstrutivista, conforme dizem a diretora, a coordenadora e os professores, não poderia faltar a tecnologia própria para a aplicação do socioconsttrutivismo, através do uso de redes e comunidades de aprendizagem, mapas mentais, entre outras práticas, que não testemunhamos.

Na categoria Abordagem Pedagógica, não se pratica por completo e, no restrito significado das palavras, a interdisciplinaridade, a multidisciplinaridade e a transdisciplinaridade na Instituição W. Verificamos apenas a realização de visitas técnicas como atividade interdisciplinar obrigatória entre um grupo das disciplinas Sociologia, História do Brasil, História Contemporânea, Metodologia da Pesquisa Científica e Geografia; outras atividades interdisciplinares das disciplinas Mercado do Turismo, Lazer e Recreação, Geografia do Turismo II.

Tendo em vista que a vertente do curso é em Meio Ambiente e Cultura, visando preparar o aluno para a docência, poderiam ser realizados trabalhos em APAs, Patrimônio Cultural da Bahia e de Salvador, e oferecidas disciplinas como didática, e/ou métodos e técnicas de ensino, por exemplo.

O aluno é conscientizado, em sala de aula, a respeito da responsabilidade que deve ter em relação ao setor turístico. A partir dessa consciência, a professora P-W2 afirma: "*eu passo para os alunos uma visão cidadã* (...), *holística, integral do homem, da sociedade, respeitando as suas questões sociais, culturais e ambientais*. Mas critica a falta de apoio para as visitas técnicas, afirmando que (...) *às vezes, quero fazer uma visita técnica, seria uma visita que daria uma visão mais integral, mais completa, mais próxima para os discentes e, às vezes, não se tem apoio por parte da direção* (...)." (TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DA INSTITUIÇÃO W, p. 5, 2004).

A Instituição W promove palestras e seminários sobre reciclagem, resíduos sólidos, entre outros assuntos referentes aos problemas do cotidiano, "*(...) mas só*

fica no discurso (...)", afirma a professora P-W5. (TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DA INSTITUIÇÃO W, p. 3, 2004). Discordamos, em parte, da professora, tendo em vista que a IES publica uma Revista Científica, na qual constam artigos com esses temas. Isto significa que ela se preocupa em disseminar informação, ou seja, em extrapolar os muros da instituição.

Não são realizadas visitas técnicas como se deveria, nem pesquisa. Com isso a Instituição reforça a revelação de sua distância com relação à comunidade externa e os alunos não são aproximados do contexto onde vivem. Esse resultado contradiz a expectativa de proximidade revelada, ao analisarmos os questionários e o número de Sim e Não das entrevistas, como já comentado anteriormente. O número de Sim, porém, foi muito representativo, o que significa dizer que ainda podemos dar ligeira prevalecência para nosso diagnóstico de adequada.

Vimos nos currículos dos professores, nos planos de ensino, e percebemos nas falas dos atores da Instituição W, que existe aderência entre o que os professores fazem, as suas formações e as disciplinas que lecionam.

Em relação à Categoria Percepção dos Conhecimentos Adquiridos pelos Egressos, é quase unânime que a Instituição W tem formado cidadãos, pessoas conscientes do seu papel na sociedade. Os egressos em geral se mostraram satisfeitos com os estágios, aulas práticas e vivências, o que parece paradoxal, tendo em vista que foram realizadas poucas atividades de interação com a comunidade, conforme vimos anteriormente.

Segundo os egressos, os programas proporcionaram uma visão integral e transformadora, de modo que eles podem se encaminhar profissionalmente com competências e habilidades para desenvolver planos turísticos. Eles concordam que o turismo foi tratado nas suas múltiplas facetas, abrangendo todas as questões e problemas pertinentes ao setor, nos âmbitos político, social,

econômico, ambiental e cultural. Porém, nem na vida pessoal, nem na profissional, os egressos aplicam a sustentabilidade, conforme afirmações nas entrevistas.

Conforme a professora W-P5, “(...) *o nível dos alunos é muito baixo* (...)”, ainda ressalta “(...) *eles advêm de escolas públicas* (...)”. Ela discorda que os programas tenham essa visão. (TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DA INSTITUIÇÃO W, p.3, 2004).

De certo modo, a professora tem alguma razão, ao observarmos, no APÊNDICE CC, a tabulação das entrevistas da Categoria Participação Profissional do Egresso no Mercado de Trabalho. Dos 10 egressos, 7 nunca elaboraram projetos de pesquisa, nem programas de negócios, nem planos turísticos.

Foi quase unânime a afirmativa que a formação correspondeu ao projeto pessoal de vida do egresso. Ou seja, ele escolheu a profissão certa para o seu perfil, o que dá para notificar no resultado da pesquisa de campo que dos 10 egressos, 5 estão trabalhando com turismo, apesar de haver 4 desempregados e 1 trabalhando fora da área.

De 10 egressos, 8 afirmaram terem participado de projetos de pesquisa na IES. Com esse resultado, parece-nos estranha a contradição entre algumas falas dos professores e as dos egressos nas entrevistas. De um lado, os primeiros afirmam não haver incentivo à pesquisa e, de outro lado, os segundos dão esse relato este relato. Para tirar essa dúvida, verificamos a existência do documento sobre Critérios para Seleção de Candidatos à Participação em Projeto de Pesquisa, a participação de 1 professor e 2 alunos do 7º semestre, pelo NEATS, em Congresso Internacional Mangrove 2003, com a apresentação do resultado da pesquisa sobre Impactos Ambientais da Atividade Turística na Região Estuarina de Porto Sauípe-BA (INFORMATIVO DA INSTITUIÇÃO W, p. 5, 2003), e no resultado da tabulação das respostas da questão 23 dos questionários dos professores e dos egressos, vistos nos APÊNDICES O e P.

Isso posto, supomos que houve incentivo à pesquisa e à produção científica no início do curso apenas. Como a nossa pesquisa de campo foi realizada em 2004, muitos professores são novos na IES W, assim como a coordenadora do curso de turismo.

No cômputo geral, consideramos essa instituição com uma educação semi-adequada, ao invés de adequada, conforme registramos na análise das primeiras TABELAS 5 e 6, de resultados apresentados acima, pelos motivos apresentados a seguir:

1. Nenhum dos atores entrevistados aplica a sustentabilidade na vida pessoal, e muito poucos na vida profissional. Vejamos alguns relatos, conforme a transcrição das entrevistas da Instituição W. A diretora acadêmica diz: "*como cidadã eu acho que faço muito pouco, as minhas atividades são mais na Igreja Católica e a igreja cobra um pouco da gente, então eu acho que faço pouco (...). Como profissional, eu tenho feito tudo aquilo que é, não vamos dizer obrigatório, mas que é ético e normal para que as coisas aconteçam"*. (p. 13, 2004);

A coordenadora não responde o que faz como cidadã, mas como profissional afirma: "(...) *à medida que eu defendo essa linha de trabalho aqui no curso, à medida que a gente fala sobre o perfil do bacharel em turismo daqui da Faculdade, seguindo, evidentemente, todo o projeto pedagógico que existe (...) então eu acho que com isso eu estou contribuindo"*. (p. 9, 2004);

O professor W-P1, relata: "(...) *eu acho que o professor tem uma missão muito importante, é uma responsabilidade (...) para a gente que está formando cidadãos e profissionais, (...) é uma das coisas que eu, apesar de na instituição não desenvolver, (...) projetos aproximando dessa linha (...)".* (p. 65, 2004);

A professora W-P3 afirma que, "*como profissional do ensino, eu procuro discutir, abordar o tema sustentabilidade nas minhas disciplinas* (...)*. Como profissional técnica do Estado na Diretoria do PRODETUR/BA, a gente procura aplicar esse conceito, embora muitas vezes, não seja possível em muitas situações* (...). *E como cidadã* (...) *eu diria como consumidora do turismo, eu procuro escolher produtos que estejam alinhados com esse conceito"*. (p. 15, 2004);

A professora W-P5 considera essa pergunta legal e diz que, "*como cidadã, eu acho que poderia fazer mais.* (...) *Agora, como profissional,* (...) *em sala de aula eu estou trabalhando a questão dos impactos social, ambiental e econômico do turismo e por aí a gente tem, claro, sustentabilidade. E acaba* (...) *alertando o aluno, modificando-o".* (p. 2, 2004);

A egressa W-E3 relata que "*hoje, assim, não sei. (...) não estou fazendo nada na verdade, (...) até dentro da minha casa, não estou trabalhando, não estou tendo como me mexer de forma nenhuma".* (p. 56, 2004);

A egressa W-E5 diz: "*eu trabalho numa empresa de turismo*, (...) *a gente tenta promover o destino Bahia dentro e fora do Estado, para que as pessoas tenham conhecimento do que a gente tem de bom para oferecer e eu acredito que a gente faz* (...)". (p. 42, 2004); e

O egresso W-E8 afirma que, "*como cidadão eu procuro ser o mais consciente possível, com relação a atuação dentro de minha área seguindo esses padrões (...). (...) Eu sou funcionário de uma multinacional e, assim, eu enxergo dentro dessa empresa (...) os 3 pilares importantes da sustentabilidade, (...) ela trabalha muito com a responsabilidade social na região onde está inserida e ela também tem aquela preocupação com a preservação do meio ambiente, reciclagem, evitar desperdícios".* (p. 53, 2004);

2. O elevado índice de egressos desempregados e trabalhando fora da área de turismo, ver no APÊNDICE CC;

3. A maioria dos indicadores das 7 categorias não foi correspondida como gestão participativa e sistêmica, convênios, ações com responsabilidade social e ambiental, incubadoras, transporte coletivo, entre outros; e

4. Das 3 categorias do Enfoque Pedagógico, poucos indicadores corresponderam à gestão educacional sustentável, quando consideramos essas categorias as mais importantes dentro de uma IES.

A partir desses comentários, recomendamos à Instituição W que reveja o seu projeto pedagógico com todos os atores da comunidade acadêmica e representantes da comunidade externa, inclusive com o *trade* turístico, procurando habilitar a prática docente e discente para a proposta que já existe no projeto atual; que ponha em prática a política de pesquisa, ensino e extensão, conforme o projeto pedagógico do curso de turismo em vigor; que promova atividades extra-classe com os alunos; que realize trabalhos interdisciplinares do 1º ao 8º semestres; que estimule os alunos e professores a participar de eventos; que reveja o projeto de construção civil, procurando substituir alguns materiais por outros mais eficientes, eficazes e econômicos; que o modelo de gestão aprimore sua prática participativa, humanística e solidária, melhorando o diálogo interno institucional, assim como o diálogo com a comunidade externa. Existem muitas outras sugestões, que serão feitas diretamente na própria Instituição W, por questões de sigilo e preservação da sua imagem.

Construímos o QUADRO 25, a seguir, que resume a avaliação e diagnósticos referentes à Instituição W, de acordo com nossos indicadores.

QUADRO 25 - Resumo da Avaliação da IES W.

Indicador	Diagnóstico	Recomendação
Estilo da Gestão Educacional.	Não-adequada.	• aprimorar sua prática participativa, humanística e solidária; • melhorar o diálogo interno institucional; e • melhorar o diálogo com a comunidade externa.
Ambiente Físico.	Não-adequada.	• rever o projeto de construção civil; e • substituir alguns materiais por outros mais eficientes, eficazes e econômicos.
Projeto Pedagógico.	Adequada.	• manter atualizado.
Orientação do Ensino-Aprendizagem.	Semi-adequada.	• rever o projeto pedagógico com todos os atores da comunidade acadêmica e representantes da comunidade externa, inclusive o *trade* turístico; • habilitar a prática docente e discente à proposta que já existe no projeto em vigor; • promover atividades extraclasse com os alunos; • realizar trabalhos interdisciplinares do 1º ao 8º semestres; e • estimular os alunos e professores a participar de eventos.
Abordagem Pedagógica.	Semi-adequada.	• rever o projeto pedagógico com todos os atores da comunidade acadêmica e representantes da comunidade externa, inclusive o *trade* turístico; • pôr em prática a política de pesquisa, ensino e extensão, conforme o projeto pedagógico do curso de turismo em vigor; • realizar trabalhos interdisciplinares do 1º ao 8º semestres; e • estimular os alunos e professores a participar de eventos.
Percepção dos Conhecimentos Adquiridos pelos Egressos.	Adequada.	• procurar manter a atualidade e efetividade da formação hoje obtida.
Participação Profissional do Egresso no Mercado de Trabalho.	Não-adequada.	• rever o projeto pedagógico com todos os atores da comunidade acadêmica e representantes da comunidade externa, inclusive o *trade* turístico; • pôr em prática a política de pesquisa, ensino e extensão, conforme o projeto pedagógico do curso de turismo em vigor; • promover atividades extraclasse com os alunos; • realizar trabalhos interdisciplinares do 1º ao 8º semestres; • estimular os alunos e professores a participar de eventos; • melhorar o diálogo com a comunidade externa.
Diagnóstico geral	**Semi-adequada.**	**A instituição consegue, parcialmente, atender aos critérios de sustentabilidade de nossos indicadores, necessitando, porém, aprimorar algumas de suas práticas.**

Fonte: Elaborado pela autora.

6.3.2 Instituição X

De acordo com a TABELA 7, a seguir, o somatório das respostas Regularmente e Sempre para a Categoria Modelo de Gestão é superiormente maior que as respostas Nunca e Raramente, revelando-se, conforme seus atores acadêmicos, como modelo adequado à sustentabilidade. Até mesmo os egressos opinaram favoravelmente ao estilo de gestão institucional. Tal fato pode representar que a IES é transparente nas suas decisões, deixando às claras os trâmites da instituição. Convém destacar a presença da resposta Raramente pelo coordenador do curso de turismo. Talvez o seu nível de exigência seja acima do esperado pelos demais atores.

TABELA 7 - Síntese da Tabulação dos Dados do Questionário da Instituição X.

CATEGORIA	DIRETOR					COORDENADOR					PROFESSOR					EGRESSO				
	n	ra	re	s	sr	n	ra	re	s	sr	n	ra	re	s	sr	n	ra	re	s	sr
	%																			
MODELO DE GESTÃO	-	-	33	67	-	-	17	33	50	-	-	13	60	27	-	3	23	38	33	**2**
ENFOQUE ADMINISTRATIVO	11	-	22	67	-	22	56	22	-	-	13	27	40	20	-	11	26	40	23	-
ENFOQUE PEDAGÓGICO	-	33	33	33	-	9	56	27	9	-	9	33	34	26	-	6	39	36	29	-
ENFOQUE SOCIOFORMATIVO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	13	28	37	24	-

Fonte: Elaborado pela autora.
Legenda:n = nunca; ra = raramente; re = regularmente; s = sempre; sr = sem resposta
Observação: números aproximados.

Para a Categoria Enfoque Administrativo, podemos perceber uma distribuição entre as respostas Nunca e Sempre. Observemos que o coordenador divergiu, em parte, dos demais. Ao que nos consta, ele é muito sincero e crítico nas suas assertivas, revelando-se o tempo todo solícito e responsável pelas respostas dadas. Pareceu mesmo que seu maior rigor está ligado ao seu

engajamento na melhoria do que interpreta como possível de melhor qualificação, no curso de turismo. Quanto aos egressos, a maioria, mesmo durante a aplicação do questionário, criticou a instituição, sobretudo por eles serem da primeira turma, considerando-se ainda cobaias. A resposta da direção pareceu-nos um tanto quanto discrepante dos outros atores. Observemos que nessa categoria obteve-se 67% de Sempre. Ou seja, algo de contraditório existe entre eles, mas consideraremos, para esse item, uma adequação aos princípios da sustentabilidade, sem deixar de observar as discrepâncias.

Na Categoria Enfoque Pedagógico, as respostas foram díspares. Pelo fato de quase todos os entrevistados responderem Nunca e Raramente, consideraremos essa categoria não-adequada à sustentabilidade. O que podemos deduzir é que todos têm conhecimento de que o Projeto Pedagógico não foi elaborado pelos atores de interesse. Ele não revela todas as intenções da instituição, e, sem isso, fica quase impossível administrar um curso, na ausência do seu guia mestre: o projeto pedagógico.

No Enfoque Socioformativo, os egressos ficaram divididos. Há respostas entre Nunca e Sempre. O que pode nos levar a imaginar que nem todos estejam satisfeitos com a sua formação e que o mercado não correspondeu ao esperado. Pelas respostas parece haver uma contradição entre eles. Ainda não sabemos os motivos que levaram a esse resultado, mas deduzimos que estejam diretamente ligados ao Projeto Pedagógico mal concebido, o que leva à instabilidade no direcionamento do curso. O projeto pedagógico parece também não estar articulado ao ambiente local de negócios e ao *trade*.

Esse resultado dos questionários revela-nos uma não-adequação da educação ao Modelo de Desenvolvimento Sustentável, tendo em vista que o Projeto Pedagógico não foi confeccionado pelos seus atores e que os egressos não se revelam satisfeitos com os resultados. Isso porque, conforme já havíamos mencionado, esses itens têm uma considerável relevância para a nossa pesquisa.

Ao contrário do resultado dos questionários, que deixou dúvidas em relação às suas respostas, nas entrevistas, conforme TABELA 8, a seguir, e vista na íntegra no APÊNDICE DD, as respostas obtiveram percentuais elevadíssimos de Não. Em todas as categorias, as respostas foram negativas, com exceção da diretoria, que, na Categoria Projeto Pedagógico, respondeu Sim em 85,7% das questões.

TABELA 8 – Síntese da Tabulação das Entrevistas, da Observação do Espaço Físico e da Documentação da Instituição X.

CATEGORIAS	**DIRETOR**		**COORDENADOR**		**PROFESSOR**		**EGRESSO**	
	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM
				%				
ENFOQUE ADMINISTRATIVO								
A.1.ESTILO DE GESTÃO EDUCACIONAL	57,1	42,9	85,7	14,3	68,6	31,4	72,8	27,2
A.2.AMBIENTE FÍSICO	57,1	42,9	71,4	28,6	71,4	28,6	71,4	28,6
ENFOQUE PEDAGÓGICO								
B.1.PROJETO PEDAGÓGICO	14,3	85,7	85,7	14,3	71,4	28,6	85,7	14,3
B.2.ORIENTAÇÃO DO ENSINO-APRENDIZAGEM	100,0	0,0	100,0	0,0	100,0	0,0	100,0	0,0
B.3.ABORDAGEM PEDAGÓGICA	60,0	40,0	80,0	20,0	60,0	40,0	80,0	20,0
ENFOQUE SOCIOFORMATIVO								
C.1.PERCEPÇÃO DOS CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS PELOS EGRESSOS	-	-	-	-	-	-	83,3	16,7
C.2.PARTICIPAÇÃO PROFISSIONAL DO EGRESSO NO MERCADO DE TRABALHO	-	-	-	-	-	-	100,0	0,0

Fonte: Elaborado pela autora.
Observação: Não: não-adequada; Sim: adequada

O Estilo de Gestão Educacional não satisfaz a nenhum dos atores, nem mesmo à diretoria. Imaginamos que seja um modelo autocrático, com pouca participação do diretor, dos professores e dos alunos. Embora a distância não tenha sido tão grande para o diretor, mas foi para o coordenador, professor e egresso. Por unanimidade, o estilo de gestão não agrada a seus atores, tornando-

o não-sustentável. A força dessas respostas desfaz a avaliação inicial realizada, tendo por base os questionários. Nela havíamos identificado a IES como adequada nessa categoria. O quadro aqui se reverte na direção de reconhecermos nesse item a não-adequação da IES aos indicadores de sustentabilidade.

Quanto ao Ambiente Físico, obtivemos resultado semelhante à Categoria anterior. Todos responderam Não. Acreditamos que as condições sejam precárias em termos de sociabilidade e de convivência, afora a falta de salas que favoreçam a aprendizagem. Assim sendo, essa categoria não se adequa aos princípios que estabelecemos como sustentáveis.

Para a Categoria Projeto Pedagógico, com exceção da diretora, obtivemos respostas Não do coordenador, dos professores e dos egressos. Isso pode nos revelar o desconhecimento total do projeto por esses atores, senão a discordância dele em relação às decisões tomadas. Conforme vimos nas respostas dos questionários, o resultado não foi diferente. Evidentemente, o Projeto Pedagógico não está a contento dos seus atores. Vale considerar mais uma vez que a sua relevância é fundamental para as diretrizes da instituição.

No que se refere à Orientação do Ensino-Aprendizagem, foi unânime a resposta Não. Ou seja, a IES não utiliza qualquer tipo de tecnologia adequada e apropriada à formação dos seus alunos. Já era de se esperar tal resultado, tendo em vista a falta de um bom Projeto Pedagógico, norteador das práticas pedagógicas. Observemos que até mesmo a diretora foi desfavorável a essa categoria, revelando-nos a plena falta de seriedade por parte da IES.

Quanto à Abordagem Pedagógica, os entrevistados nos pareceram insatisfeitos com a didática, com a falta de visitas técnicas, enfim, com a abordagem em geral. Mais uma vez atribuímos isso à falta de um Projeto Pedagógico profundo e completo que norteie as políticas da IES. A Instituição X

perde toda a sua credibilidade diante desse fato, tornando-a completamente não-adequada à sustentabilidade.

No que diz respeito à Percepção dos Conhecimentos Adquiridos pelos Egressos e à Participação Profissional do Egresso no Mercado de Trabalho, a decepção é semelhante às demais categorias até então mencionadas. Pelas respostas, verificamos pouco entusiasmo em relação à formação e à atuação no mercado de trabalho. Tal fato sinaliza uma imagem negativa em relação à IES. Isso pode significar que os próprios egressos serão responsáveis por uma propaganda negativa da IES X, especialmente quando se submeterem a desafios pela vida e pelo mercado de trabalho.

Diante desse resultado, consideramos a educação oferecida pela Instituição X não-adequada, comprovada pela precária infra-estrutura; pelo escasso acervo bibliográfico; pela não-aderência dos professores às disciplinas que lecionam; pela gestão autocrática; pelos parcos recursos didáticos; pela falta de convênios, contratos; pelos poucos recursos para investimentos em novas tecnologias; pela falta de projetos de pesquisa; entre outros motivos observados e revelados pelos atores da instituição, pela observação e pela análise da documentação.

Para maior detalhamento, vamos verificar cada categoria com seus respectivos indicadores separadamente. No que se refere ao Enfoque Administrativo, observamos que o Estilo da Gestão é autocrático, centralizado na figura da Diretora Geral, que, por motivos de saúde, administra a IES a distância. Como se trata de uma instituição familiar, a gestora de maior escalão fica sabendo de tudo que se passa na Instituição X de maneira informal. Portanto, ao contrário do que os índices qualitativos revelam sobre essa categoria, o Estilo da Gestão Educacional não é participativo, nem democrático, mas é humanístico. É humanístico, porque todos os atores são ouvidos e quando surge alguma necessidade de ajuda, a primeira pessoa a se mobilizar é a Diretora Geral. A figura do outro é muito importante para a IES.

A quantidade de convênios e contratos é simbólica diante da necessidade real do curso de turismo para estágios, intercâmbios e outras atividades. O aluno não tem a Instituição X como exemplo de responsabilidade social e ambiental, pois ela não desenvolve ações, nem tampouco inclui seus discentes em atividades comunitárias e de respeito ao meio ambiente. A esse respeito, são discutidos os problemas locais e regionais em sala de aula, apenas. Os alunos não disponibilizam de incubadoras, o que os leva a ter menos práxis na área de turismo.

Em relação à Categoria Ambiente Físico, as salas são espaçosas e poderão ser ventiladas naturalmente, devido à quantidade de janelas, assim como poderão ser iluminadas pela luz solar, porém, nesse caso, necessariamente, tem-se que usar a energia elétrica porque o curso é noturno. A quantidade de salas não é suficiente para disponibilizá-las para apoio didático, orientação, entre outras necessidades. Há um grande pátio localizado na parte central do prédio, no qual poderão ser desenvolvidas atividades recreativas, esportivas e culturais, e eventos em geral.

A Instituição X não disponibiliza de sistema de coleta seletiva de lixo. Não foram vistos os vasilhames apropriados para tal. Ela não faz reciclagem, nem reutiliza materiais sólidos e líquidos. Verificamos na edificação, vazamentos, torneiras e descargas com defeitos, gerando desperdício d'água. O curso de turismo funciona, portanto, num prédio antigo, com instalações precárias, sem elevador, sem rampas de acesso para portadores de necessidades especiais. O acesso só é feito por lances de escada.

Na Categoria Projeto Pedagógico, este não foi feito pela comunidade acadêmica. Trata-se de um projeto incompleto, descritivo e pouco profundo. Está faltando, por exemplo, política de estágio supervisionado, de TCC. A partir dele, não compreendemos como o curso obteve autorização, tendo em vista que a

pesquisadora fez parte da CEETur, sendo conhecedora, portanto, dos critérios de autorização e reconhecimento de cursos de graduação em turismo.

São contempladas no currículo pleno as disciplinas Turismo e Meio Ambiente I, no 4º semestre; Turismo e Meio Ambiente II, no 5º semestre; e Legislação e Ética, no 8º semestre, que se aprofundam nos tópicos meio ambiente e sustentabilidade. Verificamos nos planos de ensino que outras disciplinas abordam esses temas em módulos.

A Instituição X não desenvolve pesquisa, nem extensão, apenas realiza o ensino, apesar de constar no projeto pedagógico a política de ensino, extensão e pesquisa. Não vimos no projeto referências à sustentabilidade, ou à educação ambiental, nem nada que sinalize para o desempenho sustentável. Talvez por essa razão, a compreensão sobre o que é sustentabilidade seja não só fraca, senão inexistente. Vejamos a seguir, os relatos de alguns entrevistados, de acordo com a transcrição das entrevistas da Instituição X:

1. A Egressa X-E1 afirma que a Instituição X não teve "*nenhum tipo de preocupação em relação à sustentabilidade da sua formação, nem de precaução na verdade, nada, nada, nada* (...)". Em relação a isso ela sugere que a instituição procure "*qualificar os professores* (...) *porque aí é muito precário em professor,* (...) *tudo aí é precário".* (p. 76, 2004);

2. O Egresso X-E3 confessa: "*primeira turma, nós somos cobaia, nós sofremos com todos os problemas* (...)". (p. 59, 2004); e

3. A Egressa X-E5 relata: "*eu acredito que a faculdade sempre se preocupou, tanto com a sustentabilidade como em outros setores, né?* (...) *mas, existiram assim falhas, como eu acredito que em toda instituição existe* (...) *o curso é muito novo* (...)*, então está ainda caminhando, tem condições de melhorar".* (p. 31, 2004).

Quanto à Categoria Orientação do Ensino-Aprendizagem, a IES não corresponde aos indicadores propostos. A metodologia adotada pelos professores ainda é muito centrada na aula expositiva. Os alunos são avaliados, predominantemente, por provas escritas e os recursos didáticos utilizados são apostilas, pela carência de livros na biblioteca, quadro e giz. A IES não disponibiliza uma quantidade suficiente de recursos didáticos modernos, como computadores, ambientes em redes de aprendizagem, entre outros.

Os resultados na Categoria Abordagem Pedagógica, não são muito diferentes das demais. De 5 indicadores, apenas 2 dos propostos são correspondidos. Na Instituição X, há espaço para o diálogo, são oportunizados momentos de discussão sobre os problemas do cotidiano, especialmente os referentes aos contextos local e regional. Um dos problemas detectados refere-se à quantidade de professores que não têm formação e experiência em turismo, levando a uma falta de coerência entre o que se sabe, o que se ensina e o que se faz.

Nas Categorias do Enfoque Socioformativo, dos 10 egressos entrevistados, 2 estão desempregados, 7 estão trabalhando fora da área de turismo e 1 apenas está atuando como empresário do setor. Por esse fato, podemos pressupor que a região não demanda por profissionais graduados em turismo, ou que não há oferta de vagas de trabalho para os egressos, ou que a formação dos egressos não corresponde às habilidades demandadas pelo mercado, ou que há outros motivos de ordem contextual.

No caso de estágios, por exemplo, o coordenador e o professor de estágio comentam que procuram ajudar a diretoria acadêmica a captar vagas para estágio nas empresas, mas são poucas as opções de vagas, aumentou o número de IES que oferecem curso de turismo e hotelaria, tornando difícil estágio para todos. Ou seja, nem todos puderam estagiar nas diversas áreas do setor de turismo.

Por tudo isso mencionado, e conforme o Modelo de Educação Sustentável proposto, a Instituição X está oferecendo uma educação não-adequada. É claro que não devemos deixar de analisar o contexto na qual está inserida, e sabemos que as condições sociais, culturais e políticas interferem nesse processo, mas tal intento não está contemplado no escopo desta pesquisa.

Assim sendo, recomendamos à Instituição X, de forma geral e acima de tudo, que reveja seu projeto pedagógico e pesquise sobre a real necessidade da oferta de curso de turismo, levando em consideração o contexto social, político, econômico e cultural do mercado no qual está inserida. Além disso, outras recomendações complementares merecem atenção. Faz-se necessária a revisão total do seu projeto pedagógico com todos os atores das comunidades acadêmica e externa. Parece-nos fundamental a iniciação à pesquisa, ensino e extensão. Entre essas estão outras sugestões já feitas à Instituição W, que levamos em consideração no QUADRO 26, a seguir, com o resumo da avaliação e diagnósticos referentes à Instituição X.

QUADRO 26 - Resumo da Avaliação da IES X.

Indicador	Diagnóstico	Recomendação
Estilo da Gestão Educacional.	Não-adequada.	• aprimorar sua prática participativa, humanístico e solidária; • melhorar o diálogo interno institucional; e • melhorar o diálogo com a comunidade externa.
Ambiente Físico.	Não-adequada.	• rever o projeto de construção civil; • substituir alguns materiais por outros mais eficientes, eficazes e econômicos; e • melhorar a infra-estrutura, adequando-a ao curso de turismo.
Projeto Pedagógico.	Não-adequada.	• refazer o projeto atual, junto com a comunidade acadêmica e externa; • ampliar o acervo bibliográfico; e • fazer pesquisa.
Orientação do Ensino-Aprendizagem.	Não-adequada.	• rever o projeto pedagógico com todos os atores da comunidade acadêmica e representantes da comunidade externa, inclusive o *trade* turístico; • habilitar a prática docente e discente à proposta que já existe no projeto em vigor; • promover atividades extraclasse com os alunos; • realizar trabalhos interdisciplinares do 1º ao 8º semestres; • estimular os alunos e professores a participar de eventos; e

		• investir em novas tecnologias.
Abordagem Pedagógica.	Não-adequada.	• ampliar os recursos didáticos; • selecionar professores que entendam sobre turismo; • rever o projeto pedagógico com todos os atores da comunidade acadêmica e representantes da comunidade externa, inclusive o *trade* turístico; • realizar trabalhos interdisciplinares do 1º ao 8º semestres; e • estimular os alunos e professores a participar de eventos.
Percepção dos Conhecimentos Adquiridos pelos Egressos.	Não-adequada.	• oferecer uma educação compatível à desejada pelo aluno.
Participação Profissional do Egresso no Mercado de Trabalho.	Não-adequada.	• rever o projeto pedagógico com todos os atores da comunidade acadêmica e representantes da comunidade externa, inclusive o *trade* turístico; • pôr em prática a política de pesquisa, ensino e extensão, conforme o projeto pedagógico do curso de turismo em vigor; • promover atividades extraclasse com os alunos; • realizar trabalhos interdisciplinares do 1º ao 8º semestres; • estimular os alunos e professores a participar de eventos; • melhorar o diálogo com a comunidade externa, através de convênios, contratos e outros.
Diagnóstico geral	**Não-adequada.**	**A instituição não consegue atender aos critérios de sustentabilidade de nossos indicadores, necessitando rever a sua proposta do curso de turismo.**

Fonte: Elaborado pela autora.

6.3.3 Instituição Y

Na análise do TABELA 9, a seguir, observamos que o Modelo de Gestão é baseado no desempenho sustentável, a partir das respostas obtidas, Regularmente e Sempre. Observemos que esses índices mais elevados são de responsabilidade da coordenação, dos professores e dos egressos, fato que revela uma percepção positiva por parte dos atores em relação à Instituição Y. Porém, inquieta-nos a diretoria ficar dividida entre Raramente e Sempre. Talvez, pelo fato, de a IES ser familiar, ou da diretoria não ter autonomia plena para tomada de decisão.

TABELA 9 - Síntese da Tabulação dos Dados do Questionário da Instituição Y.

CATEGORIA	DIRETOR					COORDENADOR					PROFESSOR					EGRESSO				
	n	ra	re	s	sr	N	ra	re	s	sr	n	ra	re	s	sr	n	ra	re	s	sr
	%																			
MODELO DE GESTÃO	-	33	33	33	-	-	-	33	67	-	-	3	57	37	3	2	25	53	20	-
ENFOQUE ADMINISTRATIVO	-	-	44	56	-	-	-	44	56	-	11	7	36	44	2	4	21	30	41	3
ENFOQUE PEDAGÓGICO	-	-	33	67	-	-	9	9	82	-	7	11	47	31	4	17	33	39	8	3
ENFOQUE SOCIOFORMATIVO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	27	17	24	21	12

Fonte: Elaborado pela autora.
Legenda:n = nunca; ra = raramente; re = regularmente; s = sempre; sr = sem resposta
Observação: números aproximados.

Para o Enfoque Administrativo, houve predominância das respostas Regularmente e Sempre, podendo-nos revelar uma imagem positiva institucional em relação à sua estrutura física e espaço de convivência. Mas, devemos observar que os professores e os egressos ficaram divididos nessa resposta e alguns não responderam. Esse fato, pode nos evidenciar que o espaço físico ainda não está satisfatório para todos os seus atores. Ainda assim, consideramos esta categoria adequada à sustentabilidade.

No Enfoque Pedagógico, aconteceu o mesmo: houve um maior percentual de respostas Regularmente e Sempre, embora para os professores e egressos, o resultado não seja o mesmo do diretor e do coordenador. Esse resultado nos oferece meios para analisar a IES Y como uma instituição que ainda necessita usar os instrumentos referentes a esse Enfoque de forma a atingir mais diretamente os usuários finais do processo. Mesmo com essas considerações, a IES oferece credibilidade a seus atores ao ponto de obtermos respostas mais favoráveis. Assim sendo, temos aí um consenso da comunidade acadêmica a

respeito do seu projeto, dando credibilidade à instituição, qualificando-a como fornecedora de uma educação superior sustentável.

Já no Enfoque Socioformativo a distância é muito pequena entre o somatório de Regularmente e Sempre, e de Nunca e Raramente. É claro que esse indicador tem relevância, assim como os demais, mas ele não é decisivo no cômputo geral. Além dele levamos em conta o Projeto Pedagógico, que tem peso equivalente. O fato de as respostas ficarem divididas entre Nunca e Sem Resposta, o maior percentual está em Regularmente e Sempre. Portanto, de acordo com as respostas dos questionários, a educação institucional é adequada.

Ao analisarmos a TABELA 10, a seguir, vista na íntegra no APÊNDICE EE, observamos que, para os seus atores, o estilo de gestão é participativo, democrático e humanístico. O percentual de respostas Sim é maior que o de respostas Não. Mais uma vez confirmamos a credibilidade institucional pelos seus atores, levando-nos a endossar a adequação à sustentabilidade.

TABELA 10 - Síntese da Tabulação das Entrevistas, da Observação do Espaço Físico e da Documentação da Instituição Y.

CATEGORIAS	**DIRETOR**		**COORDENADOR**		**PROFESSOR**		**EGRESSO**	
	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM
				%				
ENFOQUE ADMINISTRATIVO								
A.1.ESTILO DE GESTÃO EDUCACIONAL	14,3	85,7	14,3	85,7	42,9	57,1	54,3	45,7
A.2.AMBIENTE FÍSICO	57,1	42,9	57,1	42,9	57,1	42,9	62,9	37,1
ENFOQUE PEDAGÓGICO								
B.1.PROJETO PEDAGÓGICO	0,0	100,0	0,0	100,0	0,0	100,0	57,1	42,9
B.2.ORIENTAÇÃO DO ENSINO-APRENDIZAGEM	25,0	75,0	25,0	75,0	25,0	75,0	92,5	7,5
B.3.ABORDAGEM PEDAGÓGICA	0,0	100,0	0,0	100,0	0,0	100,0	58,0	42,0
ENFOQUE SOCIOFORMATIVO								
C.1.PERCEPÇÃO DOS CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS	-	-	-	-	-	-	53,3	46,7

PELOS EGRESSOS								
C.2.PARTICIPAÇÃO PROFISSIONAL DO EGRESSO NO MERCADO DE TRABALHO	-	-	-	-	-	-	50,0	50,0

Fonte: Elaborado pela autora.
Observação: Não: não-adequada; Sim: adequada

Já no Ambiente Físico, parece-nos que ele precisa ser reavaliado, pois foi unânime a opinião de que as suas condições são precárias. Assim podemos pressupor a falta de condições adequadas para a convivência, bem como a falta de salas equipadas a contento. É sabido que o Ambiente Físico é de total importância para o entrosamento entre as pessoas. É nele que acontecem as relações informais.

Em relação ao Projeto Pedagógico, ele nos pareceu completo e abrangente, segundo as respostas Sim. Consideraremos, aqui, a pequena distância entre o Sim e o Não respondidos pelos egressos. Essa resposta negativa pode parecer que o egresso desconhecia o Projeto Pedagógico, ou por falta de interesse, ou por falta da iniciativa institucional. Diante desse resultado, vamos considerar a IES sustentável, já que os seus professores por unanimidade responderam 100% Sim.

Quanto à Categoria de Orientação do Ensino-Aprendizagem, apenas os egressos responderam Não. Nesse caso, eles representam os receptores do que é planejado pela IES. Assim sendo, nessa categoria a resposta deles tem grande relevância. Desse modo, consideramos a educação semi-adequada, tendo em vista que os instrumentos necessários para a aprendizagem não não são satisfatórios. Assim como no caso da IES W, analisada anteriormente, o que transparece é a orientação e o desejo da IES de empreender um ensino-aprendizagem de caráter sustentável, porém com pouco sucesso no que se refere à didática e prática do dia-a-dia docente. Isso revela a necessidade de articular melhor o discurso e o projeto, com a prática.

Na Abordagem Pedagógica, mesmo o diretor, o coordenador e os professores tendo respondido 100% Sim, nessa categoria, mais vale o pensamento dos egressos, que são os principais sujeitos da aprendizagem. Portanto, tudo aquilo vivenciado em sala de aula, ou fora dela passa pelo crivo desses atores. Parece-nos que os profissionais da IES desejam realizar práticas sustentáveis e se esforçam para tanto, mas concretamente ainda não conseguiram que os egressos percebessem tal tendência como realizada. Vamos considerar a Abordagem como semi-adequada.

No Enfoque Socioformativo deu quase empate em relação às suas Categorias. O que pode nos revelar parcial satisfação entre a formação e a atuação no mercado de trabalho. Os Conhecimentos adquiridos pelos egressos revelam, parcialmente, o seu aproveitamento e que eles parecem, em parte, satisfeitos com o Mercado de Trabalho. Logo, para essa Categoria, consideramos uma oferta de educação semi-adequada aos princípios da sustentabilidade.

Com base nos dados dos questionários, a educação tente a ser analisada como adequada. Consideramos também tendente a adequada à sustentabilidade, tendo em vista o seu Projeto Pedagógico e a receptividade dos egressos à proposta da Instituição Y. As respostas não foram suficientemente discrepantes para reduzir a avaliação da IES, segundo nossos critérios. É importante porém, que se observem os pontos fracos apontados, e suas possíveis estratégias de superação. Verificamos, a seguir, como foi analisado indicador por indicador.

Na Categoria Estilo da Gestão Educacional, o indicador de gestão democrática é, em parte, aplicado pela Instituição Y. Trata-se de uma gestão familiar, na qual quase todos os cargos de alto escalão e confiança são representados por parentes. Falamos que é em parte democrática, porque algumas ações, a minoria, são tomadas a partir da escuta dos seus atores acadêmicos, como a revisão do projeto pedagógico. Porém, não se trata de uma

gestão proativa, nem estratégica. Portanto, não adota modelo de gerenciamento sistêmico.

Trata-se de uma instituição com autonomia administrativa, financeira e pedagógica. Ela possui uma consultoria interna, exclusivamente, para fazer o acompanhamento pedagógico.

Localizamos nos documentos da IES muitos contratos de convênios, parcerias, cooperação técnica e outros, como o Centro de Investigaciones Y Documentación Turística de la Dirección Nacional de Capacitación del Instituto Nacional del Turismo (INTUR), em Cuba; a Universidade de Madrid e a Universidade de Murcia, ambas na Espanha; o Instituto Superior de Enseñanza del Automóvel Club Argentino, na Argentina; entre outras entidades internacionais.

Possui contratos com entidades nacionais, regionais, estaduais e locais, como a Universidade de São Paulo/Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (USP/FIPE), em São Paulo; a Universidade de Brasília (UNB), no Distrito Federal; SEBRAE; EMBRATUR; BAHIATURA; EMTURSA; *Camping Club* do Brasil, apenas para citar algumas.

A Instituição Y desenvolve projetos para a comunidade, como o Projeto de Extensão Acadêmica Baianas de Acarajé, através do Núcleo de Interpretação do Patrimônio, cujo objetivo é a qualificação para atendimento aos turistas e resgatar a auto-estima das baianas de acarajé. (INFORMATIVO MENSAL DA INSTITUIÇÃO Y. nº05, ago./2004, s/p).

Desenvolve projetos com a comunidade, como o chamado Interpretação do Patrimônio Ilha de Itaparica, com o objetivo de promover o regate cultural dentro das comunidades da Ilha e possibilitar a elaboração de novos roteiros turísticos para a região. (INFORMATIVO MENSAL DA INSTITUIÇÃO Y. nº03, mai./2004, s/p).

Presta serviços a municípios através de parceria com prefeituras, como a Prefeitura Municipal de Cairu, na qual implantou o Programa de Educação para o Turismo, com o objetivo de reduzir o impacto do lixo urbano e qualificar profissionais para fazer receptivo. (INFORMATIVO MENSAL DA INSTITUIÇÃO Y. nº05, ago./2004, s/p).

Participa da organização de eventos, como o I Fórum Brasileiro de Turismo Rural e o II Seminário de Turismo Rural da Bahia. (INFORMATIVO MENSAL DA INSTITUIÇÃO Y. nº05, ago./2004, s/p). Todos esses projetos e eventos contam com a participação de alunos selecionados, mediante edital de seleção para estágio, pesquisa, monitoria e outras atividades.

Não possui um projeto ecopolítico formalizado, mas realiza discussões nos âmbitos locais, estaduais, regionais, nacionais e internacionais sobre temas, como impacto do turismo na comunidade e no meio ambiente, lixo, cultura indígena, entre outros. Muitas dessas discussões são transformadas em artigos e publicados na Revista Científica da Instituição Y.

Os alunos não participam de projetos de negócios a partir de incubadoras. Estas são inexistentes, porém eles são orientados pelo Núcleo de Desenvolvimento Pessoal e Profissional (NUDEPP), órgão responsável pela assessoria acadêmica e profissional para os alunos da Instituição Y. (INFORMATIVO MENSAL DA INSTITUIÇÃO Y. nº06, set./2004, s/p).

A Instituição possui o cargo de monitor, para os alunos interessados em obter experiência em ensino como assistente do professor na organização e preparação de planos de aula, e no exercício de dar aula. (BOLETIM INFORMATIVO DA INSTITUIÇÃO Y. nº02, mai./2003, s/p).

Em relação a estágio supervisionado, a Instituição Y teve parceria com a Village Turismo e agora está com a Visão Turismo como agência-escola. (BOLETIM INFORMATIVO DA INSTITUIÇÃO Y. nº02, mai./2003, s/p). Para esse fim, o NUDEPP tem relevante participação, enquanto captadora de empresas para estágios e empregos.

Na Categoria Ambiente Físico, as instalações são antigas, o que não permite a existência de salas com iluminação e ventilação naturais. Todas as salas possuem aparelhos de ar-condicionado e ventiladores e são iluminadas por energia elétrica.

Há pouco espaço na Instituição Y. Este é mais ocupado por salas de aula, deixando a desejar no que se refere a salas para orientação individual de alunos, por exemplo. Diante dessa carência, no NUDEPP são realizadas várias atividades, bem como na sala de professores.

No espaço físico onde funciona o curso de turismo, não há estacionamento para professores, nem para alunos. Há pouca área para convivência, ambiente natural como jardins, ou projeto paisagístico. O acesso aos ambientes da Instituição, inclusive para salas de aulas são por lances de escada. Não há elevador, nem rampas de acesso para portadores de necessidades especiais.

Não foram observados mecanismos de economia de água. Ao contrário, vimos torneiras e descargas com vazamentos. Quanto à reciclagem e reutilização de materiais sólidos e líquidos, eles são inexistentes. Há na Instituição vasilhames para coleta seletiva de lixo, da qual desconhecemos o destino.

Na Categoria Projeto Pedagógico, o projeto pedagógico foi revisado com a participação de alunos, professores e de outros atores da Instituição Y. O projeto possui bases na cidadania, na interpretação dos patrimônios natural, cultural e histórico, na ética e na gestão de empreendimentos turísticos. Ele é completo e

profundo, no qual constam política de estágio supervisionado, avaliação institucional, política de integração do ensino, pesquisa e extensão, entre outros itens.

A instituição aplica sua política de pesquisa através de 2 linhas específicas, baseadas em parâmetros da sustentabilidade. Constam 2 projetos de pesquisa em andamento no curso de turismo, que são apresentados semestralmente para a comunidade acadêmica.

No currículo são oferecidas disciplinas que envolvem a formação do gestor e empreendedor em turismo, como a formação para docência, através da disciplina optativa Didática e Metodologia do Ensino Superior. As disciplinas relacionados ao meio ambiente e sustentabilidade são: Turismo e Meio Ambiente, no 6º semestre; Ecoturismo, no 7º semestre; e Interpretação do Patrimônio, no 5º semestre. Existem outras disciplinas do currículo pleno que enfatizam sustentabilidade nos seus planos de ensino como Fundamentos de Marketing, Mitos, Ritos e Turismo, entre outras. (CURRÍCULO PLENO E PLANOS DE ENSINOS).

O currículo pleno da Instituição Y apresenta um elenco de disciplinas que favorece ao aluno uma formação integral. Os estágios são realizados em múltiplos lugares, a partir do 5º semestre, possibilitando ao alunado a participação em planos, programas e projetos turísticos e o convívio com a comunidade através de participação em ONGs.

Os alunos participam do processo de avaliação institucional e são convidados para assistir à apresentação dos resultados, feita para toda a comunidade acadêmica anualmente.

No que se refere ao aperfeiçoamento e qualificação do corpo docente, a Instituição dá apoio financeiro a um número limitado de professores, e os libera de

atividades, quando eles apresentam artigos em eventos, realizam viagens de estudo e realizam outras atividades em que necessitam se ausentar.

Na Categoria Orientação do Ensino-Aprendizagem, a IES adota o socioconstrutivismo através do método de ensino e de projetos realizados com e para a comunidade em geral. Ela procura focalizar o contexto social, cultural e ambiental a partir de ações, como limpeza das praias, regulamentação da profissão de turismo, resgate da auto-estima de comunidades, como foi o Projeto na Península Itapajipana.

Tudo isso com a participação dos alunos, que são avaliados semestralmente por toda a comunidade acadêmica. São preenchidos questionários com perguntas abertas e fechadas pelos professores, alunos e pela coordenadora, que se referem ao processo do ensino-aprendizagem. A partir dos resultados são realizados seminários para discutir a questão.

No que se refere à Categoria Abordagem Pedagógica, não são realizados trabalhos interdisciplinares, multidisciplinares e transdisciplinares. Houve, em determinada época, tentativas de realização de trabalho interdisciplinar com professores do 5º semestre, mas o resultado não foi aprovado pelos alunos, nem pelos professores. Assim sendo, não foram realizados mais trabalhos nesse âmbito.

Os professores estão limitados à prática docente em sala de aula, através de, predominantemente, aulas expositivas, sem a utilização de outros recursos didáticos, como mapas mentais, ambientes informatizados, entre outros. Eles realizam seminários e levam palestrantes para os eventos internos, visando discutir os problemas do setor turístico e do cotidiano, levando os alunos a refletir sobre a realidade.

Desses professores, 5 são bacharéis em turismo e os demais possuem formação acadêmica e profissional aderentes às disciplinas que lecionam. O aluno tem, portanto, a oportunidade de conviver com profissionais experientes e de ampliar a sua visão de mundo e do setor turístico.

Nas Categorias do Enfoque Socioformativo, os entrevistados que egressaram da instituição foram de diferentes anos. Como nossa pesquisa não é histórica, faremos a análise a partir das respostas dos questionários e das entrevistas. Dos 10 entrevistados, 2 estão desempregados e os demais estão atuando na área em IES e/ou em empresas. Observamos que dos 8 que estão empregados, 3 estão no setor público, sendo 1 na Secretaria de Turismo, Cultura, Indústria e Comércio do Município de Valença; 2 ocupam cargos de alto escalão; e 3 são docentes.

Esses resultados nos revelam uma formação eclética dos egressos e, pelo que percebemos nas entrevistas, com base em sustentabilidade, conforme relatos de alguns deles:

1. A Egressa Y-E1 contribui para sustentabilidade: "*eu procuro (...) elaborar projetos que ofereçam qualidade de vida para a comunidade, que ofereçam renda, (...) empregos, mesmo que temporários (...). (...) Como cidadã, eu procuro estar sempre preservando os valores; procuro estar sempre apoiando, no que eu posso, a parte cultural".* (TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DA INSTITUIÇÃO Y, p. 31, 2004);

2. A Egressa Y-E2 contribui como cidadã, consumindo produtos com selo verde: "*não digo muito porque a gente não encontra esses produtos, mas (...) por exemplo, o consumo de hortaliças que seja organizado por uma comunidade ou por uma cooperativa".* (TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DA INSTITUIÇÃO Y, p. 106, 2004);

3. A Egressa Y-E5: “*como cidadã no dia-a-dia, no que penso, no que faço. Bom, sendo pontual, no lixo que eu separo (...), nas relações que eu troco, (...) com a troca de conhecimentos, de informação com quem eu convivo, eu conheço, (...), as pessoas que eu vou encontrando no caminho* (...)”. (TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DA INSTITUIÇÃO Y, p. 48 e 49, 2004).

De modo geral, mesmo considerando um quase-empate nas respostas dos questionários, os egressos consideraram que a Instituição Y ofereceu uma formação cidadã, que lhes possibilitou uma visão holística, uma preparação para serem empreendedores através de professores qualificados, entre outros benefícios.

O resultado final da Instituição Y mescla entre adequada e semi-adequada, muito pelas respostas dos egressos, que tiveram peso relevante na avaliação de cada indicador. Porém, partimos do princípio de que a IES contempla importantes itens para uma prática pedagógica coerente com a formação cidadã. Levando-se em consideração as assertivas dos egressos, recomendamos à instituição que: a) reveja a prática docente em sala de aula; b) atualize seu curso de acordo com as demandas sociais, culturais e empresariais; c) adote uma gestão estratégica e proativa; d) tenha uma administração descentralizada; e) amplie espaço para convivência; f) promova mais atividades extraclasse com os alunos; e g) habilite melhor seus professores para as práticas pedagógicas sustentáveis, talvez a maior necessidade nesse momento.

Por tudo isso, consideramos que a Instituição Y oferece uma educação adequada, ou seja, que se aproxima do Modelo de Educação Superior Sustentável, ainda que seu curso de turismo não tenha ênfase em meio ambiente, ou em ecoturismo.

Observemos no QUADRO 27, a seguir, o resumo da avaliação e diagnósticos referentes à Instituição Y.

QUADRO 27 - Resumo da Avaliação da IES Y.

Indicador	Diagnóstico	Recomendação
Estilo da Gestão Educacional.	Adequada.	• oferecer gestão estratégica e proativa; e • ter administração descentralizada.
Ambiente Físico.	Adequada.	• ampliar os espaços para convivência.
Projeto Pedagógico.	Adequada.	• manter atualizado.
Orientação do Ensino-Aprendizagem.	Semi-adequada.	• promover mais atividades extraclasse com os alunos; • realizar trabalhos interdisciplinares do 1º ao 8º semestres; • estimular os alunos e professores a participar de eventos; • investir em novas tecnologias; e • habilitar melhor seus professores para as práticas pedagógicas sustentáveis, talvez a maior necessidade.
Abordagem Pedagógica.	Semi-adequada.	• rever a prática docente em sala de aula; • ampliar os recursos didáticos; • realizar trabalhos interdisciplinares do 1º ao 8º semestres; e • estimular os alunos e professores a participar de eventos.
Percepção dos Conhecimentos Adquiridos pelos Egressos.	Semi-adequada.	• procurar manter a atualidade e efetividade da formação hoje obtida.
Participação Profissional do Egresso no Mercado de Trabalho.	Semi-adequada.	• promover atividades extraclasse com os alunos; • realizar trabalhos interdisciplinares do 1º ao 8º semestres; • estimular os alunos e professores a participar de eventos;
Diagnóstico geral	**Adequada**	**A instituição consegue atender aos critérios de sustentabilidade de nossos indicadores, embora deva permanecer atenta para alguns pontos que necessitam melhorar.**

Fonte: Elaborado pela autora.

6.3.4 Instituição Z

De acordo com o diretor e com o coordenador, o Modelo de Gestão é adequado, conforme podemos ver nos resultados da TABELA 11, a seguir. Porém, temos ressalvas em relação aos professores e egressos, que sinalizaram Raramente. Podemos pressupor que a IES não atende de forma igualitária a todos os seus atores. Afinal de contas, professores e egressos são os usuários com maior proximidade dos esforços institucionais. Tal resultado representa que a gestão não é totalmente aberta, democrática e participativa. Assim sendo, essa categoria se caracterizaria como semi-adequada à sustentabilidade. Pode representar, inclusive, que os atores principais do contexto ensino-aprendizagem,

alunos e professores sejam tratados autocraticamente, enquanto no nível administrativo a IES se mantém participativa.

TABELA 11 - Síntese da Tabulação dos Dados do Questionário da Instituição Z.

CATEGORIA	DIRETOR					COORDENADOR					PROFESSOR					EGRESSO				
	n	ra	re	s	sr	n	ra	re	s	sr	n	ra	re	s	sr	n	ra	re	s	sr
	%																			
MODELO DE GESTÃO	-	-	83	-	17	-	-	33	67	-	-	17	32	13	-	-	25	53	13	-
ENFOQUE ADMINISTRATIVO	-	-	11	78	11	-	-	44	55	-	4	7	47	35	,7	17	19	30	32	2
ENFOQUE PEDAGÓGICO	-	-	33	67	-	-	9	45	45	-	7	22	38	31	2	9	14	36	41	2
ENFOQUE SOCIOFORMATIVO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	13	18	30	33	5

Fonte: Elaborado pela autora.
Legenda:n = nunca; ra = raramente; re = regularmente; s = sempre; sr = sem resposta
Observação: números aproximados.

Na Categoria Enfoque Administrativo, parece-nos que o diretor aceita em parte as propostas institucionais, tendo em vista um percentual de Sem Resposta. Quanto ao coordenador, ele concorda com o enfoque adotado. Já os professores e egressos, tiveram respostas diluídas entre Nunca e Sem Resposta. Assim sendo, esse resultado nos leva a imaginar a não-satisfação plena desses usuários, considerando-a semi-adequada para uma educação sustentável.

Quanto ao Enfoque Pedagógico, os maiores percentuais foram de Regularmente e Sempre, embora tenha havido Nunca, Raramente e Sem Resposta por parte de professores e egressos. Observamos na análise da IES Z que esses atores concordam em relação à instituição nas categorias anteriores também. As suas opiniões são muito semelhantes. Mas, em geral, nessa categoria, esse resultado revela que o Projeto Pedagógico está correspondendo aos seus usuários, pelos elevados percentuais de Regularmente e Sempre. Consideramos então a IES adequada nessa categoria.

E, em relação ao Enfoque Socioformativo, os egressos não perecem estar em consenso, apesar dos altos percentuais de respostas Regularmente e Sempre. Acreditamos que as respostas das categoria anteriores refletem nesse resultado, tendo em vista que, se eles não estavam plenamente satisfeitos com a administração em geral, possivelmente revelariam a não-satisfação em relação aos Conhecimentos Adquiridos e em Relação ao Mercado de Trabalho. Diante do exposto, consideraremos a oferta de uma educação semi-adequada para a IES Z.

Por tudo isso, tomando como base apenas os resultados dos questionários, a Instituição Z oferece uma educação semi-adequada à sustentabilidade.

A seguir, analisamos o resultado da TABELA 12, vista na íntegra no APÊNDICE FF. Nela observamos que na Categoria Estilo de Gestão Educacional há, em parte, um consenso a respeito da educação sustentável. Vejamos que, exceto os professores, todos discordaram que a gestão é democrática, mas levemos em conta que a diferença entre as respostas Sim e Não é muito pequena. De acordo com essa análise, consideramos nessa categoria uma oferta de modelo sustentável. As entrevistas influenciam para que se firme então o conceito de adequada.

TABELA 12 - Síntese da Tabulação das Entrevistas, da Observação do Espaço Físico e da Documentação da Instituição Z.

CATEGORIAS	**DIRETOR**		**COORDENADOR**		**PROFESSOR**		**EGRESSO**	
	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM
	%							
ENFOQUE ADMINISTRATIVO								
A.1.ESTILO DE GESTÃO EDUCACIONAL	14,3	85,7	14,3	85,7	57,1	42,9	48,6	51,4
A.2.AMBIENTE FÍSICO	14,3	85,7	14,3	85,7	14,3	85,7	21,4	78,6
ENFOQUE PEDAGÓGICO								
B.1.PROJETO PEDAGÓGICO	0,0	100,0	0,0	100,0	22,9	77,1	28,6	71,4
B.2.ORIENTAÇÃO DO ENSINO-APRENDIZAGEM	0,0	100,0	0,0	100,0	25,0	75,0	30,0	70,0
B.3.ABORDAGEM PEDAGÓGICA	0,0	100,0	0,0	100,0	36,0	64,0	34,0	66,0

ENFOQUE SOCIOFORMATIVO								
C.1.PERCEPÇÃO DOS CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS PELOS EGRESSOS	-	-	-	-	-	-	5,0	95,0
C.2.PARTICIPAÇÃO PROFISSIONAL DO EGRESSO NO MERCADO DE TRABALHO	-	-	-	-	-	-	30,0	70,0

Fonte: Elaborado pela autora.

Na Categoria Ambiente Físico, foi unânime a satisfação quanto ao espaço e políticas de seu uso. Assim, consideramos essa categoria como adequada para a sustentabilidade.

O Projeto Pedagógico foi consensualmente aceito pela comunidade acadêmica. Vejamos que nos questionários ainda houve uma dispersão nas respostas, porém, aqui na entrevista, todos os atores concordam que o projeto satisfaz às necessidades institucionais. Isso pode revelar sua democratização em relação ao quadro de funcionários da IES. Como diz Teixeira (1969) é preciso que o aluno conheça as políticas da organização para que ele possa participar ativamente como cidadão.

Em relação à Categoria Orientação do Ensino-Aprendizagem, todos responderam Sim; pelo menos é maior percentual. Isso revela que a IES se esmera para oferecer as melhores condições de trabalho para os seus usuários, através da implementação de políticas atuais que favorecem a aprendizagem do alunado.

Na Abordagem Pedagógica, obtivemos um maior percentual de respostas Sim. O que significa dizer que o corpo docente incorpora bem as políticas institucionais quanto à didática e meios de trabalhar com os seus alunos. Os egressos revelam satisfação pela didática dos professores e pela dinâmica do curso, que nos parece contemplar visitas técnicas, aulas práticas, viagens de

estudo, entre outras atividades extraclasse. Portanto, evidentemente, essa IES está dentro dos princípios de sustentabilidade preestabelecidos.

Na Categoria Percepção dos Conhecimentos Adquiridos pelos Egressos, foi quase unânime a opinião de que os conhecimentos foram bem aproveitados. Isso nos parece o maior mérito institucional, tendo em vista que os egressos serão os multiplicadores da imagem institucional, onde quer que estiverem. Observemos então que todas as Categorias parecem estar coerentes umas com as outras. Com base nesse resultado a Instituição Z possui uma educação nos moldes sustentáveis.

E, no fim da análise das entrevistas, quanto à Categoria Participação Profissional do Egresso no Mercado de Trabalho, obtivemos um alto percentual de respostas Sim. Se foi positivo, significa dizer que esses egressos estão bem posicionados no mercado de trabalho, o que pode revelar uma plena satisfação entre a sua formação e o que hoje eles têm a oferecer para o mercado e a sociedade em geral.

Mediante os resultados dos questionários, entrevistas e demais instrumentos, a Instituição Z oferece uma educação baseada nos princípios da sustentabilidade. Apenas para endossar, ou não, esse resultado, analisamos, a seguir, como a IES atende aos indicadores propostos.

Na Categoria de Estilo da Gestão Educacional, o processo decisório é baseado no consenso coletivo e na solidariedade. Portanto, ele é participativo, democrático e humanístico. Pareceu-nos uma instituição flexível em relação às mudanças nos ambientes interno e externo, tornado-a adaptável às contingências.

Verificamos que a instituição possui autonomia administrativa e pedagógica, mas, nem tanto, no que se refere à financeira. Chegamos a essa conclusão a partir de relatos dos professores, que afirmam haver atraso de salário, apesar de

parecerem entusiasmados com a IES, e no relato da diretora, que se queixou da elevada inadimplência dos alunos.

A IES tornou público, através de folheto, as parcerias que possui. Observamos que ela tem parceiros de diversos segmentos da área pública, do setor de turismo e de instituições de pesquisa. (FOLHETO DE PARCERIAS DA INSTITUIÇÃO Z, s/d, s/p). Essas parcerias incluem pesquisa, viagens de estudo, estágios supervisionados, visitas técnicas, conforme relato dos atores entrevistados, fotografias e contratos. Apenas para exemplificar, a Instituição Z realizou parceria com a Quarteto Editora para publicação de livros produzidos por professores do seu quadro acadêmico. (INFORMATIVO MENSAL DA INSTITUIÇÃO Z. Ano 4, nº06, 2004, s/p).

A Instituição Z possui uma rádio, um *site* dedicado, exclusivamente, ao Balcão de Justiça e Cidadania. Esse balcão é resultado de parceria com o Tribunal de Justiça da Bahia, que desenvolve projetos junto às comunidades carentes de bairros, como a Oficina de Educação Alimentar, visando orientar a comunidade, através de aulas teóricas e práticas, acerca das propriedades nutritivas de certos alimentos e sobre os cuidados com a tensão arterial, obesidade, diabetes, entre outros. Essa parceria inclui a organização de seminários, como o sobre Raça e Gênero. (INFORMATIVO MENSAL DA INSTITUIÇÃO Z. Ano 4, nº06, 2004, s/p).

Realiza o Café Filosófico, encontro mensal da comunidade acadêmica, alunos, professores e funcionários, para discutir temas extraclasse de forma descontraída. Outro evento são os jogos realizados entre os alunos dos diversos cursos oferecidos pela instituição. (INFORMATIVO MENSAL DA INSTITUIÇÃO Z. Ano 4, nº06, 2004, s/p). Além desse evento, a IES organiza outros em geral para discutir problemas do cotidiano, da cidade do Salvador e de outros temas relacionados às questões ambientais, econômicas e políticas.

A IES não tem projetos de incubadoras, porém disponibiliza um Balcão de Negócios, criado a partir do Plano Corporativo, que busca a melhoria da qualidade profissional na área de turismo, através de parcerias com empresas e fundações comprometidas com o setor, garantindo uma maior integração entre a academia e o mercado de trabalho.

Na Categoria Ambiente Físico, as salas de aula são climatizadas, com aparelhos de ar condicionado e ventiladores, podendo ter ventilação e iluminação naturais pelas amplas janelas nelas existentes.

Não vimos, na prática, mecanismos de reciclagem, nem de reutilização de material, nem para economizar água. A IES possui um Projeto Reciclagem de Lixo, visando desenvolver uma metodologia para subsidiar a instalação e funcionamento de um Programa Permanente de Reciclagem de Lixo na Instituição Z, caracterizar o processo de geração, coleta, transporte e destinação do lixo e outros objetivos. O lixo é distribuído em caixas de coleta seletiva, distribuídas próximo da cantina.

O acesso às salas de aula e à biblioteca é feito por rampas, privilegiando os portadores de necessidades especiais. O campus é amplo, possibilitando-lhes circularem livremente pelas quadras de esporte, pátios, entre outros espaços. A IES disponibiliza de amplo estacionamento para professores, alunos e funcionários, campo de futebol e quadra poliesportiva, piscina e áreas de convivência. Mesmo com amplo estacionamento, a Instituição Z oferece ônibus gratuito circulando pela cidade para facilitar e agilizar o acesso dos alunos às atividades acadêmicas.

Na Categoria Projeto Pedagógico, o Projeto Pedagógico do Curso de Turismo foi debatido no *workshop* com a participação de toda a comunidade acadêmica. Nele foram feitas revisões relacionadas a ementário, disciplinas, carga

horária, perfil desejado, missão e objetivo do curso. Ou seja, o projeto foi concebido com a participação de seus atores acadêmicos, dando-lhe legitimidade.

O projeto nos pareceu completo. Está muito próximo da comunidade através de iniciativas, como Programas de Iniciação Científica; Projetos Especiais; Núcleo de Prática Social; Núcleo de Desenvolvimento Sustentável (NDS); e o Núcleo de Integração, Cultura e Turismo (NICULT); Projetos Interdisciplinares, entre outros. Observamos que cada uma dessas propostas é posta em prática, através de projetos de pesquisa e extensão, tendo os seus resultados publicados na Revista Científica da Instituição Z, com artigos de professores, alunos, expertos convidados, entre outros atores. Essas ações são coerentes com a ênfase do curso de turismo, que é em planejamento e gestão dos aspectos naturais e culturais.

A IES criou o NICULT, visando à realização de cursos de extensão, como o Verso e Reverso da Cidade Patrimônio da Humanidade: Salvador. Essa iniciativa tem a ver com a filosofia da instituição, de buscar a interface e interlocução entre a valorização da cultura e a identidade local com o desenvolvimento da atividade turística. (INFORMATIVO MENSAL DA INSTITUIÇÃO Z. nº7, jun./2004, p. 2).

Em relação ao NDS, destacamos sua relevância pela alavancagem que deu à pesquisa e à extensão, inaugurando o Programa de Iniciação Científica (PIC), que tem como proposta incentivar o trabalho interdisciplinar entre professores e alunos. (INFORMATIVO MENSAL DA INSTITUIÇÃO Z. Ano 1, nº01, 2000, s/p).

A esse respeito, foi criado também o Programa de Incentivo à Produção Acadêmica (PROINPA). A IES dispõe de um Programa de Bolsa que engloba: a) de Mérito Acadêmico; b) ao Estudante Carente; e c) Auxílio-Família para os que têm parentes na Instituição, atividades que reforçam a sua gestão baseada na solidariedade.

Em todos esses programas, há participação dos alunos, aproveitando a carga horária para estágio supervisionado. Vimos através dessas atividades que a política de estágio é abrangente, possibilitando ao aluno obter diversas experiências, não se restringindo apenas às empresas que atuam diretamente com o setor turístico.

A abertura da IES para todas essas possibilidades torna-a transparente, inclusive no seu processo de avaliação institucional, que é feita anualmente e apresentada em evento para o público interno, abrindo para discussão.

Em relação à avaliação do aluno, todas as experiências são contempladas, mas não se abre mão da prova escrita, de apresentação de seminários e relatórios de visitas técnicas.

Quanto ao corpo docente, há política de reciclagem, aperfeiçoamento e qualificação. Vale considerar que, mesmo sendo uma maioria de professores horistas, a IES apóia na participação de eventos, entre outros incentivos. Talvez por isso, o corpo docente é qualificado, a maioria com mestrado e outra parte do quadro, integrada de especialistas e doutores.

No que se refere à Categoria Orientação do Ensino-Aprendizagem, os professores trabalham com o método de ensino socioconstrutivista, sendo percebido pelos alunos. As aulas são dinâmicas. Nelas se trabalha com a participação do aluno. O alunado é levado a pensar de forma crítica, através das discussões em sala e das aulas práticas e vivências realizadas. Ou seja, a metodologia é prática e vivencial.

Os alunos são acompanhados por professores de várias disciplinas, contando sempre com a participação do coordenador do curso. Assim sendo, os alunos poderão dar-se conta da importância de um olhar multireferrencial, tornando-o apto a pensar holisticamente.

Dos indicadores propostos para essa categoria, a IES não corresponde à metodologia baseada em pedagogia de projetos. Eles deveriam ser adotados, promovendo ainda mais a participação do aluno na construção da aprendizagem.

Na Categoria Abordagem Pedagógica, há trabalhos, como visitas técnicas e viagens de estudo, que são realizados por diversos professores, conseguindo-se praticar a interdisciplinaridade. Observamos que essa prática conta com o apoio do NDS, que tem como principal objetivo difundir a cultura da sustentabilidade, refletindo, na produção científica (pesquisa) e na capacitação profissional (extensão), a indissociável conexão entre meio ambiente e desenvolvimento da sociedade, portanto, em consonância com as demandas sociais.

Para se conseguir tal intento, são oportunizados momentos de discussão que refletem as questões sociais e planetárias e de convívio com a comunidade, através de projetos feitos com, na e para a comunidade, a exemplo do Projeto de Zoneamento Interativo da Lagoa do Abaeté, em parceria com a CONDER; do Projeto de Integração Instituição Z – Comunidade na I Região Administrativa do Centro, Comunidade Santana e Baixa dos Sapateiros.

Todas essas atividades são dirigidas por professores qualificados, que possuem formação na área das disciplinas que lecionam e com experiência na área de turismo. Muitos professores das disciplinas profissionalizantes possuem a formação em turismo.

Por conta do exposto até o momento, verificamos, no resultado da pesquisa, satisfação por parte dos egressos pela formação que obtiveram na Instituição Z. Observemos que dos 10 egressos entrevistados 1 está desempregado, mas presta serviços a uma empresa de transportes; 1 tem sua própria empresa no setor alimentício; e os 8 estão atuando na área de turismo,

ocupando cargos que lhes permitem pôr em prática o que aprenderam a respeito de planos, programas e projetos sustentáveis.

Ou seja, todos os indicadores das Categorias Percepção dos Conhecimentos Adquiridos pelos Egressos e Participação Profissional do Egresso no Mercado de Trabalho foram correspondidos.

Esse nível de satisfação está registrado nas falas transcritas dos entrevistados da Instituição Z, conforme verificaremos a seguir:

1. A diretora Z-D destaca que *o "primeiro núcleo temático criado na Instituição foi em desenvolvimento sustentável e constituído inicialmente por profissionais do curso de turismo* (...), mas ela acha que o núcleo *não poderia ficar restrito ao grupo de turismo, que deveria ser levado para o pessoal de economia, de ciências contábeis, de administração* (...). *Então eu vejo o núcleo como algo que perpassa, como eu disse inicialmente, ele tem uma multireferrencialidade. Então os referenciais teóricos para você discutir a sustentabilidade é amplo* (...)". (p. 3);

2. A professorsa Z-P3 acha que *você "não tem condições de desenvolver nenhum projeto que seja visto apenas sobre essa questão de um capital imediato, ou de um retorno imediato, e aí se torna extremamente efêmero. Eu acredito muito na proposta pedagógica da Instituição Z, eu estou aqui na IES Z por conta dessa proposta pedagógica*. (...) *ela não visa de imediato apenas um retorno financeiro, e formar apenas um homem, ela tem uma proposta de formar um cidadão* (...) *de formar um ser humano que esteja apto a trabalhar nesse mercado, em qualquer área que possa ser desenvolvida".* (p. 9 e 10)*;* e

3. A egressa Z-E8 diz: "*bom, eu acho* que *peguei a melhor fase da Instituição Z* (...) *Eu continuo achando que a minha turma foi a turma mais bem formada dessa instituição*. (...) *A instituição pregava por valores de ética*, (...) *ela me ensinava a olhar além, entendeu? Eu não sabia o que era ter um olhar sistêmico, eu não*

entendia essas questões metafísicas, eu era uma pessoa totalmente cartesiana, assim como todos os meus colegas. (...) *Então ela teve esse papel fundamental na minha vida,* (...) *eu assumi políticas estudantis, sabe? Foram momentos de ebulição geral na minha vida".* (p. 15).

Diante desses relatos e dos resultados apresentados anteriormente, consideramos a Instituição Z como aquela que aplica a sustentabilidade a partir do seu projeto pedagógico, o que dá muita visibilidade e clareza aos seus objetivos, a sua missão e a todas as suas políticas, para a comunidade acadêmica e a sociedade em geral, tornando-a ministradora de uma educação adequada.

Ainda assim, com esse resultado, apresentamos algumas sugestões para a Instituição Z tornar-se mais sustentável do que já é. Recomendamos que tenha autonomia financeira, evitando o atraso no pagamento dos salários dos funcionários, o que leva a um nível de insatisfação por parte deles; que ela crie suas incubadoras, tornando-se líder na gestão dos negócios vinculados ao turismo; que a rádio possa ser utilizada em causas maiores, como estímulo a movimentos ambientalistas, nos quais sejam denunciados crimes ecológicos, por exemplo; que ponha em prática o seu projeto de reciclagem e reutilização do lixo; que promova mais atividades extraclasse, aproximando cada vez mais os alunos dos problemas e benfeitorias sociais; e entre outras, vistas no QUADRO 28.

O QUADRO 28, a seguir, resume a avaliação e os diagnósticos da Instituição Z.

QUADRO 28 - Resumo da Avaliação da IES Z.

Indicador	Diagnóstico	Recomendação
Estilo da Gestão Educacional.	Semi-adequada.	• ter autonomia financeira; • criar incubadoras.
Ambiente Físico.	Semi-adequada.	• ampliar os espaços de difusão da rádio; e • reciclar e reutilizar o lixo.
Projeto Pedagógico.	Adequada.	• manter atualizado.
Orientação do Ensino-Aprendizagem.	Adequada.	• promover mais atividades extraclasse com os alunos; • realizar trabalhos interdisciplinares do 1º ao 8º semestres;

		• estimular os alunos e professores a participar de eventos; e • investir em novas tecnologias.
Abordagem Pedagógica.	Adequada.	• realizar trabalhos interdisciplinares do 1º ao 8º semestres; e • estimular os alunos e professores a participar de eventos.
Percepção dos Conhecimentos Adquiridos pelos Egressos.	Adequada.	• procurar manter a atualidade e efetividade da formação hoje obtida.
Participação Profissional do Egresso no Mercado de Trabalho.	Adequada.	• promover mais atividades extraclasse com os alunos; • realizar trabalhos interdisciplinares do 1º ao 8º semestres; e • estimular os alunos e professores a participar de eventos.
Diagnóstico geral	**Adequada**	**A instituição consegue atender aos critérios de sustentabilidade de nossos indicadores.**

Fonte: Elaborado pela autora.

6.4 Análise dos Indicadores Propostos para a Sustentabilidade, Educação e Turismo

Verificamos que os indicadores propostos para a sustentabilidade, educação e turismo foram bem acolhidos pelos atores das 4 IES que serviram de amostra. Em algumas instituições, com exceção da Instituição Z, a sustentabilidade é trabalhada conceitualmente com os alunos, e de forma fragmentada entre as disciplinas. Na Instituição W, por exemplo, o professor da disciplina Turismo e Meio Ambiente faz um trabalho isolado em APAs, quando poderia estar conectado com outras disciplinas, como Geografia da Bahia, Análise Econômica do Turismo e Projetos Turísticos.

Vamos conhecer o pensamento sobre sustentabilidade, educação e turismo a partir das falas dos atores entrevistados. A professora W-P5 afirma

> Eu acho esse tripé bem interessante. (...) O turismo (...) trabalha com sustentabilidade o tempo todo. E eu acho que começa pela educação, pelo entendimento, pelo envolvimento com a comunidade. A comunidade precisa entender para poder preservar (...). (...) Então, a educação tem que partir da comunidade, tem que ser para a comunidade e a partir dela também para os visitantes. Então, a educação tem que permear o turismo como um todo, não existe turismo sem educação. (TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DA INSTITUIÇÃO W, p. 1 e 2, 2004).

A coordenadora W-C pede para pensar, e opina

> Eu acredito que o processo educativo para formar pessoas dentro da área de turismo, (...) implica a visão que as pessoas devem ter do próprio papel do turismo, da potencialidade do turismo, do turismo como uma relação, como um fenômeno altamente complexo, mas, ao mesmo tempo, um fenômeno que pode partir de bases sociais, deve partir de bases sociais, para facilitar a sustentabilidade, ele dá essa condição da sustentabilidade (...). (TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DA INSTITUIÇÃO W, p. 8, 2004).

A diretora W-D pondera que nessa relação "(...) *existe uma relação não de dependência, mas uma interligação* (...)". (TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DA INSTITUIÇÃO W, p. 12, 2004).

A professora W-P3 considera

> Bem, turismo e sustentabilidade são, eu acho que, palavras que têm que ser conjugadas conjuntamente, não dá para se pensar em turismo não-sustentável, não dá para você falar em sustentabilidade sem estar focando numa atividade científica. Educação, para mim, é um dos fatores, ou dos instrumentos que tem para atingir a sustentabilidade, sobretudo numa atividade como o turismo, em que há demanda muito grande, qualidade do atendimento, qualidade dos serviços, conhecimento, informações. (TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DA INSTITUIÇÃO W, p. 15, 2004).

O professor W-P4 alerta

> Olhe, elas são interdependentes, a sustentabilidade, ela depende da formação e da cultura humana e a educação é um processo que envolve princípios e esses princípios fazem, vão fazer com que o homem tenha uma relação mais íntima consigo e, conseqüentemente, com a natureza, porque é entendendo a própria natureza que a gente pode viver harmonicamente com ela. (TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DA INSTITUIÇÃO W, p. 22, 2004).

A egressa W-E7 dá uma longa pausa e diz

> Relação seria justamente a educação em si, gente que tem educação vai saber lidar com aquilo, não só visando o lucro em si, mas se preocupando em manter o meio ambiente, em preservar a comunidade também, envolver a comunidade em relação ao turismo, não só se preocupar com o turismo para os turistas que

> vêm de fora, mas também para a comunidade e, justamente, para fazer com que seja sustentável, tanto para a comunidade, para o meio ambiente, como para os turistas (...). (TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DA INSTITUIÇÃO W, p. 34 e 35, 2004).

A egressa W-E9 vê essa relação da seguinte forma

> Olha, eu acredito que uma vai levar, faz parte da outra, (...) como se fosse uma, uma depende da outra, (...) para a gente desenvolver um local sustentável para o turismo, primeiro a gente precisa educar aquele determinado sujeito, aquela determinada comunidade, aquela determinada cidade, município para desenvolver o turismo, daí sustentável (...). (TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DA INSTITUIÇÃO W, p. 45, 2004)

Quanto ao pensamento dos atores da Instituição X em relação à sustentabilidade, educação e turismo, a diretora X-D, reflete e afirma que

> o turismo sustentável é interessante porque as pessoas viam o turismo apenas como lazer, mas não o tinham como uma fonte de renda. Eu acho que essa relação turismo, fonte de renda, a sustentabilidade está aí dentro, e a educação também, já que ela está inserida em todos os contextos, não só nos sociais, mas no contexto educacional para o turismo, ela também se torna auto-sustentável. (TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DA INSTITUIÇÃO X, p. 1, 2004).

O egresso X-E2 considera

> Educação tem tudo a ver, porque as pessoas educadas têm noção do que é preservar e do que é destruir. A educação é a base de tudo, se você não educar as pessoas desde pequenas, você não vai conseguir com que elas tenham consciência do futuro. (...) É, a educação influi em tudo, para uma cidade ter um potencial turístico, é necessário que as pessoas sejam educadas, porque a cidade boa para o morador é a cidade boa para o turista. (TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DA INSTITUIÇÃO X, p. 6, 2004).

O professor X-P3 alerta

> Olhe, é primordial (...) a educação acaba sendo a base para tudo. (...) a conscientização também da população do local sobre a necessidade da preservação para que se tenha aquela atividade turística sempre. E tem o problema também da questão dos gestores públicos, não só está vinculando essa questão da sustentabilidade à questão do profissional de turismo. É um casamento, uma parceria entre público e privado. Aí, sim, se consegue

> trabalhar o turismo de maneira sustentável, conscientizando a população, tirando da questão do turismo só porque é acadêmico (...). (TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DA INSTITUIÇÃO X, p. 13, 2004).

A egressa X-E8, objetivamente, diz

> Bom, a educação é primordial para a formação do cidadão. Já a sustentabilidade, eu acho que é um ponto primordial na vida humana. E o turismo, eu acho que é uma atividade que está trazendo para nossa região a própria sustentabilidade hoje no mercado. (TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DA INSTITUIÇÃO X, p. 26, 2004).

O professor X-P2, pondera

> (...) a questão do meio ambiente hoje é buscar os espaços, os ecossistemas, os chamados ecossistemas, eles dão uma maior representatividade dentro da questão turística e hoje se busca no mundo todos esses ecossistemas, os novos espaços, os chamados espaços naturais. E fazer com que o profissional de turismo entenda que esses espaços têm que ser preservados e ao mesmo tempo utilizados, é importante. (TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DA INSTITUIÇÃO X, p. 33, 2004).

O coordenador X-C faz a seguinte consideração

> Essas 3 variáveis, sustentabilidade, educação e turismo, obviamente estão vinculadas. É difícil dissociar essas 3 questões uma das outras, são 3 grandes áreas do conhecimento, que há uma interseção muito grande entre elas. Educação, obviamente, não é mais ponte de salvação para nenhuma área social, mas sem dúvida é uma parte fundamental para o início de um processo sustentável. E o turismo, atualmente, por ser uma atividade que demanda muita gente e é uma atividade por si só impactante em várias das suas atividades, é necessário que tenha profissionais que tenham um nível de educação bastante alto em torno dessa área e que estejam a par dos contextos de sustentabilidade, para que os recursos naturais, os recursos culturais sejam otimizados em potencialidade de forma a não serem degradados, serem modificados. (TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DA INSTITUIÇÃO X, p. 42, 2004).

Os entrevistados da Instituição Y manifestaram-se através das seguintes falas a respeito do assunto. O diretor Y-D afirma

> (...) Dentro do turismo, a gente vê que os 3 pilares da sustentabilidade são o desenvolvimento social, ou eqüidade social, desenvolvimento econômico e preservação da natureza, mas nada disso se consegue se você não tiver uma boa qualificação da mão-de-obra para sustentar esses outros 3 pilares. (TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DA INSTITUIÇÃO Y, p. 1, 2004).

A egressa Y-E9 diz

> Bom, turismo, educação e sustentabilidade é, completamente, uma coisa interligada à outra. Porque o turismo sempre foi muito predatório, sempre foi uma coisa que, principalmente, quando massificado, depreda muito e as pessoas precisam ter uma consciência da importância da preservação de tudo aquilo que está sendo utilizado através do turismo, tanto a comunidade quanto os turistas que chegam para visitar essa comunidade. E essa consciência se vê através da educação (...). (TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DA INSTITUIÇÃO Y, p. 10, 2004).

O egresso Y-E3 podera

> Enquanto bacharel em turismo formado pela faculdade que eu acho que é uma das mais bem-fundamentadas hoje na área de turismo, eu acredito que veio trazer, através de minha pessoa, para o mercado, como para outros formandos também, a concepção teórica e o embasamento de como agir de forma ética e responsável para o desenvolvimento da área em que você trabalha, do seu Estado, cidade, do seu município, de forma geral. Eu acho que a sustentabilidade está muito ligada à forma ética, responsável e coerente de trabalhar. (TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DA INSTITUIÇÃO Y, p. 21, 2004).

A coordenadora Y-C considera

> (...) Veja só, eu vejo que hoje em dia é impossível você estar dando educação para o profissional de turismo sem pensar na sustentabilidade, não só de turismo, mas também do que o aluno vê na faculdade, vê durante o curso. Porque ele tem que ter essa visão de que o que ele vai fazer tem que estar trazendo também para gerações futuras algo importante. Sustentabilidade é realmente a base, não só do profissional que vai ter que criar empreendimentos sustentáveis, como também a educação que a faculdade dá, não só para aquele momento, mas visando sempre a reciclagem do seu aluno e visando sempre que a educação que ele recebe durante aqueles 4 anos possa (...) crescer e se ampliar (...). (TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DA INSTITUIÇÃO Y, p. 28, 2004).

O professor Y-P3 ressalta que

> A relação se faz (...) eu diria o seguinte, a visão do que significa turismo sustentável. Turismo sustentável pressupõe o atendimento de 4 condições. A primeira é que o meio ambiente seja preservado, que haja preservação do meio ambiente; segunda, que haja preservação e conservação do meio urbano; terceira, que haja a formação profissional, sobretudo dos profissionais de turismo. E aí é que entra a questão da educação, mas também entra educação no quarto item, que se chama conscientização da população para a importância do turismo. (TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DA INSTITUIÇÃO Y, p. 38, 2004).

A professora Y-P1 é veemente

> (...) na questão da sustentabilidade na educação, essa relação de conhecimento e de entendimento, que as pessoas adquirem através da educação, ela é transferida para o turismo, na medida em que essas pessoas podem trabalhar o turismo de forma organizada, planejada e responsável. (TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DA INSTITUIÇÃO Y, p. 1, 2004).

Os atores entrevistados da Instituição Z contribuem com os seguintes pensamentos:

A diretora Z-D considera

> Bem, nessa minha linha de conceituar o que seja sustentabilidade, eu vejo uma importância imensa da expansão de um projeto de educação, que não esteja apenas centrado, preocupado em trabalhar o conhecimento técnico especificamente, a parte cognitiva, mas também que seja um projeto que abra para trabalhar o social, a ética, a responsabilidade, os valores também. Eu acho que só dentro de um projeto, que eu diria assim, de multirreferencialidade, você incorporaria a questão da sustentabilidade. O curso de turismo é um curso que lhe permite esse trabalho. (TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DA INSTITUIÇÃO Z, p. 1, 2004).

A professora Z-P3 pondera

> Olha, isso é uma coisa que é bastante complexa no meu entender. Porque eu acho que nós estamos muito acostumados a trabalhar em educação e, principalmente, em turismo, com uma questão de que você tenha condições de receber sempre. Então, você está muito acostumado a estar recebendo, e eu acho que a questão da sustentabilidade, ela tem que passar e perpassar por uma questão de investimento, de um conhecimento que dê capacidade a você

> de conhecer o que você possui e você ter rentabilidade com ele. Eu acho que essa questão da educação, hoje, em relação à sustentabilidade e, principalmente, em relação ao turismo, ela está sendo utilizada, hoje, muito de uma forma ainda exploratória, sem ter uma relação muito forte como uma questão de você estar usando e saber usar aquilo que você possui, o limite do que você possui e você saber dar sustentabilidade a isso que você possui, ou seja, ter um rendimento, mas tem também a questão da perenidade, da continuidade dessas questões que você tem, e que podem ser utilizadas pelo turismo. (TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DA INSTITUIÇÃO Z, p. 7, 2004).

A egressa Z-E10 diz

> Eu acho que primeiro a gente precisa educar as pessoas, informar às pessoas que elas precisam conhecer o local, conhecer algo, pra que através do conhecimento e da educação elas criem mecanismos que possam sustentar determinada coisa local. Enfim, o que tiver que ser feito pra que haja desenvolvimento da atividade turística, ou seja, se a gente for ligar isso na atividade política - educação, sustentabilidade e turismo, eu acho que são os 3 pilares pra esse movimento sustentável. Eu acho que você tem que educar, para tornar o local auto-sustentável, para que haja o desenvolvimento da atividade turística. (TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DA INSTITUIÇÃO Z, p. 20, 2004).

A coordenadora Z-C afirma

> Pelo turismo ser uma atividade que depende desse patrimônio estar preservado, das comunidades (...). E aí uma coisa que eu acho que é fundamental, que é o desenvolvimento da atividade, e a sustentabilidade tem que estar pautada sim nesse conceito. E eu acho que a educação, ela é a base para que as pessoas comecem a entender a importância de você ter ações sustentáveis, de você buscar a sustentabilidade dos seus empreendimentos. Acho que esse processo de ensino, de aprendizagem, de você estar conhecendo novas perspectivas, é fundamental pra que a gente consiga ser sustentável nas suas ações, nos seus projetos. (TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DA INSTITUIÇÃO Z, p. 27, 2004).

A egressa Z-E3 simplifica a questão, afirmando que *o "turismo trabalhado de forma sustentável fica inviável sem educação, que passa a ser a base de um bom atendimento e progresso de um local*. (TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DA INSTITUIÇÃO Z, p. 37, 2004).

O professor Z-P4 considera

> Bom, do ponto de vista da educação e do turismo, primeiro a gente precisa dividir para depois juntar. Do ponto de vista da educação, trabalhar a sustentabilidade é mais do que importante, em função de levar aos estudantes, seja em qual nível de atuação, essa nova perspectiva de desenvolvimento. É uma perspectiva que vai contra a perspectiva tradicional de desenvolvimento, baseada em produção e consumo. E do ponto de vista do turismo, e daí da prática docente, especificamente, depois tratando da questão da atividade econômica, esses alunos de turismo precisam ter essa concepção da importância da sustentabilidade, da importância de criar formas de atuação, e poder promover e desenvolver formas de atuação que sejam menos impactantes, e que possam efetivamente promover nas comunidades receptoras benefício de longo prazo. E, na prática, na verdade é uma extensão disso, que essas comunidades possam ter ganhos que sejam interessantes, tanto para eles, quanto para o *trade* em geral. (TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DA INSTITUIÇÃO Z, p. 48 e 49, 2004).

Conforme vimos nos relatos dos entrevistados, os indicadores propostos para sustentabilidade, educação e turismo nos revelam como esse tripé é de suma importância para a formação cidadã. Daí refletimos: de que vale formar profissionais sem perpassar pela formação de pessoas?

Isso mostra que os indicadores serviram de alerta não só para as IES, mas, sobretudo, para muitas pessoas entrevistadas se darem conta do seu papel enquanto cidadãos e profissionais. Percebemos que ficou visível o quanto estamos distantes de ser sustentáveis em pequenas ações, como os produtos que escolhemos, o destino do lixo que geramos, a consciência real entre aquilo que necessitamos e o supérfluo, o quanto estamos perdendo de área verde, o descaso em relação às diferenças sociais, entre outras mazelas.

Percebemos com isso o quanto a pesquisa foi importante para um dar-se conta da forma como cada um dos 68 entrevistados está fazendo com a sua vida e, conseqüentemente, com a dos outros. Isso porque acreditamos que uma ação não está desconexa da outra e que as nossas ações hoje refletirão nas gerações futuras.

7 Considerações Finais e Recomendações

O problema proposto que norteou esta pesquisa foi assim definido: como as instituições de educação superior que oferecem cursos de graduação em turismo, estão formando seus alunos. Se elas oferecem propostas educacionais que contribuam para a minimização das mazelas sociais. Se os egressos estão sendo inseridos no mercado de trabalho e se a atuação deles é alicerçada em princípios da sustentabilidade.

Para respondermos ao problema, criamos inicialmente indicadores e categorias que alicerçaram a construção do Modelo de Educação Superior Sustentável. A partir disso aplicamos cada um desses indicadores nas IES escolhidas como amostra, verificando se elas ofereciam uma educação nos princípios da sustentabilidade e como os seus egressos estavam atuando no mercado de trabalho.

Obtivemos como resultado que nenhuma das 4 IES analisadas oferece uma educação integralmente sustentável. Cada uma delas atende parcialmente aos indicadores propostos. Na avaliação final, procuramos ser flexíveis ao considerarmos o contexto, as singularidades e as particularidades de cada uma delas. Ou seja, pelo fato de 2 das IES pesquisadas oferecerem uma educação adequada, não significa que elas sejam 100% sustentáveis. Apenas preencheram positivamente um maior número de requisitos. Apenas para relembrar, a Instituição W foi classificada como semi-adequada; a Instituição X, não-adequada; a Instituição Y e a Instituição Z, como adequadas.

Esse resultado final nos auxiliou a responder aos questionamentos feitos a respeito da gestão das IES que oferecem cursos de turismo no estado da Bahia. Ressaltamos que os modelos de gestão educacional das 4 IES analisadas contribuem parcialmente para a adoção de princípios da sustentabilidade, a

começar pelos seus projetos pedagógicos, que não evidenciam como oferecer uma educação sustentável.

Encontramos uma realidade distante da que imaginávamos. Verificamos que estamos aquém do que entendemos como modelo sustentável e esperamos de uma educação voltada para a cidadania e solidariedade. Na prática, nenhum dos cursos verificados está direcionado para uma formação integral dos indivíduos.

Esse resultado assim como o trabalho realizado nos levou a refletir sobre o método da pesquisa adotado e concluímos que ele foi válido. Não foi um trabalho simples, pelo fato de demandar nosso próprio amadurecimento no processo. Não imaginávamos a infinidade de categorias que deveríamos considerar na pesquisa, até chegar à definição final, sem dúvida inacabada no sentido de que ela poderá ser aprimorada por esta pesquisadora e por outros que tenham interesse no assunto.

Passamos por algumas dificuldades. Nestas estão incluídas as carências de bibliografia no âmbito nacional, regional e local, que tratassem sobre o assunto e de exemplos práticos. Isso nos levou a investir em algumas viagens para Nova Zelândia, Bragança Paulista, Madrid, Andorra, entre outras necessárias para o enriquecimento da pesquisa. Devemos considerar que foi nessas 4 localidades que recolhemos material significativo para este trabalho, sem desmerecimento de autores de outras regiões, como Leff (2001), Freire (1980, 1981 e 1996), Teixeira (1969), Rogers (1980), entre outros, que nos deram régua e compasso para a nossa investida.

Foi na Nova Zelândia que tivemos o primeiro contato com produção que se assemelhava com aquilo a que estávamos aspirando, destacando os estudos de Leal Filho (2002), Dowsett (2001), Hunter (1995) e Telfer (2002). Por isso, repetimos, ao longo do texto, as referências desses autores.

Foi através do trabalho de Leal Filho (2002) e Dowsett (2001) que passamos a acreditar no nosso projeto de pesquisa e que era possível adotar na prática das IES os nossos indicadores. O trabalho de Dowsett (2001) está focalizado em alguns dos indicadores que listamos na Categoria Ambiente Físico. Vale considerar que as condições do referido país são bem diferentes da nossa realidade. Afinal de contas, o próprio governo apóia e exige das IES a aplicação da sustentabilidade.

Em Bragança Paulista, São Paulo, descobrimos que o curso da USF tem ênfase em meio ambiente e que já desenvolve projetos nessa linha. Projetos, inclusive, com uma dimensão estadual. Ou seja, no Brasil estamos dando passos iniciais na direção da sustentabilidade no âmbito da educação superior, sem disponibilizar de metodologia que possa ser aplicada aos demais cursos do país.

Em Madrid, na OMT, para nosso espanto, a coordenação de Educação não trabalha juntamente com a de Meio Ambiente. Essa informação nos motivou ainda mais a persistir no nosso propósito, pois percebemos que havia uma demanda internacional pelo tipo de trabalho que realizávamos. Em Andorra, na Fundação Themis, responsável pelo gerenciamento da OMT, conhecemos o processo de qualificação de mão-de-obra para o turismo. Aí, apenas ficamos alerta para o fato de que essa instituição internacional representante do turismo mundial está direcionada para a profissionalização e para certificação. Portanto, não ofereceu contribuições relevantes para o nosso trabalho.

Assim sendo, vimos na prática, a aplicação de indicadores nessas localidades, o que nos levantou o ânimo para prosseguir, mesmo considerando as dificuldades do contexto cultural, social, econômico e político do Estado da Bahia e do Brasil. Sabemos que é necessária uma cultura própria para a prática da sustentabilidade. Acreditamos que esta começa pelo cidadão. Para isso, ele precisa estar bem educado. E sabemos que não é o caso da nossa realidade, ao verificarmos ações, como jogar lixo para fora do carro, sujar as nossas praias e

fazer muitas outras coisas contrárias aos princípios da sustentabilidade. Por tudo isso, ainda não estamos pensando, efetivamente, nesta, nem nas gerações futuras.

O método qualitativo que adotamos proporcionou-nos amadurecimento pessoal e profissional, deixando-nos mais crítica ao utilizado pelo CFE, através da SESu/MEC e INEP. Por 3 anos, fizemos parte da comissão *ad hoc* do MEC. A proposta dessa instituição nos inquietava muito pelo fato de o método ser meramente quantitativo. Então nos perguntávamos: como podemos avaliar uma instituição no interior do Estado de Minas Gerais com os mesmos critérios que avaliamos uma instituição situada na capital do Estado de São Paulo, tendo em vista que as condições e realidades para ambas as localidades são diferentes umas das outras? Enquanto a capital paulista dispõe de corpo docente qualificado, de oferta bibliográfica diversificada, de evento em todos os âmbitos, a cidade do interior de Minas Gerais mal dispõe de mão-de-obra qualificada para docência e de recursos para investir nos padrões exigidos pelo MEC.

Com base nessa inquietação, fomos amadurecendo alternativas com que pudéssemos criar indicadores que não fossem equivalentes aos do MEC, para que cada IES tivesse um parecer diferenciado em função das particularidades e singularidades de cada local.

Para tanto, depois do levantamento bibliográfico, das leituras, das catalogações, demos início à aplicação do pré-teste. O diálogo com os entrevistados na IES-piloto foi especial, de modo que a maioria das sugestões e opiniões foram acatadas, qualificando os nossos instrumentos. Tivemos que fazê-lo por 2 vezes, até chegar ao modelo mais próximo do ideal. Todos que colaboraram no pré-teste, consideraram a pesquisa de grande valia, tendo em vista a emergência de termos destinos turísticos sustentáveis, embora saibamos que quem ocupa os cargos de responsabilidade destes profissionais não é da área e, na maioria das vezes, não entende, teoricamente, de turismo.

Observamos que os indicadores foram bem aceitos, mas havia em cada sujeito um certo sentimento de culpa, como se perguntasse: por que não pensei nisso antes, por que o nosso curso não está nessa direção, por que não oferecemos mais disciplinas específicas para essa área de ecologia, educação ambiental e meio ambiente?

Pudemos perceber que a própria aplicação dos questionários e as entrevistas já serviram para um despertar das pessoas. Especialmente quando perguntávamos o que elas faziam enquanto cidadãs e profissionais. E a maioria atribuiu à falta de tempo, de recursos financeiros, entre outras desculpas, quando poderia se organizar e criar uma coleta seletiva de lixo e as condições de acolhê-lo no destino final, fechando o processo de reciclagem, por exemplo. Sabemos que de nada adianta separar o lixo em casa e ele ficar todo junto no carro de coleta urbana.

Por tudo isso, consideramos que o processo da pesquisa foi educativo, para esta autora e para outros atores, tornando válido o nosso método. Para esta autora, porque nos levou a repensar a nossa prática pedagógica nas IES em que lecionamos nos cursos de turismo e administração. Como poderíamos então aplicar os nossos indicadores na nossa disciplina e no nosso dia-a-dia? Que postura teríamos diante de uma proposta de trabalho interdisciplinar? Que abordagem pedagógica adotaríamos para que os alunos pudessem ter uma formação profunda e eclética? Em que momento aplicaríamos os conhecimentos pertinentes a esses indicadores?

Para outros atores que participaram direta e indiretamente da pesquisa, incluindo o orientador, a família, os amigos, entre outros, acreditamos que representou uma tomada de consciência. É como se fosse um despertar para novas possibilidades e visões. Enfim, verificamos que a pesquisa não ficou entre muros. Pela sua característica, tivemos de dialogar com pessoas, independentemente de serem, ou não da área de turismo.

Mediante esses efeitos, estamos certa de que nada valerá o nosso empenho sem a participação de outros atores no Modelo de Educação Superior Sustentável que criamos, como o governo, por exemplo. Este aparece como importante coadjuvante no processo. Pois é a partir dele que se poderão educar professores para a implantação de disciplinas, como educação ambiental desde o ensino básico, formando um sistema educacional amplo, tendo como foco a sustentabilidade, conforme definimos no texto. É grande o descaso em relação às políticas voltadas para o desempenho sustentável, o que transparece na fala da maioria dos entrevistados, com exceção daqueles que têm algum vínculo com o estado.

Quase nenhum dos entrevistados conhece as ações do estado da Bahia em relação ao turismo. Vejamos que estamos tratando de cursos de graduação em turismo, quando todos os atores, diretor, coordenador, professores e egressos deveriam estar a par das decisões governamentais e das políticas públicas, visto que o egresso poderá e deverá atuar na esfera pública. Destacamos a importância da preparação do aluno para atuar em órgãos públicos, das 3 esferas, sobretudo na municipal e na gestão de negócios turísticos; a relevância de uma forte formação em elaboração e análise de projetos turísticos; e uma base sólida em turismo sustentável. Cremos que esses sejam segmentos ainda pouco explorados pela concorrência local, regional e estadual.

Isso porque, com a criação do Plano Nacional do Turismo (PNT), 2003-2007; do Programa Nacional de Infra-estrutura Turística (PROINTUR); e do Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT), em 1994, que está passando por um processo de revisão, abriram-se possibilidades de absorção do egresso na gestão do turismo nos âmbitos nacional e municipal.

Em 2005, são aproximadamente 2.000 municípios do Brasil inscritos nesse programa. Na Bahia, temos Prado, Caravelas, Alcobaça, Nova Viçosa, Mucuri, Nazaré das Farinhas, Juazeiro, entre outros. No âmbito estadual, temos o

Programa de Desenvolvimento do Turismo (PRODETUR/BA I e II), o Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável (PDITS), a criação de Áreas de Proteção Ambiental (APAs), entre outros planos, programas e projetos.

Em relação à atuação do bacharel em turismo nessa esfera, em 1998, o presidente do EMBRATUR assinou a Deliberação Normativa nº. 390, que diz:

> Art. 1º - os projetos de empreendimentos turísticos encaminhados a esta autarquia para fins de financiamento, ou incentivo do Estado, (...) somente serão autorizados quando acompanhados de parecer técnico emitido por profissional egresso de cursos superiores de Bacharel em Turismo;
> Art. 2º - as cartas-consultas e os projetos de empreendimentos turísticos situados na área de atuação da SUDAM e da SUDENE (...);
> Art. 3º - os pedidos de apoio institucional ou financeiro oriundos de estados e de municípios turísticos, ou de potencial turístico, (...) terão prioridade de análise e atendimento, quando tiverem como interlocutor profissional egresso de cursos superiores de Bacharel em Turismo;
> Art. 4º - recomendar às empresas prestadoras de serviços turísticos, (...) egressos (...) habilitados a atuarem: a) na criação, elaboração, análise e interpretação de planos e programas turísticos; b) na realização de estudos tendentes a explicar os fenômenos turísticos, (...); c) na análise dos efeitos dos pólos emissores e receptores sobre os indivíduos, grupos, ou categorias sociais; d) na interpretação de dados sobre os costumes, práticas e hábitos de correntes turísticas; e) na elaboração de projetos ou estudos de planejamento, organização, funcionamento e exploração de empreendimentos turísticos em empresas públicas, ou privadas;
> Art. 5º - recomendar às Prefeituras Municipais que indiquem para ocupar cargos em comissão das áreas de turismo, profissionais egressos de cursos superiores de Bacharel em Turismo.

Na Deliberação Normativa nº 421, de 24 de maio de 2001, a diretoria do EMBRATUR, considerando a Lei nº 8.181, de 28 de março de 1991 e o Decreto nº 448, de 14 de fevereiro de 1992, delibera, em relação ao PROINTUR: o Art.2º - *Somente serão analisados por este Instituto os projetos aprovados pelos Conselhos Municipais do Turismo.* Parágrafo Único – *Para os projetos, cujos*

municípios ainda não criaram o Conselho Municipal de Turismo, será aceito parecer técnico favorável emitido por Bacharel em Turismo.

Ante o exposto, observemos que há contradição entre as políticas estatais e as federais. Na pesquisa observamos um desconhecimento das políticas estaduais, mas, no âmbito federal, há a exigência do profissional de turismo nas decisões pertinentes à área. Durante a aplicação dos questionários e entrevistas, tivemos contato com algumas pessoas que fazem parte do governo do Estado da Bahia, quando percebemos certo convencimento por parte delas de que suas práticas estavam certas e que poderiam caminhar sem a participação das IES. Pensamos o contrário, conforme apresentamos no Modelo de Educação Sustentável. Uma instituição poderia servir de informante para outra, trocando idéias e informações a respeito de diversos assuntos, mas, sobretudo, a respeito do profissional que se deseja para atuar em ecossistemas, patrimônio histórico e outros.

Deixamos claro, porém, que isso não é só responsabilidade do Estado, mas das IES também. Algo nos chamou a atenção e nos surpreendeu nas 4 IES entrevistadas, salvo uma exceção: a pouca quantidade de disciplinas direcionadas para o meio ambiente. A maioria estava voltada para o mercado turístico, como se o aluno, ao sair do curso, fosse imediatamente absorvido pelo mercado. O que ficou comprovado na pesquisa como sendo uma inverdade, posto que muitos egressos estão fora da área e desempregados. Mas é claro que o direcionamento e poder de normatização do Estado poderão contribuir decisivamente para mudar esse quadro.

Com base nessas reflexões e nos resultados do estudo feito nas IES que serviram de amostra, recomendamos:

1. discutir com todos os atores acadêmicos antes de definir a nova proposta do curso de turismo, revendo o projeto pedagógico e o currículo pleno;

2. confeccionar um projeto pedagógico elaborado pela comunidade acadêmica, e, dentro do possível, com representantes do *trade* turístico, entre outros;

3. pensar na abordagem pedagógica a ser adotada por todos os professores, oferecendo desde o início do curso uma proposta de trabalho interdisciplinar, para que o aluno amplie a sua visão do todo;

4. não formar pessoas pensando apenas no mercado, deixando esse intento para os cursos técnicos e profissionalizantes;

5. escolher criteriosamente o corpo docente, por estar diretamente em contato com os alunos, evitando com isso o não-aproveitamento dos conhecimentos oferecidos pelo curso;

6. criar núcleos, ou centros de fomento à pesquisa, extensão e produção científica;

7. disponibilizar espaço para laboratórios, orientação do ensino-aprendizagem e outras atividades;

8. estimular o fomento de incubadoras e da Empresa Júnior, para que o aluno desenvolva habilidades e competências, aprendendo a saber-fazer;

9. estabelecer convênios, contratos de cooperação, parcerias para estágio supervisionado, pesquisa e extensão, que promovam o envolvimento com a comunidade, com organismos oficiais de turismo, entidades de classe, institutos de pesquisa, faculdades, universidades, nos âmbitos local, regional, estadual e internacional;

10. elaborar o currículo pleno, criando disciplinas que favoreçam uma formação integral de cidadãos éticos, solidários, e responsáveis social e ambientalmente,

como Turismo Sustentável; Paisagismo, Urbanismo e Turismo; Produção Cultural; Consultoria; Métodos e Técnicas de Ensino; Desenvolvimento de Novos Negócios e Produtos; Gestão Pública do Turismo; Políticas Governamentais; Trabalho de Conclusão de Curso, Monografia, Projeto Experimental, ou Projeto Interdisciplinar Orientado; Antropologia; Filosofia; Gestão de Empreendimentos Turísticos; Interpretação do Patrimônio Natural e Cultural, entre outras;

11. ser visionárias, estratégicas, proativas, flexíveis e adaptáveis às contingências;

12. estreitar as relações com toda a sociedade, incentivando eventos e movimentos com a participação dos alunos;

13. economizar água e energia;

14. reutilizar papel, cartuchos para impressoras, entre outros materiais;

15. investir em transporte coletivo para funcionários, alunos, professores, diretores e coordenadores;

16. rever projetos arquitetônicos, procurando utilizar material reciclável;

17. criar espaço de área verde com árvores, campos, onde os alunos possam conviver;

18. imbuír-se dos problemas do contexto;

19. estar mais próximas do Estado, acompanhando as suas ações, trocando informações e desenvolvendo tecnologia para o mesmo; e

20. incentivar a reciclagem e o aperfeiçoamento do corpo docente e dos funcionários.

O método aplicado e a pesquisa com os indicadores pareceram úteis para que fossem adotados em contextos diferentes e até mesmo ampliados. De fato, parece recomendável que o modelo aqui proposto possa servir para estudar a sustentabilidade existente em outros estados, ou regiões, em instituições de ensino de outros ciclos; para avaliar a sustentabilidade no *trade*, ou em setores que trabalham com turismo, com cultura, com meio ambiente; em outros nos quais se compreenda e avalie melhor a presença da sustentabilidade como base para a prática produtiva e de convivência entre os seres humanos.

Ao final do trabalho, sabemos que estamos dando um passo inicial, e ainda tímido, na transformação do nosso contexto, a fim de que a educação superior se torne sustentável. Por isso, pensamos em visitar as IES entrevistadas e apresentar-lhes os resultados, acreditando que teremos espaço para sermos ouvida. Quiçá alguma delas possa adotar a pesquisa e tentar aplicá-la.

Nessa perspectiva, há possibilidade de construir uma avaliação contínua e educativa de nossas práticas sustentáveis. Sendo assim, a pesquisa que se encerra, parece apenas um começo de estudos e jornadas que fertilizarão nosso futuro.

.

Referências

I. Livros

ABREU, Dora. **Os ilustres hóspedes verdes**. Salvador: Casa da Qualidade, 2001.

ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. **Formação e capacitação do profissional em turismo e hotelaria:** reflexões e cadastro das instituições educacionais do Brasil. São Paulo: Aleph, 2002. (Série Turismo)

AUGÉ, Marc. **Não-lugares:** introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

BOERS, H.; BOSCH, M. **La tierra, destino turístico:** introducción al turismo y al médio ambiente. Madrid: SME/Institute for Environmental, 1995.

CARNEIRO, Moaci Alves. **Educação comunitária:** faces e formas. Petrópolis: Vozes, 1987.

CHIAVENATO, Júlio José. **O massacre da natureza**. São Paulo: Moderna, 1989. (Coleção Polêmica)

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOVLIMENTO (1992, Rio de Janeiro). **Agenda 21**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2000.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Pesquisa e interdisciplinaridade no ensino superior:** uma experiência no Curso de Turismo. São Paulo: Aleph, 2002.

DEWEY, John. **Como pensamos**. São Paulo: Nacional, 1979.

DOLL Jr., William. **Currículo:** uma pesrspectiva pós-moderna. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

DORST, Jean. **Antes que a natureza morra**. São Paulo: Edgard Blücher, 1973.

FENNELL, David A. **Ecoturismo**. Tradução de Inês Lohbauer. São Paulo: Contexto, 2002. (Coleção Turismo Contexto)

FRANCO, Maria de Assunção Ribeiro. **Planejamento ambiental para a cidade sustentável**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Conscientização:** teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.Tradução de Kátia de Mello e Silva. Revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintral. São Paulo: Moraes, 1980.

_____._____. **Educação e mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. (Coleção Educação e Mudança, v.1).

_____._____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra**. São Paulo: Peirópolis, 2000. (Série Brasil Cidadão)

GARDNER, H. **Inteligências múltiplas:** a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (des) caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 1990. (Coleção Temas Atuais)

GUERRA, Antônio Teixeira. **Recursos naturais do Brasil (conservaciomismo)**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia, 1969. (Série A, Bibliográfica Brasileira, publicação n. 25)

GUTIÉRREZ, Francisco; PRADO, Cruz . **Ecopedagogia e cidadania planetária**. Tradução Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 1999. (Guia da Escola Cidadã, v.3)

HUNTER, Colin; GREEN, Howard. **Tourism and the environment:** a sustainable relatioship? London: Routledge, 1995.

KLOETZEL, Kurt. **O que é meio ambiente**. São Paulo: Brasiliense, 1998. (Coleção Primeiros Passos)

KILPATRICK, William Heard. **Educação para uma civilização em mudança**. São Paulo: Melhoramentos, 1970.

KINLAW, Dennis. **Empresa competitiva e ecologia**. São Paulo: Makron Books, 1997.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

LAGO, Antônio; PÁDUA, José Augusto. **O que é ecologia**. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Coleção Primeiros Passos)

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**. Porto Alegre: Editora da UFMG, 1999.

LEAL FILHO, Walter (Ed.). **Teaching sustainability at universities:** towards curriculum greening. Frankfurt Am Main: Peter Lang, 2002. (Environmental Education, Communication and Sustainability; v.11)

LEFF, Henrique. **Saber ambiental:** sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2001.

MATIAS, Marlene. **Turismo, formação e profissionalização:** 30 anos de história. São Paulo: Manole, 2002.

McKERCHER, Bob. **Turismo de natureza:** planejamento e sustentabilidade. Tradução Beth Honorato. São Paulo: Contexto, 2002.

McMILLAN, James H.; SCHUMACHER, Sally. **Research in Education:** a conceptual introduction. New York: Longman, 1997.

MINC, Carlos. **Ecologia e cidadania**. São Paulo: Moderna, 1997. (Coleção Polêmica)

MOLINA E. Sergio. **Turismo y ecología**. México: Trillas, 1998.

NAISBITT, John. **Paradoxo global**. Rio de Janeiro: Campus, 1994.

NOGUEIRA, Nildo Ribeiro. **Pedagogia dos projetos:** uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências. São Paulo: Érica, 2001.

NOSSO FUTURO COMUM. **Comissão mundial sobre meio ambiente e desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991.

NOT, Louis. **As pedagogias do conhecimento**. São Paulo: Difel, 1981.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky, aprendizado e desenvolvimento:** um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1995.

OMT. **Introducción al turismo**. Madrid: OMT, 1998.

PEARCE, Philip L. **Tourism:** bridges across continents. Austrália: McGraw-Hill,1998.

PEREIRA, Júlio César Rodrigues. **Análise de dados qualitativos:** estratégias metodológicas para as ciências da saúde, humanas e sociais. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

POISSON, Yves. **La recherche qualitative en éducation**. Québec: Presses de l'Université du Quebéc, 1991.

PRESTRE, Philippe Le. **Ecopolítica internacional**. Tradução Jacob Gorender. São Paulo: SENAC/SP, 2000.

REJOWSKI, Miriam. **Turismo e pesquisa científica:** pensamento internacional versus situação brasileira. Campinas: Papirus, 1996. (Coleção Turismo)

RIBEIRO, Maurício Andrés. **Ecologizar:** pensando o ambiente humano. Belo Horizonte: Rona, 2000.

RIFKIN, Jeremy. **Fim dos empregos**. São Paulo: Makron Books, 1995.

ROGERS, Carl. **Liberdade de aprender em nossa década**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1980.

SILVA, Francisca de Paula Santos da. **Turismo em rede:** uma teia de múltiplas relações. Salvador: FACTUR/BA, 2000.

STEINER, Rudolf. **A educação prática do pensamento:** aprender a pensar a partir da realidade. São Paulo: Antroposófica, 1996.

_____._____. **Educação na puberdade:** o ensino criativo. São Paulo: Antroposófica, 1996a.

_____._____. **Os doze sentidos e os sete processos vitais**. São Paulo: Antroposófica, 1997.

SWARBROOKE, John. **Turismo sustentável:** conceitos e impacto ambiental. Tradução Margarete Dias Pulido. São Paulo: Aleph, 2000. v.1.

TACHIZAWA, Takeshy; ANDRADE, Rui Otávio Bernardes de. **Gestão de instituições de ensino**. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

TEIXEIRA, Anísio Spínola**. Educação e o mundo moderno.** São Paulo: Nacional, 1969.

THEOBALD, William F. (Org.). **Global tourism: the next decade**. London: Butterworth-Heinemann, 1994.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo.** Campinas: Papirus, 1998.

TRIGUEIRO, Carlos Meira. **Marketing & turismo**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999.

WOLFF, Robert Paul. **O ideal da universidade**. São Paulo: UNESP, 1993.

II. Capítulos de livros

Ab'SABER, Aziz Nacib. (Re) Conceituando educação ambiental. In: MAGALHÃES, Luiz Edmundo (Coord.). **A questão ambiental**. São Paulo: Terragraph, 1994. p. 1-4.

ALABASTER, Tony; BLAIR, Derek. Greening the university. In: HUCKLE, John; STERLING, Stephen. **Education for sustainability**. Londres: Earthscan Publications Limited, 1996. p. 86-104.

ARCHER, Brian; COOPER, Chris. The positive and negative impacts of tourism. In: THEOBALD, William F. **Global tourism:** the next decade. London: Butterworth-Heinemann, 1994. p. 73-91.

BARLETT, Peggy; EISEN, Arri. The piedmont project at emory university. In: LEAL FILHO, Walter (Ed.). **Teaching sustainability at universities:** towards curriculum greening. Frankfurt Am Main: Peter Lang, 2002. p. 61-77. (Environmental Education, Communication and Sustainability; v.11)

CORIOLANO, Luzia Neide M.T. Turismo e degradação ambiental no litoral do Ceará. In: LEMOS, Amália Inês G. de (Org.). **Turismo:** impactos socioambientais. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 93-103.

DYMENT, Janet E.; RUSSELL, Constance L.; CURTHOYS, Lesley P.; CUTHBERTSON, Brent; POTTER, Tom G. Sustainability education in an outdoor recreation, parks and tourism programme in Canadá. In: LEAL FILHO, Walter (Ed.). **Teaching sustainability at universities:** towards curriculum greening. Frankfurt Am Main: Peter Lang, 2002. p. 205-221. (Environmental Education, Communication and Sustainability; v.11)

FURLAN, Sueli Ângelo. Unidade de conservação insular: considerações sobre a dinâmica insular, planos de manejo e turismo ambiental. In: LEMOS, Amália Inês G. de (Org.). **Turismo, impactos socioambientais.** São Paulo: Hucitec, 1996. p. 114-136.

GO, Frank M. Emerging issues in tourism education. In: THEOBALD, William F.(Org.). **Global tourism:** the next decade. London: Butterworth-Heinemann, 1994. p. 330-346.

GRINOVER, Lúcio. O desenvolvimento urbano e territorial e os parâmetros ambientais. In: MAGALHÃES, Luiz Edmundo de (Coord.). **A questão ambiental**. São Paulo: Terragraph, 1994. p. 243-260.

HOEFFEL, J.L.; FADINI, A.B.; SUAREZ, C.F.S. Environment, sustainable tourism and academic responsibility. In: LEAL FILHO, Walter (Ed.). **Teaching sustainability at universities:** towards curriculum greening. Frankfurt Am Main: Peter Lang, 2002. p. 415-427. (Environmental Education, Communication and Sustainability; v.11)

HUCKLE, John. Realizing sustainability in changing times. In: HUCKLE, John e STERLING, Stephen. **Education for sustainability**. Londres: Earthscan Publications Limited, 1996b. p. 3-15.

HUNTER, Colin. Key concepts for tourism and the environment. In: HUNTER, Colin; GREEN, Howard. **Tourism and the environment:** a sustainable relatioship? London: Routledge, 1995. p. 52-92.

KOZMA, Miguel. A questão dos assentamentos humanos e o meio ambiente. MAGALHÃES, Luiz Edmundo de (Coord.). **A questão ambiental**. São Paulo: Terragraph, 1994. p. 261-283.

MACLEOD, Donald. Turismo alternativo, uma análise comparativa do seu significado e do impacto por ele causado. In: THEOBALD, William F (Org.). **Turismo global.** Tradução Anna Mária Capovilla, Maria Cristina Guimarães Cupertino, João Ricardo Barros Penteado. São Paulo: SENAC, 2001. p. 165-180.

MENDONÇA, Rita. Turismo ou meio ambiente: uma falsa oposição?. In: LEMOS, Amália Inês G. de (Org.). **Turismo:** impactos socioambientais. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 19-25.

MIDAGLIA, Carmen Lúcia Vergueiro. Turismo e meio ambiente no litoral paulista: dinâmica da balneabilidade nas praias. In: LEMOS, Amália Inês G. de (Org.). **Turismo:** impactos socioambientais. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 32-56.

PAULA, João Antônio de; MONTE-MÓR, Roberto L.M. Biodiversidade, população e economia: uma experiência interdisciplinar. In: TORRES, Haroldo; COSTA, Heloísa (Orgs.). **População e meio ambiente:** debates e desafios. São Paulo: SENAC/SP, 2000. p. 75-103.

PRUNEAU, Diane; McLAUGHLIN, Elizabeth; LANGIS, Joanne; GRAVEL, Helene. Education for liveable cities – environmental and pedagogical actions at the university level. In: LEAL FILHO, Walter (Ed.).**Teaching sustainability at universities:** towards curriculum greening. Frankfurt Am Main: Peter Lang, 2002. p. 45-59. (Environmental Education, Communication and Sustainability; v.11)

RATTNER, Henrique. Desenvolvimento sustentável, tendências e perspectivas. In: MAGALHÃES, Luiz Edmundo (Coord.). **A questão ambiental**. São Paulo: Terragraph, 1994. p. 33-46.

ROORDA, Niko. Assessment and policy development of sustainability in higher education with Aishe. In: LEAL FILHO, Walter (Ed.). **Teaching sustainability at universities:** towards curriculum greening. Frankfurt Am Main: Peter Lang, 2002. p. 459-486. (Environmental Education, Communication and Sustainability; v.11)

ROWE, Debra. Environmental literacy and sustainability as core requirements: success stories and models. In: LEAL FILHO, Walter (Ed.). **Teaching sustainability at universities:** towards curriculum greening. Frankfurt Am Main: Peter Lang, 2002. p. 79-103. (Environmental Education, Communication and Sustainability; v.11)

SAVIGNAC, Antonio Enríquez. Secretario General de la Organización Mundial del Turismo. Palestra na I Conferencia Internacional de Profesiones Turísticas. In: **El capital humano en la industria turística del siglo XXI**. Madrid: OMT, 1997. p. 45-47.

SOBRAL, Helena Ribeiro. Metodologia, evolução dos estudos e bibliografia básica sobre meio ambiente. In: LEITE, Joaquina Lacerda (Org.). **Problemas-chave do meio ambiente**. Salvador: Instituto de Geociências da UFBA: Espaço Cultural EXPOGEO, 1995. p. 15-32.

TELFER, David J. The evolution of tourism and development theory. In: SHARPLEY, Richard; TELFER, David J. **Tourism and development:** concepts and issues. Queensland: Channel View Publications, 2002. p. 35-78.

TOMMASI, Luiz Roberto. O espaço marinho. In: MAGALHÃES, Luiz Edmundo de (Coord.). **A questão ambiental**. São Paulo: Terragraph, 1994. p. 185-221.

VELAZQUEZ, Luis E. A Mexican model for teaching sustainability in universities. In: LEAL FILHO, Walter (Ed.). **Teaching sustainability at universities:** towards curriculum greening. Frankfurt Am Main: Peter Lang, 2002. p. 347-362. (Environmental Education, Communication and Sustainability; v.11)

III. Artigos de revistas, *journals*, anais, mimeografias

BENI, Mário Carlos. Espaço pedagógico no processo de formação e capacitação do profissional em turismo, s/d, p. 1-11.(mimeo)

FREITAS, Kátia Siqueira de. Programa Gestão Participativa: uma experiência de apoio às escolas públicas. In: **Revista Bahia Análise & Dados**, Salvador, v.9, n.1, p. 34-43, jun./1999.

JOLIN, Louis. Formation et recherche en tourisme à l'UQAM: une ouverture sur le monde. In: **Téoros**, Montréal, v. 11, n. 1, p. 12-15, mar./1992.

OECD. Sustainability and formal education. **Education and learning for sustainable consumption**. Paris: OECD, Working Papers, v.VII, n. 43, 1999.

RODRIGUES, Gabriel Mário. Depoimentos sobre as necessidades e as limitações de recursos humanos para o turismo. In: **Seminário Latino-Americano da AMFORT**, 2., 1990, São Paulo. p. 116-127.

RUSCHMANN, Doris Van de Meene. Capacitação de docentes para o ensino do turismo em países em desenvolvimento: o caso do Brasil. In: SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO. ASSOCIAÇÃO MUNDIAL PARA FORMAÇÃO PROFISSIONAL TURÍSTICA, 1990, São Paulo. **Turismo, grande desafio dos anos 90 – II Seminário Latino-Americano. AMFORT,** 1991, São Paulo: Escola de Comunicações e Artes/USP. p. 94-97.

_____._____. O comportamento dos agentes de turismo e o meio ambiente. In: **Revista Bahia Análise & Dados**, Salavador: CEI, v.2, n.4, p. 70-71, mar./1993.

SESSA, Alberto. Políticas de formación de los recursos humanos. In: **Seminário Internacional de Turismo e Desenvolvimento**, Canela, 1995. p. 1-19.

TELFER, David J.; HASHIMOTO, Atsuko. Environmental education in tourism, a comparison between Canadá and Japan. **Journal of Hospitality & Tourism Education.** EUA, v. 13, n.1, p. 18-24, 2001.

IV. Dissertações, teses

DOWSETT, Anthony Noel. **Education and sustainability:** where is the triple bottom line in tertiary education? A case-study of The University of Auckland and Tamaki Campus. 2001. (Master of Science) - The University of Auckland, Auckland, New Zealand.

LERTUDOMCHOK, Sunisa. **Towards the development of higher level tourism education and training programme in Thailand**. 1997. (Mestrado em Tourism & Hospitality Education) - Bournemouth University, Hampshire, England.

MATTA, Alfredo Eurico Rogrigues. **Procedimentos de autoria hipermídia em rede de computadores:** um ambiente mediador para o ensino–aprendizagem em história. 2001. 229 f. Tese (Doutoramento em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

V. Outras Publicações

AKAL. **El estado del mundo**. Madrid: Akal, 2004.

BAHIATURSA. **Informativo estatístico 2005**. s/d, s/p.

EMBRATUR. **Deliberação Normativa nº. 390**. Brasília: EMBRATUR, 1998.

_____._____. **Deliberação Normativa nº 421, de 24 de maio de 2001**. Brasília: EMBRATUR, 2001.

INTERNATIONAL TOURISM CONSULTING, SEBRAE/BA e SOCIEDADE TECNOPOLITANA DA BAHIA. Pesquisa de Demanda por Capacitação Profissional no Setor de Turismo no Brasil. **Anais do I Encontro de Turismo Brasil/Grã-Bretanha**. Salvador: nov./1997. p. 113-123.

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

MODELO DE ENQUADRAMENTO DAS PROPOSTAS DE DIRETRIZES CURRICULARES. Brasília, 2000.

OMT. **Previsiones del turismo mundial hasta el año 2000 y después**. Madrid: OMT, Serie de previsiones: El mundo, v.1, 1993.

SENAC/BA. **Diagnóstico das necessidades de formação profissional para a área de turismo e hotelaria no Estado da Bahia**. Salvador: SENAC/BA, 1999, p. 33, 35, 59, 61, 90, 92, 111 e 112.

SESu/MEC. **Modelo de enquadramento das propostas de diretrizes curriculares do curso de turismo**. Brasília: SESu/MEC, 2000. p. 1-16.

_____._____. **Documentos assinados pela CEETur**. Brasília. 17/01/2001.

SUAREZ, Marcus Alban (Coord.). **Salvador, uma alternativa pós industrial**. Salvador: SICT, UFBA, ago./1990.

_____._____. **Bahia, novas fronteiras do turismo**. Salvador: Fundação CPE, BAHIATURSA, out./1991.

VI. Jornais

BOAVENTURA, Edivaldo M. Conceito de desenvolvimento. Salvador: **A Tarde**, Salvador, 6 jan.1968.

_____._____. Perrow e o terceiro mundo. **A Tarde**, Salvador, 6 jul.1968a.

VII. Entrevistas

HOEFFEL, João Luiz. **Correspondência pessoal.** Bragança Paulista, nov./2004.

METTIG, Olga Pereira. **Correspondência pessoal.** Salvador, abr./2001.

VIII. Documentos das instituições amostras

INSTITUIÇÃO W. **Projeto pedagógico da Instituição W**.

_____._____. **Informativo da Instituição W**. Salvador: Instituição W, nº13, mai./jun., 2003.

_____._____. **Critérios para seleção de candidatos à participação no II Projeto de Pesquisa do Curso de Turismo**. out./2001.

_____._____. **Normas para a publicação da Revista do Curso de Turismo da Instituição W**. set./2001.

_____._____. **Proposta do Núcleo de Estudos Avançados em Turismo e Sociedade**. s/d.

_____._____. **Programa de consórcios em educação superior Brasil-Estados Unidos – CAPES/FIPSE**. Acordo de Cooperação Acadêmica. mai./2003.

_____._____. **Currículos dos professores**.

_____._____. **Planos de ensino**.

_____._____. **Currículo pleno da Instituição W**.

_____._____. **Roteiros de visitas técnicas como atividade interdisciplinar obrigatória**. s/p, s/d.

_____._____. **Transcrição das entrevistas**. 2004, p. 1-70.

_____._____. **Contratos de Convênio para Estágio Supervisionado**.

_____._____. **Revista Científica da Instituição W**.

INSTITUIÇÃO X. **Projeto pedagógico da Instituição X**.

_____._____. **Currículos dos professores**.

_____._____. **Planos de ensino**.

_____._____. **Transcrição das entrevistas**. 2004, p. 1-77.

_____._____. **Contratos de Convênio para Estágio Supervisionado**.

_____._____. **Currículo pleno da Instituição X**.

INSTITUIÇÃO Y. **Projeto pedagógico da Instituição Y**.

_____._____. **Currículos dos professores**.

_____._____. **Planos de ensino**.

_____._____. **Transcrição das entrevistas**. 2004, p. 1-111.

_____._____. **Regimento da Instituição Y**.

_____._____. **Currículo pleno da Instituição Y**.

_____._____. **Contratos de Convênio para Estágio Supervisionado**.

_____._____. **Lista de Eventos em que a Instituição Y esteve presente com a participação de professores e de alunos**. s/p, s/d.

_____._____. **Lista de Eventos Organizados pela Instituição Y**. s/p, s/d.

_____._____. **Relatório de atividades**.1998.

_____._____. **Relatório de Seminário Pedagógico I**. dez./1997.

_____._____. **Relatório de Seminário Pedagógico II**. jul./1998.

_____._____. **Relatório de Seminário Pedagógico III**. fev./1999.

_____._____. **Projeto do Curso de MBA em Turismo**. mar./1999.

_____._____. **Contrato de Convênio com a USP**.

_____._____. **Relatório com Artigos de professores publicados no Jornal A Tarde**.

_____._____. **Relatório de Oficinas Pedagógicas**. dez./1998.

_____._____. **Boletim Informativo da Instituição Y**. nº02, mai./2003, s/p.

_____._____. **Informativo mensal da Instituição Y**. nº03, mai./2004.

_____._____. **Informativo mensal da Instituição Y**. nº05, ago./2004.

_____._____. **Informativo mensal da Instituição Y**. nº06, set./2004.

_____._____. **Revista Científica da Instituição Y**.

INSTITUIÇÃO Z. **Projeto pedagógico da Instituição Z**.

_____._____. **Informativo mensal da Instituição Z**. Ano 1, nº01, 2000.

_____._____. **Informativo mensal da Instituição Z**. Ano 4, nº06, 2004.

_____._____. **Informativo mensal da Instituição Z**. nº7, jun./2004.

_____._____. **Revista Científica da Instituição Z**.

_____._____. **Regulamento do Programa de Iniciação Científica da Instituição Z**.

_____._____. **Relatório do I Workshop Projeto Pedagógico do Curso de Turismo da Instituição Z**. out./1999.

_____._____. **Relatório do II Workshop Projeto Pedagógico do Curso de Turismo da Instituição Z**. nov./2000.

_____._____. **Folheto de Parcerias da Instituição Z**. s/d, s/p.

_____._____. **Contratos de Convênios, Parcerias e Apoio Técnico**.

Apêndices

APÊNDICE A - Problemas Ambientais dos séculos XX e XXI.

PERÍODO	ACONTECIMENTO
Anos quarenta	▪ em 1942, massacre do Holocausto por Hitler. ▪ em 1945, a bomba atômica sobre Hiroshima e Nagasaki, no Japão. ▪ em 1948, episódios críticos de inversões térmicas em Donora, Pensilvânia. ▪ utilização de fertilizantes, herbicidas e pesticidas na agricultura, contendo diclorodifeniltricloroetano (DDT) - usado na Segunda Guerra Mundial para controlar epidemias de tifo - fosforados, carbonatos, entre outros inseticidas. A sua utilização provoca câncer e distúrbios nervosos.
Anos cinqüenta	▪ em 1952, inversão térmica em Londres, quando 2.000 pessoas morreram. ▪ em 1956, o envenenamento por mercúrio da baía de Minamata, no Japão.
Anos sessenta	▪ em 1967, acidentes com navios petroleiros, ou nas operações de carga e descarga em embarcadouros e terminais petrolíferos que causam desastres ecológicos de grande extensão. A exemplo do naufrágio do navio petroleiro Torrey-Canyon, ao largo das costas da Cornualha, vazando 50.000 toneladas de petróleo bruto nas costas inglesa e bretã. ▪ um rio nos EUA que pegou fogo de tão poluído.
Anos setenta	▪ em 1973, uso de desfolhantes na guerra do Vietnã e no Brasil. ▪ explosões de artefatos nucleares que provocam contaminação radioativa, feitas no Deserto de Nevada. ▪ em 1977, nuvens tóxicas sobre Seveso, na Itália. ▪ em 1977, acidentes com resíduos tóxicos de Love Canal, nos Estados Unidos. ▪ em 1979, o acidente nuclear de Three Miles Island, Pensilvânia. ▪ submarinos atômicos deixam uma esteira radioativa nos oceanos. ▪ usinas energéticas e fábricas que trabalham com materiais nucleares contaminam o meio ambiente. ▪ o Rio Reno, França, fica totalmente morto e mortífero, carregando resíduos químicos (inseticidas) por milhares de quilômetros, contaminando os depósitos de água potável de vários países – Holanda, Alemanha e outros. ▪ os Estados Unidos são o país que mais tem praias vedadas ao público por estarem contaminadas por dejetos industriais, fezes e pesticidas.
Anos oitenta	▪ em 1984, acidente de Bopal, na Índia, quando o vazamento de um gás venenoso da empresa Union Carbide, matou cerca de 2.000 pessoas. ▪ em 1986, a explosão da usina nuclear de Chernobyil, na Ucrânia, causou a morte lenta, mas inexorável, de rios e mares, deixando seqüelas irreparáveis na população e nos ecossistemas locais. ▪ fome na Índia, na África, e em outros países, enquanto no Sahel, no norte da África, o gado, que abastece a Europa de carne, consome mais da metade da produção agrícola local. ▪ ameaça de extinção de caribus em conseqüência de obstáculos do arame farpado, dos oleodutos que atravessam o Alasca e o Canadá. ▪ parte da floresta amazônica foi convertida em carvão para a produção e exportação do ferro-gusa. Esse ecocídio recuou após forte campanha internacional. ▪ nascimento de crianças sem cérebros, casos de leucopenia causadas pela exposição ao benzeno, em Cubatão. ▪ poluição do Rio Tietê.

	▪ programa Proálcool fez baixar a produção de alimento, desestabilizou a política de trabalho no campo, sugou e suga recursos de todo o povo brasileiro, concentra agrotóxicos de forma arriscada e polui terras, ar e águas. ▪ muitas crianças morrem no Nordeste do Brasil com a doença denominada *kwashiorkor* (significa, num dialeto africano, "primeiro e segundo"), comum na África e na América Latina.
Anos noventa	▪ o trágico acontecimento de Goiânia-GO, quando uma grande área da cidade foi contaminada por uma cápsula de césio achada num ferro-velho. ▪ lixo nuclear de Angra I, II e III. ▪ extermínio de baleias para conseguir carne para alimentar bichos de estimação. ▪ no outono de 1997, *smog* (mistura de fumaça e neblina) que afetou o Sudeste Asiático. ▪ debilidade física e moral de certos povos indígenas provocadas pela poluição das águas, doenças venéreas, sida e alcoolismo.
Anos dez do século XXI	▪ em 2003, vazamento de produtos químicos da indústria de papel em Cataguazes, Minas Gerais. ▪ guerra entre EUA e Iraque. ▪ vazamentos de petróleo e outras substâncias em rios e mares. ▪ outros.

Fonte: Elaborado pela autora, baseada em Júlio José Chiavenato (1989, p. 6, 18,19, 20, 47, 48, 58, 63, 64 e, 87); Kurt Kloetzel (1998, p. 22); John Swarbrooke (2000, p. 8); Dora Abreu (2001, p. 28); Carlos Minc (1997, p. 24).

APÊNDICE B - Cronologia dos Eventos em Prol de uma Nova Conscientização no Brasil, no Mundo e na Bahia.

PERÍODO	ACONTECIMENTO
Século XVII	✓ autoridades coloniais, centradas no Rio de Janeiro, tomaram medidas eventuais para proteger a qualidade e a abundância das águas contra o uso predatório das nascentes e cursos dos rios.
Oitava década do Século XVIII	✓ um passo inicial, no campo do direito, dado para se pensar nos direitos humanos foi a *Declaração Universal dos Direitos do Homem* de 1789, incorporada ao Código Napoleônico de 1804 e por extensão ao Código Civil nos dias atuais do século XX.
Sexta década do Século XIX	✓ em 1817, o príncipe regente Dom João editou as principais normas legais conservacionistas, lançando princípios que orientaram a política de defesa de mananciais durante mais de um século, (...) decretando que não deveriam ser derrubadas as árvores existentes em torno das nascentes dos rios Carioca e Paineiras (Floresta da Tijuca), nas matas do Silvestre, nem ao longo de Santa Teresa, e para tanto deveriam ser avaliadas e indenizadas as propriedades localizadas nas áreas preservadas. ✓ em 1820, foi publicado por Mikan o livro *Delectus Florae et Faunae Brasiliensis.* ✓ em 1862, foi lançado o livro *Man and Nature*, de George Perkins Marsh, no qual descrevia uma espécie de introdução à ecologia (...) e expunha as inter-relações entre vida animal e vegetal (...). ✓ no entanto, o interesse pela conservação ambiental surgiu no século XIX (...) a partir da influência de sábios e naturalistas como Johann Baptiste von Spix e Carl Friedrich Phillipp von Martius, os zoólogos J.C.Mikan, Johan von Natterer e Giuseppe Raddi e o botânico Emmanuel Pohl (...).
Primeira década do Século XX	✓ em 1901, foi publicado o livro *Our National Parks*, de John Muir e, do mesmo autor, *A Thousand-mile Walk to the Gulf*. O primeiro mostra a sua visão animista da natureza, e o segundo é inspirado numa viagem em que caminhou 1.000 milhas de Indiana até o Golfo do México. Esse autor, influenciou na criação dos primeiros parques nacionais americanos, (...) o Yellowstone (1872) e o Yosemite (1890).
Terceira década do Século XX	✓ em 1934, foi criado, no governo de Getúlio Vargas, o *Código Florestal Brasileiro*, e promulgado o *Código de Águas* e o *Código Penal*, em 1940, que instituiu a penalização criminal por poluição de recursos hídricos. ✓ em 1937, foi criado pelo Decreto Federal nº 11.943, de 14/06/37, o Parque Nacional de Itatiaia, o mais antigo do Brasil.
Quarta década do Século XX	✓ a *Declaração Universal dos Direitos do Homem* foi promulgada pela Assembléia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. ✓ em 1947, foi fundada em Genebra, Suíça, a ONG International Standardization Organization (ISO), que tem por finalidade ser um fórum internacional de normalização e atuar como entidade harmonizadora entre as diversas agências nacionais. ✓ em 1949, foi publicada a obra de Aldo Leopold, *Sand County Almanac and Sketches Here and There*, bíblia dos ambientalistas a partir dos anos de 1960, onde expõe a Ética da Terra.
Quinta década do Século XX	✓ em 1958, foi estabelecida a Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza.
Sexta década do Século XX	✓ nos anos de 1960, foram publicados livros como *The Waste Makers*, de Vance Packard, guru de *marketing* norte-americano, criticando a "sociedade descartável".

	✓ em 1962, Rachel Carson, bióloga americana, alertou o mundo com o seu livro *Silent Spring*, inaugurando os protestos contra o uso abusivo dos pesticidas. ✓ em 1964, foi publicado na revista Bioscience o artigo *Ecology – A Subversive Subject*, de Paul Sears. ✓ em 1964, foi instituído o *Estatuto da Terra*, documento legal da Reforma Agrária Brasileira. ✓ em 1965, Jean Dorst publicou *Avant que Nature Meure*. ✓ em 1965, foi introduzido o *Novo Código Florestal*, além de um enrijecimento dos dispositivos reguladores e punitivos sobre poluição hídrica. ✓ em 1967, foram apresentadas as leis de proteção à fauna. ✓ em 1968, foi criado o Clube de Roma. ✓ em 1969, foi publicado o livro de Paul Shepard e Daniel MacKinley, *The Subversive Science: essays toward an ecology on ecology of man*. ✓ o livro dos irmãos Howard T. Odum e Eugene P. Odum, tornou-se uma espécie de bíblia da inter e multidisciplinaridade, onde o conceito de ecossistema é ampliado e a ecologia uma disciplina integrada e integradora, que une as ciências naturais e sociais.
Sétima década do Século XX	✓ em 1970, no livro *Fim da Natureza*, o autor ecologista Bill MaKibben declarou que a natureza já estava morta, irremediavelmente destruída pelo homem. ✓ em 1972, a I Conferência Mundial das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano (Estocolmo, Suécia), na qual foi criado o PNUMA cujas atividades estão agrupadas em 3 categorias: a) avaliação do meio ambiente, que agrupa um certo número de atividades que constituem o Plano "Vigilância"; b) gestão do meio ambiente, que abrange os ecossistemas terrestres, a tecnologia e o meio ambiente, as atividades industriais, os oceanos e zonas litorâneos, e os problemas da desertificação; e c) medidas de apoio, que cobrem a informação, a educação e a formação, a planificação do desenvolvimento, a administração do meio ambiente e o desenvolvimento do direito internacional no qual o PNUMA tem um papel ativo. ✓ em 1972, Danella e Dennis Meadows publicaram *The Limits to Growth*, um relato do impacto do crescimento econômico no futuro da humanidade. ✓ em 1972, surgiram na Holanda os primeiros selos verdes e, desde então, os mais diversos tipos de selos surgiram, (...) como o selo alemão "Anjo Azul", de 1977, o escandinavo "Cisne Nórdico", de 1989, entre outros. ✓ a partir de 1973, sob influência da Conferência Eco-1, em Estocolmo, o governo criou a Secretaria Especial do Meio-Ambiente (SEMA), atual IBAMA. ✓ em 1974, Conferência Mundial de População (Bucareste, Romênia). ✓ em 1975, organizou-se a I Reunião de Expertos em Educação e Áreas Afins, ligadas ao meio ambiente (Belgrado). ✓ em 1976, foi publicado o livro com o título *Viagem no Interior do Brasil,* de Emmanuel Pohl. ✓ em 1977, foi promovido pela UNESCO o I Congresso Mundial de Educação Ambiental (Tbilissi, Geórgia), fazendo recomendações para que a educação ambiental fosse disseminada amplamente na sociedade. ✓ em 1977, foi criada a Lei nº 6.513/77, regulamentada pelo Decreto nº 86.176/81, que dispõe sobre áreas especiais e locais de interesses turísticos. ✓ em novembro de 1979, o Papa João Paulo II proclamou São Francisco de Assis patrono dos ecologistas. ✓ em 1979, foi criado, pelo Decreto nº 84.017 de 21/9/79, o Plano de Manejo de Parques Nacionais Brasileiros. ✓ ainda na década de setenta, Roberto Burle Marx, precursor do desenho ambiental, por seu envolvimento científico e artístico com os ecossistemas brasileiros, alertou a sociedade brasileira para o desmatamento brutal efetivado pelas indústrias madeireiras e outros agentes, especialmente na

	Amazônia e no Estado do Espírito Santo, sem qualquer impedimento ou restrição por parte das instituições governamentais do nosso país.
Oitava década do Século XX	✓ em 1980, a UICN publicou um dos primeiros artigos a falar abertamente sobre o conceito de desenvolvimento sustentável, intitulado *World Conservation Strategy*. Nesse ano, foi produzido o *Relatório Global 2000*, em que foi feita a previsão de um colapso ecológico mundial que aconteceria em torno de 1990. ✓ Em 1981, foi criado o Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), conforme a Lei nº 6.983/81. ✓ em 1982, Nairóbi, África. ✓ em 1983, foi criada a Comissão Mundial para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CMMAD). ✓ em 1987, a CMMAD publicou o conhecido *Relatório Brundtland*, ou *Our Common Future*, apresentando o conceito de estágio central de desenvolvimento sustentável, que se baseava na idéia bem-fundamentada de que "nós não herdamos a Terra de nossos antepassados, mas a tomamos emprestada de nossos filhos" e que o crescimento econômico tinha de ocorrer de uma maneira ecológica e socialmente mais igualitária. Esse relatório pode ser sintetizado como a busca da partilha dos benefícios e custos dos recursos materiais entre pobres e ricos e entre gerações. Já vinha sendo discutido desde 1973, com o nome de ecodesenvolvimento, e buscava ser uma resposta às teses conservadoras do Clube de Roma. Seus princípios, ainda hoje, parecem ser os mais abrangentes e consistentes no rumo da construção da sustentabilidade. ✓ ainda em 1987, foi realizado pela UNESCO o II Congresso Mundial de Educação Ambiental (Moscou). Foi lançado nos EUA o livro *A Moment on the Earth-The Coming Age of Environmental Optimism*, de Gregg Easterbrook, afirmando ter sido a década de setenta a pior e mais destrutiva em duzentos anos de atividade industrial. ✓ na década de oitenta, intensificaram-se os movimentos ambientalistas, proliferaram as Organizações Não-Governamentais (ONGs), as Organizações Internacionais Governamentais (OIGs) e as leis relacionadas com as questões ambientais tornaram-se mais severas. As indústrias começaram a investir em "tecnologias de fim de tubo" para tratar seus rejeitos. Visando proteger a integridade dos sistemas ambientais globais, algumas medidas vêm sendo tomadas, em diversos países, baseadas nas diretrizes definidas na Convenção de Viena para a Proteção da Camada de Ozônio (março de 1985), bem como no Protocolo de Montréal (setembro de 1987), os quais orientam sobre a redução progressiva de utilização dos CFCs, por meio da substituição desses compostos por outros menos agressivos ao meio ambiente. ✓ o surgimento de correntes políticas como Green Peace, Sierra Club, Earth First, Wilderness Society, WWF. Criação de órgãos governamentais como o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), quase-governamentais como a União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN) e agências intergovernamentais, como a FAO, o Comitê de Instituições Internacionais de Desenvolvimento sobre o Meio Ambiente (CIIDMA). Na Organização dos Estados Americanos (OEA) foi criado um programa de estudos dos recursos naturais do continente americano, visando proporcionar às nações-membros, assistência técnica na administração do aproveitamento racional e econômico do seu patrimônio de recursos naturais. ✓ em 1988, foi criado o Consórcio Mata Atlântica, juntamente com o Projeto Mata Atlântica no âmbito do Programa Nacional do Meio Ambiente (PNMA). (Costa, 1994, p.292).
Nona década do	✓ em 1992, II Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e

Século XX	Desenvolvimento, ou Eco-92, ou Cúpula da Terra, ou Cume da Terra, ou Rio-92. Nesse evento foram discutidas alternativas para a aplicação do modelo de desenvolvimento sustentável, dando origem à Agenda 21. ✓ em 1994, Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento (Cairo, Egito). ✓ em julho de 1995, foi criado o primeiro Centro Nacional de Tecnologias Limpas (CNTL). ✓ em 1996, a Organização Internacional de Padronização (ISO), a mesma responsável pela ISO-9000, lançou as cinco primeiras normas da série ISO-14000, consolidando a qualidade ambiental como um diferencial competitivo no mundo dos negócios. ✓ em 1997, Rio + 5 (Rio de Janeiro). Em dezembro deste ano, na Convenção das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, 32 países se comprometeram, ao assinarem o Protocolo, a reduzir a emissão de gases-estufa no planeta (Kyoto, Japão). ✓ em 1999, a Política Nacional de Educação Ambiental foi aprovada por Lei. Nessa mesma década, foi criado o Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS).

Fonte: Elaborado pela autora, baseada em Maria de Assunção Ribeiro Franco (2000, p. 49, 50, 52,113, 127, 129, 131 e 147); João Antônio de Paula e Roberto L.M.Monte-Mór (2000, p. 77); Dora Abreu (2001, p. 42, 58 e 68); Miguel Kozma (1994, p. 261); Philippe Le Prestre (2000, p. 117).

APÊNDICE C - Impactos do Turismo no Meio Ambiente.

- poluição do ar, proveniente da combustão de petróleo, querosene.
- ruídos que provocam problemas de saúde (dores de cabeça, menor resistência a doenças, devido aos sobressaltos durante o sono).
- mudança na paisagem, com construção de aeroportos, estradas, alojamentos, pontes.
- aumento do consumo de água e energia, com iluminação, cozinha, ar condicionado.
- inicia o processo de especulação imobiliária que, ao valorizar novas áreas, faz com que suas características ambientais se tornem completamente secundárias.
- aterro de mangues, lagunas e pântanos, que se constituem em saídas para o controle de inundações e são também elementos básicos para as indústrias locais de pesca.
- eliminação de áreas de florestas originais; ocupação de dunas e construção sobre altas declividades.
- determinados equipamentos, tais como embarcações movidas a combustível (lanchas, *jet-skis* e outros) podem causar o afugentamento de espécies marinhas, através do intenso barulho e movimento das águas, afastando pequenos cardumes, mudando a cadeia alimentar, além (...) da possibilidade de vazamento de óleo e gasolina na água.
- atividades predatórias dos banhistas ao recolher elementos que compõem a paisagem costeira, como coleta de mariscos do rochedo, conchas, estrelas-do-mar, algas, siris e outros.
- desequilíbrio da flora e fauna.
- ruptura dos hábitos de alimentação.
- interferência nos modelos migratórios.
- morte freqüente de animais através da caça. Esta é permitida em muitos parques nacionais, como parte da experiência turística.
- entre 40% e 50% dos desperdícios de um hotel são matéria orgânica.
- origina processos erosivos de difícil contenção, determinando a degradação do solo e sua exposição às intempéries cada vez maior.
- dificuldade em solucionar os problemas de saneamento básico. (...) Os despejos de fossas e esgotos acabam contaminando as praias, comprometendo a balneabilidade de suas águas.
- alteração da harmonia de costões marinhos, provocada por grupos de mergulhadores com finalidade de pesca ou não.
- construção de pieres e instalação de iluminação de praias atrapalham a rotina dos cardumes, que se utilizam das águas mais rasas.
- o acúmulo de lixo causa empobrecimento cênico das praias, risco de contaminação por doenças de pele e outras enfermidades, queda do balanço ecológico, causando alterações na vida dos microorganismos e da microfauna da areia, atraindo a presença de animais nocivos, aves e insetos, além de outros transmissores de moléstias, aparecimento de doenças de transmissão hídrica causadas por bactérias, vírus, protozoários e helmintos.
- os guias que capturaram crocodilos e bicho-preguiça para turistas fotografarem, mães onças que mataram filhotes para não serem importunados pelos turistas. Indústria de ecoturismo sub-regulamentada. Regularmente ocorrem molestações de animais no Parque Nacional Point Pelee em Ontário, no Canadá, quando milhares de observadores de pássaros convergem ao local durante a migração de primavera das aves. Apesar dos avisos expostos, os turistas continuam a se aventurar para fora dos caminhos determinados para identificar e fotografar as espécies.

Fonte: Elaborado pela autora, baseada em H.Boers e M. Bosch (1995); Rita Mendonça (1996, p. 22); Carmen Lúcia Vergueiro Midaglia (1996, p. 38 e 39); David A. Fennell (2002, p. 11 e 24).

APÊNDICE D - Pesquisas Realizadas pelo SEBRAE/BA, IH e SENAC sobre Oferta e Demanda Profissional no Setor de Turismo no Brasil e na Bahia, em 1996.

*o recrutamento de pessoal para as empresas de turismo é feito por recomendação das firmas dos empregadores. Praticamente dois terços da mão-de-obra empregada nas agências e nos meios de hospedagem são recrutados dessa forma, implicando uma alta rotatividade de pessoal no setor e pouca lealdade à empresa em que trabalham. É baixo o recrutamento diretamente de instituições acadêmicas;	*carência de mão-de-obra treinada, particularmente no nível médio. Apenas dois terços dos empregados de hotéis têm nível médio. Os outros têm curso técnico, feitos em centros técnicos e escolas de treinamento. Poucos têm nível universitário; *falta de comunicação, contato e colaboração entre a indústria turística e as instituições de treinamento e de formação para que os serviços sejam melhorados.
*pouca ou quase nenhuma oferta de cursos especializados na área. No caso das agências, cursos para emissores de bilhetes de passagens, em assuntos, como: construção de itinerários, custos, estabelecimento de preços, mercados internacionais. Para os hotéis, cursos de recepcionista, *guest relation*, camareira. No setor de restaurantes – cozinheiros, chefes, gerentes e supervisores. No setor público, cursos de ecoturismo;	*baixo padrão de qualidade dos serviços da indústria turística; *carência de mão-de-obra especializada e competente para os cargos de gerência dos hotéis e restaurantes. Habitualmente contratam-se profissionais com formação, mas, comumente, recebem treinamento da empresa;
*falta de destreza, habilidades e qualificação de pessoas para ocupar cargos, sendo essa o maior impedimento para recrutamento de empregados;	*necessidade de treinamento especializado para os empregados nos diversos níveis sugerem hotéis-escola e condições de melhoria das habilidades em ambientes simulados, treinamento por demonstração.

Fonte: Elaborado pela autora, baseada em resultado da pesquisa realizada pela International Tourism Consulting, Sebrae/Ba e Sociedade Tecnopolitana da Bahia, em hotéis, restaurantes, agências de viagens, operadoras, *shoppings* e o setor público, publicada nos Anais do I Encontro de Turismo Brasil/Grã-Bretanha. Salvador, nov./1997, p. 113-123.

APÊNDICE E - Oferta de Capacitação Profissional no Setor de Turismo no Brasil e de Demanda por Capacitação Profissional no Setor de Turismo na Bahia, em 1999.

PROFISSIONAIS E PROFISSÕES DEMANDADAS E OFERTADAS			
DEMANDA		**OFERTA**	
Profissionais mais empregados	%	**Profissionais colocados no mercado de trabalho**	%
Pessoal operacional	63	Empreendedores	86
Administrativo	8	Gerentes, supervisores, chefes	57
Gerentes e supervisores	7	Técnicos, especialistas	43
Manutenção	6	Pessoal operacional	29
Técnicos/especialistas	5	Pessoal de manutenção	14
Profissões com mais dificuldades de contratação		**Segmentos que mais absorvem os egressos**	
Restaurantes: cozinheiros e garçons e, secundariamente, gerentes, *maîtres*, chefes de cozinha e caixas		Hotelaria	
Hotéis: pessoal de recepção, cozinheiros e camareiras, pessoal de gerência e governança		Ensino	
		Órgãos oficiais	
		Consultorias	
		Transporte aéreo e rodoviário	
		Marinas	
		Agências de viagem	

Fonte: Elaborado pela autora, baseada em pesquisa realizada pelo IH, com apoio do Fundo Multilateral de Investimentos (FUMIN) e do Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas (SEBRAE), em 178 instituições de ensino na área de turismo, atuando nos níveis médio, pós-médio, técnico/profissionalizante, graduação, pós-graduação e cursos livres; em 424 empresas, nos segmentos de hotéis e pousadas, restaurantes e agências de viagem em todas as zonas turísticas do Estado, de todos os portes.

APÊNDICE F - Diagnóstico da Demanda por Educação Profissional para as Áreas de Turismo e Hotelaria na Bahia, em 1999.

ITENS	AGÊNCIAS	ALIMENTAÇÃO E BEBIDA	MEIOS DE HOSPEDAGEM	PARQUES
Local da Capacitação	%			
Associações de Classe	37,96	1,00	0,62	-
Empresas prestadoras de serviços	26,85	1,00	4,97	-
No próprio trabalho	-	37,81	36,02	35,00
Em outras instituições de formação profissional	9,26	13,93	15,53	35,00
No SENAC	2,78	6,47	6,83	
Não capacita	9,26	39,30	33,54	35,00
Desconhecem cursos do SENAC	76,00	69,65	64,60	100,00

Fonte: Elaborado pela autora, baseada em pesquisa realizada pelo SENAC/BA, em segmentos de agências de viagens, meios de hospedagem, alimentação e bebidas e parques de diversões e temáticos de Salvador e Porto Seguro.

APÊNDICE G - Programações do SENAC de Interesse do Empresariado da Bahia.

AGÊNCIAS	%	ALIMENTAÇÃO E BEBIDA	%	MEIOS DE HOSPEDAGEM	%	PARQUES	%
Marketing aplicado ao turismo	86,11	Administrador de restaurantes	69,15	Recepcionista	80,12	Atendimento ao público	83,33
Qualidade em prestação de serviços	76,85	Garçom	58,71	Camareira	78,26	Planejamento e organização de eventos	50,00
Elaboração de roteiros turísticos	67,59	Cozinheiro	55,72	Idiomas	67,57	Qualidade na prestação de serviços turísticos	50,00
Promotor de vendas	66,67	Compras e estocagem de alimentos	50,75	Gerência de hotel	54,66	Recepção em eventos	50,00
Roteiros turísticos alternativos	59,26	Gerente de bar e restaurante	43,78	Especialista em administração e manutenção de hotéis	47,83	Técnicas de criatividade em eventos	50,00
Emissor de bilhetes internacionais	56,48	Drinques e coquetéis	43,28	Chefia e liderança para a área de	47,20	Técnicas de recreação	50,00

				hotelaria			
Agentes de viagens	51,85	*Barman*	42,79	Administrador de pequenos hotéis e pousadas	44,10	Animação turística	33,33
Emissor de bilhetes nacionais	45,37	Chefe de cozinha	39,30	Cozinheiro	42,24	Agente de informações turísticas	33,33
Operador de turismo nacional	37,96	Técnicas de congelamento e uso de microondas	33,33	Governanta	42,24	Idiomas	16,67
Idiomas	37,50	Planejador e organizador de bufê	28,86	Administrador de compras e estocagem	40,37	Informática	16,67
Guia de turismo para a terceira idade	37,04	Especialista em cozinha regional	27,36	Garçom	32,92	Abordagem para vendas (caixa) em nível de 2º grau	16,67
Recepcionista de agências de turismo	36,11	Alimentação alternativa	26,37	Drinques e coquetéis	31,06	Preparação de pratos frios	16,67
Guia de turismo regional	35,19	Atendente de lanchonete	26,37	Administrador de departamento de hospedagem	30,43	Preparação de salgados	16,67
Gerenciamento financeiro de agência	6,25	Culinária típica	23,88	Administrador de governança	30,43	Reciclagem de garçonete	16,67
Administração de agência	3,13	*Maítre*	23,38	Porteiro	29,81	Telefonista	16,67
Administração hoteleira	3,13	Atendimento ao público/cliente	21,62	Especialista em controladoria para hotéis	27,95	Outras	50,00

Fonte: Elaborado pela autora, baseada em pesquisa realizada pelo SENAC/BA, em segmentos de agência de viagens, meios de hospedagem, alimentação e bebidas e parques de diversões e temáticos de Salvador e Porto Seguro.

APÊNDICE H - Questionário do Diretor

Senhor(a) Diretor(a),

Este questionário está sendo aplicado com o objetivo de coletar informações para a pesquisa sobre Educação Superior em Turismo. Mais especificamente, são feitas perguntas sobre a instituição de ensino em que você é diretor(a). A sua participação é de grande importância para a construção do conhecimento sobre o assunto. Antecipo, desde já, meus agradecimentos, estando certa de que poderei contar com a sua colaboração.

Atenciosamente,

Francisca de Paula Santos da Silva
Doutoranda em Educação pela UFBA/FACED

Perguntas para o(a) Diretor(a) da Instituição

Para responder a cada um dos itens abaixo, faça um "X" na opção que mais se aproximar da sua opinião.

A instituição de ensino em que você é diretor(a):

1. discute suas políticas com a comunidade acadêmica interna.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

2. é ágil na comunicação intra-organizacional.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

3. é rápida na resolução de problemas.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

4. toma decisões baseadas no consenso coletivo.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

5. cria mecanismos de diálogo com a comunidade.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

6. tem um clima organizacional favorável ao equilíbrio dinâmico nas relações entre as pessoas.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

7. oferece educação numa perspectiva planetária.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

8. tem propostas para questões ambientais.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

9. tem propostas para questões sociais.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

10. desenvolve ações fundamentadas na ética.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

11. atua com responsabilidade social.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

12. desenvolve projetos com a comunidade.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

13. organiza eventos para discutir assuntos, como gênero, raça, desigualdade, violência, água, poluição, doença, entre outros.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

14. recicla o lixo.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

15. preserva o meio ambiente.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

16. conhece aspectos da vida pessoal dos alunos, como família, renda e outros.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

17. tem conhecimento do projeto de vida pessoal dos alunos.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

18. considera as expectativas dos alunos em relação ao curso.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

Comentários:

APÊNDICE I - Questionário do Coordenador

Senhor (a) Coordenador(a),

Este questionário está sendo aplicado com o objetivo de coletar informações para a pesquisa sobre Educação Superior em Turismo. Mais especificamente, são feitas perguntas sobre a instituição de ensino em que você é coordenador(a) do curso de graduação. A sua participação é de grande importância para a construção do conhecimento sobre o assunto. Antecipo, desde já, meus agradecimentos, estando certa de que poderei contar com a sua colaboração.

Atenciosamente,

Francisca de Paula Santos da Silva
Doutoranda em Educação pela UFBA/FACED

Perguntas para o(a) Coordenador(a) da Instituição

Para responder a cada um dos itens abaixo, faça um “X” na opção que mais se aproximar da sua opinião.

A instituição de ensino em que você é coordenador(a) do curso de graduação em turismo:

1. discute suas políticas com a comunidade acadêmica interna.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

2. é ágil na comunicação intra-organizacional.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

3. é rápida na resolução de problemas.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

4. toma decisões baseadas no consenso coletivo.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

5. cria mecanismos de diálogo com a comunidade.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

6. tem um clima organizacional favorável ao equilíbrio dinâmico nas relações entre as pessoas.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

7. oferece educação numa perspectiva planetária.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

8. tem propostas para questões ambientais.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

9. tem propostas para questões sociais.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

10. desenvolve ações fundamentadas na ética.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

11. atua com responsabilidade social.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

12. desenvolve projetos com a comunidade.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

13. organiza eventos para discutir assuntos como, gênero, raça, desigualdade, violência, água, poluição, doença, entre outros.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

14. recicla o lixo.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

15. preserva o meio ambiente.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

16. conhece aspectos da vida pessoal dos alunos como família, renda e outros.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

17. tem conhecimento do projeto de vida pessoal dos alunos.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

18. considera as expectativas dos alunos em relação ao curso.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

19. promove reuniões com os docentes para fazer o acompanhamento didático-pedagógico.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

20. oferece condições para a realização de aulas práticas.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

21. oferece condições para a realização de visitas técnicas.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

22. oferece condições para a realização de viagens de estudo.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

23. oferece condições para a realização de pesquisa.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

24. oferece condições para a realização de trabalhos interdisciplinares.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

25. oferece condições para que os docentes participem de eventos.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

26. forma alunos para ser empreendedores.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

Comentários:

APÊNDICE J - Questionário do Docente

Senhor(a) Professor(a),

Este questionário está sendo aplicado com o objetivo de coletar informações para a pesquisa sobre Educação Superior em Turismo. Mais especificamente, são feitas perguntas sobre a instituição de ensino em que você é docente do curso de graduação em turismo. A sua participação é de grande importância para a construção do conhecimento sobre o assunto. Antecipo, desde já, meus agradecimentos, estando certa de que poderei contar com a sua colaboração.

Atenciosamente,

Francisca de Paula Santos da Silva
Doutoranda em Educação pela UFBA/FACED

Perguntas para o(a) Docente da Instituição

Para responder a cada um dos itens abaixo, faça um “X” na opção que mais se aproximar da sua opinião.

A instituição de ensino em que você é docente do curso de graduação em turismo:

1. discute suas políticas com a comunidade acadêmica interna.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

2. é ágil na comunicação intra-organizacional.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

3. é rápida na resolução de problemas.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

4. toma decisões baseadas no consenso coletivo.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

5. cria mecanismos de diálogo com a comunidade.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

6. tem um clima organizacional favorável ao equilíbrio dinâmico nas relações entre as pessoas.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

7. oferece educação numa perspectiva planetária.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

8. tem propostas para questões ambientais.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

9. tem propostas para questões sociais.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

10. desenvolve ações fundamentadas na ética.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

11. atua com responsabilidade social.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

12. desenvolve projetos com a comunidade.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

13. organiza eventos para discutir assuntos, como gênero, raça, desigualdade, violência, água, poluição, doença, entre outros.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

14. recicla o lixo.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

15. preserva o meio ambiente.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

16. conhece aspectos da vida pessoal dos alunos, como família, renda e outros.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

17. tem conhecimento do projeto de vida pessoal dos alunos.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

18. considera as expectativas dos alunos em relação ao curso.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

19. promove reuniões com os docentes para fazer o acompanhamento didático-pedagógico.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

20. oferece condições para a realização de aulas práticas.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

21. oferece condições para a realização de visitas técnicas.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

22. oferece condições para a realização de viagens de estudo.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

23. oferece condições para a realização de pesquisa.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

24. oferece condições para a realização de trabalhos interdisciplinares.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

25. oferece condições para que os docentes participem de eventos.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

26. forma alunos para ser empreendedores.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

Comentários:

APÊNDICE K - Questionário do Egresso

Companheiro(a) bacharel(a) em Turismo,

Este questionário está sendo aplicado com o objetivo de coletar informações para a pesquisa sobre Educação Superior em Turismo. Mais especificamente, são feitas perguntas sobre a instituição de ensino em que você se formou. A sua participação é de grande importância para a construção do conhecimento sobre o assunto. Antecipo, desde já, meus agradecimentos, estando certa de que poderei contar com a sua colaboração.

Atenciosamente,

Francisca de Paula Santos da Silva
Doutoranda em Educação pela UFBA/FACED

Perguntas para o(a) Egresso(a) do Curso de Graduação em Turismo

Para responder a cada um dos itens abaixo, faça um “X” na opção que mais se aproximar da sua opinião.

A instituição de ensino em que você se formou:

1. discutia suas políticas com a comunidade acadêmica interna.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

2. era ágil na comunicação intra-organizacional.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

3. era rápida na resolução de problemas.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

4. tomava decisões baseadas no consenso coletivo.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

5. criava mecanismos de diálogo com a comunidade.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

6. tinha um clima organizacional favorável ao equilíbrio dinâmico nas relações entre as pessoas.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

7. oferecia educação numa perspectiva planetária.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

8. tinha propostas para questões ambientais.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

9. tinha propostas para questões sociais.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

10. desenvolvia ações fundamentadas na ética.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

11. atuava com responsabilidade social.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

12. desenvolvia projetos com a comunidade.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

13. organizava eventos para discutir assuntos como gênero, raça, desigualdade, violência, água, poluição, doença, entre outros.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

14. reciclava o lixo.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

15. preservava o meio ambiente.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

16. conhecia aspectos da sua vida pessoal, como família, renda e outros.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

17. tinha conhecimento do seu projeto de vida pessoal.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

18. considerava as suas expectativas em relação ao curso.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

19. promovia reuniões com os coordenadores, docentes e alunos para fazer o acompanhamento didático-pedagógico.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

20. oferecia condições para a realização de aulas práticas.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

21. oferecia condições para a realização de visitas técnicas.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

22. oferecia condições para a realização de viagens de estudo.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

23. oferecia condições para a realização de pesquisa.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

24. oferecia condições para a realização de trabalhos interdisciplinares.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

25. oferecia condições para que os alunos participassem de eventos.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

26. formava alunos para ser empreendedores.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

27. possibilitava ao aluno ter uma visão holística.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

28. formava cidadãos ativos.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

29. preparava o aluno para saber fazer planos turísticos sustentáveis.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

30. tinha convênio para estágio supervisionado com empresas de todos os segmentos do setor turístico.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

31. considerava como estágio supervisionado, a atuação do aluno em projetos com a comunidade.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

32. considerava como estágio supervisionado a atuação do aluno como monitor.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

33. considerava como estágio supervisionado a atuação do aluno em projetos experimentais.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

34. considerava como estágio supervisionado a atuação do aluno em projetos da Empresa Júnior.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

35. considerava como estágio supervisionado a atuação do aluno em projetos da incubadora.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

36. disponibilizava professores qualificados.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

37. oferecia carga horária equilibrada entre aulas teóricas e práticas.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

38. possuía como critério de avaliação a auto-avaliação do aluno.
( ) nunca ( ) raramente ( ) regularmente ( ) sempre

Comentários:

APÊNDICE L - Dados da IES que Oferece Curso de Graduação em Turismo.

Instituição:

Categoria:
( ) Universidade ( ) Centro Universitário ( ) Faculdades Integradas ( ) Faculdade
( ) Instituto Superior ( ) Escola Superior

Curso de graduação em:
( ) turismo. Ênfase
( ) turismo e hotelaria ( ) administração hotelaria ( ) administração com habilitação em hotelaria

Curso autorizado em:

Reconhecido em:

Número de turmas que formou:

Quantidade de egressos:

Turno das aulas: ( ) matutino ( ) vespertino ( ) noturno

Número total de alunos por turma: ( ) 1 a 30 ( ) 31 a 45 ( ) 46 a 60

Missão do curso:

Perfil pretendido do egresso do curso de graduação em turismo:

Objetivos do curso de turismo:

Quantidade de professores no curso de turismo:

Quantidade de professores no curso de turismo com:
Especialização:.....Mestrado:.....Doutorado:.....Pós-doutorado:.....Livre Docência:.....

Professores com:
( ) até 20 horas ( ) entre 21-39 horas ( ) 40 horas ( ) Dedicação Exclusiva

Quantidade de projetos de pesquisa do curso de turismo:

Títulos dos projetos de pesquisa:

Os Projetos de Pesquisa são:
( ) interdisciplinares ( ) multidisciplinares ( ) inter-institucionais.Quais? ( ) com empresas do *trade*.Quais?

Itens	Possui	Completo	Adequado	Não-Adequado	Motivos para adequação e/ou não-adequação à sustentabilidade
Política de estágio supervisionado.					
Trabalho de conclusão de curso.					
Avaliação institucional.					
Avaliação pedagógica.					
Metodologias do ensino-aprendizagem.					
Avaliação do processo do ensino-aprendizagem.					
Política de integração do ensino, pesquisa e extensão.					
Política de envolvimento com a comunidade.					
Política de aperfeiçoamento do corpo docente.					
Política para monitoria.					
Política para estudos independentes.					
Empresa Júnior.					
Incubadoras.					
Laboratórios de:					
Informática					
Multimeios					
Idiomas					
Alimentos					
Bebidas					
Eventos					
Hospedagem					
Governança					
Recepção					
Agenciamento					
Recreação					
Plano de Expansão.					

CURRÍCULO: observando-se carga horária, disciplinas e palavras, como sustentabilidade (SUS), ecoturismo (ECO), meio ambiente (MAB), educação ambiental (EA), estudos de impactos (ESTIMP).

Disciplinas/Semestre	**1º**	**2º**	**3º**	**4º**	**5º**	**6º**	**7º**	**8º**
Básicas								
Profissionalizantes								
Complementares								
Optativas								

CORPO DOCENTE DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM TURISMO

Docentes	Disciplina(s)	Perfil (a partir de projetos, viagens, participação em movimentos e outros)	Experiência com Sustentabilidade	
			Acadêmica	Profissional

PLANOS DE ENSINO: observando-se enfoque em sustentabilidade, através de palavras, como sustentabilidade (SUS), ecoturismo (ECO), meio ambiente (MAB), desempenho sustentável (DSUS), ecossistemas (ECOSIS), capacidade de carga (CAPAC), comunidade (COM), integração (INT), impactos ambientais (IMPAMB), participação (PARTIC), economia solidária (ECOSOL), organizações da sociedade civil (ORGS), gênero (GEN), raça (RA), desigualdades (DESIG), educação ambiental (EA), conservação(CON), preservação (PRE), áreas naturais (ARN), desenvolvimento sustentável (DSUS), regionalização (REG), cultura (CULT), reciclagem (REC), reutilização (REU), cidadania (CID), ética (ÉTI), questão ambiental (QUESTAMB), ecologia (ECOL), recursos naturais (RECNAT), gestão de recursos (GESTREC), ambiente físico/natural (AMBNAT), desenvolvimento físico/natural (DESNAT), desenvolvimento do turismo sustentável (DTURSUS).

Disciplina	**Ementa**	**Objetivos**	**Conteúdo**	**Metodologia**	**Avaliação**	**Bibliografia**

PROJETO PEDAGÓGICO

A IES oferece quais Curso de:
( ) Extensão ( ) Especialização ( ) Mestrado ( ) Doutorado

A IES oferece: ( ) Bolsa de Iniciação Científica ( ) Crédito Educativo ( ) Bolsas de Estudo
( ) Cotas de Vagas para Negros ( ) Monitoria ( ) Estudos Independentes ( ) Outros

A IES tem que publicações:
( ) Revista Científica
( ) Boletim
( ) Jornal
( ) Periódico

A IES POSSUI CONVÊNIOS (CV). PARCERIAS (P). COOPERAÇÃO (CO). COLABORAÇÃO (CL). FAZ PARTE DE ASSOCIAÇÃO (AS). MANTENEDORA (MT). MEMBRO (MM):

I. ENTIDADES INTERNACIONAIS.

( ) University Leaders for a Sustainable Future (ULSF) ( ) Higher Education Network for Sustainability and the Environment (HENSE) ( ) Learning for a Sustainable Future (LSF) ( ) World Travel and Tourism Council (WTTC) ( ) World Tourism Education and Research Centre (WTERC) ( ) UNESCO ( ) Framework for the Collection and Publication of Tourist Statistics ( ) Divisão de Censo dos EUA e Centro de Dados sobre Viagens dos EUA ( ) Comissão de Estatística da ONU ( ) Sistema de Contas Nacionais da ONU ( ) World Travel Organization (WTO) ( ) Eco-Tourism Society ( ) Green Peace ( ) Business Enterprises for Sustainable Tourism (BEST)	( ) Association Internationale d'Experts Scientifiques du Tourisme (AIEST) ( ) International Academy for the Study of Tourism ( ) International Academy for Hospitality Research ( ) European Institute for Tourism Studies (EITS) ( ) Travel and Tourism Research Association (TTRA) ( ) International Academy for the Study of Tourism (IAST) ( ) Associación Mundial para la Formación Profesional Turística (AMFORT) ( ) Centro Internacional de Formação e de Pesquisa em Turismo (CIFORT) ( ) Internacional Sociological Association (ISA) ( ) International Geographical Union (IGU) ( ) Internacional Association for Mass Communication Research (IAMCR) ( ) Organization for Economic Cooperation and Development (OECD) ( ) Pacific Asia Travel Association (PATA)

II. ENTIDADES NACIONAIS.

( ) SINGTUR ( ) ABAV ( ) ABIH ( ) ABRASEL ( ) ABEOC ( ) UBRAFE ( ) ABLA	( ) ABBTUR ( ) ABEMTRO ( ) SINDETUR ( ) ABDETH ( ) FENEHTUR ( ) EMBRATUR ( ) ABED	( ) IBAMA ( ) CRA ( ) IBGE ( ) SENAI ( ) SEBRAE ( ) SESI ( ) SESC ( ) SENAC	( ) Ministério do Meio Ambiente ( ) Ministério da Educação ( ) Universidade da Mata Atlântica ( ) Universidade de São Paulo (USP) ( ) Partido Verde

III. ENTIDADES REGIONAIS, ESTADUAIS E LOCAIS.

( ) Instituto de Hospitalidade ( ) Convention Bureau ( ) Qualitur ( ) ABRE ( ) BAHIATURSA ( ) EMTURSA ( ) Secretaria de Cultura e Turismo ( ) Fundação Luís Eduardo Magalhães (FLEM) ( ) Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos	( ) Secretaria de Infra-estrutura ( ) FIEB ( ) FAPESB ( ) Centro de Estudos em Gestão Pública (CEGESP) ( ) Grupo de Recursos Hídricos da Escola Politécnica/UFBA ( ) UFBA ( ) UNEB ( ) UCSal ( ) UNIFACS ( ) IRDEB	( ) Germen ( ) Gamba ( ) Pangea ( ) Terra Mirim ( ) Associação dos Amigos do Conde ( ) Brasil Verde ( ) Instituto Brasil ( ) Idea ( ) Insades ( ) Ecobusca ( ) Jogue Limpo ( ) Gas ( ) Winrock Brasil

A IES já recebeu prêmios:

A IES tem certificações:

A IES TEM ASSINATURA:

I. REVISTAS/PERIÓDICOS/BOLETINS/JOURNALS/JORNAIS INTERNACIONAIS SOBRE EDUCAÇÃO, SUSTENTABILIDADE, MEIO AMBIENTE, NATUREZA, HOLISMO, SOCIOLOGIA RURAL, TURISMO, GESTÃO, ESTATÍSTICA.

( ) International Journal of Sustainability in Higher Education (IJSHE) ( ) Green Teacher ( ) Environmental Education Research ( ) Rural Sociology ( ) México Journal ( ) Holistic Education Review ( )International Journal of Hospitality Management ( ) Revue de Tourisme ( ) Journal of International Business Studies ( ) Estúdios Turísticos ( ) International Journal of Tourism Management ( ) The Futurist ( ) International Journal of Contemporary Hospitality Management ( ) Turismo Y Sociedad ( ) Hospitality Research Journal ( ) Aportes y transferencias ( ) Revista Universitaria de Turismo Y Administración (RUTA) ( ) Estúdios y Perspectivas en Turismo ( ) Revista Latinoamericana de Turismo ( ) Bureau of Tourism Research (BTR) ( ) Teóros International ( ) Annals of Tourism Research ( ) Proceedings ( ) World Travel and Tourism Review ( ) Cahiers du Tourisme ( ) Journal of Tourism Studies	( ) Leisure Sciences ( ) Choice Magazine ( ) Race, Poverty and the Environment ( ) Canadian Journal of Environmental Education ( ) Journal of Environmental Education ( ) Journal of Environmental Management ( ) Natural Areas Journal ( ) Australian Journal of Environmental Education ( ) The Journal of Experiential Education ( ) Ontario Journal of Outdoor Education ( ) Journal of Further and Higher Education ( ) Journal of Vacation Marketing ( ) Jounal of Consumer Research ( ) Journal of Marketing Research ( ) Strategic Mangement Journal ( ) Journal of Hospitality Education ( ) Future Survey ( ) Travel & Tourism Research Report ( ) Sloan Management Review ( ) Harvard Business Review ( ) Yearbook of Tourism Statistics ( ) Travel and Tourism Barometer ( ) Journal of Travel Research ( ) Tourism Management ( ) Journal of Sustainable Tourism ( ) Journal of Hospitality & Tourism Research ( ) International Journal of Tourism Research ( ) The Compendium of Tourism Statistics

II.REVISTAS/PERIÓDICOS/BOLETINS/JOURNALS/JORNAIS NACIONAIS SOBRE EDUCAÇÃO, SUSTENTABILIDADE, MEIO AMBIENTE, NATUREZA, HOLISMO, SOCIOLOGIA RURAL, TURISMO, GESTÃO.

( ) Revista Turismo & Desenvolvimento ( ) Periódico Videre Futura ( )Boletim Turismo e Administração Hoteleira ( ) Revista Turismo, Visão e Ação ( ) Revista Turismo, Tendências & Debates ( ) Revista Turismo em Análise	( ) Percurso: Curitiba em Turismo ( ) Análise e Dados ( ) Boletim de Estudos em Hotelaria e Turismo ( ) Revista ComTextos Turísticos ( ) Cardernos UniABC de Hotelaria ( )Turismo e Meio Ambiente ( ) Comunicart

INFRA-ESTRUTURA DA IES: observando-se material ecológico usado na construção, móveis feitos com material reciclado, sensores para lâmpadas, para aparelhos de ar condicionado, para torneiras, iluminação natural, reutilização de papel, ventilação natural, aquecimento d'água por energia solar, uso de acessórios reutilizáveis, como copo, pratos,uso de escadas para circulação, uso de rampas para acesso de pessoas, mercadorias, espaços naturais, como jardins, lagos e outros, vasilhames para coleta seletiva de lixo, transporte coletivo próprio e outros.

ESPAÇOS	QUANTIDADE	ÁREA (m^2)	ILUMINAÇÃO	VENTILAÇÃO	CONDIÇÕES	
					SATISFATÓRIA	NÃO-SATISFATÓRIA
SALAS						
direção geral						
direção administrativa						
direção financeira						
direção acadêmica						
coordenação do curso						
coordenação de extensão						
coordenação de pesquisa						
professores						
secretaria						
tesouraria						
recepção						
orientação de estágio						
orientação de trabalho de conclusão de curso						
orientação de monografia						
orientação de projetos						
atendimento ao aluno						
reunião						
multimeios						
aula						
centro acadêmico						
empresa júnior						
incubadora						
reprodução, cópias, encadernação, plastificação						
livraria						
loja, butique						
cantina						
auditório						
apoio						
BIBLIOTECA						
recepção						
sala da direção						
espaço do acervo						
cabine individual						
cabine coletiva						
videoteca						
catalogação						

LABORATÓRIOS						
informática						
multimeios						
idiomas						
alimentos						
bebidas						
eventos						
hospedagem						
governança						
recepção						
agenciamento						
recreação						
BANHEIROS E SANITÁRIOS						
torneiras						
descargas						
chuveiros						
ÁREA DE CONVIVÊNCIA						
pátio						
praça						
jardim						
salão de jogos						
espaço cultural						
quadra de vôlei e basquete						
campo de futebol						
piscina						
salão de dança, capoeira						

EQUIPAMENTOS	QUANTIDADE	DISTRIBUIÇÃO NOS ESPAÇOS	CONDIÇÕES	
			FUNCIONA	NÃO FUNCIONA
computador				
impressora				
aparelho de televisão				
aparelho de vídeo				
aparelho de fax				
retroprojetor				
telão				
projetor de eslaide				
aparelho de som				
aparelho de dvd				
data show				
máquina fotográfica				
filmadora				

ACESSO	**SATISFATÓRIO**	**NÃO-SATISFATÓRIO**
elevador		
escadas		
rampas		
ESTACIONAMENTO		
ACERVO		
livros		
revista		
periódicos		
dicionários		
fitas de vídeo		
fitas de dvd		
cd rom		
simulador		

APÊNDICE M - Tabulação dos Questionários do Diretor da Instituição “W”.

A instituição de ensino em que você é diretor(a):	W-D
1. discute suas políticas com a comunidade acadêmica interna.	RA
2. é ágil na comunicação intra-organizacional	RA
3. é rápida na resolução de problemas.	N
4. toma decisões baseadas no consenso coletivo.	N
5. cria mecanismos de diálogo com a comunidade.	RA
6. tem um clima organizacional favorável ao equilíbrio dinâmico nas relações entre as pessoas.	N
7. oferece educação numa perspectiva planetária.	RA
8. tem propostas para questões ambientais.	N
9. tem propostas para questões sociais.	RA
10. desenvolve ações fundamentadas na ética.	RA
11. atua com responsabilidade social.	RE
12. desenvolve projetos com a comunidade.	N
13. organiza eventos para discutir assuntos como, gênero, raça, desigualdade, violência, água, poluição, doença, entre outros.	RA
14. recicla o lixo.	N
15. preserva o meio ambiente.	N
16. conhece aspectos da vida pessoal dos alunos, como família, renda e outros.	RA
17. tem conhecimento do projeto de vida pessoal dos alunos.	N
18. considera as expectativas dos alunos em relação ao curso.	RE

APÊNDICE N - Tabulação dos Questionários do Coordenador da Instituição "W".

A instituição de ensino em que você é coordenador(a) do curso de graduação em turismo:	W-C
1. discute suas políticas com a comunidade acadêmica interna.	RE
2. é ágil na comunicação intra-organizacional.	RE
3. é rápida na resolução de problemas.	RA
4. toma decisões baseadas no consenso coletivo.	RE
5. cria mecanismos de diálogo com a comunidade.	RE
6. tem um clima organizacional favorável ao equilíbrio dinâmico nas relações entre as pessoas.	RA
7. oferece educação numa perspectiva planetária.	S
8. tem propostas para questões ambientais.	S
9. tem propostas para questões sociais.	S
10. desenvolve ações fundamentadas na ética.	S
11. atua com responsabilidade social.	S
12. desenvolve projetos com a comunidade.	RE
13. organiza eventos para discutir assuntos, como gênero, raça, desigualdade, violência, água, poluição, doença, entre outros.	S
14. recicla o lixo.	N
15. preserva o meio ambiente.	RE
16. conhece aspectos da vida pessoal dos alunos como, família, renda e outros.	S
17. tem conhecimento do projeto de vida pessoal dos alunos.	S
18. considera as expectativas dos alunos em relação ao curso.	S
19. promove reuniões com os docentes para fazer o acompanhamento didático-pedagógico.	S
20. oferece condições para a realização de aulas práticas.	S
21. oferece condições para a realização de visitas técnicas.	S
22. oferece condições para a realização de viagens de estudo.	RA
23. oferece condições para a realização de pesquisa.	RA
24. oferece condições para a realização de trabalhos interdisciplinares.	S
25. oferece condições para que os docentes participem de eventos.	RE
26. forma alunos para ser empreendedores.	RE

APÊNDICE O - Tabulação dos Questionários dos Professores da Instituição “W”.

A instituição de ensino em que você é professor do curso de graduação em turismo:	W-P1	W-P2	W-P3	W-P4	W-P5
1. discute suas políticas com a comunidade acadêmica interna.	RE	RE	RA	RA	S
2. é ágil na comunicação intra-organizacional.	S	RA	RE	RE	RE
3. é rápida na resolução de problemas.	RE	RE	RE	RE	RA
4. toma decisões baseadas no consenso coletivo.	RE	RE	RA	RA	RA
5. cria mecanismos de diálogo com a comunidade.	RE	RE	RA	RE	RE
6. tem um clima organizacional favorável ao equilíbrio dinâmico nas relações entre as pessoas.	S	RE	RE	RE	RE
7. oferece educação numa perspectiva planetária.	S	RA	RE	RE	S
8. tem propostas para questões ambientais.	RE	S	RE	S	RE
9. tem propostas para questões sociais.	RE	RE	RE	S	RE
10. desenvolve ações fundamentadas na ética.	S	RE	RE	RE	RA
11. atua com responsabilidade social.	S	RE	RE	RE	RA
12. desenvolve projetos com a comunidade.	RE	N	RA	RA	RA
13. organiza eventos para discutir assuntos, como gênero, raça, desigualdade, violência, água, poluição, doença, entre outros.	S	S	RE	RE	RE
14. recicla o lixo.		N	RE	RA	N
15. preserva o meio ambiente.		RE		RA	RA
16. conhece aspectos da vida pessoal dos alunos, como família, renda e outros.		RA	RE	RA	N
17. tem conhecimento do projeto de vida pessoal dos alunos.		RE	RE	RA	N
18. considera as expectativas dos alunos em relação ao curso.	RE	RA	RE	RA	RA
19. promove reuniões com os docentes para fazer o acompanhamento didático-pedagógico.	S	RE	RE	RE	RE
20. oferece condições para a realização de aulas práticas.	S	S	RE	RE	S
21. oferece condições para a realização de visitas técnicas.	S	S	RE	RE	S
22. oferece condições para a realização de viagens de estudo.	RE	N	RA	RA	RE
23. oferece condições para a realização de pesquisa.	RE	RE	RE	RA	RA
24. oferece condições para a realização de trabalhos interdisciplinares.	S	RE	RE	RE	S
25. oferece condições para que os docentes participem de eventos.		N	RA	RA	S
26. forma alunos para ser empreendedores.	RE	RE	RE	RA	RA

APÊNDICE P - Tabulação dos Questionários dos Egressos da Instituição “W”.

A instituição de ensino em que você se formou:	W-E1	W-E2	W-E3	W-E4	W-E5	W-E6	W-E7	W-E8	W-E9	W-10
1. discutia suas políticas com a comunidade acadêmica interna.	RE	RA	RE	RE	RA	S	RA	RA	RA	RE
2. era ágil na comunicação intra-organizacional.	RA	RA	RA	RE	RE	RE	RA	RE	RA	RE
3. era rápida na resolução de problemas.	RA	RA	RA	RE	RE	RE	RA	RA	RA	RE
4. tomava decisões baseadas no consenso coletivo.	RA	RA	RE	RE	S	S	RA	RE	RE	S
5. criava mecanismos de diálogo com a comunidade.	RA	RE	RA	RE	RA	RE	RA	RE	RA	RE
6. tinha um clima organizacional favorável ao equilíbrio dinâmico nas relações entre as pessoas.	RE	RE	RE	RE	RE	RE	RE	RA	RE	S
7. oferecia educação numa perspectiva planetária.	RE	S			RE	RE	RE	S	RE	RE
8. tinha propostas para questões ambientais.	RA	S	RE	S	S	S	RE	S	RA	S
9. tinha propostas para questões sociais.	RA	S	RE	RE	RE	S	RE	S	RE	RE
10. desenvolvia ações fundamentadas na ética.	RE	RE	RE	RE	RA	S	RE	RE	RE	RE
11. atuava com responsabilidade social.	RE	S	RE	RE	RA	S	RE	RE	RE	RE
12. desenvolvia projetos com a comunidade.	N	RE	RE	RA	RA	RE	RA	RE	RA	RE
13. organizava eventos para discutir assuntos, como gênero, raça, desigualdade, violência, água, poluição, doença, entre outros.	RE	RE	RE	RE	RA	S	RE	S	RA	S
14. reciclava o lixo.	N	RE	N	RA	N	N	RA	N	N	RA
15. preservava o meio ambiente.	RA	RE	RE	S	N	RE	RE	RE	RE	S
16. conhecia aspectos da sua vida pessoa, como família, renda e outros.	RE	RE	RA	RA	N	S	RA	RE	N	RA
17. tinha conhecimento do seu projeto de vida pessoal.	RA	N	N	RA	N	RE	N	N	N	RA
18. considerava as suas expectativas em relação ao curso.	RA	RA	RA	RE	RA	S	N	RE	N	RE
19. promovia reuniões com os coordenadores, docentes e alunos para fazer o acompanhamento didático-pedagógico.	RA	RA	RA	RA	N	S	RA	RE	N	RA
20. oferecia condições para a realização de aulas práticas.	RA	RA	RA	RE	RA	S	RA	RA	S	RE
21. oferecia condições para a realização de visitas técnicas.	RE	RE	RA	RE	RA	S	RA	RA	S	RE
22. oferecia condições para a realização de viagens de estudo.	RA	RA	RA	RA	RA	S	N	RA	RA	RA
23. oferecia condições para a realização de pesquisa.	RE	RE	RE	RE	RA	S	RA	S	S	S
24. oferecia condições para a realização de trabalhos interdisciplinares.	RE	RA	RE	RA	RE	S	RA	S	S	S
25. oferecia condições para que os alunos participassem de eventos.	RE	RA	RA	S	N	S	RA	RE	RE	S
26. formava alunos para ser empreendedores.	RE	S	RE	S	RA	RE	RA	RE	S	S
27. possibilitava ao aluno ter uma visão holística.	RA	S	RE	S	RA	S	RE	RE	RE	S
28. formava cidadãos ativos.	RA	S	RE	S	RA	RE	RA	RE	S	S
29. preparava o aluno para saber fazer planos turísticos sustentáveis.	RA	S	S	S	RE	S	RA	S	S	RE
30. tinha convênio para estágio supervisionado com empresas de todos os segmentos do setor turístico.	RA	RE	N	N	RA	RE	RE	RA	RA	RE
31. considerava como estágio supervisionado a atuação do aluno em projetos com a comunidade.	N	RE	N	RA	RA	N	RA	RE	S	RE
32. considerava como estágio supervisionado a atuação do aluno como monitor.	RA	S	RA	S	RA	N	RE	S	N	S
33. considerava como estágio supervisionado a atuação do aluno em projetos experimentais.	N	S	N	S	RA	N	RA	RA	S	S
34. considerava como estágio supervisionado a atuação do aluno em projetos da Empresa Júnior.	RE	RA	RA	S	N	N	RE	RA	N	S
35. considerava como estágio supervisionado a atuação do aluno em projetos da incubadora.	N	RA	N	N	N	N	RA	RA	N	RE
36. disponibilizava professores qualificados.	RE	RE	S	RE	RE	RE	RE	S	RE	S
37. oferecia carga horária equilibrada entre aulas teóricas e práticas.	RE	RE	RA	RE	RA	RE	RE	RE	S	RE
38. possuía como critério de avaliação a auto-avaliação do aluno.	N	RE	N	N	N	RA	RA	RA	RA	RA

APÊNDICE Q - Tabulação dos Questionários do Diretor da Instituição “X”.

A instituição de ensino em que você é diretor(a):	X-D
1. discute suas políticas com a comunidade acadêmica interna.	S
2. é ágil na comunicação intra-organizacional	RE
3. é rápida na resolução de problemas.	S
4. toma decisões baseadas no consenso coletivo.	S
5. cria mecanismos de diálogo com a comunidade.	RE
6. tem um clima organizacional favorável ao equilíbrio dinâmico nas relações entre as pessoas.	S
7. oferece educação numa perspectiva planetária.	RE
8. tem propostas para questões ambientais.	S
9. tem propostas para questões sociais.	S
10. desenvolve ações fundamentadas na ética.	S
11. atua com responsabilidade social.	S
12. desenvolve projetos com a comunidade.	RE
13. organiza eventos para discutir assuntos, como gênero, raça, desigualdade, violência, água, poluição, doença, entre outros.	S
14. recicla o lixo.	N
15. preserva o meio ambiente.	S
16. conhece aspectos da vida pessoal dos alunos, como família, renda e outros.	S
17. tem conhecimento do projeto de vida pessoal dos alunos.	RA
18. considera as expectativas dos alunos em relação ao curso.	RE

APÊNDICE R – Tabulação dos Questionários do Coordenador da Instituição “X”.

A instituição de ensino em que você é coordenador(a) do curso de graduação em turismo:	X-C
1. discute suas políticas com a comunidade acadêmica interna.	RE
2. é ágil na comunicação intra-organizacional.	RE
3. é rápida na resolução de problemas.	S
4. toma decisões baseadas no consenso coletivo.	S
5. cria mecanismos de diálogo com a comunidade.	RA
6. tem um clima organizacional favorável ao equilíbrio dinâmico nas relações entre as pessoas.	S
7. oferece educação numa perspectiva planetária.	RA
8. tem propostas para questões ambientais.	RA
9. tem propostas para questões sociais.	RA
10. desenvolve ações fundamentadas na ética.	RE
11. atua com responsabilidade social.	RE
12. desenvolve projetos com a comunidade.	N
13. organiza eventos para discutir assuntos, como gênero, raça, desigualdade, violência, água, poluição, doença, entre outros.	RA
14. recicla o lixo.	N
15. preserva o meio ambiente.	RA
16. conhece aspectos da vida pessoal dos alunos, como família, renda e outros.	RE
17. tem conhecimento do projeto de vida pessoal dos alunos.	RE
18. considera as expectativas dos alunos em relação ao curso.	RE
19. promove reuniões com os docentes para fazer o acompanhamento didático-pedagógico.	S
20. oferece condições para a realização de aulas práticas.	RA
21. oferece condições para a realização de visitas técnicas.	RA
22. oferece condições para a realização de viagens de estudo.	RA
23. oferece condições para a realização de pesquisa.	N
24. oferece condições para a realização de trabalhos interdisciplinares.	RA
25. oferece condições para que os docentes participarem de eventos.	RA
26. forma alunos para ser empreendedores.	RA

APÊNDICE S - Tabulação dos Questionários dos Professores da Instituição “X”.

A instituição de ensino em que você é professor do curso de graduação em turismo:	X-P1	X-P2	X-P3	X-P4	X-P5
1. discute suas políticas com a comunidade acadêmica interna.	RE	RE	RE	RE	RE
2. é ágil na comunicação intra-organizacional.	S	RE	RE	RE	RE
3. é rápida na resolução de problemas.	RE	RE	RE	RE	S
4. toma decisões baseadas no consenso coletivo.	S	RA	RE	RE	S
5. cria mecanismos de diálogo com a comunidade.	S	RE	RA	RA	RA
6. tem um clima organizacional favorável ao equilíbrio dinâmico nas relações entre as pessoas.	S	RE	S	RE	S
7. oferece educação numa perspectiva planetária.	RA	RE	RA	RE	RA
8. tem propostas para questões ambientais.	RE	S	RA	RE	RA
9. tem propostas para questões sociais.	RE	S	RE	RE	RA
10. desenvolve ações fundamentadas na ética.	S	RE	S	RE	RE
11. atua com responsabilidade social.	RE	RE	RE	S	RE
12. desenvolve projetos com a comunidade.	RE	S	RE	RE	N
13. organiza eventos para discutir assuntos, como gênero, raça, desigualdade, violência, água, poluição, doença, entre outros.	RE	S	RA	S	RA
14. recicla o lixo.	N	N	N	N	N
15. preserva o meio ambiente.	RA	S	RA	RA	RA
16. conhece aspectos da vida pessoal dos alunos, como família, renda e outros.	RE	S	S	S	RE
17. tem conhecimento do projeto de vida pessoal dos alunos.	RA	RE	RE	RE	RE
18. considera as expectativas dos alunos em relação ao curso.	RA	RE	RE	RE	RE
19. promove reuniões com os docentes para fazer o acompanhamento didático-pedagógico.	S	S	S	S	S
20. oferece condições para a realização de aulas práticas.	RA	RE	RE	S	RA
21. oferece condições para a realização de visitas técnicas.	RA	RE	S	N	RA
22. oferece condições para a realização de viagens de estudo.	RA	RE	S	N	RA
23. oferece condições para a realização de pesquisa.	RA	RA	RA	RE	N
24. oferece condições para a realização de trabalhos interdisciplinares.	RA	S	RA	N	RA
25. oferece condições para que os docentes participem de eventos.	N	RA	RA	S	RA
26. forma alunos para ser empreendedores.	RE	RE	RE	RE	RA

APÊNDICE T - Tabulação dos Questionários dos Egressos da Instituição "X".

A instituição de ensino em que você se formou:	X-E1	X-E2	X-E3	X-E4	X-E5	X-E6	X-E7	X-E8	X-E9	X-E10
1. discutia suas políticas com a comunidade acadêmica interna.	RA	RE	RA	N	RE	RE	S	RE	RE	RA
2. era ágil na comunicação intra-organizacional.	RE	RA	RE	N	RE	RE	S	S	RE	
3. era rápida na resolução de problemas.	RA	S	RE	RA	S	S	S	RE	RE	S
4. tomava decisões baseadas no consenso coletivo.	S	RE	RE	RA	S	S	S	RE	RE	RA
5. criava mecanismos de diálogo com a comunidade.	RE	RA	S	RA	RE	RA	RE	RE	S	RA
6. tinha um clima organizacional favorável ao equilíbrio dinâmico nas relações entre as pessoas.	RA	RE	S	RA	S	S	S	RE	S	S
7. oferecia educação numa perspectiva planetária.	RE	RE	RE	RA	RE	S	RE	RE	RE	S
8. tinha propostas para questões ambientais.	RE	S	RA	N	RE	RA	RE	S	RE	RE
9. tinha propostas para questões sociais.	RE	RA	RA	N	RE	RE	RE	S	RE	RE
10. desenvolvia ações fundamentadas na ética.	RE	RA	RE	RA	S	S	S	S	RE	RE
11. atuava com responsabilidade social.	S	RE	RE	RA	S	RE	S	RE	RA	RE
12. desenvolvia projetos com a comunidade.	RE	N	S	N	RE	RA	RA	S	RE	RA
13. organizava eventos para discutir assuntos, como gênero, raça, desigualdade, violência, água, poluição, doença, entre outros.	RE	RE	S	RA	RE	RE	RA	S	S	RA
14. reciclava o lixo.	RA	N	RA	N	RA	N	RA	N	N	N
15. preservava o meio ambiente.	S	RA	S	RA	RE	RA	S	S	RE	RA
16. conhecia aspectos da sua vida pessoal, como família, renda e outros.	S	RE	RE	RA	RE	S	RE	RE	RA	RA
17. tinha conhecimento do seu projeto de vida pessoal.	N	RE	RE	N	RE	RE	RE	RA	RA	N
18. considerava as suas expectativas em relação ao curso.	N	RE	RE	RA	RE	RA	RE	RE	RE	RA
19. promovia reuniões com os coordenadores, docentes e alunos para fazer o acompanhamento didático-pedagógico.	RA	RA	RE	RA	RA	RE	RE	N	RA	RA
20. oferecia condições para a realização de aulas práticas.	RA	RA	RE	RA	RE	S	S	RE	RA	S
21. oferecia condições para a realização de visitas técnicas.	RA	RA	S	RA	RE	RE	S	S	RA	RA
22. oferecia condições para a realização de viagens de estudo.	N	RE	S	RA	RA	RE	S	RA	RA	S
23. oferecia condições para a realização de pesquisa.	RA	RA	S	RA	RE	RA	S	RA	RE	RE
24. oferecia condições para a realização de trabalhos interdisciplinares.	RA	RE	S	RA	RE	RA	S	RE	RA	S
25. oferecia condições para que os alunos participassem de eventos.	RA	RA	S	RA	RA	RE	S	RA	RA	S
26. formava alunos para ser empreendedores.	RA	S	RE	N	RE	S	S	S	RE	RE
27. possibilitava ao aluno ter uma visão holística.	N	RE	RE	RA	RA	S	S	S	RE	RE
28. formava cidadãos ativos.	RE	RE	RE	RA	RE	RE	S	S	RE	RE
29. preparava o aluno para saber fazer planos turísticos sustentáveis.	N	S	RE	N	RE	RE	RE	RE	RA	S
30. tinha convênio para estágio supervisionado com empresas de todos os segmentos do setor turístico.	N	RE	RE	RA	RE	RA	S	RA	S	S
31. considerava como estágio supervisionado a atuação do aluno em projetos com a comunidade.	RA	RA	RA	RA	N	RA	RE	S	N	RE
32. considerava como estágio supervisionado a atuação do aluno como monitor.	RA	RE	RA	RA	S	RE	RE	S	N	RE
33. considerava como estágio supervisionado a atuação do aluno em projetos experimentais.	RA	RE	RA	N	RE	RA	RE	RE	RA	RE
34. considerava como estágio supervisionado a atuação do aluno em projetos da Empresa Júnior.	RA	RA	RA	N	N	RA	RE	S	N	RE
35. considerava como estágio supervisionado a atuação do aluno em projetos da incubadora.	N	RA	RA	N	N	RA	RE	S	N	N
36. disponibilizava professores qualificados.	RA	RE	S	RA	S	S	S	S	RE	S

37. oferecia carga horária equilibrada entre aulas teóricas e práticas.	RA	RE	S	RA	RE	S	S	S	RE	RE
38. possuía como critério de avaliação a auto-avaliação do aluno.	S	RE	RE	RA	RE	RE	S	S	RE	S

APÊNDICE U - Tabulação dos Questionários do Diretor da Instituição “Y”.

A instituição de ensino em que você é diretor(a):	Y-D
1. discute suas políticas com a comunidade acadêmica interna.	S
2. é ágil na comunicação intra-organizacional	RA
3. é rápida na resolução de problemas.	RA
4. toma decisões baseadas no consenso coletivo.	RE
5. cria mecanismos de diálogo com a comunidade.	S
6. tem um clima organizacional favorável ao equilíbrio dinâmico nas relações entre as pessoas.	RE
7. oferece educação numa perspectiva planetária.	S
8. tem propostas para questões ambientais.	S
9. tem propostas para questões sociais.	S
10. desenvolve ações fundamentadas na ética.	S
11. atua com responsabilidade social.	S
12. desenvolve projetos com a comunidade.	RE
13. organiza eventos para discutir assuntos, como gênero, raça, desigualdade, violência, água, poluição, doença, entre outros.	RE
14. recicla o lixo.	RE
15. preserva o meio ambiente.	RE
16. conhece aspectos da vida pessoal dos alunos, como família, renda e outros.	RE
17. tem conhecimento do projeto de vida pessoal dos alunos.	S
18. considera as expectativas dos alunos em relação ao curso.	S

APÊNDICE V - Tabulação dos Questionários do Coordenador da Instituição “Y”.

A instituição de ensino em que você é coordenador(a) do curso de graduação em turismo:	Y-C
1. discute suas políticas com a comunidade acadêmica interna.	S
2. é ágil na comunicação intra-organizacional.	RE
3. é rápida na resolução de problemas.	RE
4. toma decisões baseadas no consenso coletivo.	S
5. cria mecanismos de diálogo com a comunidade.	S
6. tem um clima organizacional favorável ao equilíbrio dinâmico nas relações entre as pessoas.	S
7. oferece educação numa perspectiva planetária.	S
8. tem propostas para questões ambientais.	RE
9. tem propostas para questões sociais.	RE
10. desenvolve ações fundamentadas na ética.	S
11. atua com responsabilidade social.	RE
12. desenvolve projetos com a comunidade.	S
13. organiza eventos para discutir assuntos, como gênero, raça, desigualdade, violência, água, poluição, doença, entre outros.	RE
14. recicla o lixo.	S
15. preserva o meio ambiente.	S
16. conhece aspectos da vida pessoal dos alunos, como família, renda e outros.	S
17. tem conhecimento do projeto de vida pessoal dos alunos.	RA
18. considera as expectativas dos alunos em relação ao curso.	S
19. promove reuniões com os docentes para fazer o acompanhamento didático-pedagógico.	S
20. oferece condições para a realização de aulas práticas.	S
21. oferece condições para a realização de visitas técnicas.	S
22. oferece condições para a realização de viagens de estudo.	S
23. oferece condições para a realização de pesquisa.	S
24. oferece condições para a realização de trabalhos interdisciplinares.	S
25. oferece condições para que os docentes participem de eventos.	RE
26. forma alunos para ser empreendedores.	S

APÊNDICE W - Tabulação dos Questionários dos Professores da Instituição “Y”.

A instituição de ensino em que você é professor do curso de graduação em turismo:	**Y-P1**	**Y-P2**	**Y-P3**	**Y-P4**	**Y-P5**
1. discute suas políticas com a comunidade acadêmica interna.	S	S	RA	S	S
2. é ágil na comunicação intra-organizacional.	RE	RE	RE	S	RE
3. é rápida na resolução de problemas.	RE	RE	RE	RE	RE
4. toma decisões baseadas no consenso coletivo.	S	RE		RE	RE
5. cria mecanismos de diálogo com a comunidade.	S	S	RE	RE	RE
6. tem um clima organizacional favorável ao equilíbrio dinâmico nas relações entre as pessoas.	S	S	RE	RE	S
7. oferece educação numa perspectiva planetária.	S	RE	N	S	RE
8. tem propostas para questões ambientais.	RE	S	RE	RE	S
9. tem propostas para questões sociais.	S	S	RA	S	RE
10. desenvolve ações fundamentadas na ética.	S	S		S	S
11. atua com responsabilidade social.	RE	RE	RE	S	S
12. desenvolve projetos com a comunidade.	RE	S	RE	S	RE
13. organiza eventos para discutir assuntos, como gênero, raça, desigualdade, violência, água, poluição, doença, entre outros.	RE	RA	N	RE	RE
14. recicla o lixo.	S	N	N	S	RA
15. preserva o meio ambiente.	S	S	N	S	RE
16. conhece aspectos da vida pessoal dos alunos, como família, renda e outros.	S		N	S	RE
17. tem conhecimento do projeto de vida pessoal dos alunos.	RE		N	S	RE
18. considera as expectativas dos alunos em relação ao curso.	S	RE	RA	RE	RE
19. promove reuniões com os docentes para fazer o acompanhamento didático-pedagógico.	S	S	RE	S	S
20. oferece condições para a realização de aulas práticas.	S	RE	RE	S	RE
21. oferece condições para a realização de visitas técnicas.	RE	RE	S	S	RE
22. oferece condições para a realização de viagens de estudo.	RA	RA	N	RE	RA
23. oferece condições para a realização de pesquisa.	RE	S	N	S	RE
24. oferece condições para a realização de trabalhos interdisciplinares.	RE	S	RE	S	RE
25. oferece condições para que os docentes participem de eventos.	RE	RE	RE	RA	RA
26. forma alunos para ser empreendedores.	S	RE	RE	RE	RE

APÊNDICE X - Tabulação dos Questionários dos Egressos da Instituição "Y".

A instituição de ensino em que você se formou:	Y-E1	Y-E2	Y-E3	Y-E4	Y-E5	Y-E6	Y-E7	Y-E8	Y-E9	Y-E10
1. discutia suas políticas com a comunidade acadêmica interna.	S	RA	RE	RA	RA	RA	S	RA	RE	RE
2. era ágil na comunicação intra-organizacional.	RE	RA	RA	RE	RE	S	RE	RE	S	RE
3. era rápida na resolução de problemas.	RE	RE	RE	RE	RE	RE	RA	RA	S	RE
4. tomava decisões baseadas no consenso coletivo.	RE	RA	RE	RE	RE	RE	RE	RA	S	RE
5. criava mecanismos de diálogo com a comunidade.	S	RA	RA	RA	RE	RA	N	RE	RE	RE
6. tinha um clima organizacional favorável ao equilíbrio dinâmico nas relações entre as pessoas.	S	S	RE	S	RE	RE	RE	RE	S	S
7. oferecia educação numa perspectiva planetária.	S	RE	S	S	RA	RE	RA	RE	RE	S
8. tinha propostas para questões ambientais.	S	RE	S	RA	RE	RE	S	RE	S	RE
9. tinha propostas para questões sociais.	S	RE	S	RA	RE	RA	S	RE	S	S
10. desenvolvia ações fundamentadas na ética.	S	S	S	S	RE	RE	S	S	S	S
11. atuava com responsabilidade social.	S	RE	S	RE	RA	RA	S	RE	S	S
12. desenvolvia projetos com a comunidade.	S	RA	RE	N	RE	RA	RE	RE	S	RE
13. organizava eventos para discutir assuntos, como gênero, raça, desigualdade, violência, água, poluição, doença, entre outros.	S	RA	RE	RA	RA	RA	RA	RA	RE	S
14. reciclava o lixo.		RA	RE	N	RA	N	S		S	S
15. preservava o meio ambiente.	S		RE	N	RA	RA	S	RE	S	S
16. conhecia aspectos da sua vida pessoal, como família, renda e outros.	RE	RA		RE	N	RA	N	RA	N	RA
17. tinha conhecimento do seu projeto de vida pessoal.	RE	N		N	N	N	N	RA	RA	RE
18. considerava as suas expectativas em relação ao curso.	S	RA	RE	N	RE	RA	RE	RA	RE	RE
19. promovia reuniões com os coordenadores, docentes e alunos para fazer o acompanhamento didático-pedagógico.	S	N	RE	RA	N	RA	N	RE	RE	RE
20. oferecia condições para a realização de aulas práticas.	RA	RE	RE	RA	RE	RE	N	RA	RA	RA
21. oferecia condições para a realização de visitas técnicas.	RA	RE	RE	RA	RE	RE	RA	RA	RE	RE
22. oferecia condições para a realização de viagens de estudo.	RA	N	RE	RE	RE	N	RA	RA	RA	RA
23. oferecia condições para a realização de pesquisa.	S	RA	RE	RA	RE	N	RA	RA	RE	S
24. oferecia condições para a realização de trabalhos interdisciplinares.	S	RA	RA	RA	N	N	N		RA	RE
25. oferecia condições para que os alunos participassem de eventos.	S	RE	S	RE	RE	RA	RE	RE	RE	RE
26. formava alunos para ser empreendedores.	S	RE	RE	RE	RE	RA	S	RA	RE	RE
27. possibilitava ao aluno ter uma visão holística.	S	RE	RE	RE	RA	N	N	RE	RE	RE
28. formava cidadãos ativos.	S	RE	RE	RE	RA	RA	S	RE	RE	S
29. preparava o aluno para saber fazer planos turísticos sustentáveis.	S	RA	S	RA	RA	RA	S	RA	RE	RE
30. tinha convênio para estágio supervisionado com empresas de todos os segmentos do setor turístico.	S	RE	RE	RE	N	RA	RA	RE	RE	S
31. considerava como estágio supervisionado a atuação do aluno em projetos com a comunidade.	S			N	N	RA	N	N	N	S
32. considerava como estágio supervisionado a atuação do aluno como monitor.	S		S	N	N	N	N	N	N	S
33. considerava como estágio supervisionado a atuação do aluno em projetos experimentais.				N	N	N	N	N	N	RE
34. considerava como estágio supervisionado a atuação do aluno em projetos da Empresa Júnior.	S			N		N	S		S	S
35. considerava como estágio supervisionado a atuação do aluno em projetos da incubadora.				N	N	N	N		N	RE
36. disponibilizava professores qualificados.	S	RE	S	S	RE	RE	RE	RE	S	S
37. oferecia carga horária equilibrada entre aulas teóricas e práticas.	RA	RE	RE	RA	N	RA	N	RA	RA	RE
38. possuía como critério de avaliação a auto-avaliação do aluno.	S	RA	S	N	RA	N	N	RA	RA	RE

APÊNDICE Y - Tabulação dos Questionários do Diretor da Instituição “Z”.

A instituição de ensino em que você é diretor(a):	Z-D
1. discute suas políticas com a comunidade acadêmica interna.	RE
2. é ágil na comunicação intra-organizacional	
3. é rápida na resolução de problemas.	RE
4. toma decisões baseadas no consenso coletivo.	RE
5. cria mecanismos de diálogo com a comunidade.	RE
6. tem um clima organizacional favorável ao equilíbrio dinâmico nas relações entre as pessoas.	RE
7. oferece educação numa perspectiva planetária.	S
8. tem propostas para questões ambientais.	S
9. tem propostas para questões sociais.	S
10. desenvolve ações fundamentadas na ética.	S
11. atua com responsabilidade social.	S
12. desenvolve projetos com a comunidade.	S
13. organiza eventos para discutir assuntos como gênero, raça, desigualdade, violência, água, poluição, doença, entre outros.,	S
14. recicla o lixo.	RE
15. preserva o meio ambiente.	
16. conhece aspectos da vida pessoal dos alunos, como família, renda e outros.	S
17. tem conhecimento do projeto de vida pessoal dos alunos.	RE
18. considera as expectativas dos alunos em relação ao curso.	S

APÊNDICE Z - Tabulação dos Questionários do Coordenador da Instituição “Z”.

A instituição de ensino em que você é coordenador(a) do curso de graduação em turismo:	Z-C
1. discute suas políticas com a comunidade acadêmica interna.	S
2. é ágil na comunicação intra-organizacional.	RE
3. é rápida na resolução de problemas.	S
4. toma decisões baseadas no consenso coletivo.	S
5. cria mecanismos de diálogo com a comunidade.	S
6. tem um clima organizacional favorável ao equilíbrio dinâmico nas relações entre as pessoas.	RE
7. oferece educação numa perspectiva planetária.	S
8. tem propostas para questões ambientais.	S
9. tem propostas para questões sociais.	S
10. desenvolve ações fundamentadas na ética.	S
11. atua com responsabilidade social.	RE
12. desenvolve projetos com a comunidade.	RE
13. organiza eventos para discutir assuntos, como gênero, raça, desigualdade, violência, água, poluição, doença, entre outros.	RE
14. recicla o lixo.	RE
15. preserva o meio ambiente.	S
16. conhece aspectos da vida pessoal dos alunos, como família, renda e outros.	RE
17. tem conhecimento do projeto de vida pessoal dos alunos.	RA
18. considera as expectativas dos alunos em relação ao curso.	RE
19. promove reuniões com os docentes para fazer o acompanhamento didático-pedagógico.	S
20. oferece condições para a realização de aulas práticas.	S
21. oferece condições para a realização de visitas técnicas.	S
22. oferece condições para a realização de viagens de estudo.	RE
23. oferece condições para a realização de pesquisa.	S
24. oferece condições para a realização de trabalhos interdisciplinares.	RE
25. oferece condições para que os docentes participem de eventos.	RE
26. forma alunos para ser empreendedores.	S

APÊNDICE AA - Tabulação dos Questionários dos Professores da Instituição “Z”.

A instituição de ensino em que você é professor do curso de graduação em turismo:	Z-P1	Z-P2	Z-P3	Z-P4	Z-P5
1. discute suas políticas com a comunidade acadêmica interna.	S	RE	S	RA	RA
2. é ágil na comunicação intra-organizacional.	RE	RE	RE	RA	RE
3. é rápida na resolução de problemas.	S	RE	RE	RE	RA
4. toma decisões baseadas no consenso coletivo.	S	S	RE	RE	RE
5. cria mecanismos de diálogo com a comunidade.	S	RE	S	RE	RE
6. tem um clima organizacional favorável ao equilíbrio dinâmico nas relações entre as pessoas.	RE	S	S	RE	RA
7. oferece educação numa perspectiva planetária.	S	RE	S	RE	S
8. tem propostas para questões ambientais.	S	S	S	S	S
9. tem propostas para questões sociais.	S	RE	S	S	S
10. desenvolve ações fundamentadas na ética.	S	RE	RE	RE	S
11. atua com responsabilidade social.	RE	RE		RE	RE
12. desenvolve projetos com a comunidade.	RE	RA	RE	RE	RE
13. organiza eventos para discutir assuntos, como gênero, raça, desigualdade, violência, água, poluição, doença, entre outros.	RE	RE	S	RA	RE
14. recicla o lixo.	RE			N	N
15. preserva o meio ambiente.	S	RE	RE	RA	RE
16. conhece aspectos da vida pessoal dos alunos, como família, renda e outros.	RE	S	S	RE	RA
17. tem conhecimento do projeto de vida pessoal dos alunos.	RA	S		N	RE
18. considera as expectativas dos alunos em relação ao curso.	RE	RE	RE	RE	RE
19. promove reuniões com os docentes para fazer o acompanhamento didático-pedagógico.	S	S	S	RE	S
20. oferece condições para a realização de aulas práticas.	S	RE	S	S	S
21. oferece condições para a realização de visitas técnicas.	S	S	RE	S	RE
22. oferece condições para a realização de viagens de estudo.	RE	RE	RE	RE	RA
23. oferece condições para a realização de pesquisa.	S	RA	RA	RA	RE
24. oferece condições para a realização de trabalhos interdisciplinares.	RE	N	RA	RA	RA
25. oferece condições para que os docentes participem de eventos.	RE	RA	RA	N	N
26. forma alunos para ser empreendedores.	S	RE	S	RE	RA

APÊNDICE BB - Tabulação dos Questionários dos Egressos da Instituição “Z”.

A instituição de ensino em que você se formou:	Z-E1	Z-E2	Z-E3	Z-E4	Z-E5	Z-E6	Z-E7	Z-E8	Z-E9	Z-E10
1. discutia suas políticas com a comunidade acadêmica interna.	RE	RA	RA	S	RE	RE	RA	RE	RE	RE
2. era ágil na comunicação intra-organizacional.	S	RE	RA	S	RE	RA	RA	RA	RE	RE
3. era rápida na resolução de problemas.	S	RE	RE	RE	RA	RA	RE	RA	RE	RE
4. tomava decisões baseadas no consenso coletivo.	S	RE	RE	S	RE	RA	RA	S	RA	RE
5. criava mecanismos de diálogo com a comunidade.	S	RE	RA	S	RE	RE	RA	RE	RE	RE
6. tinha um clima organizacional favorável ao equilíbrio dinâmico nas relações entre as pessoas.	S	S	RE	S	RE	S	RE	RE	RE	RE
7. oferecia educação numa perspectiva planetária.	S	S	RE	S	S	S	RA	RE	S	S
8. tinha propostas para questões ambientais.	S	RA	RA	S	RA	RE	RA	S	RE	S
9. tinha propostas para questões sociais.	RE	RE	RA	S	RA	RE	N	S	RA	S
10. desenvolvia ações fundamentadas na ética.	S	RE	RE	S	RE	S	N	S	RE	RE
11. atuava com responsabilidade social.	S	RA	RE	S	RE	S	N	S	RE	S
12. desenvolvia projetos com a comunidade.	N	RA	N	RE	RA	RA	N	RE	RA	S
13. organizava eventos para discutir assuntos, como gênero, raça, desigualdade, violência, água, poluição, doença, entre outros.	RE	RA	N	RE	N	RE	RE	RE	RA	RE
14. reciclava o lixo.	S	N	N	S	N		N	RA	RA	N
15. preservava o meio ambiente.	S	RE	RE	S	N		N	S	RE	RE
16. conhecia aspectos da sua vida pessoal, como família, renda e outros.	S	S	RA	S		S	N	S	RA	N
17. tinha conhecimento do seu projeto de vida pessoal.	S	S	RA	S	N	RA	RE	RE	RA	N
18. considerava as suas expectativas em relação ao curso.	S	S	RE	S	RE		RE	RE	RE	N
19. promovia reuniões com os coordenadores, docentes e alunos para fazer o acompanhamento didático-pedagógico.	S	RE	S	S	RE	RE	RA	S	RA	RA
20. oferecia condições para a realização de aulas práticas.	S	S	RE	S	N	RE	RA	S	S	RE
21. oferecia condições para a realização de visitas técnicas.	S	S	S	S	RE	RE	RA	S	S	S
22. oferecia condições para a realização de viagens de estudo.	S	RE	S	RE	N	RA	N	S	S	RE
23. oferecia condições para a realização de pesquisa.	S	RE	RA	S	N	RE	RA	RE	S	RE
24. oferecia condições para a realização de trabalhos interdisciplinares.	S	S	RE	S	RA	RE	RE	RE	RE	RE
25. oferecia condições para que os alunos participassem de eventos.	S	S	RE	S	RE	RA	RE	S	RE	S
26. formava alunos para ser empreendedores.	S	RE	RE	S	RE	RA	N	RE	RE	S
27. possibilitava ao aluno ter uma visão holística.	N	RA	RE	S	RE		N	S	RE	S
28. formava cidadãos ativos.	S	RE	RE	S	RE	RE	RA	S	RE	S
29. preparava o aluno para saber fazer planos turísticos sustentáveis.	S	RE	S	S	RE	S	RE		S	S
30. tinha convênio para estágio supervisionado com empresas de todos os segmentos do setor turístico.	S	RE	RE	S	RA	RE	RA	RA	RE	S
31. considerava como estágio supervisionado a atuação do aluno em projetos com a comunidade.	S	RE	RA	S	N	RE	RE	RA	RA	S
32. considerava como estágio supervisionado a atuação do aluno como monitor.	N	RA	RA	S	RA	RA		RA	N	RA
33. considerava como estágio supervisionado a atuação do aluno em projetos experimentais.	S	RE	RE	RE	RA	RE		S	N	RA
34. considerava como estágio supervisionado a atuação do aluno em projetos da Empresa Júnior.	N	N	RA	RE	N	RE	S	S	N	RA
35. considerava como estágio supervisionado a atuação do aluno em projetos da incubadora.	N	N	RA	RA	N			S	N	N
36. disponibilizava professores qualificados.	S	RE	RE	S	RE	RE	S	S	S	S
37. oferecia carga horária equilibrada entre aulas teóricas e práticas.	S	RE	RA	S	RE	RE	N	S	S	S
38. possuía como critério de avaliação a auto-avaliação do aluno.	S	S	RE	S	RE	RE	RE	S	RE	RA

APÊNDICE CC - Instituição de Ensino Superior “W”

A. ENFOQUE ADMINISTRATIVO
a.1. ESTILO DE GESTÃO EDUCACIONAL

ENTREVISTADOS	Se a IES adota gestão participativa, democrática e humanística.	Se a IES adota um modelo de gerenciamento sistêmico.	Se tem autonomia administrativa, financeira e pedagógica.	Se tem parcerias, convênios, contratos de cooperação e de colaboração, intercâmbios.	Se desenvolve ações com responsabilidade social e ambiental.	Se tem projeto ecopolítico.	Se tem empresas incubadoras, com projetos sustentáveis.
DIREÇÃO	Não.	Não.	Sim.	Sim.	Não.	Não.	Não.
COORDENAÇÃO	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
PROFESSORES	Se a IES adota gestão participativa, democrática e humanística.	Se a IES adota um modelo de gerenciamento sistêmico.	Se tem autonomia administrativa, financeira e pedagógica.	Se tem parcerias, convênios, contratos de cooperação e de colaboração, intercâmbios.	Se desenvolve ações com responsabilidade social e ambiental.	Se tem projeto ecoplítico.	Se tem empresas incubadoras, com projetos sustentáveis.
W-P1	Sim	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
W-P2	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
W-P3	Não.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
W-P4	Não.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
W-P5	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
EGRESSOS	Se a IES adota gestão participativa, democrática e humanística.	Se a IES adota um modelo de gerenciamento sistêmico.	Se tem autonomia administrativa, financeira e pedagógica.	Se tem parcerias, convênios, contratos de cooperação e de colaboração, intercâmbios.	Se desenvolve ações com responsabilidade social e ambiental.	Se tem projeto ecopolítico.	Se tem empresas incubadoras, com projetos sustentáveis.
W-E1	Não.	Não.	Sim.	Sim.	Não.	Não.	Não.
W-E2	Não.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
W-E3	Não.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
W-E4	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
W-E5	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
W-E6	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
W-E7	Não.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
W-E8	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
W-E9	Não.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
W-E10	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.

a.2. AMBIENTE FÍSICO

ENTREVISTADOS	**Se tem salas com ventilação e iluminação naturais.**	**Se recicla, ou reutiliza papel, cartuchos, embalagens e outros dejetos.**	**Se dispõe de mecanismos para economizar água.**	**Se dispõe de transporte coletivo.**	**Se possui rampas de acesso para portadores de necessidades especiais.**	**Se preserva, conserva, valoriza e respeita o meio ambiente.**	**Se tem salas de apoio didático, de orientação e de convivência.**
DIREÇÃO	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
COORDENAÇÃO	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
PROFESSORES	**Se tem salas com ventilação e iluminação naturais.**	**Se recicla, ou reutiliza papel, cartuchos, embalagens e outros dejetos.**	**Se dispõe de mecanismos para economizar água.**	**Se dispõe de transporte coletivo.**	**Se possui rampas de acesso para portadores de necessidades especiais.**	**Se preserva, conserva, valoriza e respeita o meio ambiente.**	**Se tem salas de apoio didático, de orientação e de convivência.**
W-P1	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
W-P2	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
W-P3	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
W-P4	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
W-P5	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
EGRESSOS	**Se tem salas com ventilação e iluminação naturais.**	**Se recicla, ou reutiliza papel, cartuchos, embalagens e outros dejetos.**	**Se dispõe de mecanismos para economizar água.**	**Se dispõe de transporte coletivo.**	**Se possui rampas de acesso para portadores de necessidades especiais.**	**Se preserva, conserva, valoriza e respeita o meio ambiente.**	**Se tem salas de apoio didático, de orientação e de convivência.**
W-E1	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
W-E2	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
W-E3	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
W-E4	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
W-E5	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
W-E6	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
W-E7	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
W-E8	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
W-E9	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
W-E10	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.

B. ENFOQUE PEDAGÓGICO
b.1. CATEGORIA PROJETO PEDAGÓGICO

ENTREVISTADOS	**Se o projeto pedagógico foi feito pela comunidade acadêmica.**	**Se o projeto enfatiza a formação baseada em cidadania ambiental, ética, solidariedade, respeito aos outros e empresarialidade.**	**Se a política de estágio supervisionado prepara para a formação integral.**	**Se tem critérios de avaliação institucional e de socialização de resultados.**	**Se inclui nos critérios de avaliação do aluno participação em planos, programas e projetos pessoais, em organizações da sociedade civil.**	**Se tem política de reciclagem, aperfeiçoamento e qualificação do corpo docente.**	**Se fomenta a pesquisa e extensão com base nos parâmetros da sustentabilidade.**
DIREÇÃO	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
COORDENAÇÃO	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
PROFESSORES	**Se o projeto pedagógico foi feito pela comunidade acadêmica.**	**Se o projeto enfatiza a formação baseada em cidadania ambiental, ética, solidariedade, respeito aos outros e empresarialidade.**	**Se a política de estágio supervisionado prepara para a formação integral.**	**Se tem critérios de avaliação institucional e de socialização de resultados.**	**Se inclui nos critérios de avaliação do aluno participação em planos, programas e projetos pessoais, em organizações da sociedade civil.**	**Se tem política de reciclagem, aperfeiçoamento e qualificação do corpo docente.**	**Se fomenta a pesquisa e extensão com base nos parâmetros da sustentabilidade.**
W-P1	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
W-P2	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
W-P3	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
W-P4	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
W-P5	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
EGRESSOS	**Se o projeto pedagógico foi feito pela comunidade acadêmica.**	**Se o projeto enfatiza a formação baseada em cidadania ambiental, ética, solidariedade, respeito aos outros e empresarialidade.**	**Se a política de estágio supervisionado prepara para a formação integral.**	**Se tem critérios de avaliação institucional e de socialização de resultados.**	**Se inclui nos critérios de avaliação do aluno participação em planos, programas e projetos pessoais, em organizações da sociedade civil.**	**Se tem política de reciclagem, aperfeiçoamento e qualificação do corpo docente.**	**Se fomenta a pesquisa e extensão com base nos parâmetros da sustentabilidade.**
W-E1	Não.	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
W-E2	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
W-E3	Não.	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
W-E4	Não.	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
W-E5	Não.	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.
W-E6	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
W-E7	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.
W-E8	Não.	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
W-E9	Não.	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
W-E10	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.

b.2. ORIENTAÇÕES DO ENSINO-APRENDIZAGEM

ENTREVISTADOS	**Se o método de ensino é socioconstrutivista.**	**Se a abordagem de ensino é baseada em pedagogia de projetos.**	**Se a metodologia é prática e vivencial. (*learn by doing*).**	**Se o acompanhamento do processo de aprendizagem é feito por professores, coordenadores e alunos.**
DIREÇÃO	Sim.	Não.	Não.	Sim.
COORDENAÇÃO	Sim.	Não.	Não.	Sim.
PROFESSORES	**Se o método de ensino é socioconstrutivista.**	**Se a abordagem de ensino é baseada em pedagogia de projetos.**	**Se a metodologia é prática e vivencial. (*learn by doing*).**	**Se o acompanhamento do processo de aprendizagem é feito por professores, coordenadores e alunos.**
W-P1	Sim.	Não.	Não.	Sim.
W-P2	Sim.	Não.	Não.	Sim.
W-P3	Sim.	Não.	Não.	Sim.
W-P4	Sim.	Não.	Não.	Sim.
W-P5	Sim.	Não.	Não.	Sim.
EGRESSOS	**Se o método de ensino é socioconstrutivista.**	**Se a abordagem de ensino é baseada em pedagogia de projetos.**	**Se a metodologia é prática e vivencial. (*learn by doing*).**	**Se o acompanhamento do processo de aprendizagem é feito por professores, coordenadores e alunos.**
W-E1	Não.	Não.	Não.	Não.
W-E2	Não.	Não.	Não.	Sim.
W-E3	Não.	Não.	Não.	Não.
W-E4	Não.	Não.	Não.	Não.
W-E5	Não.	Não.	Não.	Não.
W-E6	Não.	Não.	Não.	Não.
W-E7	Não.	Não.	Não.	Não.
W-E8	Não.	Não.	Não.	Não.
W-E9	Não.	Não.	Não.	Não.
W-E10	Não.	Não.	Não.	Não.

b.3. ABORDAGEM PEDAGÓGICA

ENTREVISTADOS	Se os professores realizam trabalhos interdisciplinares, multidisciplinares e transdisciplinares.	Se os professores utilizam tecnologias de informação adequadas ao socioconstrutivismo.	Se os professores desenvolvem trabalhos práticos com, na e para a comunidade.	Se são oportunizados momentos para discussão sobre problemas do cotidiano.	Se existe coerência entre o que o professor ensina, a sua formação e a sua prática no contexto.
DIREÇÃO	Sim.	Sim.	Não.	Sim.	Sim.
COORDENAÇÃO	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
PROFESSORES	**Se os professores realizam trabalhos interdisciplinares, multidisciplinares e transdisciplinares.**	**Se os professores utilizam tecnologias de informação adequadas ao socioconstrutivismo.**	**Se os professores desenvolvem trabalhos práticos com, na e para a comunidade.**	**Se são oportunizados momentos para discussão sobre problemas do cotidiano.**	**Se existe coerência entre o que o professor ensina, a sua formação e a sua prática no contexto.**
W-P1	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.
W-P2	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.
W-P3	Sim.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
W-P4	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.
W-P5	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.
EGRESSOS	**Se os professores realizam trabalhos interdisciplinares, multidisciplinares e transdisciplinares.**	**Se os professores utilizam tecnologias de informação adequadas ao socioconstrutivismo.**	**Se os professores desenvolvem trabalhos práticos com, na e para a comunidade.**	**Se são oportunizados momentos para discussão sobre problemas do cotidiano.**	**Se existe coerência entre o que o professor ensina, a sua formação e a sua prática no contexto.**
W-E1	Sim.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
W-E2	Não.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.
W-E3	Sim.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
W-E4	Não.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.
W-E5	Sim.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
W-E6	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.
W-E7	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
W-E8	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.
W-E9	Sim.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
W-E10	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.

C. ENFOQUE SOCIOFORMATIVO
c.1. PERCEPÇÃO DOS CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS PELOS EGRESSOS

ENTREVISTADOS	**Se a instituição formou para atender às necessidades do mercado de forma sustentável.**	**Se estágios, aulas práticas, vivências foram suficientes e satisfatórios para a formação profissional e cidadã.**	**Se aprendeu a elaborar planos, programas e projetos com visão transformadora e integradora.**	**Se os conhecimentos adquiridos foram sustentados em fundamentos sociais, políticos, culturais, econômicos e ambientais.**	**Se a formação correspondeu ao projeto pessoal de vida.**	**Se participou de projetos de pesquisa.**
DIREÇÃO	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.
COORDENAÇÃO	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.
PROFESSORES	**Se a instituição formou para atender às necessidades do mercado de forma sustentável.**	**Se estágios, aulas práticas, vivências foram suficientes e satisfatórios para a formação profissional e cidadã.**	**Se aprendeu a elaborar planos, programas e projetos com visão transformadora e integradora.**	**Se os conhecimentos adquiridos foram sustentados em fundamentos sociais, políticos, culturais, econômicos e ambientais.**	**Se a formação correspondeu ao projeto pessoal de vida.**	**Se participou de projetos de pesquisa.**
W-P1	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.
W-P2	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.
W-P3	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.
W-P4	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.
W-P5	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.
EGRESSOS	**Se a instituição formou para atender ás necessidades do mercado de forma sustentável.**	**Se estágios, aulas práticas, vivências foram suficientes e satisfatórios para a formação profissional e cidadã.**	**Se aprendeu a elaborar planos, programas e projetos com visão transformadora e integradora.**	**Se os conhecimentos adquiridos foram sustentados em fundamentos sociais, políticos, culturais, econômicos e ambientais.**	**Se a formação correspondeu ao projeto pessoal de vida.**	**Se participou de projetos de pesquisa.**
W-E1	Não.	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.
W-E2	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
W-E3	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
W-E4	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
W-E5	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.
W-E6	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
W-E7	Não.	Sim.	Não.	Sim.	Não.	Não.
W-E8	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
W-E9	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Sim
W-E10	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Sim.

c.2. PARTICIPAÇÃO PROFISSIONAL DO EGRESSO NO MERCADO DE TRABALHO

ENTREVISTADOS	**Se no desempenho das funções são aplicados os princípios da sustentabilidade.**	**Se elabora projetos de pesquisa, projetos de negócios e planos turísticos.**
DIREÇÃO	Não se aplica.	Não se aplica.
COORDENAÇÃO	Não se aplica.	Não se aplica.
PROFESSORES	**Se no desempenho das funções são aplicados os princípios da sustentabilidade.**	**Se elabora projetos de pesquisa, projetos de negócios e planos turísticos.**
W-P1	Não se aplica.	Não se aplica.
W-P2	Não se aplica.	Não se aplica.
W-P3	Não se aplica.	Não se aplica.
W-P4	Não se aplica.	Não se aplica.
W-P5	Não se aplica.	Não se aplica.
EGRESSOS	**Se no desempenho das funções são aplicados os princípios da sustentabilidade.**	**Se elabora projetos de pesquisa, projetos de negócios e planos turísticos.**
W-E1	Trabalho no Hotel Íbis da rede Accor como recepcionista, fazendo *check-in, check-out*, faturamento de empresas, entre outras atividades.	Não.
W-E2	Trabalho na Varig como comissário, fazendo inspeção nos serviços que vão a bordo das aeronaves, como cardápio, logística e distribuição dos materiais, entre outros.	Não.
W-E3	Estou desempregada.	Não.
W-E4	Estou desempregada.	Não.
W-E5	Trabalho no Órgão Oficial de Turismo – BAHIATURSA na Diretoria de Relações Nacionais (DRN). Sou responsável pela promoção e divulgação do destino Bahia, cuidando da parte financeira e orçamentária e outras atividades.	Sim.
W-E6	Trabalho na BAHIATURSA com planejamento turístico do estado e atendimento empresarial a investidores. Sou professora do curso seqüencial em eventos da UNIFACS da disciplina Organização de Eventos em Turismo	Sim. Projeto interdisciplinar Amigos da Escola, entre outros.
W-E7	Estou desempregada.	Não.
W-E8	Trabalho no Hotel *Superclubs Breezes* na Costa de Sauípe como monitor de entretenimento e esportes.	Sim.
W -E9	Trabalho na Academia de Ginástica *Stillus* como recepcionista e supervisora.	Não.
W-E10	Estou desempregada.	Não.

APÊNDICE DD - Instituição de Ensino Superior “X”.

A. ENFOQUE ADMINISTRATIVO
a.1. ESTILO DE GESTÃO EDUCACIONAL

ENTREVISTADOS	**Se a IES adota gestão participativa, democrática e humanística.**	**Se a IES adota um modelo de gerenciamento sistêmico.**	**Se tem autonomia administrativa, financeira e pedagógica.**	**Se tem parcerias, convênios, contratos de cooperação e de colaboração, intercâmbios.**	**Se desenvolve ações com responsabilidade social e ambiental.**	**Se tem projeto ecopolítico.**	**Se tem empresas incubadoras, com projetos sustentáveis.**
DIREÇÃO	Sim.	Não.	Sim.	Não.	Sim.	Não.	Não.
COORDENAÇÃO	Não.	Não.	Sim.	Não.	Não.	Não.	Não.
PROFESSORES	**Se a IES adota gestão, participativa, democrática e humanística.**	**Se a IES adota um modelo de gerenciamento sistêmico.**	**Se tem autonomia administrativa, financeira e pedagógica.**	**Se tem parcerias, convênios, contratos de cooperação e de colaboração, intercâmbios.**	**Se desenvolve ações com responsabilidade social e ambiental.**	**Se tem projeto ecopolítico.**	**Se tem empresas incubadoras, com projetos sustentáveis.**
X-P1	Sim.	Não.	Sim.	Não.	Não.	Não.	Não.
X-P2	Sim.	Não.	Sim.	Não.	Sim.	Não.	Não.
X-P3	Sim.	Não.	Sim	Não	Sim.	Não.	Não.
X-P4	Sim.	Não.	Sim.	Não.	Não.	Não.	Não.
X-P5	Não.	Não.	Sim.	Não.	Não.	Não.	Não.
EGRESSOS	**Se a IES adota gestão, participativa, democrática e humanística.**	**Se a IES adota um modelo de gerenciamento sistêmico.**	**Se tem autonomia administrativa, financeira e pedagógica.**	**Se tem parcerias, convênios, contratos de cooperação e de colaboração, intercâmbios.**	**Se desenvolve ações com responsabilidade social e ambiental.**	**Se tem projeto ecopolítico.**	**Se tem empresas incubadoras, com projetos sustentáveis.**
X-E1	Não.	Não.	Sim.	Não.	Sim.	Não.	Não.
X-E2	Não.	Não.	Sim.	Não.	Sim.	Não.	Não.
X-E3	Não.	Não.	Sim.	Não.	Não.	Não.	Não.
X-E4	Não.	Não.	Sim.	Não.	Não.	Não.	Não.
X-E5	Não.	Não.	Sim.	Não.	Sim.	Não.	Não.
X-E6	Sim.	Não.	Sim.	Não.	Não.	Não.	Não.
X-E7	Sim.	Não.	Sim.	Não.	Sim.	Não.	Não.
X-E8	Sim.	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.
X-E9	Sim.	Não.	Sim.	Não.	Não.	Não.	Não.
X-E10	Não.	Sim.	Sim.	Não.	Sim.	Não.	Não.

a.2. AMBIENTE FÍSICO

ENTREVISTADOS	Se tem salas com ventilação e iluminação naturais.	Se recicla, ou reutiliza papel, cartuchos, embalagens e outros dejetos.	Se dispõe de mecanismos para economizar água.	Se dispõe de transporte coletivo.	Se possui rampas de acesso para portadores de necessidades especiais.	Se preserva, conserva, valoriza e respeita o meio ambiente.	Se tem salas de apoio didático, de orientação e de convivência.
DIREÇÃO	Sim.	Não.	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
COORDENAÇÃO	Sim.	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.	Sim.
PROFESSORES	**Se tem salas com ventilação e iluminação naturais.**	**Se recicla, ou reutiliza papel, cartuchos, embalagens e outros dejetos.**	**Se dispõe de mecanismos para economizar água.**	**Se dispõe de transporte coletivo.**	**Se possui rampas de acesso para portadores de necessidades especiais.**	**Se preserva, conserva, valoriza e respeita o meio ambiente.**	**Se tem salas de apoio didático, de orientação e de convivência.**
X-P1	Sim.	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.	Sim.
X-P2	Sim.	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.	Sim.
X-P3	Sim.	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.	Sim.
X-P4	Sim.	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.	Sim.
X-P5	Sim.	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.	Sim.
EGRESSOS	**Se tem salas com ventilação e iluminação naturais.**	**Se recicla, ou reutiliza papel, cartuchos, embalagens e outros dejetos.**	**Se dispõe de mecanismos para economizar água.**	**Se dispõe de transporte coletivo.**	**Se possui rampas de acesso para portadores de necessidades especiais.**	**Se preserva, conserva, valoriza e respeita o meio ambiente.**	**Se tem salas de apoio didático, de orientação e de convivência.**
X-E1	Sim.	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.	Sim.
X-E2	Sim.	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.	Sim.
X-E3	Sim.	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.	Sim.
X-E4	Sim.	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.	Sim.
X-E5	Sim.	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.	Sim.
X-E6	Sim.	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.	Sim.
X-E7	Sim.	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.	Sim.
X-E8	Sim.	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.	Sim.
X-E9	Sim.	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.	Sim.
X-E10	Sim.	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.	Sim.

B. ENFOQUE PEDAGÓGICO
b.1. CATEGORIA PROJETO PEDAGÓGICO

ENTREVISTADOS	**Se o projeto pedagógico foi feito pela comunidade acadêmica.**	**Se o projeto enfatiza a formação baseada em cidadania ambiental, ética, solidariedade, respeito aos outros e empresarialidade.**	**Se a política de estágio supervisionado prepara para a formação integral.**	**Se tem critérios de avaliação institucional e de socialização de resultados.**	**Se inclui nos critérios de avaliação do aluno participação em planos, programas e projetos pessoais, em organizações da sociedade civil.**	**Se tem política de reciclagem, aperfeiçoamento e qualificação do corpo docente.**	**Se fomenta a pesquisa e extensão com base nos parâmetros da sustentabilidade.**
DIREÇÃO	Sim.	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
COORDENAÇÃO	Não.	Sim.	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.
PROFESSORES	**Se o projeto pedagógico foi feito pela comunidade acadêmica.**	**Se o projeto enfatiza a formação baseada em cidadania ambiental, ética, solidariedade, respeito aos outros e empresarialidade**	**Se a política de estágio supervisionado prepara para a formação integral.**	**Se tem critérios de avaliação institucional e de socialização de resultados.**	**Se inclui nos critérios de avaliação do aluno participação em planos, programas e projetos pessoais, em organizações da sociedade civil.**	**Se tem política de reciclagem, aperfeiçoamento e qualificação do corpo docente.**	**Se fomenta a pesquisa e extensão com base nos parâmetros da sustentabilidade.**
X-P1	Não.	Sim.	Não.	Não.	Sim.	Não.	Não.
X-P2	Não.	Sim.	Não.	Não.	Sim.	Não.	Não.
X-P3	Não.	Sim.	Não.	Não.	Sim.	Não.	Não.
X-P4	Não.	Sim.	Não.	Não.	Sim.	Não.	Não.
X-P5	Não.	Sim.	Não.	Não.	Sim.	Não.	Não.
EGRESSOS	**Se o projeto pedagógico foi feito pela comunidade acadêmica.**	**Se o projeto enfatiza a formação baseada em cidadania ambiental, ética, solidariedade, respeito aos outros e empresarialidade.**	**Se a política de estágio supervisionado prepara para a formação integral.**	**Se tem critérios de avaliação institucional e de socialização de resultados.**	**Se inclui nos critérios de avaliação do aluno participação em planos, programas e projetos pessoais, em organizações da sociedade civil.**	**Se tem política de reciclagem, aperfeiçoamento e qualificação do corpo docente.**	**Se fomenta a pesquisa e extensão com base nos parâmetros da sustentabilidade.**
X-E1	Não.	Sim.	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.
X-E2	Não.	Sim.	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.
X-E3	Não.	Sim.	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.
X-E4	Não.	Sim.	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.
X-E5	Não.	Sim.	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.
X-E6	Não.	Sim.	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.
X-E7	Não.	Sim.	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.
X-E8	Não.	Sim.	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.
X-E9	Não.	Sim.	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.
X-E10	Não.	Sim.	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.

b.2. ORIENTAÇÕES DO ENSINO-APRENDIZAGEM

ENTREVISTADOS	**Se o método de ensino é socioconstrutivista.**	**Se a abordagem de ensino é baseada em pedagogia de projetos.**	**Se a metodologia é prática e vivencial. (*learn by doing*).**	**Se o acompanhamento do processo de aprendizagem é feito por professores, coordenadores e alunos.**
DIREÇÃO	Não.	Não.	Não.	Não.
COORDENAÇÃO	Não.	Não.	Não.	Não.
PROFESSORES	**Se o método de ensino é socioconstrutivista.**	**Se a abordagem de ensino é baseada em pedagogia de projetos.**	**Se a metodologia é prática e vivencial. (*learn by doing*).**	**Se o acompanhamento do processo de aprendizagem é feito por professores, coordenadores e alunos.**
X-P1	Não.	Não.	Não.	Não.
X-P2	Não.	Não.	Não.	Não.
X-P3	Não.	Não.	Não.	Não.
X-P4	Não.	Não.	Não.	Não.
X-P5	Não.	Não.	Não.	Não.
EGRESSOS	**Se o método de ensino é socioconstrutivista.**	**Se a abordagem de ensino é baseada em pedagogia de projetos.**	**Se a metodologia é prática e vivencial. (*learn by doing*).**	**Se o acompanhamento do processo de aprendizagem é feito por professores, coordenadores e alunos.**
X-E1	Não.	Não.	Não.	Não.
X-E2	Não.	Não.	Não.	Não.
X-E3	Não.	Não.	Não.	Não.
X-E4	Não.	Não.	Não.	Não.
X-E5	Não.	Não.	Não.	Não.
X-E6	Não.	Não.	Não.	Não.
X-E7	Não.	Não.	Não.	Não.
X-E8	Não.	Não.	Não.	Não.
X-E9	Não.	Não.	Não.	Não.
X-E10	Não.	Não.	Não.	Não.

b.3. ABORDAGEM PEDAGÓGICA

ENTREVISTADOS	Se os professores realizam trabalhos interdisciplinares, multidisciplinares e transdisciplinares.	Se os professores utilizam tecnologias de informação adequadas ao socioconstrutivismo.	Se os professores desenvolvem trabalhos práticos com, na e para a comunidade.	Se são oportunizados momentos para discussão sobre problemas do cotidiano.	Se existe coerência entre o que o professor ensina, a sua formação e a sua prática no contexto.
DIREÇÃO	Não.	Não.	Sim.	Sim.	Não.
COORDENAÇÃO	Não.	Não.	Não.	Sim.	Não.
PROFESSORES	**Se os professores realizam trabalhos interdisciplinares, multidisciplinares e transdisciplinares.**	**Se os professores utilizam tecnologias de informação adequadas ao socioconstrutivismo.**	**Se os professores desenvolvem trabalhos práticos com, na e para a comunidade.**	**Se são oportunizados momentos para discussão sobre problemas do cotidiano.**	**Se existe coerência entre o que o professor ensina, a sua formação e a sua prática no contexto.**
X-P1	Não.	Não.	Sim.	Sim.	Não.
X-P2	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.
X-P3	Não.	Não.	Não.	Sim.	Não.
X-P4	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
X-P5	Não.	Não.	Não.	Sim.	Não.
EGRESSOS	**Se os professores realizam trabalhos interdisciplinares, multidisciplinares e transdisciplinares.**	**Se os professores utilizam tecnologias de informação adequadas ao socioconstrutivismo.**	**Se os professores desenvolvem trabalhos práticos com, na e para a comunidade.**	**Se são oportunizados momentos para discussão sobre problemas do cotidiano.**	**Se existe coerência entre o que o professor ensina, a sua formação e a sua prática no contexto.**
X-E1	Não.	Não.	Não.	Sim.	Não.
X-E2	Não.	Não.	Não.	Sim.	Não.
X-E3	Não.	Não.	Não.	Sim.	Não.
X-E4	Não.	Não.	Não.	Sim.	Não.
X-E5	Não.	Não.	Não.	Sim.	Não.
X-E6	Não.	Não.	Não.	Sim.	Não.
X-E7	Não.	Não.	Não.	Sim.	Não.
X-E8	Não.	Não.	Não.	Sim.	Não.
X-E9	Não.	Não.	Não.	Sim.	Não.
X-E10	Não.	Não.	Não.	Sim.	Não.

C. ENFOQUE SOCIOFORMATIVO
c.1. PERCEPÇÃO DOS CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS PELOS EGRESSOS

ENTREVISTADOS	**Se a instituição formou para atender às necessidades do mercado de forma sustentável.**	**Se estágios, aulas práticas, vivências foram suficientes e satisfatórios para a formação profissional e cidadã.**	**Se aprendeu a elaborar planos, programas e projetos com visão transformadora e integradora.**	**Se os conhecimentos adquiridos foram sustentados em fundamentos sociais, políticos, culturais, econômicos e ambientais.**	**Se a formação correspondeu ao projeto pessoal de vida.**	**Se participou de projetos de pesquisa.**
DIREÇÃO	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.
COORDENAÇÃO	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.
PROFESSORES	**Se a instituição formou para atender às necessidades do mercado de forma sustentável.**	**Se estágios, aulas práticas, vivências foram suficientes e satisfatórios para a formação profissional e cidadã.**	**Se aprendeu a elaborar planos, programas e projetos com visão transformadora e integradora.**	**Se os conhecimentos adquiridos foram sustentados em fundamentos sociais, políticos, culturais, econômicos e ambientais.**	**Se a formação correspondeu ao projeto pessoal de vida.**	**Se participou de projetos de pesquisa.**
X-P1	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.
X-P2	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.
X-P3	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.
X-P4	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.
X-P5	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.
EGRESSOS	**Se a instituição formou para atender às necessidades do mercado de forma sustentável.**	**Se estágios, aulas práticas, vivências foram suficientes e satisfatórios para a formação profissional e cidadã.**	**Se aprendeu a elaborar planos, programas e projetos com visão transformadora e integradora.**	**Se os conhecimentos adquiridos foram sustentados em fundamentos sociais, políticos, culturais, econômicos e ambientais.**	**Se a formação correspondeu ao projeto pessoal de vida.**	**Se participou de projetos de pesquisa.**
X-E1	Não.	Não.	Não.	Sim	Não.	Não.
X-E2	Não.	Não.	Não.	Sim	Não.	Não.
X-E3	Não.	Não.	Não.	Sim	Não.	Não.
X-E4	Não.	Não.	Não.	Sim	Não.	Não.
X-E5	Não.	Não.	Não.	Sim	Não.	Não.
X-E6	Não.	Não.	Não.	Sim	Não.	Não.
X-E7	Não.	Não.	Não.	Sim	Não.	Não.
X-E8	Não.	Não.	Não.	Sim	Não.	Não.
X-E9	Não.	Não.	Não.	Sim	Não.	Não.
X-E10	Não.	Não.	Não.	Sim	Não.	Não.

c.2. PARTICIPAÇÃO PROFISSIONAL DO EGRESSO NO MERCADO DE TRABALHO

ENTREVISTADOS	**Se no desempenho das funções são aplicados os princípios da sustentabilidade.**	**Se elabora projetos de pesquisa, projetos de negócios e planos turísticos.**
DIREÇÃO	Não se aplica.	Não se aplica.
COORDENAÇÃO	Não se aplica.	Não se aplica.
PROFESSORES	**Se no desempenho das funções são aplicados os princípios da sustentabilidade.**	**Se elabora projetos de pesquisa, projetos de negócios e planos turísticos.**
X-P1	Não se aplica.	Não se aplica.
X-P2	Não se aplica.	Não se aplica.
X-P3	Não se aplica.	Não se aplica.
X-P4	Não se aplica.	Não se aplica.
X-P5	Não se aplica.	Não se aplica.
EGRESSOS	**Se no desempenho das funções são aplicados os princípios da sustentabilidade.**	**Se elabora projetos de pesquisa, projetos de negócios e planos turísticos.**
X-E1	Não. Estou desempregada.	Não. Nunca tive oportunidade, nem mesmo na faculdade.
X-E2	Sim. Nas minhas aulas nas escolas públicas e particulares onde leciono, através de discurso, exemplos e aulas práticas.	Não.
X-E3	Sim, na DayHorc, onde trabalho como assistente administrativo. A instituição fez parceria com empresas de reciclagem de lixo, “a gente usa muito papelão, papel, caixas de papelão, doamos para entidades que vendem a quilo, como creches, por exemplo”(....), doamos latinhas da cantina para empresas de reciclagem (...). ”	Não. Até gostaria, mas a minha paixão é informática. Participo do Projeto Amigos da Escola Ângela Magalhães.
X-E4	Trabalho na Equifax do Brasil Ltda. na área de vendas e prestação de serviços e lá eles ajudam com dinheiro em épocas comemorativas, como Natal, São-João, por exemplo, a pessoas com deficiência física.	Não.
X-E5	Estou desempregada.	Não.
X-E6	Sou sócio de uma farmácia, uso material reciclado, economizo energia e água, ofereço emprego para desempregados.	Não. Participo como Vice-Presidente do Auxílio ao Abrigo dos Velhos e da Campanha do quilo.
X-E7	Sou proprietário de uma Agência de Viagens, representante da Viação Rio-Grandense (VARIG) e consultor na Besser Consultoria e Ecophotos. Como consultor, oriento, com mais 2 sócios, o Movimento dos Sem-Terra (MST) a desenvolverem uma trilha.	Não. Faço parte do Conselho de Turismo (CONTUR) de Ilhéus
X-E8	Estou prestando serviço à Caixa Econômica Federal (CEF) como tesoureira.	Não. Adoraria estar na área.
X-E9	Sou Gerente Administrativo e Financeiro da Associação de Municípios do Sul, Extremo Sul e Sudoeste da Bahia (AMURC).	Não.
X-E10	Sou técnico em Saneamento no Serviço Autônomo de Água e Esgoto (SAAE) e faço um trabalho de sensibilização e conscientização nos dias do Meio Ambiente e Mundial da Água.	Não.

APÊNDICE EE - Instituição de Ensino Superior “Y”.

A. ENFOQUE ADMINISTRATIVO
a.1. ESTILO DE GESTÃO EDUCACIONAL

ENTREVISTADOS	**Se a IES adota gestão participativa, democrática e humanística.**	**Se a IES adota um modelo de gerenciamento sistêmico.**	**Se tem autonomia administrativa, financeira e pedagógica.**	**Se tem parcerias, convênios, contratos de cooperação e de colaboração, intercâmbios.**	**Se desenvolve ações com responsabilidade social e ambiental.**	**Se tem projeto ecopolítico.**	**Se tem empresas incubadoras, com projetos sustentáveis.**
DIREÇÃO	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.
COORDENAÇÃO	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.
PROFESSORES	**Se a IES adota gestão, participativa, democrática e humanística.**	**Se a IES adota um modelo de gerenciamento sistêmico.**	**Se tem autonomia administrativa, financeira e pedagógica.**	**Se tem parcerias, convênios, contratos de cooperação e de colaboração, intercâmbios.**	**Se desenvolve ações com responsabilidade social e ambiental.**	**Se tem projeto ecopolítico.**	**Se tem empresas incubadoras, com projetos sustentáveis.**
Y-P1	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
Y-P2	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
Y-P3	Sim.	Não.	Sim.	Sim. ‘	Sim	Não.	Não.
Y-P4	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
Y-P5	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
EGRESSOS	**Se a IES adota gestão, participativa, democrática e humanística.**	**Se a IES adota um modelo de gerenciamento sistêmico.**	**Se tem autonomia administrativa, financeira e pedagógica.**	**Se tem parcerias, convênios, contratos de cooperação e de colaboração, intercâmbios.**	**Se desenvolve ações com responsabilidade social e ambiental.**	**Se tem projeto ecopolítico.**	**Se tem empresas incubadoras, com projetos sustentáveis.**
Y-E1	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
Y-E2	Não.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
Y-E3	Não.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
Y-E4	Não.	Não.	Sim.	Sim.	Não.	Não.	Não.
Y-E5	Não.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
Y-E6	Não.	Não.	Sim.	Sim.	Não.	Não.	Não.
Y-E7	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
Y-E8	Não.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
Y-E9	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
Y-E10	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.

a.2. AMBIENTE FÍSICO

ENTREVISTADOS	Se tem salas com ventilação e iluminação naturais.	Se recicla, ou reutiliza papel, cartuchos, embalagens e outros dejetos.	Se dispõe de mecanismos para economizar água.	Se dispõe de transporte coletivo.	Se possui rampas de acesso para portadores de necessidades especiais.	Se preserva, conserva, valoriza e respeita o meio ambiente.	Se tem salas de apoio didático, de orientação e de convivência.
DIREÇÃO	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.	Sim	Sim.
COORDENAÇÃO	Não.	Sim.	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
PROFESSORES	**Se tem salas com ventilação e iluminação naturais.**	**Se recicla, ou reutiliza papel, cartuchos, embalagens e outros dejetos.**	**Se dispõe de mecanismos para economizar água.**	**Se dispõe de transporte coletivo.**	**Se possui rampas de acesso para portadores de necessidades especiais.**	**Se preserva, conserva, valoriza e respeita o meio ambiente.**	**Se tem salas de apoio didático, de orientação e de convivência.**
Y-P1	Não.	Sim.	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
Y-P2	Não.	Sim.	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
Y-P3	Não.	Sim.	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
Y-P4	Não.	Sim.	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
Y-P5	Não.	Sim.	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
EGRESSOS	**Se tem salas com ventilação e iluminação naturais.**	**Se recicla, ou reutiliza papel, cartuchos, embalagens e outros dejetos.**	**Se dispõe de mecanismos para economizar água.**	**Se dispõe de transporte coletivo.**	**Se possui rampas de acesso para portadores de necessidades especiais.**	**Se preserva, conserva, valoriza e respeita o meio ambiente.**	**Se tem salas de apoio didático, de orientação e de convivência.**
Y-E1	Não.	Sim.	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
Y-E2	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
Y-E3	Não.	Sim.	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
Y-E4	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
Y-E5	Não.	Sim.	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
Y-E6	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
Y-E7	Não.	Sim.	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
Y-E8	Não.	Não	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
Y-E9	Não.	Sim.	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
Y-E10	Não.	Sim.	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.

B. ENFOQUE PEDAGÓGICO
b.1. CATEGORIA PROJETO PEDAGÓGICO

ENTREVISTADOS	**Se o projeto pedagógico foi feito pela comunidade acadêmica.**	**Se o projeto enfatiza a formação baseada em cidadania ambiental, ética, solidariedade, respeito aos outros e empresarialidade.**	**Se a política de estágio supervisionado prepara para a formação integral.**	**Se tem critérios de avaliação institucional e de socialização de resultados.**	**Se inclui nos critérios de avaliação do aluno participação em planos, programas e projetos pessoais, em organizações da sociedade civil.**	**Se tem política de reciclagem, aperfeiçoamento e qualificação do corpo docente.**	**Se fomenta a pesquisa e extensão com base nos parâmetros da sustentabilidade.**
DIREÇÃO	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
COORDENAÇÃO	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
PROFESSORES	**Se o projeto pedagógico foi feito pela comunidade acadêmica.**	**Se o projeto enfatiza a formação baseada em cidadania ambiental, ética, solidariedade, respeito aos outros e empresarialidade.**	**Se a política de estágio supervisionado prepara para a formação integral.**	**Se tem critérios de avaliação institucional e de socialização de resultados.**	**Se inclui nos critérios de avaliação do aluno participação em planos, programas e projetos pessoais, em organizações da sociedade civil.**	**Se tem política de reciclagem, aperfeiçoamento e qualificação do corpo docente.**	**Se fomenta a pesquisa e extensão com base nos parâmetros da sustentabilidade.**
Y-P1	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
Y-P2	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
Y-P3	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
Y-P4	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
Y-P5	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
EGRESSOS	**Se o projeto pedagógico foi feito pela comunidade acadêmica.**	**Se o projeto enfatiza a formação baseada em cidadania ambiental, ética, solidariedade, respeito aos outros e empresarialidade.**	**Se a política de estágio supervisionado prepara para a formação integral.**	**Se tem critérios de avaliação institucional e de socialização de resultados.**	**Se inclui nos critérios de avaliação do aluno participação em planos, programas e projetos pessoais, em organizações da sociedade civil.**	**Se tem política de reciclagem, aperfeiçoamento e qualificação do corpo docente.**	**Se fomenta a pesquisa e extensão com base nos parâmetros da sustentabilidade.**
Y-E1	Sim.	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
Y-E2	Não.	Sim.	Não.	Não.	Sim.	Não.	Não.
Y-E3	Sim.	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
Y-E4	Não.	Sim.	Não.	Não.	Sim.	Não.	Não.
Y-E5	Sim.	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
Y-E6	Não.	Sim.	Não.	Não.	Sim.	Não.	Não.
Y-E7	Não.	Sim.	Não.	Não.	Sim.	Não.	Não.
Y-E8	Não.	Sim.	Não.	Não.	Sim.	Não.	Não.
Y-E9	Sim.	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
Y-E10	Sim.	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Não.	Não.

b.2. ORIENTAÇÕES DO ENSINO-APRENDIZAGEM

ENTREVISTADOS	**Se o método de ensino é socioconstrutivista.**	**Se a abordagem de ensino é baseada em pedagogia de projetos.**	**Se a metodologia é prática e vivencial. (*learn by doing*).**	**Se o acompanhamento do processo de aprendizagem é feito por professores, coordenadores e alunos.**
DIREÇÃO	Sim.	Não.	Sim.	Sim.
COORDENAÇÃO	Sim.	Não.	Sim.	Sim.
PROFESSORES	**Se o método de ensino é socioconstrutivista.**	**Se a abordagem de ensino é baseada em pedagogia de projetos.**	**Se a metodologia é prática e vivencial. (*learn by doing*).**	**Se o acompanhamento do processo de aprendizagem é feito por professores, coordenadores e alunos.**
Y-P1	Sim.	Não.	Sim.	Sim.
Y-P2	Sim.	Não.	Sim.	Sim.
Y-P3	Sim.	Não.	Sim.	Sim.
Y-P4	Sim.	Não.	Sim.	Sim.
Y-P5	Sim.	Não.	Sim.	Sim.
EGRESSOS	**Se o método de ensino é socioconstrutivista.**	**Se a abordagem de ensino é baseada em pedagogia de projetos.**	**Se a metodologia é pratica e vivencial. (*learn by doing*).**	**Se o acompanhamento do processo de aprendizagem é feito por professores, coordenadores e alunos.**
Y-E1	Não.	Não.	Não.	Sim.
Y-E2	Não.	Não.	Não.	Não.
Y-E3	Não.	Não.	Sim.	Sim.
Y-E4	Não.	Não.	Não.	Não.
Y-E5	Não.	Não.	Não.	Não.
Y-E6	Não.	Não.	Não.	Não.
Y-E7	Não.	Não.	Não.	Não.
Y-E8	Não.	Não.	Não.	Não.
Y-E9	Não.	Não.	Não.	Não.
Y-E10	Não.	Não.	Não.	Não.

b.3. ABORDAGEM PEDAGÓGICA

ENTREVISTADOS	Se os professores realizam trabalhos interdisciplinares, multidisciplinares e transdisciplinares.	Se os professores utilizam tecnologias de informação adequadas ao socioconstrutivismo.	Se os professores desenvolvem trabalhos práticos com, na e para a comunidade.	Se são oportunizados momentos para discussão sobre problemas do cotidiano.	Se existe coerência entre o que o professor ensina, a sua formação e a sua prática no contexto.
DIREÇÃO	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
COORDENAÇÃO	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
PROFESSORES	**Se os professores realizam trabalhos interdisciplinares, multidisciplinares e transdisciplinares.**	**Se os professores utilizam tecnologias de informação adequadas ao socioconstrutivismo.**	**Se os professores desenvolvem trabalhos práticos com, na e para a comunidade.**	**Se são oportunizados momentos para discussão sobre problemas do cotidiano.**	**Se existe coerência entre o que o professor ensina, a sua formação e a sua prática no contexto.**
Y-P1	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
Y-P2	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
Y-P3	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
Y-P4	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
Y-P5	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
EGRESSOS	**Se os professores realizam trabalhos interdisciplinares, multidisciplinares e transdisciplinares.**	**Se os professores utilizam tecnologias de informação adequadas ao socioconstrutivismo.**	**Se os professores desenvolvem trabalhos práticos com, na e para a comunidade.**	**Se são oportunizados momentos para discussão sobre problemas do cotidiano.**	**Se existe coerência entre o que o professor ensina, a sua formação e a sua prática no contexto.**
Y-E1	Sim.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
Y-E2	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
Y-E3	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
Y-E4	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
Y-E5	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
Y-E6	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
Y-E7	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
Y-E8	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
Y-E9	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
Y-E10	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.

C. ENFOQUE SOCIOFORMATIVO
c.1. PERCEPÇÃO DOS CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS PELOS EGRESSOS

ENTREVISTADOS	**Se a instituição formou para atender às necessidades do mercado de forma sustentável.**	**Se estágios, aulas práticas, vivências foram suficientes e satisfatórios para a formação profissional e cidadã.**	**Se aprendeu a elaborar planos, programas e projetos com visão transformadora e integradora.**	**Se os conhecimentos adquiridos foram sustentados em fundamentos sociais, políticos, culturais, econômicos e ambientais.**	**Se a formação correspondeu ao projeto pessoal de vida.**	**Se participou de projetos de pesquisa.**
DIREÇÃO	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.
COORDENAÇÃO	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.
PROFESSORES	**Se a instituição formou para atender às necessidades do mercado de forma sustentável.**	**Se estágios, aulas praticas, vivencias foram suficientes e satisfatórios para a formação profissional e cidadã.**	**Se aprendeu a elaborar planos, programas e projetos com visão transformadora e integradora.**	**Se os conhecimentos adquiridos foram sustentados em fundamentos sociais, políticos, culturais, econômicos e ambientais.**	**Se a formação correspondeu ao projeto pessoal de vida.**	**Se participou de projetos de pesquisa.**
Y-P1	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.
Y-P2	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.
Y-P3	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.
Y-P4	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.
Y-P5	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.
EGRESSOS	**Se a instituição formou para atender às necessidades do mercado de forma sustentável.**	**Se estágios, aulas praticas, vivencias foram suficientes e satisfatórios para a formação profissional e cidadã.**	**Se aprendeu a elaborar planos, programas e projetos com visão transformadora e integradora.**	**Se os conhecimentos adquiridos foram sustentados em fundamentos sociais, políticos, culturais, econômicos e ambientais.**	**Se a formação correspondeu ao projeto pessoal de vida.**	**Se participou de projetos de pesquisa.**
Y-E1	Não.	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Não.
Y-E2	Não.	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Não.
Y-E3	Não.	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Não.
Y-E4	Não.	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Não.
Y-E5	Não.	Sim.	Não.	Sim.	Não.	Não.
Y-E6	Não.	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Não.
Y-E7	Não.	Sim.	Não.	Sim.	Não.	Não.
Y-E8	Não.	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Não.
Y-E9	Não.	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Não.
Y-E10	Não.	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Não.

c.2. PARTICIPAÇÃO PROFISSIONAL DO EGRESSO NO MERCADO DE TRABALHO

ENTREVISTADOS	**Se no desempenho das funções são aplicados os princípios da sustentabilidade.**	**Se elabora projetos de pesquisa, projetos de negócios e planos turísticos.**
DIREÇÃO	Não se aplica.	Não se aplica.
COORDENAÇÃO	Não se aplica.	Não se aplica.
PROFESSORES	**Se no desempenho das funções são aplicados os princípios da sustentabilidade.**	**Se elabora projetos de pesquisa, projetos de negócios e planos turísticos.**
Y-P1	Não se aplica.	Não se aplica.
Y-P2	Não se aplica.	Não se aplica.
Y-P3	Não se aplica.	Não se aplica.
Y-P4	Não se aplica.	Não se aplica.
Y-P5	Não se aplica.	Não se aplica.
EGRESSOS	**Se no desempenho das funções são aplicados os princípios da sustentabilidade.**	**Se elabora projetos de pesquisa, projetos de negócios e planos turísticos.**
Y-E1	Sim.Sou Secretária de Turismo, Cultura, Indústria e Comércio do município de Valença.	Sim, o tempo todo. Os projetos são sustentáveis e voltados para a comunidade.
Y-E2	Sim. Sou Gerente de Estudos do Mercado Nacional, faço estudos e interpretação de dados sobre o mercado turístico nacional, coordeno o planejamento estratégico da organização e a formulação estratégica do Programa Estrada Real na Bahia, coordeno e controlo as ações das diretorias nacional e de serviço turístico no que se refere ao orçamento.	Sim.
Y-E3	Sou Assistente do Diretor de uma Operadora de Receptivo, a Tatur Turismo.	Sim.
Y-E4	Estou desempregada.	Não.
Y-E5	Estou desempregada.	Não.
Y-E6	Sou Coordenadora do Curso de Hotelaria e professora das Faculdades Integradas da Bahia (FIB) da disciplina Gestão dos Processos de Hospedagem I. Sou também Vice –Presidente e Gerente de Marketing e Vendas da Central de Vendas e Reservas da Cooperativa de Turismo da Bahia (COOPETUR).	Participo de Projetos Interdisciplinares na IES onde leciono.
Y-E7	Sou professora da Fundação Bahiana de Engenharia (FBE) do Curso Técnico de Turismo, das disciplinas Recepção, Governança, Laboratório de Informações Turísticas, como prestadora de serviços.	Não.
Y-E8	Sou professora das Faculdade Baiana das Faculdades Baiana de Ciências Contábeis (FABAC) e Castro Alves, das disciplinas Planejamento Turístico, Teoria e Técnica do Turismo II, Estágio Supervisionado, Hotelaria, Gestão de Empreendimentos Turísticos.	Participo de projetos interdisciplinares nas IES onde leciono.
Y-E9	Sou sócia de uma Agência de Viagens, a Terramarar. Nela faço de tudo, como reservas, venda de pacotes, entre outras coisas.	Sim.
Y-E10	Sou Técnica em Turismo na Secretaria de Cultura e Turismo/Superintendência de Investimentos (SCT/SUINVEST), onde faço planejamento de projetos, programas e planos relacionados ao desenvolvimento da atividade turística contemplados pelo Programa de Desenvolvimento do Turismo do Nordeste (PRODETUR/NE), entre outros programas. Participo da organização do Fórum Estadual de Turismo contemplado na Política Nacional do Turismo (PNT) do Ministério de Turismo, e de outras atividades.	Sim.

APÊNDICE FF - Instituição de Ensino Superior “Z”.

A. ENFOQUE ADMINISTRATIVO
a.1. ESTILO DE GESTÃO EDUCACIONAL

ENTREVISTADOS	Se a IES adota gestão participativa, democrática e humanística.	Se a IES adota um modelo de gerenciamento sistêmico.	Se tem autonomia administrativa, financeira e pedagógica.	Se tem parcerias, convênios, contratos de cooperação e de colaboração, intercâmbios.	Se desenvolve ações com responsabilidade social e ambiental.	Se tem projeto ecopolítico.	Se tem empresas incubadoras, com projetos sustentáveis.
DIREÇÃO	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.
COORDENAÇÃO	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.
PROFESSORES	Se a IES adota gestão participativa, democrática e humanística.	Se a IES adota um modelo de gerenciamento sistêmico.	Se tem autonomia administrativa, financeira e pedagógica.	Se tem parcerias, convênios, contratos de cooperação e de colaboração, intercâmbios.	Se desenvolve ações com responsabilidade social e ambiental.	Se tem projeto ecopolítico.	Se tem empresas incubadoras, com projetos sustentáveis.
Z-P1	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
Z-P2	Sim.	Não.	Não.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
Z-P3	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
Z-P4	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
Z-P5	Não.	Não.	Não.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
EGRESSOS	Se a IES adota gestão participativa, democrática e humanística.	Se a IES adota um modelo de gerenciamento sistêmico.	Se tem autonomia administrativa, financeira e pedagógica.	Se tem parcerias, convênios, contratos de cooperação e de colaboração, intercâmbios.	Se desenvolve ações com responsabilidade social e ambiental.	Se tem projeto ecopolítico.	Se tem empresas incubadoras, com projetos sustentáveis.
Z-E1	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
Z-E2	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
Z-E3	Não.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
Z-E4	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
Z-E5	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
Z-E6	Não.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
Z-E7	Não.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
Z-E8	Não.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
Z-E9	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.
Z-E10	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.

a.2. AMBIENTE FÍSICO

ENTREVISTADOS	Se tem salas com ventilação e iluminação naturais.	Se recicla, ou reutiliza papel, cartuchos, embalagens e outros dejetos.	Se dispõe de mecanismos para economizar água.	Se dispõe de transporte coletivo.	Se possui rampas de acesso para portadores de necessidades especiais.	Se preserva, conserva, valoriza e respeita o meio ambiente.	Se tem salas de apoio didático, de orientação e de convivência.
DIREÇÃO	Sim.	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
COORDENAÇÃO	Sim.	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
PROFESSORES	**Se tem salas com ventilação e iluminação naturais.**	**Se recicla, ou reutiliza papel, cartuchos, embalagens e outros dejetos.**	**Se dispõe de mecanismos para economizar água.**	**Se dispõe de transporte coletivo.**	**Se possui rampas de acesso para portadores de necessidades especiais.**	**Se preserva, conserva, valoriza e respeita o meio ambiente.**	**Se tem salas de apoio didático, de orientação e de convivência.**
Z-P1	Sim.	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
Z-P2	Sim.	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
Z-P3	Sim.	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
Z-P4	Sim.	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
Z-P5	Sim.	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
EGRESSOS	**Se tem salas com ventilação e iluminação naturais.**	**Se recicla, ou reutiliza papel, cartuchos, embalagens e outros dejetos.**	**Se dispõe de mecanismos para economizar água.**	**Se dispõe de transporte coletivo.**	**Se possui rampas de acesso para portadores de necessidades especiais.**	**Se preserva, conserva, valoriza e respeita o meio ambiente.**	**Se tem salas de apoio didático, de orientação e de convivência.**
Z-E1	Sim.	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
Z-E2	Sim.	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Não.	Sim.
Z-E3	Sim.	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Não.	Sim.
Z-E4	Sim.	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
Z-E5	Sim.	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Não.	Sim.
Z-E6	Sim.	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
Z-E7	Sim.	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Não	Sim.
Z-E8	Sim.	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
Z-E9	Sim.	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Não.	Sim.
Z-E10	Sim.	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.

B. ENFOQUE PEDAGÓGICO
b.1. CATEGORIA PROJETO PEDAGÓGICO

ENTREVISTADOS	**Se o projeto pedagógico foi feito pela comunidade acadêmica.**	**Se o projeto enfatiza a formação baseada em cidadania ambiental, ética, solidariedade, respeito aos outros e empresarialidade.**	**Se a política de estágio supervisionado prepara para a formação integral.**	**Se tem critérios de avaliação institucional e de socialização de resultados.**	**Se inclui nos critérios de avaliação do aluno participação em planos, programas e projetos pessoais, em organizações da sociedade civil.**	**Se tem política de reciclagem, aperfeiçoamento e qualificação do corpo docente.**	**Se fomenta a pesquisa e extensão com base nos parâmetros da sustentabilidade.**
DIREÇÃO	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
COORDENAÇÃO	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
PROFESSORES	**Se o projeto pedagógico foi feito pela comunidade acadêmica.**	**Se o projeto enfatiza a formação baseada em cidadania ambiental, ética, solidariedade, respeito aos outros e empresarialidade.**	**Se a política de estágio supervisionado prepara para a formação integral.**	**Se tem critérios de avaliação institucional e de socialização de resultados.**	**Se inclui nos critérios de avaliação do aluno participação em planos, programas e projetos pessoais, em organizações da sociedade civil.**	**Se tem política de reciclagem, aperfeiçoamento e qualificação do corpo docente.**	**Se fomenta a pesquisa e extensão com base nos parâmetros da sustentabilidade.**
Z-P1	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Sim.
Z-P2	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Sim.
Z-P3	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Sim.
Z-P4	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Sim.
Z-P5	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Sim.
EGRESSOS	**Se o projeto pedagógico foi feito pela comunidade acadêmica.**	**Se o projeto enfatiza a formação baseada em cidadania ambiental, ética, solidariedade, respeito aos outros e empresarialidade.**	**Se a política de estágio supervisionado prepara para a formação integral.**	**Se tem critérios de avaliação institucional e de socialização de resultados.**	**Se inclui nos critérios de avaliação do aluno participação em planos, programas e projetos pessoais, em organizações da sociedade civil.**	**Se tem política de reciclagem, aperfeiçoamento e qualificação do corpo docente.**	**Se fomenta a pesquisa e extensão com base nos parâmetros da sustentabilidade.**
Z-E1	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Sim.
Z-E2	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Sim.
Z-E3	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Sim.
Z-E4	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Sim.
Z-E5	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Sim.
Z-E6	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Sim.
Z-E7	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Sim.
Z-E8	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Sim.
Z-E9	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Sim.
Z-E10	Não.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Sim.

b.2. ORIENTAÇÕES DO ENSINO-APRENDIZAGEM

ENTREVISTADOS	**Se o método de ensino é socioconstrutivista.**	**Se a abordagem de ensino é baseada em pedagogia de projetos.**	**Se a metodologia é prática e vivencial. (*learn by doing*).**	**Se o acompanhamento do processo de aprendizagem é feito por professores, coordenadores e alunos.**
DIREÇÃO	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
COORDENAÇÃO	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
PROFESSORES	**Se o método de ensino é socioconstrutivista.**	**Se a abordagem de ensino é baseada em pedagogia de projetos.**	**Se a metodologia é prática e vivencial. (*learn by doing*).**	**Se o acompanhamento do processo de aprendizagem é feito por professores, coordenadores e alunos.**
Z-P1	Sim.	Não.	Sim.	Sim.
Z-P2	Sim.	Não.	Sim.	Sim.
Z-P3	Sim.	Não.	Sim.	Sim.
Z-P4	Sim.	Não.	Sim.	Sim.
Z-P5	Sim.	Não.	Sim.	Sim.
EGRESSOS	**Se o método de ensino é socioconstrutivista.**	**Se a abordagem de ensino é baseada em pedagogia de projetos.**	**Se a metodologia é prática e vivencial. (*learn by doing*).**	**Se o acompanhamento do processo de aprendizagem é feito por professores, coordenadores e alunos.**
Z-E1	Sim.	Não.	Sim.	Sim.
Z-E2	Sim.	Não.	Sim.	Sim.
Z-E3	Sim.	Não.	Sim.	Sim.
Z-E4	Sim.	Não.	Sim.	Sim.
Z-E5	Sim.	Não.	Não.	Sim.
Z-E6	Sim.	Não.	Sim.	Sim.
Z-E7	Sim.	Não.	Não.	Sim.
Z-E8	Sim.	Não.	Sim.	Sim.
Z-E9	Sim.	Não.	Sim.	Sim.
Z-E10	Sim.	Não.	Sim.	Sim.

b.3. ABORDAGEM PEDAGÓGICA

ENTREVISTADOS	Se os professores realizam trabalhos interdisciplinares, multidisciplinares e transdisciplinares.	Se os professores utilizam tecnologias de informação adequadas ao socioconstrutivismo.	Se os professores desenvolvem trabalhos práticos com, na e para a comunidade.	Se são oportunizados momentos para discussão sobre problemas do cotidiano.	Se existe coerência entre o que o professor ensina, a sua formação e a sua pratica no contexto.
DIREÇÃO	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
COORDENAÇÃO	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
PROFESSORES	**Se os professores realizam trabalhos interdisciplinares, multidisciplinares e transdisciplinares.**	**Se os professores utilizam tecnologias de informação adequadas ao socioconstrutivismo.**	**Se os professores desenvolvem trabalhos práticos com, na e para a comunidade.**	**Se são oportunizados momentos para discussão sobre problemas do cotidiano.**	**Se existe coerência entre o que o professor ensina, a sua formação e a sua pratica no contexto.**
Z-P1	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.
Z-P2	Não.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.
Z-P3	Não.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.
Z-P4	Não.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.
Z-P5	Não.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.
EGRESSOS	**Se os professores realizam trabalhos interdisciplinares, multidisciplinares e transdisciplinares.**	**Se os professores utilizam tecnologias de informação adequadas ao socioconstrutivismo.**	**Se os professores desenvolvem trabalhos práticos com, na e para a comunidade.**	**Se são oportunizados momentos para discussão sobre problemas do cotidiano.**	**Se existe coerência entre o que o professor ensina, a sua formação e a sua pratica no contexto.**
Z-E1	Sim.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
Z-E2	Sim.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
Z-E3	Sim.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
Z-E4	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.
Z-E5	Sim.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
Z-E6	Sim.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
Z-E7	Sim.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
Z-E8	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.
Z-E9	Sim.	Não.	Não.	Sim.	Sim.
Z-E10	Sim.	Não.	Sim.	Sim.	Sim.

C. ENFOQUE SOCIOFORMATIVO
c.1. PERCEPÇÃO DOS CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS PELOS EGRESSOS

ENTREVISTADOS	**Se a instituição formou para atender às necessidades do mercado de forma sustentável.**	**Se estágios, aulas práticas, vivências foram suficientes e satisfatórios para a formação profissional e cidadã.**	**Se aprendeu a elaborar planos, programas e projetos com visão transformadora e integradora.**	**Se os conhecimentos adquiridos foram sustentados em fundamentos sociais, políticos, culturais, econômicos e ambientais.**	**Se a formação correspondeu ao projeto pessoal de vida.**	**Se participou de projetos de pesquisa.**
DIREÇÃO	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.
COORDENAÇÃO	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.
PROFESSORES	**Se a instituição formou para atender às necessidades do mercado de forma sustentável.**	**Se estágios, aulas práticas, vivências foram suficientes e satisfatórios para a formação profissional e cidadã.**	**Se aprendeu a elaborar planos, programas e projetos com visão transformadora e integradora.**	**Se os conhecimentos adquiridos foram sustentados em fundamentos sociais, políticos, culturais, econômicos e ambientais.**	**Se a formação correspondeu ao projeto pessoal de vida.**	**Se participou de projetos de pesquisa.**
Z-P1	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.
Z-P2	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.
Z-P3	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.
Z-P4	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.
Z-P5	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.	Não se aplica.
EGRESSOS	**Se a instituição formou para atender às necessidades do mercado de forma sustentável.**	**Se estágios, aulas práticas, vivências foram suficientes e satisfatórios para a formação profissional e cidadã.**	**Se aprendeu a elaborar planos, programas e projetos com visão transformadora e integradora.**	**Se os conhecimentos adquiridos foram sustentados em fundamentos sociais, políticos, culturais, econômicos e ambientais.**	**Se a formação correspondeu ao projeto pessoal de vida.**	**Se participou de projetos de pesquisa.**
Z-E1	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
Z-E2	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
Z-E3	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.
Z-E4	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
Z-E5	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.
Z-E6	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
Z-E7	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Não.
Z-E8	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
Z-E9	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
Z-E10	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.

c.2. PARTICIPAÇÃO PROFISSIONAL DO EGRESSO NO MERCADO DE TRABALHO

ENTREVISTADOS	Se no desempenho das funções são aplicados os princípios da sustentabilidade.	Se elabora projetos de pesquisa, projetos de negócios e planos turísticos.
DIREÇÃO	Não se aplica.	Não se aplica.
COORDENAÇÃO	Não se aplica.	Não se aplica.
PROFESSORES	Se no desempenho das funções são aplicados os princípios da sustentabilidade.	Se elabora projetos de pesquisa, projetos de negócios e planos turísticos.
Z-P1	Não se aplica.	Não se aplica.
Z-P2	Não se aplica.	Não se aplica.
Z-P3	Não se aplica.	Não se aplica.
Z-P4	Não se aplica.	Não se aplica.
Z-P5	Não se aplica.	Não se aplica.
EGRESSOS	Se no desempenho das funções são aplicados os princípios da sustentabilidade.	Se elabora projetos de pesquisa, projetos de negócios e planos turísticos.
Z-E1	Sou prestadora de serviços na COMAP, fazendo pesquisa nas estações rodoviárias, de transbordo e em outras relacionadas a transportes urbanos da cidade do Salvador.	Não.
Z-E2	Sou responsável pelo setor de eventos da Fundação de Administração e Pesquisa Econômico-Social (FAPES).	Sim
Z-E3	Sou do Departamento Artístico do Aeroclube Plaza Show, onde elaboro a programação de eventos diários, o controle financeiro, a criação de eventos promocionais, o controle e compra de acervo do camarim, a coordenação de equipe constituída por 2 estagiários e 2 contra-regras, o atendimento aos artistas, a pesquisa de atrações folclóricas, entre outras atribuições.	Sim
Z-E4	Sou professora da Faculdade Santíssimo Sacramento, onde leciono as disciplinas Fundamentos do Turismo e Planejamento e Organização de Eventos.	Sim, de Projeto interdisciplinar sobre Turismo como Sustentabilidade para o Município de Alagoinhas. Participo da Organização Não- Governamental (ONG) do Banco do Nordeste na capacitação da comunidade de Saramandaia para o turismo sustentável em Salvador.
Z-E5	Sou professora do Centro Tecnológico da Bahia (CETEB) no curso Pós-Médio em Turismo do ciclo de engenharia, das disciplinas Turismo Sustentável, Fundamentos do Turismo e Gestão em Empreendimentos Ecoturísticos. Sou professora do Serviço Nacional do Comércio (SENAC) no curso de Formação Básica para cozinheiros e garçons, das disciplinas Educação Ambiental e Fundamentos do Turismo e Hospitalidade. Professora da Microlins, curso livre em turismo, das disciplinas Hotelaria, Alimentos e Bebidas (A&B) e Agência de Viagens.	Sim.
Z-E6	Sou Recepcionista do Hotel Sofitel em Salvador, da Rede Hotelaria Accor Brasil S/A.	Não.
Z-E7	Sou sócio da Campos & Campos Indústria e Comércio de Alimentos Ltda., empresa que produz e comercializa sorvetes.	Sim. Faço parte das Voluntárias Sociais da Bahia.
Z-E8	Sou professora da FTC no curso de Turismo, das disciplinas Planejamento e Organização de Eventos, Agência de Viagens e Transportes, Tópicos Especiais em Turismo e Lazer.	Não.
Z-E9	Sou instrutora da Fundação Bahiana de Engenharia no Curso de Turismo e Hotelaria, das disciplinas Agências de Viagens e Transportes	Sim.
Z-E10	Trabalho com projetos no Cluster do Entretenimento, Cultura e Turismo da Bahia.	Sim.

Autorização para Comutação

SILVA, Francisca de Paula Santos da. Educação superior sustentável: uma análise de cursos de turismo. 2005. 333f.il.Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Autorizo a reprodução deste trabalho para fins de comutação bibliográfica.

Salvador, 31 de agosto de 2005.

Francisca de Paula Santos da Silva